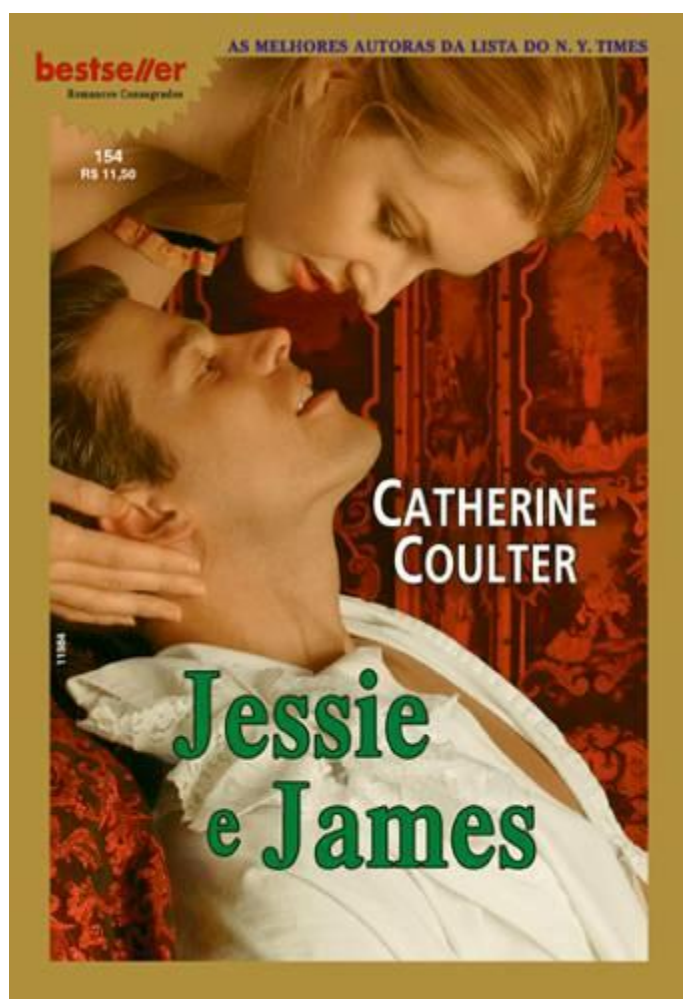


Jessie e James

The Valentine Legacy

Catherine Coulter



Estados Unidos, 1822

Jessie conhece James desde que tinha catorze anos e começou a correr como jóquei, representando o haras de seu pai. Apesar das constantes provocações de James, Jessie o adora. Na verdade, ela nutre por ele uma paixão secreta, mas não consegue demonstrar o que sente, ou não sabe como fazê-lo, e o resultado é uma impressão exatamente oposta, agravada pelo fato de ambos serem adversários nas pistas de turfe.

Nada preparou Jessie e James para a reviravolta do destino que mudaria suas vidas para sempre. Um tombo de uma árvore, em circunstâncias suspeitas, compromete a reputação de Jessie, obrigando James a lhe propor casamento, o que, por sua vez, desencadeia uma série de estranhos pesadelos em Jessie, pesadelos perturbadores, que sugerem algo terrível relacionado à sua infância, um mistério assustador que precisa ser desvendado para que eles possam, finalmente, encontrar a felicidade nos braços um do outro...

Digitalização e Revisão:

Crysty



Projeto Revisoras



Querida leitora,

No início da década de 1820, as corridas de cavalos eram consideradas um esporte rude e desleal. James Wyndkam, proprietário de dois haras, um na América e outro na Inglaterra, encontra seu maior desafio em uma mulher, Jessie Warfield, uma renomada campeã, que, assim como ele, conhece todos os truques sujos dessa modalidade de esporte. A relação de amor e ódio entre James e Jessie chega a um ponto crucial, quando, por um incidente do destino, eles são encontrados numa situação comprometedora e a reputação de Jessie fica arruinada. Tem início, então, uma série de aventuras, incluindo misteriosos pesadelos, um tesouro a ser encontrado, e uma história de amor que vai trazer um sorriso aos seus lábios e lágrimas de emoção aos seus olhos...

Leonice Pomponio
Editora

Copyright ©1995 by Catherine Coulter
Originalmente publicado em 1995 pela Berkley Publishing Group
PUBLICADO SOB ACORDO COM PENGUIN GROUP
NY, NY-USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

EDITORA Leonice Pomponio
ASSISTENTES EDITORIAIS
Patrícia Chaves
Vânia Canto Buchala
EDIÇÃO/TEXTO
Tradução: Nancy de Pieri Mielli
Revisão: Giacomo Leone
ARTE Mônica Maldonado
MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli
PRODUÇÃO GRÁFICA
Sônia Sassi
PAGINAÇÃO Ana Beatriz Pádua

Copyright © 2009 Editora Nova Cultural Ltda.
Rua Paes Leme 524 - 10 andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP
www.novacultural.com.br
Impressão e acabamento: RR Donnelley

Capítulo I

Baltimore, Maryland Março de 1822

Jóquei Clube do condado de Slaughter. Sábado, última corrida.

A derrota era certa. Perder era sempre difícil. Principalmente para Jessie Warfield. James sabia que Rialto, o representante do Haras Warfield, o estava alcançando, com seus cascos golpeando firme e velozmente a pista de terra. Virou a cabeça sobre o ombro esquerdo, movido por um reflexo. Rialto estava correndo mais rápido do que um sedutor da cama de sua amante, ao ouvir os passos do marido se aproximando pelo corredor.

James curvou o corpo para a frente e alongou-o até encostar o rosto à orelha de Tinpin. Tinha por hábito falar com seus cavalos antes das corridas e também durante as competições, para lhes transmitir ânimo e confiança. Tinpin era um bravo competidor, sem deixar de ser dócil. Lutava pela vitória tanto quanto seu dono. Sua determinação só foi esquecida uma vez, quando preferiu reagir a um jóquei que lhe batera com um chicote, impedindo-o de continuar em sua garupa, a disputar o prêmio.

Tinpin estava ofegante. Da raça quarto de milha, aquela era a segunda corrida de que participava na categoria. Rialto levava vantagem sobre ele, tanto em capacidade quanto em experiência. James, contudo, continuava a pressioná-lo pelos flancos, com os pés e os tornozelos, e a dizer que acreditava que ele seria capaz de vencer Rialto, um nome tolo, de uma ponte de Veneza. Ainda lhe prometeu uma ração extra de aveia e uma taça de champanhe diluída no cocho de água. E o cavalo acelerou, e foi diminuindo a distância, mas perdeu assim mesmo, embora apenas por uma cabeça.

James afagou o pescoço de Tinpin e confortou-o, certo de que seu cavalo teria conquistado o primeiro lugar se tivesse sido outro jóquei a montá-lo. Tinpin estava coberto de suor, resfolegando com insistência. A multidão assobiava e ovacionava. Algumas vaias se misturavam aos aplausos. As pessoas diziam que James era um mágico com seus cavalos. Não naquele dia. Não conseguira levar Tinpin nem mesmo em segundo lugar à linha de chegada. No último instante, um puro-sangue castanho, como Rialto, o vencera. O animal era jovem, com quatro anos, de nome Pearl Diver, também pertencente ao Haras Warfield.

James conduziu Tinpin para as cocheiras, pensativo. Ao apejar, brandiu o chicote contra sua bota e baixou a cabeça. Em sua consciência, não podia culpar seu cavalo. A derrota se devera ao excesso de peso do cavaleiro.

— Que fiasco, James! Você me fez perder dez dólares.

Um sorriso se sobrepôs à onda de depressão diante de Gifford Poppleton, que caminhava em sua direção. Um bom rapaz. James aprovara o casamento da irmã, Ursula, com Giff, um ano antes.

— Não ficará mais pobre por isso, cunhado!

— Não, mas não é essa a questão! — Giff e James prosseguiram lado a lado. — Você é grande demais para ser um jóquei. Seja cordato, meu caro. Vinte e cinco quilos fazem uma grande diferença!

James parou e cruzou os braços.

— Brilhante dedução! Pena que eu não tivesse desconfiado até agora.

Giff não se importou com o sarcasmo do cunhado e abraçou-o pelo ombro.

— Eu não queria ter usado de franqueza com você. Ursula insistiu tanto que eu acabei cedendo.

— A fedelha pesa ainda menos — James resmungou.

— Fedelha? Oh, já sei quem é. Jessie Warfield, claro. Você sempre se refere a ela desse jeito, embora a menina tenha crescido e se transformado em mulher. Redcoat poderia tê-la derrotado, se você não gostasse tanto de correr. É um excelente jóquei. Você o treinou muito bem. Quanto ele pesa? Cinquenta quilos?

— Quarenta e cinco. Mas você não estaria me reprovando se tivesse assistido às corridas da semana passada. Redcoat foi empurrado contra uma árvore e quebrou uma perna.

— Deveriam ser estipuladas regras para coibir esse tipo de ocorrência. Considero abominável o que aconteceu com Redcoat. Soube de uma corrida em que envenenaram o cavalo favorito na noite anterior à corrida.

— Deixe como está, Giff. As corridas podem ser perigosas de vez em quando, mas a diversão supera os riscos. Basta ter cuidado com aqueles em que se aposta.

O braço direito de James na administração do haras, Oslow Penny, veio da direção contrária. Giff saudou-o.

Sabia que estava diante de um dos maiores entendidos em cavalos e em corridas, da Carolina do Sul a Nova York, e de lá à Inglaterra. Seu rosto apresentava os sinais de desgaste do tempo e do sol, mas ainda era um homem forte e saudável, além de inteligente.

— Eu vou bem, obrigado, sr. Poppleton. Melhor do que o sr. James, com certeza.

— Você apostou em seu patrão, Oslow?

— Não, sr. Poppleton. O sr. James engordou demais nos últimos tempos. Tinpin não teve chance.

— Acha que eu teria me saído melhor do que James? O capataz balançou a cabeça.

— Sinto lhe dizer, senhor, mas ninguém tem a mágica do sr. James nas mãos. Os cavalos lhe obedecem como nunca se viu igual.

— Obrigado, Oslow. Essas últimas palavras serviram de algum consolo — disse James com um esgar. — Agora, Giff, leve-me até Ursula. Minha mãe veio com vocês?

— Ela não quis vir, felizmente. Tentou convencer Ursula a ficar em casa, aliás, e a parar de frequentar este lugar esquecido por Deus!

James riu. Ainda conservava um sorriso quando deparou com sua rival de cabelos vermelhos, que mais parecia um menino, caminhando para ele. Seu rosto estava corado do sol. As sardas se destacavam sobre a linha do nariz. Fingiria não tê-la visto, se pudesse. Fosse lhe dada escolha, ele a ignoraria até o fim de seus dias. Quando Jessie corria, as chances de ele ganhar eram mínimas.

— Meus parabéns — cumprimentou-a, com uma raiva que vinha se acumulando desde a estreia nas pistas, seis anos antes, quando ela completara catorze anos.

Embora Gifford Poppleton fosse um homem de destaque na cidade, como presidente do Union Bank de Baltimore, Jessie ignorou-o, colocando-se diante de James

e encostando os bicos de suas botas nas dele, de propósito para irritá-lo.

Jessie ergueu-se na ponta dos pés e levantou o queixo, quase encostando no nariz de seu interlocutor.

— Você sabe que sim! Não minta, James. Foi por um triz. Se eu não montasse tão bem, você teria me atirado naquela valeta. Foi benfeito para você que eu tivesse vencido!

Ela era mulher, e ele era um esportista. Não fossem esses detalhes, James a faria engolir sua prepotência. Qualquer um sabia que não se apontava o dedo no nariz do perdedor. O que, talvez, viesse a calhar em uma próxima oportunidade em que os resultados fossem invertidos. Com sua afronta, Jessie abriu um precedente.

— Apareceram outras, ou estou enganado? — James provocou-a. — De qualquer modo, eu precisaria de uma semana, no mínimo, para contar o número de suas sardas.

Jessie recuou instantaneamente. Odiava suas sardas. E odiava ainda mais que James caçoasse dela.

— Pare com isso ou usarei meu chicote em você! — Jessie estalou-o a poucos centímetros do rosto de James, despediu-se de Giff com um meneio e se afastou.

— Desculpe, James, mas sou obrigado a concordar com a moça. Seu cavalo realmente focinhou o dela.

— Eu só fiz aquilo para dar o troco. Não foi nada em comparação com o que ela fez comigo nas corridas de junho em Hacklesford.

— E o que foi que ela fez com você?

— Jessie conhece cada sórdido truque do jogo. Eu a estava provocando, mas só um pouco, para lhe dar uma lição. De repente, sem que eu esperasse, ela puxou as rédeas de modo a afastar seu cavalo do meu, e me chutou. Atingiu minha perna com tanta força que me derrubou.

— Ela ganhou a corrida?

— Não. Foi a última a cruzar a linha de chegada. Ao me chutar, Jessie perdeu o equilíbrio e foi por cima de outro cavalo. Teria sido divertido se eu pudesse ver. Mas estava curvado no chão, enrolado como uma bola, para proteger minha cabeça das patas dos cavalos. Olhe para ela, Giff. É mais alta do que a média das mulheres e tem esse péssimo costume de olhar para um homem diretamente nos olhos.

Giff considerou a raiva que se apoderara da jovem Jessie a ponto de vir se confrontar com James. Coragem não lhe faltava, entre outras qualidades.

— Ela monta excepcionalmente bem.

— Você tem razão. Por mais que me doa aceitar o fato, a fedelha é magnífica sobre um cavalo!

— Quem é aquela moça ao lado de Ursula? Não estou conseguindo reconhecê-la com o chapéu puxado sobre os olhos.

— Uma das irmãs Warfield. Aquela é Nelda, a mais velha, casada com Bramen Carlysle, o magnata da navegação. Imagino que vocês ainda não tenham sido apresentados. Afinal, você veio de Boston em janeiro, e ela morava com uma tia, na Filadélfia, até dois meses atrás.

— Não posso acreditar, James! Bramen Carlysle é mais velho do que o Forte McHenry. Ele lutou na revolução e presenciou a rendição de Cornwallis em Yorktown. Quantos anos essa Nelda deve ter?

— Vinte e dois ou vinte e três.

Com suprema galanteria, Gifford tirou o chapéu e se curvou para cumprimentar a infeliz senhora, em sua suposição.

— É um prazer conhecê-la, sra. Carlysle.

— Igualmente, sr. Poppleton. Ah, James, sinto muito pelo resultado. Jessie não mereceu a vitória. Todas as damas com quem conversei concordam comigo. Falarei com meu pai para ter uma boa conversa com ela. O comportamento de Jessie nos constrange.

— Tenho certeza de que seu pai falará com Jessie, Nelda. Não se sinta constrangida. Sua irmã merece aplausos pelo desempenho.

— Agradeço sua boa intenção, mas jamais poderei concordar que minha irmã participe de um esporte voltado para o público masculino e que não se socialize com as outras senhoras nos salões de chá.

Embora James preferisse ver Jessie longe das pistas, para não lhe fazer concorrência, a injustiça do comentário o levou a um necessário pronunciamento.

— Jessie é uma jóquei muito hábil. Procure ser mais tolerante com ela. O fato de Jessie ser diferente da maioria das mulheres que você conhece dos salões de chá não significa que...

— Você correu bem, James — Nelda mudou abruptamente de assunto.

— Não tão bem quanto os outros dois cavalos que seu pai inscreveu.

Ursula encerrou a conversa naquele instante, lembrando-se de que precisava voltar para casa, onde a mãe a aguardava.

Gifford fechou os olhos. Sua sogra, Wilhelmina Wyndham, era uma mulher difícil de aturar. Residia em uma charmosa casa de tijolos aparentes em German Street, perto do centro de Baltimore. Pela proximidade da residência de Ursula e Gifford, uma elegante construção de quatro andares em St. Paul Street, não mais do que dois quilômetros de distância, Wilhelmina os visitava assiduamente.

Nelda, porém, não dava mostras de querer se afastar de James.

— Meu marido me disse que você voltou para Baltimore em definitivo.

— Ao menos não tenho planos de viajar para Yorkshire até o final deste ano. Deixei Candlethorpe em boas mãos. Marathon, neste momento, precisa de toda a minha atenção.

— Marathon?

— Dei esse nome ao meu haras nos Estados Unidos em homenagem ao grego que perdeu a vida para chegar a Atenas e contar sobre a vitória da Grécia contra os persas em Marathon. Se tivesse corrido com um de meus cavalos, o portador da notícia não teria tombado morto ao chegar.

— Em minha opinião, você deveria escolher outro nome, James — disse Nelda. — Um nome mais facilmente reconhecível e em nosso idioma.

— Eu concordo — afirmou Ursula. — Além de ser um nome estrangeiro, soa desagradável.

A conversa foi interrompida pela chegada de Alice e Allen Belmonde. James e Giff se entreolharam antes de cumprimentar o casal.

Allen Belmonde se casara com Alice pelo dinheiro do pai dela. Como o homem não era generoso em suas mesadas, o genro estava tentando negociar com cavalos.

— Eu tenho uma égua em época de cobertura. — Allen virou-se para James. — Estou pensando em cruzá-la com seu garanhão, Sober John, mas soube que você está cobrando uma taxa exorbitante.

— Estou cobrando o preço que o cavalo vale — James se limitou a responder. — Lindo chapéu, Alice. A cor rosa lhe fica muito bem.

A jovem senhora corou ao elogio. James a conhecia desde criança e a estimava.

— Obrigada, James. Lamento sua derrota, mas fiquei contente com o resultado. Jessie não foi espetacular? Eu a admiro. Ela é a única mulher que conheço que faz apenas aquilo que quer, sem se ater às regras e às convenções.

— As regras existem para proteger as mulheres — declarou Allen Belmonde. — Elas não deveriam reclamar.

Ursula ofereceu um sorriso em despedida.

— Preciso ir agora realmente. — Ela se dirigiu ao irmão. — James, você vem comigo? Lembranças ao seu marido, Nelda. Alice e Allen, muitas diversões. Amanhã nos veremos na igreja.

Ao contrário das expectativas de James, Nelda não foi embora com a amiga. Ele aproveitou para mandar um recado a Oliver Warfield.

— Diga a seu pai que aparecerei no haras esta noite com o vinho tinto predileto dele.

— Você e meu pai ainda bebem juntos?

— Nas vezes em que eu ganho, ele sempre aparece em Marathon com uma garrafa de champanhe.

— Avisarei minha mãe sobre sua visita — Nelda prometeu. — Quase não vejo mais meu pai.

Ursula apertou o braço do marido para apressá-lo, incapaz de conter a irritação por muito tempo mais. James se despediu, insistindo em seu conselho para que Nelda relevasse o temperamento difícil da irmã.

A lua estava cheia, e a temperatura, agradável, naquele final de março, com a brisa primaveril agitando levemente as folhas dos carvalhos que margeavam o caminho para a sede da Fazenda Warfield.

James assobiava uma cantiga composta por Duquesa, a esposa de seu primo Marcus, enquanto fazia o trajeto para a casa dos Warfield, montado sobre Sober John. Duquesa era uma Wyndham havia um ano, desde o casamento, e a nova condessa de Chase. James a admirava por sua inteligência e sagacidade. Suas criações se inspiravam nos vexames de George IV e dos políticos da corte. Marcus as cantava a plenos pulmões durante seus banhos. A atmosfera em Chase Park era de alegria e riso. James não conhecia outra família mais bem-humorada e liberal. Marcus e Duquesa não tinham criados, mas amigos a seu serviço.

James bateu carinhosamente no pescoço de Sober John, um garanhão cinzento de vinte anos, o cavalo mais valioso de seu haras. As crias de Sober John já estavam participando das corridas de quatro milhas, na área que se estendia de Massachusetts a Kentucky. A resistência de Sober John ficara famosa nas pistas de corrida. Como reprodutor, sua fama também estava se espalhando.

A cerca branca que delimitava a propriedade parecia brilhar sob a luz da lua. O

Haras Warfield era majestoso, desde os estábulos e pistas de treinamento até a mansão que servia de morada à família. James esperava fazer de Marathon um empreendimento igualmente bem-sucedido algum dia. Mas o que ele mais gostava, propriamente, era da cerca que se estendia ao horizonte, sem parecer ter fim. Oliver devia ter contratado um serviço de manutenção permanente para mantê-la assim tão branca.

Um jovem se apressou a tomar as rédeas de Sober John à entrada de James nos estábulos.

— Dê-lhe uma boa escovadela, Jemmy. — James ofereceu uma moeda ao rapaz.

— Venda Sober John para mim — disse o pai de Jessie, cujos cabelos eram ainda mais vermelhos que os da filha, estendendo a mão para cumprimentar James.

— Esqueça isso, Oliver. Você não precisa do meu cavalo.

— Com Sober John, eu tiraria você dos negócios.

— Não tem dormido de tanto pensar a respeito, certo? — James caçoou.

Para surpresa de James, Oliver franziu o cenho e cocou a cabeça.

— Estou ficando velho. São as dores nas juntas que não me deixam dormir. Se eu pudesse voltar atrás no tempo, e tivesse a sua idade, rapaz, eu roubaria Sober John e ainda o desafiaria para um duelo. Agora podem me comparar a um cão que ladra, mas não morde.

— Um velho cão que continua apreciando um bom vinho.

Oliver Warfield deu um largo sorriso.

— Não se queixe. Eu também tenho bebido em sua homenagem, embora concorde que o resultado da corrida de hoje certamente teria sido melhor para você se Redcoat não tivesse sofrido aquele acidente.

— Ele não teria quebrado uma perna se aquele miserável jóquei do Haras Richmond Rye não o tivesse jogado contra uma árvore.

— Alguns proprietários estão fornecendo armas aos seus jóqueis, James. Talvez você deva fazer o mesmo. Mas agora vamos entrar. Estou com sede. Enquanto bebo meu vinho, quero que me conte o que fez com minha Jessie. Ela reclamou que você tentou tirá-la da competição.

— Como se isso fosse possível! — James retrucou. — Jessie parece colocar cola sobre a sela. Acho que está por nascer quem a derrube!

James seguiu Oliver Warfield ao escritório que fora montado nos fundos de uma das cocheiras e aspirou com prazer o cheiro de couro, cavalos, feno e óleo de semente de linhaça. Quatro lâmpadas iluminavam o ambiente. Oliver ofereceu uma cadeira para que James se sentasse. Em seguida, abriu a garrafa e serviu duas generosas doses.

— À sua vitória! — James brindou, detestando o som que lhe chegou aos ouvidos.

— A minha vitória! — Oliver encostou sua taça à de James e se reclinou na cadeira. — Lamentei não assistir às corridas até o fim. Tive de sair por causa dessa gota que está me matando.

James olhou para o pé de Oliver antes de responder.

— Não sou médico, mas posso lhe garantir que o vinho não o fará se sentir melhor.

— Nesse caso, tente ganhar de mim com mais frequência.

— Só faltava você me culpar por sua gota!

— Não pela gota, mas pelo vinho! Eu só preciso vencê-lo para que apareça por aqui e despeje a bebida pela minha goela abaixo!

— Uma bebida soberba, você há de convir!

Oliver Warfield deu um largo sorriso e fez um novo brinde.

— A minha gota e ao seu excelente vinho! Mas fale-me, meu rapaz, sobre o público de hoje.

— Razoável. O número de mulheres está aumentando, o que considero um bom sinal. Os puritanos estão querendo proibir as corridas, mas eu não acredito que essa idéia ganhe força para se transformar em lei por estes lados, onde os pecadores são dominantes.

— Você está certo. — Oliver Warfield suspirou. — Como é bom se sentir de bem com a vida! Especialmente em dias de glória!

James se ajeitou na cadeira.

— Olhe, Oliver, eu apenas dei um cutucão em Jessie. Não era minha intenção tirá-la da corrida. Só fiz aquilo para apagar o sorriso de triunfo de seus lábios.

— Não foi o que Jessie me informou, mas como ela sempre prefere vê-lo de costas, prefiro dar a você o benefício da dúvida. Não sei a razão para ela implicar tanto com você. Jessie tem uma farpa com você desde pequena. Há quantos anos vocês se conhecem? Seis?

— Jessie nunca foi pequena. Aos catorze anos, suas pernas já eram tão compridas quanto sua língua.

Oliver riu.

— Sou capaz de apostar que Jessie conhece mais palavrões do que você!

James tornou a encher os copos. A noite prometia ser longa. Oliver estava afrouxando a gravata, o que significava um prenuncio a seu gosto de filosofar.

— Eu já lhe contei que o Haras Warfield foi fundado no início do século passado por meu avô. Ele veio da Inglaterra e trouxe de lá seu primeiro garanhão. Era jovem ainda. Seu otimismo o ajudou a vencer o desconforto da travessia. Segundo suas palavras, ele e o cavalo desembarcaram magros como palitos. — Oliver esvaziou outro copo. — Que orgulho! De pai para filho e novamente de pai para filho! Uma linhagem de varões! Só eu falhei! Três filhas e nenhum mancebo. Dá para chorar de desgosto!

— Talvez este seja o início de uma linhagem feminina.

— Absurdo! As mulheres não servem para nosso tipo de vida. Elas se casam, vão embora de casa, mudam de nome e geram bebês, não cavalos. Não que eu esteja me queixando. Elas fazem o que devem fazer. Três filhas e um único genro que é mais velho que eu. Eu disse a Nelda que era um desatino, mas ela não quis me escutar e a mãe a apoiou. Mandou que eu cuidasse de cavalos, que era disso que eu entendia, e que não tentasse interferir no futuro de nossa primogênita. O velho Bramen é um homem rico. Isso eu não posso negar.

— Nelda parece feliz — James mentiu. — Eu a vi hoje na corrida com o marido. O que está feito, está feito, Oliver. Não pense mais nisso. Logo surgirá um novo genro. Glenda é bonita e prendada.

— Estou mais preocupado com Jessie.

— Por quê? Ela ainda é uma criança. Dê-lhe algum tempo. Quando se tornar

adulta, Jessie desejará ser esposa e mãe como todas as moças.

— Eu não sei. Jessie deveria ter nascido menino. Ela é igual a mim em orgulho e obstinação. Herdou até minha cor de cabelos. A mãe me acusa pelo surgimento das sardas por eu ter deixado Jessie crescer livre como um potro pelos campos.

James não respondeu. Era de conhecimento geral que uma dama não deveria ter sardas nem os lábios ressequidos pela exposição ao sol.

— Jessie não quer se casar. Ela me disse isso na semana passada. — O silêncio recaiu sobre o ambiente. James olhou para a garrafa quase vazia e pensou que deveria ter trazido duas. — Ela afirmou que todos os homens são egoístas que não enxergam um palmo diante do nariz.

— Jessie nunca teve papas na língua.

— É verdade. Ela só aprendeu a respeitar os limites com os cavalos.

— Eu não sou cego nem míope.

— Você é jovem. Por isso ainda não se deu conta de que não enxerga o que se passa à sua volta. Nelda só se casou com Bramen porque cansou de esperar por você. Não que ela tenha feito uma má escolha. O velho tem mais dinheiro do que você e eu juntos jamais ganharemos. Pela nossa amizade, espero que você não se torne seu amante. Não sou tolo. Nelda nunca escondeu seu interesse por você...

— Vamos acabar com o vinho?— James sugeriu, ansioso por mudar de assunto. — Acho que ainda está sobrando meia taça para cada um.

Oliver empurrou a taça na direção da garrafa.

— Eu já lhe contei que Portia me acusa por Jessie preferir usar calça em vez de vestido? Por eu ser o responsável por sua falta de feminilidade? O que eu posso fazer se a menina não gosta de usar roupas e sapatos apertados? Se não gosta de ir a festas e salões de chá e sorrir para os rapazes como se eles fossem inteligentes e charmosos, quando ela conhece a reputação que fizeram por merecer? Minhas esperanças residem em Glenda, minha filha do meio, para me dar um neto. O que você acha dela, James?

James respondeu com um grunhido. Glenda era baixinha e roliça. Seus seios eram fartos e ela os exibia em pronunciados decotes. Seu modo sussurrante de falar estava causando rumores entre a sociedade de Baltimore. Mas o que mais o perturbava em Glenda era seu costume despudorado de olhar na altura da virilha dos homens.

Após tomar o último gole, James depositou a taça na mesa e foi franco ao dizer:

— Eu vim aqui para comemorar sua vitória e antecipar minha próxima, Oliver, não para você tentar me convencer a casar com uma de suas filhas.

— Um homem precisa pensar em seu futuro. Se você se casar com Glenda poderá expandir seus negócios. Já pensou quanto valerá Marathon acrescida de um terço da minha propriedade? Qual é o tamanho de seu haras na Inglaterra?

— Ele é pequeno. Metade de Marathon. O conde de Rothermere...

— Eu sei tudo sobre os Hawksbury, James. Eles são donos de um dos melhores haras do norte da Inglaterra. Ouvi dizer que Philip se casou com uma moça escocesa que parece ter nascido sobre um cavalo.

— Sim. France tem um dom especial com os cavalos. Os Hawksbury fiscalizam o trabalho de Sigmund para mim sempre que venho para a América. O pai de Sober John é o principal reprodutor que eles possuem. Descende dos árabes Godolphin.

— Venda-me Sober John.

— Esqueça.

— Não sei, não. O mais provável é que eu confie a uma de minhas filhas a missão de convencê-lo.

— Não a Jessie, eu espero. Ela me cravaria uma faca antes de olhar para mim.

Os dois homens se entreolharam e riram. James estava prometendo que aquela seria sua última derrota para o vizinho quando um barulho de madeira se partindo, seguido por um grito e por um forte impacto, fez com que os dois corressem para averiguar o que poderia ter acontecido. James se deteve ao alcançar a porta. Jessie estaca caída de costas sobre um monte de feno. Usava uma calça comprida folgada e camisa xadrez, e seus cabelos estavam presos sob um boné.

— Por Deus, o que aconteceu com minha filha? Por que ela não abre os olhos?

— As pálpebras dela estão tremendo, Oliver. Jessie é corajosa demais para se deixar abater por algo. Quer saber minha opinião? Ela percebeu que estávamos conversando, subiu no teto para tentar escutar entre as vigas, se desequilibrou e caiu.

— Fale comigo, filha! — Oliver bateu levemente nas faces de Jessie e ela deu um gemido que não enganou James nem sequer por um segundo. De propósito, para irritá-la, ele impregnou sua voz com o sotaque britânico que ela detestava.

— Fale logo, Jessie. Sua interrupção foi inoportuna. Seu pai e eu estávamos terminando uma garrafa de vinho. Se acha que precisa de ajuda para voltar a si, tem um balde cheio de água ao meu alcance.

Por mais que desejasse continuar fingindo, Jessie abriu os olhos. E por mais que quisesse aproveitar a idéia e jogar a água em James Wyndham, não satisfez sua vontade. Gostaria também que um buraco se abrisse sob seus pés e a tragasse para não ter de sorrir para o pai e inventar uma desculpa.

— Eu estou bem, papai.

Jessie apertou a mão que o pai lhe estendia e se pôs a limpar a roupa.

— Estava tentando ouvir nossa conversa? — Oliver indagou. — Como James sugeriu?

A limpeza da roupa se tornou mais enérgica.

— Lógico que sim, Oliver — James insistiu. — Sua filha queria, provavelmente, descobrir algum de meus segredos.

Jessie estreitou os olhos.

— Seus segredos não me interessam, James. Eu sei mais sobre corridas de cavalos do que você.

— Mas ouviu nossa conversa a seu respeito. A propósito, o que é isso em seu nariz e em seu rosto?

Imediatamente Jessie escondeu o rosto com as mãos e começou a recuar. No segundo passo, tombou novamente sobre o monte de feno, os braços abertos como se fosse voar.

James cruzou os braços sobre o peito e olhou para o amigo.

— Parece, Oliver, que sua filha está usando algum unguento para sardas. Só não entendo como foi que ela conseguiu a fórmula.

— Ora, James, Jessie é mulher. No último mês, fui obrigado a me lembrar disso por causa de uma...

As palavras ficaram suspensas com a saída intempestiva de Jessie do estábulo. Oliver tentou iniciar um novo assunto, mas James ainda estava ocupado, acusando-se por seu péssimo comportamento. Jessie poderia ter morrido naquela queda, e ele só fizera caçoar de seus motivos.

— James — Oliver tornou a chamar. — O conde e a condessa Chase tem intenções de visitar Maryland?

— Não tão cedo — James respondeu. — Acabou de nascer o segundo filho do casal. Fui escolhido para ser o padrinho de Charles James. Ele tem os mesmos cabelos pretos e os olhos azuis do pai e da mãe.

— Duquesa. Eu sempre achei um nome estranho para se dar.

— Duquesa é o apelido da condessa. O marido a chama desse jeito desde que a conheceu, quando tinha catorze anos e ela nove. Ele sempre admirou seu porte e sua calma e serenidade sobre qualquer tipo de situação.

— Também acho estranho que ela componha canções, sendo rica e mulher.

James hesitou.

— Eu nunca parei para pensar a esse respeito. Você tem razão. Só conheço compositores do sexo masculino. Mas o fato é que minha prima tem um talento especial para a música...

— Como minha Jessie tem com os cavalos.

Dois meses depois, Sober John cobriu Sweet Susie, uma égua premiada de propriedade de Allen Baltimore. Oslow cuidou da égua por uma semana até chegar o momento ideal para o cruzamento, quando mandou que os rapazes trouxessem o garanhão.

Cinco deles prepararam Sober John, e os outros cinco se encarregaram de Sweet Susie. Houve um rebuliço a princípio, pela excitação do garanhão e pela tentativa de fuga da égua. Mas a reprodução logo ficou garantida e o próprio Oslow se encarregou de levar Sober John de volta para sua baia e de lhe oferecer rações extras para compensar o esforço.

James se encarregou dos cuidados com a égua. Afagou-a ao retirá-la do galpão e levou-a para o pasto à sombra das árvores, onde lhe deu de comer e de beber com fartura assim que sua respiração voltou ao normal.

Allen Baltimore finalmente concordara em pagar o valor cobrado pelo Haras Marathon. Após seu casamento com Alice, Allen adquirira um pequeno haras, certamente com o dote da esposa. Ele demonstrara interesse por Ursula no passado. James se sentira aliviado pelo fato de a irmã não ter aceitado sua corte.

Seria preciso aguardar agora que Sweet Susie desse um vencedor ao Haras Belmonde. Um cavalo premiado sempre era um orgulho para seus proprietários. A reputação de Sober John e de Marathon só teria a ganhar com isso.

— Esta foi sua segunda vez com Sober John. — James ofereceu uma cenoura à égua e tornou a afagá-la. — Eu tenho certeza de que você nos dará um lindo potrinho.

Em seu trajeto de volta para casa, uma construção em tijolos aparentes em estilo georgiano, James contemplou as macieiras, ameixeiras e cerejeiras em flor na frente da

casa e do lado oeste, onde antes se cultivavam rosas. A aquisição se dera três anos antes por um bom preço, pela urgência que o antigo proprietário tivera de vendê-la juntamente com duas dúzias de escravos. James empregou o valor economizado na libertação dos escravos e na construção de cabanas para abrigá-los com suas famílias. Também comprou sementes para os jardins e madeira para a fabricação de móveis. Um ótimo empreendimento, mas não sobrou nenhum centavo em seu bolso.

O papel de parede da sala de estar estava encardido. O assoalho estava feio e riscado. Os estofados das cadeiras e sofás estavam rotos. A cozinha estava mais velha do que os moinhos às margens do rio Patapsco. Era uma grande sorte que Bess, a cozinheira, conseguisse fazê-la funcionar.

Terminada a reforma, James resolvera dar o nome de Marathon à fazenda, demonstrando seu conhecimento de grego e latim. Por dois anos, dividira seu tempo entre o haras que possuía na Inglaterra e Marathon. No último ano, porém, permanecera quase que exclusivamente em Baltimore. Chegara a pensar em vender a propriedade de Yorkshire, mas desistira. Por que faria isso, afinal? Adorava Candlethorpe, amava a Inglaterra e seus parentes ingleses. E dinheiro se ganhava! Depois de verificar se as tarefas da manhã tinham sido executadas, James começou a fazer uma lista mental do que ainda teria de ser feito até o final da tarde. Estava terminando de percorrer os estábulos quando o som da voz grave e baixa de Oslow fez com que aguçasse os ouvidos.

— E verdade. Diomed venceu a corrida de Epsom, na Inglaterra, em 1780. Mas depois disso, nunca mais chegou ao primeiro lugar. Tentaram aproveitá-lo para reprodução, e a iniciativa foi um fracasso. Em 1800, ele foi trazido para cá. Ninguém acreditava que ainda valesse alguma coisa. Sabe o que aconteceu, srta. Jessie? A boa comida e os bons ares da América, e também as éguas americanas, fizeram mágica com o velho cavalo. Em pouco tempo ele se recuperou e cobriu quase todas as éguas do país. Sim, senhorita, Se Diomed fosse um homem, ele seria um Casanova. Diomed é o antepassado dos cavalos de corrida americanos. Ele foi o primeiro e sempre será o maior. — Eu era bem pequena na época. Em que ano foi?

— Em 1808. A velha colônia lamentou sua morte mais do que a de George Washington.

Ela riu. O som foi alegre, cristalino, doce. James saiu de trás de um cavalete e viu Oslow sentado sobre uma barrica, e Jessie aos pés dele, de pernas cruzadas, mastigando uma palha. Trazia o chapéu nas costas, preso por um cordão no pescoço. Os cabelos estavam soltos em anéis. Ela parecia com qualquer dos rapazes que trabalhavam no estábulo, pela roupa surrada que estava usando. As sardas, porém, estavam menos evidentes, e os lábios estavam lisos e macios.

— Olá, Jessie. Então o velho Oslow estava lhe contando sobre Diomed?

— Você o conheceu?

— Eu o vi uma vez, quando era criança. Meu pai me levou com meu irmão para assistir a uma corrida e ele estava lá, posando como um rei, do jeito que Oslow lhe falou. — James se deteve e farejou o ar. — Engraçado. Estou sentindo cheiro de pepino.

Jessie, se levantou de um salto.

— Eu preciso ir. Só dei uma passada para cumprimentar Oslow. Ele me contou que Sober John cobriu Sweet Susie.

— Sim.

— Eu gostaria de comprar seu garanhão.

— Você não tem dinheiro suficiente para comprá-lo, Jessie. Nunca terá.

— Eu o terei quando for dona de meu próprio haras. Ele será o maior e o mais famoso da América.

— Acredito no que está dizendo, srta. Jessie — Oslow apoiou-a. — Capacidade para isso não lhe falta.

— Por quanto tempo vocês conferenciaram? — James quis saber, depois que Oslow se afastou.

— Não consultei meu relógio. Conheço Oslow desde que nasci. Ele é o maior entendido em cavalos de que eu tenho notícia. Sabe tudo a respeito da procedência de cada raça de cavalo. Desde os turcos Byerly, até os árabes Darley e Godolphin. Pelo que Oslow me disse, Sober John descende dos árabes Godolphin.

— É a primeira vez que a vejo por aqui. Costuma visitar Oslow com frequência? — Em vez de responder, Jessie chutou o chão de terra batida. — Não a estou acusando. Por mais que me desagrade sua concorrência, jamais me ocorreria acusá-la de querer envenenar um de meus cavalos.

— Eu colocaria veneno na *sua* comida, antes de fazer mal a um cavalo. Venho aqui desde os tempos do sr. Boomer. Gostava dele.

— Como estão suas costas?

— Fiquei dolorida do tombo. Justamente a tábua em que apoiei meu joelho estava podre. Meu pai mandou que a trocassem e encomendou uma vistoria no restante do teto.

— Espero que a lição tenha lhe servido. — James tornou a empregar aquele inglês pedante que irritava Jessie.

— Sim. Apreendi a ser mais cuidadosa. Da próxima vez, sondarei o terreno, antes de pisá-lo.

Não havia como não rir. James estalou os dedos.

— O que acha de uma taça de vinho?

O sorriso de Jessie fez James hesitar. De repente, ela estava olhando para ele como uma criança a quem acabavam de oferecer um doce. E também como mulher. Uma sensação estranha o assaltou.

— Eu agradeço o convite, mas realmente preciso ir — Jessie respondeu, o rosto voltado para o antigo canteiro de rosas. — Dá pena olhar o estado de seu jardim, James. Deveria mandar alguém cuidar dele.

Sem esperar pela resposta, Jessie se afastou pelo caminho de cascalho até o local onde deixara Rialto, o cavalo que derrotara Tinpin. James a viu afagar o animal, verificar se a sela estava devidamente ajustada, e montar com graça e fluidez. Em seguida, ajeitou o chapéu sobre os olhos, pressionou levemente os flancos do cavalo com suas botas e foi embora.

James ficou olhando até que Jessie desaparecesse de vista. Uma mecha de cabelos se soltara durante o trote. James poderia jurar ter sentido um perfume de flores no ar.

Glenda Warfield olhava com insistência para James Wyndham. Não importava que ele não tivesse reparado. Logo ele desviaria o olhar de Allen Belmonde, com quem estava conversando. Sempre dava certo. O modo como ela olhava no meio de seu corpo o atraía

como um ímã. Para Allen Belmond, contudo, ela nunca olharia daquele jeito. Algo sobre aquele homem a assustava. Também não gostava da mulher dele, Alice, que, por incrível que pudesse parecer, admirava sua irmã Jessie por seu espírito independente.

A impaciência a fez estreitar os olhos. Mal podia esperar para vislumbrar um lampejo de volúpia naqueles olhos verdes. Um lampejo de curta duração, porque não seria alimentado. Sem poder dar vazão aos instintos carnis, James teria de recorrer novamente à distração do tema que estava sendo abordado pelos dois homens.

Glenda mordeu o lábio. Tinha quase vinte e dois anos, era bonita, e seus seios eram grandes, alvos e macios. Os homens não escondiam sua admiração por eles. Assim que eles começaram a crescer, os rapazes passaram a olhar para ela de um jeito diferente. Por que James Wyndham não estava interessado? Não lhe passava pela cabeça que ele só teria a ganhar se resolvesse se casar com ela? Que também se tornaria dono do Haras Warfield?

— Não faz sentido.

— O que não faz sentido, minha querida?

— Oh, mamãe, eu estava pensando em James Wyndham. Queria que ele me pedisse em casamento em vez de me ignorar.

Portia Warfield franziu o cenho.

— Venha comigo.

As duas mulheres subiram a escada de madeira que levava ao segundo andar da mansão dos Poppleton.

— Por que estamos nos retirando da festa, mamãe?

— Seu pai me contou que James já foi casado com uma inglesa, filha de um barão. Ela era muito jovem e morreu ao dar à luz antes de completarem um ano de casados. O bebê também morreu. Após três anos da tragédia, talvez ele esteja começando a cogitar sobre um novo casamento. Há moças adoráveis em Baltimore. Você é uma delas.

— Ele tem uma amante. Não precisará de mim ou de qualquer dessas jovens adoráveis enquanto não se decidir a ter um herdeiro.

— Uma amante? — A sra. Warfield se mostrou estupefata. — Por que ninguém me contou? Você sabe quem é? Não que seja correto uma jovem inocente como você ter conhecimento sobre situações escandalosas como essa!

— A amante de James é a sra. Maxwell.

— Connie Maxwell? — Portia Warfield levou uma das mãos à boca. — Mas ela deve ter trinta e cinco anos, no mínimo! Está viúva há uns bons anos. Assim mesmo... Você tem certeza do que está afirmando, Glenda?

— Tenho, sim. Maggie Harmon ouviu o pai contar à mãe que os viu juntos no jardim, rindo, se beijando e se tocando. Depois eles foram para trás de uns arbustos e as risadas cessaram.

Os olhos de Portia Warfield quase saltaram das órbitas.

— Mamãe, você está bem? — Glenda indagou diante do prolongado silêncio.

A mãe fez que sim com a cabeça.

— Não existem termos de comparação entre vocês. Ou melhor, existem. Não que Connie seja feia, mas não chega aos seus pés em beleza, frescor e inocência. De qualquer modo, James já deve estar se aproximando da casa dos trinta e logo terá de

pensar em arrumar uma boa esposa.

— James está com vinte e sete anos — Glenda murmurou com um suspiro.

— Não enrugue essa linda testa, minha filha. Pense em seu futuro.

— Talvez James queira se casar com outra inglesa, quando chegar a hora. Ele tem um primo que é conde. James é quase um nobre. Poderá ter a mulher que desejar.

— Por que James escolheria outra inglesa? Sua primeira esposa não sobreviveu ao primeiro ano de matrimônio. Embora fale com sotaque britânico, James é inglês apenas pela metade. Seu pai me contou também que ele pretende ficar aqui em Baltimore até o final do ano. Isso lhe dará uma boa chance de conquistá-lo. Por outro lado, acho que você deveria considerar também alguns outros cavalheiros.

— Quais?

— Emerson McGuddle é o primeiro nome da minha lista. Bonito, e com pai rico.

— Não o suporto. Além disso, ele é advogado. Não tem interesse por cavalos. O que ele faria com um haras?

— Pensarei em outros nomes, então. Nesse ínterim, talvez James Wyndham consiga se recuperar do trauma que sofreu e comece a olhar para você. A maioria dos homens se cansa logo das amantes. O baile se iniciará após o jantar. Você e eu nos aproximaremos dele e eu farei com que James a convide para dançar. — Portia estreitou os olhos. — O que acha de apertarmos um pouco mais o corpete para realçar seus seios?

Jessie se esgueirou entre as sombras. Poderia jurar que James olhara em sua direção, por mais que o bom-senso lhe dissesse que seria impossível alguém a ter visto atrás dos arbustos, principalmente da porta do salão iluminado. Com toda a certeza, James se encantara pelo céu, pela lua crescente e pelas estrelas. O que o seduzira fora a noite, com seu brilho e seu mistério.

A orquestra, composta de quatro músicos, deu início a uma valsa. Embora ela nunca tivesse pisado em uma pista, sentia-se envolvida pelos acordes musicais que a faziam vibrar e sonhar que seu corpo girava pelos salões enquanto de seus lábios brotavam risos de pura excitação. No entanto, era com sua irmã, Glenda, que James se deixaria levar pelos compassos daquele ritmo contagiante. Naquele momento, ele estava se curvando sobre a mão dela, de modo a convidá-la para que o acompanhasse em seus volteios.

Jessie também notou que Glenda disse algo interessante, que provocou um sorriso. Ela não se lembrava mais da última vez em que a irmã lhe dissera algo agradável, quanto mais divertido. Sua mãe também parecia à vontade entre os demais convidados. Naquele momento, estava ao lado de Wilhelmina Wyndham, a mãe de James e de Ursula. Ursula e o marido estavam dançando. A festa estava animada.

Involuntariamente, Jessie franziu a testa e sentiu a pele repuxar. Sem refletir, aplicara o sumo de pepino antes de se colocar a caminho da residência dos Poppleton. O pequeno desconforto compensava. A receita era eficaz. As sardas estavam menos visíveis desde o início do tratamento. O cheiro, contudo, era marcante. James estava certo. Ela andava cheirando a pepino.

Os acordes da música a fizeram suspirar. O som era irresistível. Seus pés se moviam de um lado para outro em cadência, como se tivessem vida própria. Ocorreu-lhe que nada a impedia de participar da festa. Sua família fora convidada. Por que ela nunca concordava em acompanhá-los?

A música terminou e Jessie tornou a olhar através da ampla janela. James estava devolvendo Glenda à companhia de sua mãe e da sra. Wyndham. O modo como as duas mulheres apontaram subitamente para o céu alarmou-a. Uma nuvem escura encobrir a lua. Conhecendo Baltimore como conhecia, aquilo poderia significar chuva a qualquer momento.

No mesmo instante, Jessie resolveu deixar seu posto de vigilância. Saiu de trás dos arbustos, passou as mãos pelas calças para retirar quaisquer vestígios de pó ou de folhas e estava se encaminhando para a saída quando viu James e Gifford Poppleton apontando pela porta que dava para o jardim.

— Eu a vi, James. Era ela. — Jessie ouviu o anfitrião dizer.

— Impossível. Você deve ter bebido demais. O que Jessie estaria fazendo aqui?

De volta ao esconderijo, ela esperou por uma chance de escapar. Talvez pudesse voltar para casa sem ser vista, se conseguisse engatinhar entre as roseiras até o portão. Não estava tão longe da saída, afinal.

— Gifford, você já surpreendeu Glenda olhando para a sua virilha?

Ela parou de engatinhar e de respirar. Quase engasgou ao ouvir as risadas do cunhado de James.

— Ao que me consta, ela olha assim para todos os homens. Logo que eu cheguei de Boston, fui um de seus escolhidos. Atualmente, parece que está mais discreta. Só olha desse jeito para os homens solteiros ou viúvos.

— É desconcertante.

— Por seu modo de falar, imagino que a mocinha o tenha brindado com um de seus suculentos olhares. Mas a partir desta noite, eu não ficaria admirado se Glenda abandonasse esse recurso de sedução. Jessie certamente notou, e fará algo a respeito.

— Você insiste que ela esteve aqui. Eu insisto em meu ponto de vista sobre você ter bebido algumas doses a mais.

— Jessie deve ter escapado pelo portão dos fundos que dá para Sharp Street. Aposto com você que ela veio a cavalo, sem contar a ninguém, e o amarrou em alguma árvore, de modo a não ser visto pelos ocasionais transeuntes.

As vozes cessaram. Jessie ainda aguardou alguns minutos para se assegurar de que não seria apanhada em flagrante. Suspirou aliviada por James não ter tentado averiguar a suposição do cunhado. Se eles tivessem decidido dar uma olhada na rua, atrás da casa, teriam encontrado Benjie amarrado a um arbusto próximo ao portão. Teria sido uma tremenda humilhação para ela. Precisava ficar mais esperta. Um deslize como aquele não podia tornar a acontecer.

Chegando perto do portão, Jessie endireitou as costas, que já começavam a doer de tanto andar abaixada, e saiu para a rua sem olhar para trás ou para os lados. Na verdade, sem olhar para lugar algum a não ser para suas botas. Assim, ela não pôde ver que James retornara à varanda nesse ínterim para fumar um charuto, e que de sua posição privilegiada, acompanhara todos os movimentos que ela fizera depois de se colocar de pé.

— Então Giff estava certo! — James pensou em voz alta. — Jessie esteve realmente no jardim espionando a festa. Por que teria feito isso? Sua mãe e sua irmã Glenda estavam entre os convidados. Por que Jessie simplesmente não se apresentou com a família?

Era fácil adivinhar a resposta. Não dava para visualizar Jessie de vestido e adornos

femininos. Ela jamais aceitaria se vestir com outros trajes que não fossem suas calças e camisas folgadas e botas de cano alto.

O charuto ainda estava pelo meio. James apagou-o e rumou para o estábulo.

— Olá, Jessie. A noite está linda, não? Este caminho, contudo, está praticamente intransitável.

Jessie quase caiu de seu cavalo. James deveria tê-la seguido pela grama que crescia às margens da rua até alcançá-la.

— James! Você me deu um susto! Não o ouvi se aproximar.

— Eu a vi sair pelos fundos da casa de Giff. Não quis acreditar quando ele me contou que você estava nos espreitando.

Jessie não respondeu. Em vez disso, olhou por cima do ombro de James, arqueou as sobrancelhas e suprimiu uma exclamação de espanto. Aproveitou para fugir no instante em que ele virou a cabeça para tentar descobrir o que atraía sua atenção. Não lhe ocorreu que a jovem e fogosa égua alcançaria seu velho Benjie em poucos minutos.

— Você vai perder seu chapéu se não amarrá-lo! O laço se desfez ou você o soltou de propósito para não ser vista atrás dos arbustos.

Ainda sem responder, Jess bateu no alto da cabeça com a palma da mão, enterrando o chapéu até os olhos. James não se deu por vencido.

— Esse chapéu se parece com um que o velho Oslow usou até alguns dias atrás. Eu diria que é o mesmo. Você achou que ainda daria para aproveitá-lo por mais algum tempo, embora Oslow o tivesse descartado?

Se um olhar pudesse matar, Jessie teria fulminado James.

— Vá para o inferno, James. Não quero falar com você.

Ele fez de conta que não tinha ouvido. Lilac se mostrava impaciente para correr. Jessie obrigou Benjie a diminuir ainda mais o passo.

— Ela se parece com você. Impaciente e pernóstica. Trouxe com você da Inglaterra?

— Assim como meu impecável sotaque? — James perguntou com ar de superioridade.

— Está parecendo um pederasta para mim.

A perplexidade fez James puxar as rédeas sem perceber, desnorteando a égua.

— O que foi que você disse?

— Você ouviu muito bem.

— Onde aprendeu esse termo? Uma dama jamais deveria pronunciar essa palavra, muito menos conhecer seu significado.

Jessie ergueu o queixo com evidente orgulho.

— Não sou uma ignorante. Leio muitos livros.

— Ler é bom, mas a questão é saber escolher o livro!

— Eu leio tudo e sobre tudo. Conheço perfeitamente o significado, da palavra "pederasta".

Aquilo não podia estar acontecendo. James olhou para o alto e passou a mão pela testa. Faltava pouco para a meia-noite, ele estava sozinho com uma jovem solteira em

uma rua deserta de Baltimore, e uma tempestade ameaçava desabar a qualquer momento. Pior do que isso, ele acabara de ser chamado de "pederasta".

— Não acredito que você disse isso.

— Não gostou? Eu também não gosto do modo como você me trata. Acho ridículo que force seu sotaque para se fazer de importante. Não acho que os ingleses sejam superiores aos americanos. O fato de você ter um primo que é conde não me diz nada. Você é um farsante, James Wyndham. Não é uma coisa nem outra. É parente de um nobre, não um nobre, e é um meio colonialista, não um colonialista.

— Eu sou um farsante? E você, o que é? Usando roupas de homem, com seus cabelos desgrehados como os de uma megera? Parece uma arruaceira, daquelas que atiram pedras nas vitrines de Fells Point. Por outro lado, talvez você não seja uma farsante. Talvez seu pai esteja enganado e o único detalhe em seu corpo que demonstre sua condição feminina apareça apenas uma vez por mês.

Um resmungo raivoso acompanhou a observação.

— O que, afinal, você foi fazer na festa de minha irmã esta noite?

O silêncio persistiu.

— Você não quer me dizer, mas eu sei. Você foi lá para olhar para todos aqueles homens. Queria encontrar um que fosse de seu tamanho para poder entrar em sua casa na ausência dele e roubar suas roupas. Deve estar precisando de roupas novas e sua mãe não permite que faça compras em lojas masculinas. Estou certo?

James era impossível. Quando ele se determinava a provocá-la, ela nunca conseguia escapar. Indignada, girou sobre a sela e gritou com todas as suas forças:

— Eu queria ver você, James Wyndham! Maldito seja!

Quando se deu conta do que dissera, Jessie se preparou para contra-atacar. Sem refletir, fornecera as armas para que seu adversário deflagrasse a batalha. Não se lembrava de ter se sentido tão vulnerável antes. Contudo, ao contrário de suas expectativas, o disparo não aconteceu.

— Você queria me ver? — ele repetiu, surpreso. — Por qual motivo? Talvez porque sua irmã esteja tentando me conquistar? Receia que eu não seja um bom partido para ela? Ou me flagrou olhando para seu decote e temeu que eu fosse agarrá-la na primeira oportunidade?

De que adiantara James não ridicularizá-la por seu deslize? Seu interesse por Glenda a estava magoando muito mais. Como os homens podiam ser tão obtusos?

— Boa noite, James. Preciso ir para casa. Está muito tarde.

James acompanhou-a com os olhos. Queria entender o porquê da atitude estranha de Jessie naquela noite. Giff, Ursula e os outros convidados deviam estar tecendo conjecturas sobre o motivo que o levara a desaparecer da festa sem se despedir de ninguém. Sua irmã não devia ter ficado nada contente por ele ter saído tão cedo. Giff não descansaria enquanto não o fizesse dizer o nome da mulher especial que o roubara dos amigos. Presumiria que ele estivesse com Connie Maxwell, que não se fizera presente em sua casa naquela noite. Giff não tinha como saber que o filho de Connie, Danny, viera de Harvard para passar as férias com a mãe, e ela e James não tornariam a se encontrar até que o rapaz retomasse seus estudos.

Um pingo caiu na ponta do nariz de James. Lilac, que odiava chuva mais do que qualquer outra coisa no mundo, partiu em disparada de volta para Marathon. Mas nem a chuva, nem o exercício conseguiram impedir que mil pensamentos tumultuassem a mente

de James.

Se Jessie estava preocupada com a possibilidade de ele vir a se casar com sua irmã, era porque as pessoas estavam reparando em suas conversas com Glenda. Teria exagerado em suas atenções? Ele não gostava de Glenda. Ela o deixava nervoso com suas insinuações e seus olhares libidinosos. Vivia se oferecendo como uma mercadoria, dizendo que adoraria visitar a Inglaterra na primavera ou no verão, mas que não se importaria de viajar para lá no outono ou no inverno, se fosse preciso. Lutara para não cochilar enquanto Glenda declamava uma poesia para os convidados. Foram os vinte minutos mais longos de sua vida.

Por mais que Lilac corresse, não foi possível escapar da chuva. Ele estava ansioso por chegar em casa. Suas roupas estavam encharcadas, seu humor estava péssimo, e ele pronto para discutir com o primeiro que surgisse a sua frente e se atrevesse a contrariá-lo.

O haras estava um verdadeiro pandemônio. Oslow e dez tratadores estavam no pátio, sob a chuva inclemente, esperando que ele chegasse. O velho Bess empunhava um facão. Para atacar quem? Ou para se defender de quem? Thomas estava parado junto da porta, os braços cruzados no peito.

James se colocou em alerta. Também queria estar preparado para entrar em ação, caso fosse necessário. Hesitou ao reconhecer Allen Belmonde à entrada do estábulo. Aparentemente, Sweet Susie fora roubada enquanto ele se divertia na festa dos Poppleton. Ou com alguma sirigaita. Porque no momento em que um dos rapazes se apresentara no meio da festa para informar sobre o desaparecimento da égua, James também havia sumido.

O chapéu, presente de seu pai, impediu que a chuva lhe molhasse o rosto, mas a roupa ficou mais molhada do que o musgo ao redor das pedras sob a cachoeira de Ezekiel. Jessie sentia-se a última criatura sobre a face da Terra. Seus sentimentos estavam divididos em três partes: duas partes de comiseração e uma parte de raiva. Ambos os sentimentos gerados por James.

Ele era o culpado. Mas culpado de quê? O que James lhe fizera? Nada? Então era por ele não ter feito nada que ela estava se sentindo tão miserável.

Um tropel a fez voltar a si. Era quase meia-noite. Quem mais teria feito o desplane de sair de casa sob uma chuva torrencial?

Eram dois homens. Pareciam estar discutindo entre si e praguejando contra a chuva. Um deles, chamado Billy, esbravejava para que o outro levasse sua égua para longe do cavalo dele, que estava velho e quase não corria mais.

— A potranca deve estar no cio. Ele está ficando louco!

— Cale essa boca, Billy! — resmungou o outro. — Dê um jeito de apressá-lo. Não podemos nos arriscar. Pode aparecer alguém atrás de nós a qualquer momento.

De repente, Jessie ouviu sons característicos de uma cobertura e gritos e imprecações seguidos de um tombo. Aparentemente, o tal Billy não conseguira controlar seu velho cavalo, e o animal o derrubara em seu ímpeto de cobrir a égua! Antes que eles pudessem abordá-la, Jessie se desviou para a margem do caminho, de modo que a relva absorvesse o ruído dos cascos. Curiosa, avançou até o local para tentar reconhecer os homens e seus cavalos. Para sua completa perplexidade, eles estavam com Sweet Susie.

Seria cômico se não fosse dramático. Tantos eram os cuidados para a cobertura de uma égua de raça por um garanhão premiado, e Sweet Susie estava se deixando

abordar por um velho pangaré. James ficaria em má situação. O dono do garanhão era o responsável absoluto pela segurança das éguas que lhe eram confiadas.

O dono do pangaré estava de joelhos, coberto de lama, e se esforçava para se levantar. O outro homem puxava o animal pelas rédeas, mas o velho cavalo parecia disposto e determinado a ir até o fim em sua conquista. E Sweet Susie não estava fazendo nada para coibi-lo.

Alheia ao perigo que corria, Jessie gritou a plenos pulmões e arremessou contra a parelha em um galope furioso. Era agora ou nunca. Ela não teria outra oportunidade como aquela.

O cavalo se assustou e se soltou do homem que tentava afastá-lo da égua. Jessie o viu saltar sobre uma vala e correr em direção ao campo. Ela pegou as rédeas de Sweet Susie e bateu contra os flancos de Benjie, que protestou de imediato. A égua, talvez por ter gostado da demonstração de bravura, respondeu com outro relincho, coiceou para trás e se pôs a persegui-lo. Satisfeita com o resultado, Jessie suspirou de alívio e se pôs a rir, provavelmente de nervosismo, ao ouvir os ladrões a chamar de ladra!

Estava a cinco quilômetros de Marathon. Precisava chegar lá antes que os malfeitores a alcançassem. Não queria pensar no que eles poderiam fazer se a pegassem. O tal Billy devia ter se machucado. Ela esperava que sim. E que o parceiro ficasse para ajudá-lo. De qualquer modo, os dois teriam um bocado de trabalho para trazer o pangaré de volta.

Era preciso sair da estrada, ou eles a encontrariam. Seguiu em direção ao bosque e guiou Benjie por entre as árvores, sempre puxando Sweet Susie pelas rédeas.

O atalho era estreito, e a terra estava escorregadia por causa da chuva. O lago começava a transbordar nas margens. Não havia tempo a perder. Tinha de conseguir levar os animais até mais adiante, ao campo de feno cercado de carvalhos, onde ficariam em segurança.

O tiro foi tão inesperado que quase a derrubou da sela. Olhou para trás e reconheceu o atirador. Era o outro, não Billy. O segundo tiro acertou-a antes que ela pudesse se abaixar e estender o corpo sobre Benjie. Pegou-a de raspão na cabeça, na altura da têmpora. Além do aturdimento, ela só sentiu frio. Ocorreu-lhe que o ferimento, portanto, não deveria ser sério.

— Benjie, corra! Corra o mais depressa que puder!

Jessie se deitou sobre as rédeas de Sweet Susie e se segurou na crina de Benjie. Não podia perder o equilíbrio nem desmaiar, ou tudo estaria perdido. Os tiros cessaram. Talvez o homem estivesse com medo de acertar a égua e suas expectativas de ganhar dinheiro fácil também se perderiam.

A chuva continuava caindo copiosamente em seu rosto e escorria para a boca. O sabor adocicado a fez descobrir que seu sangue estava misturado à chuva. Embora tivesse pegado de raspão, a bala certamente fizera um estrago maior do que ela imaginara a princípio. O choque provocou uma súbita náusea. Uma pontada aguda ameaçou roubar-lhe a consciência.

Com as forças que lhe restavam, ergueu a cabeça na esperança de conseguir se localizar e de descobrir que estava se aproximando de sua salvação. O alívio a impulsionou. Os pastos de Marathon se estendiam à sua frente com seus pequenos bosques de olmos espalhados como se fossem ilhas em um mar aberto. Logo em seguida, ela ouviu o alarido de um grupo de homens. Sem pensar duas vezes, continuou galopando na direção da sede da fazenda, fazendo ao menos uma dúzia de homens saltar para trás e

gritar para que parasse.

Ela só puxou as rédeas quando viu James descendo os degraus da varanda.

— Jessie! Meu Deus, o que houve?

— Eu vim lhe devolver Sweet Susie.

James se aproximou e tirou as rédeas das mãos dela para entregá-las a um dos tratadores. Jessie tentou apear e só nesse momento, ao vê-la cambalear, James notou que havia algo de errado.

— Jessie, aconteceu alguma coisa com você? Thomas avançou e ergueu sua lanterna. Surpreso ao ver o rosto de Jessie coberto de sangue, o homem encostou o lampião em Benjie. O cavalo empinou, jogando Jessie para fora da sela, e fugiu em disparada. James conseguiu pegá-la no ar.

— O que essa mulher está pensando? — A voz de Allen Belmonde soou furiosa. — Por que estava andando por aí com Sweet Susie? Farei com que a prendam por roubo!

— Cale-se, Allen — James ordenou com uma serenidade que estava longe de sentir. — Jessie precisa de cuidados médicos. Mais tarde ela certamente nos contará o que aconteceu. Thomas, traga o dr. Hoolahan o mais depressa que puder. Avise que Jessie foi baleada.

James abraçou Jessie de encontro ao peito, em um gesto de proteção, enquanto a carregava para dentro da casa. Seus cabelos, seu rosto e seu ombro estavam molhados de chuva e de sangue.

— Oh, pobre menina! — choramingou a velha Bess.

— Traga cobertores para ela, por favor.

James fechou os olhos por um instante. Jamais teria sonhado que a noite fosse acabar daquela forma. Allen Belmonde estava à sua espera quando voltou do baile, furioso com o desaparecimento de sua valiosa égua. De repente, surgira Jessie com a égua roubada, ferida por uma arma de fogo.

— Estou em condições de andar sobre meus próprios pés, James.

— Nada disso. Você pode ser mais alta do que a maioria das mulheres, mas eu sou capaz de carregá-la por alguns minutos.

Bessie chegou com dois cobertores a tempo de impedir uma discussão. A um simples olhar, James percebeu que sua idéia inicial não resolveria o problema. Jessie se curaria facilmente do ferimento, mas pegaria uma pneumonia se continuasse com aquelas roupas molhadas.

— Venha comigo, Bess. Não precisamos esperar pelo médico para trocar a roupa de Jessie e colocá-la em uma cama.

— Eu cuidarei da moça, sr. James. O senhor também está precisando se trocar. Suas roupas estão tão encharcadas quanto as dela.

Sete minutos depois, James estava de volta ao quarto de hóspedes, anunciando-se com uma leve batida.

— Entre, sr. James.

Jessie estava vestida com um camisolão abotoado até o pescoço. James não se lembrava de tê-lo usado algum dia. Eram raríssimas as ocasiões em que ele dormia com qualquer tipo de roupa. Três cobertores se ocupavam da tarefa de aquecê-la. Ao lado da cama, Bess limpava a região do ferimento com uma toalha molhada. Os cabelos estavam

espalhados sobre o travesseiro. James agradeceu em silêncio por Jessie estar bem. A bala passara de raspão acima da têmpora esquerda. Ela não perdera os sentidos. Um bom sinal. Muitos morriam durante o sono após uma pancada na cabeça.

James procurou os olhos de Jessie. O alívio aumentou ao vê-los claros e brilhantes. Devia estar com uma aparência pior do que a dela. Não se lembrara de secar os cabelos e penteá-los. Apenas trocara as roupas molhadas por outras, limpas e secas.

Jessie notou que os botões estavam nas casas erradas, mas não disse nada. O que isso importava diante dos problemas que estava causando a James? Por outro lado, o que teria sido feito dele se ela não tivesse encontrado Sweet Susie e a trazido de volta? Como James poderia justificar o roubo da égua premiada de Allen Belmonde?

— Eu assumo agora, Bess. Desça e receba o dr. Hoolahan por mim. Traga-o aqui imediatamente.

Antes que Jessie percebesse, por ter se distraído com um pedaço de papel de parede que estava se soltando, James havia afastado uma mecha de seus cabelos para examinar o ferimento.

— Ai! Isso dói!

— Não é para menos. A bala abriu uma fenda em seu couro cabeludo. Não é de admirar que tenha perdido tanto sangue. — James parou de falar ao ver duas lágrimas deslizar pelas faces de Jessie sob os olhos fechados. — Sinto muito, Jessie. O dr. Hoolahan deve estar chegando. Procure descansar, mas de olhos abertos. Você não está com sono, está?

— Não sou tola, James, para querer dormir depois de levar um tiro que rasgou meu couro cabeludo. Sweet Susie provocou um alvoroço. O pangaré a teria pegado se eu não o impedisse. E depois ela quis Benjie. Você precisa confiná-la a um necessário isolamento.

Os olhos tornaram a fechar. A dor estava se espalhando por toda a cabeça. Sua vontade era se encolher sob os cobertores e chorar até não poder mais.

— Obrigado, Jessie. Por ter salvado Sweet Susie, e por ter me salvado.

Ela abriu os olhos, sorriu vagamente e desmaiou. James não se lembrava de ter sentido tanto medo antes. Ela não podia ter perdido os sentidos. O ferimento seria mais grave do que parecia?

— Jessie, acorde! Pelo amor de Deus, não brinque comigo! — Assustado, James sacudiu-a pelo ombro, e ficou em pânico ao se certificar de que não era fingimento.

A porta se abriu naquele exato momento.

— Depressa, doutor! O tiro pegou de raspão, mas a hemorragia não cede. E Jessie acabou de perder os sentidos.

O dr. Hoolahan, um homem de estatura bem abaixo do normal, caminhou sem pressa pelo quarto. James teve ímpetos de agarrá-lo pelo colarinho e trazê-lo para junto do leito.

— Eu preciso de espaço, James. Afaste-se para eu poder examiná-la.

As passadas do médico podiam ser curtas, mas sua voz era firme, e sua autoridade incontestável. James ficou em silêncio enquanto o via tocar o local ao redor do talho, examinar as pupilas e medir a pulsação de Jessie.

— Ela está voltando a si — disse o médico. — Jessie? Abra os olhos, por favor, antes que seu anfitrião tenha uma síncope.

James estremeceu ao gemido que antecedeu o despertar. Seus olhos pousaram nos olhos verdes de Jessie.

Eles estavam escuros e contraídos de dor.

— Você vai lhe dar uma dose de láudano? — James perguntou.

— Não ainda. Será melhor Jessie sentir dor do que entorpecimento. Você está me ouvindo, Jessie?

— Claro que estou. Não sou surda.

O médico deu uma risada que deveria ter acalmado James de uma vez por todas, mas a tensão ainda o fazia franzir o cenho.

— Boa menina. Agora eu terei de cortar algumas mechas de seus cabelos para poder suturar o local. Como seus cabelos são fartos, eles esconderão a falha.

Enquanto tirava uma navalha de dentro da maleta, o dr. Hoolahan solicitou que James providenciasse água quente e lençóis brancos que pudessem servir de ataduras. James acompanhou o procedimento com o coração apertado diante da coragem de Jessie. As lágrimas escorriam sem parar de seu rosto, mas ela não deixou escapar nem sequer um gemido. Suas mãos estavam crispadas, uma de cada lado do corpo, os nós dos dedos brancos.

— Você teve sorte — o médico confessou ao término do curativo. — Se a bala tivesse se desviado para a esquerda, você não teria sobrevivido.

James sabia que também estava pálido. Estava se sentindo estranho. Seu alívio foi tão grande ao ver o médico dar sua missão por cumprida que ele não conteve um suspiro. Jessie passara no teste neurológico. Certo de que ela não havia sofrido uma concussão, o dr. Hoolahan finalmente prescreveu o láudano.

Mas nem mesmo a medicação fez Jessie dormir antes de dar sua tarefa por encerrada. James se surpreendeu ao vê-la abrir os olhos e encará-lo, quando ele se preparava para sair do quarto.

— Embora estivesse escuro, eu consegui notar alguns detalhes sobre os dois homens que tentaram roubar Sweet Susie. Um deles se chamava Billy. Seus cavalos eram castanhos e tinham dez anos, no mínimo. Um tinha uma estrela branca na parte anterior da cabeça, o outro tinha um sinal como um raio, da fronte até o focinho.

James não pediu que ela descrevesse os homens. De repente, sua fala estava ficando arrastada. Jessie precisava descansar. Os detalhes poderiam ficar para mais tarde.

— Suas informações foram valiosas, Jessie. Agora durma. Amanhã de manhã você contará os detalhes.

Ao contrário do que fizera um momento antes, com a intenção de deixar que Jessie descansasse em privacidade, James não se moveu do lugar. Queria ter certeza de que ela estivesse realmente dormindo, de que não precisaria de sua ajuda. Antes de sair e fechar a porta, ajeitou os cobertores e apagou as velas.

Allen Belmonde, o dr. Hoolahan, Thomas, Oslow e Bess o aguardavam na sala de estar.

— Ela contou o que aconteceu? — o dono de Sweet Susie não esperou que James terminasse de descer os degraus para indagar. — Admitiu ter roubado minha melhor matriz?

A velha Bess parecia querer saltar sobre o homem. James se controlou para não

socá-lo.

— Ela cometeu a estupidez de salvar Sweet Susie de dois ladrões e ainda descreveu os cavalos que os larápios montavam para nos ajudar na identificação. Como se atreve a acusá-la?

— Talvez Jessie possa nos ajudar ainda mais, caso se lembre de algum detalhe sobre os malfeitores quando a dor de cabeça passar — sugeriu Oslow.

— O que vocês estão dizendo não faz sentido — resmungou Belmonde. — Não dá para acreditar que ela, sozinha, enfrentou dois homens.

— Exatamente. Esperarei até que você lhe agradeça e depois lhe darei uma surra pela falta de juízo! — James declarou.

A discussão foi encerrada com a chegada de Oliver Warfield.

— Eu tomei a liberdade de mandar avisar o pai da srta. Warfield — explicou Thomas.

O pai de Jessie entrou no quarto como se fosse um furacão. O médico precisou ser enérgico para que Oliver se acalmasse e o deixasse falar.

— Sua filha ficará bem — disse James, em apoio.

— Não entendo o que deu naquela menina para salvar a égua de Allen sob risco de perder a própria vida!

— Deixe as suposições para mais tarde, Oliver — recomendou o dr. Hoolahan. — Jessie está dormindo agora. A bala passou de raspão por sua cabeça.

— Se a culpa não é de Belmonde, então é sua, James. Por que não teve mais cuidado com Sweet Susie? Milha filha podia ter morrido por causa de sua incompetência.

Allen Belmonde aproveitou imediatamente a oportunidade.

— Oliver está certo, Wyndham. A culpa é toda sua. Eu confiei minha matriz especial a você, e veja o que aconteceu. Você deveria ir para a cadeia. Eu não me admiraria se viesse a descobrir que você pagou aqueles sujeitos para dar um sumiço na égua, com a intenção de se apropriar.

— Pare com essas acusações e ameaças idiotas, Belmonde! James jamais roubaria algo. Ele conhece todos os truques sujos e é capaz de qualquer coisa para ganhar uma corrida, mas nunca arruinaria alguém ou um animal deliberadamente. Você também me acusou de ter roubado Sweet Susie. Eu o aconselho a vigiar suas palavras se não quiser se arrepender depois.

Todos os olhares se voltaram para a figura de Jessie Warfield, enrolada em um cobertor, sem perceber que deixara as pernas de fora, dos joelhos para baixo.

— O que você está fazendo fora da cama? — James a questionou.

Com passos acelerados, dirigiu-se ao pátio, temendo não chegar a tempo de segurar Jessie caso ela tivesse uma vertigem.

— Eu ouvi uma gritaria e logo adivinhei o que estava acontecendo aqui embaixo.

James seguiu a direção do olhar de Jessie e não quis estar no lugar de Allen Belmonde naquele momento. O homem parecia ter sido cravado no chão, e suas bochechas estavam mais vermelhas do que o tecido que forrava os assentos das cadeiras. Jessie parecia querer avançar sobre Belmonde. Deu dois passos, mas obviamente teve de parar. Cerrou os punhos, então, e vibrou-os contra o homem.

— Não se atreva a ameaçar James! Marathon é o melhor haras de Maryland em

fertilização e reprodução. Depois do Warfield — acrescentou ela com ar compenetrado. — James teria encontrado Sweet Susie de qualquer jeito. Ele não descansaria enquanto não a trouxesse de volta. Suas acusações foram completamente ridículas. Você não merece Alice. Eu disse para ela não se casar com você. Adivinhei que você não a faria feliz.

Fez-se um momento de silêncio. James agradeceu pela defesa de Jessie e insistiu que voltasse para a cama. Mas antes que ela se afastasse, Oliver lembrou que não ficaria bem a filha ficar sozinha na casa de um homem, e que enquanto ela não pudesse voltar para seu rancho, James também teria de hospedá-lo.

— Duvido que exista algum quarto extra em condição de uso — Jessie murmurou, repentinamente tão cansada que precisou se encostar à parede. — O meu, que é o melhor dos aposentos para hóspedes segundo James, está com o papel desbotado e há trechos em que ele já se soltou.

— Não tenho tempo nem paciência para ouvir esse tipo de conversa — Allen protestou. — Quero levar minha Sweet Susie imediatamente daqui.

— Eu não o aconselho, senhor — Oslow resolveu se pronunciar diante do absurdo da exigência. — A égua ainda está no cio. O problema desta noite foi contornado. Talvez nem ela nem o senhor tenham tanta sorte numa próxima vez. Seu investimento ficaria seriamente comprometido. Eu cuidarei pessoalmente de sua segurança.

— Faça como quiser, Allen. — James encolheu os ombros e segurou o cotovelo de Jessie para conduzi-la de volta ao quarto, controlando o ímpeto de erguê-la nos braços.

— Eu não gosto desse sujeito — Jessie cochichou. — Ele é rude com Alice e com seus animais. Não deixe que leve Sweet Susie. Faça uma proposta de compra.

— Sweet Susie pertence a ele. Não posso impedi-lo de levá-la. Mas posso e devo levar você para a cama. Basta de abusos por esta noite.

Para surpresa de James, Jessie não protestou quando ele a pegou no colo. O mais provável era que as forças estivessem ameaçando lhe faltar.

— Subirei em um minuto — o médico prometeu, — Quanto a você, Oliver, não há motivos para que se preocupe por causa das aparências. Sua filha ficará bem aqui. James e Jessie sabem o que fazem. São adultos e responsáveis.

James colocou Jessie na cama e imitou o modo como a velha Bessie espalhara os cabelos dela pelo travesseiro para que secassem.

— Como está se sentindo?

— Como um estábulo sujo.

— Tão mal assim?

— Tão mal assim.

— Obrigado, Jessie, por me defender.

— Eu nunca fui com a cara daquele Allen. Alice cometeu um grande erro ao se casar com ele. Juro a você que farei com que ele se arrependa se continuar acusando-o.

Até que o médico subisse para se despedir de Jessie, ela já estava dormindo. James fez sinal para que ele não falasse.

— Diga o que devo fazer quando ela acordar — pediu, depois de sair do quarto com o médico. — Neste momento, acho que descanso é o melhor remédio.

— Eu concordo com você.

Na manhã seguinte, Jessie acordou com uma sombra se recortando contra a luz que vinha da janela. Era James. Com as pernas entreabertas e as mãos apoiadas na cintura, ele esperava que ela lhe fornecesse mais informações sobre a tentativa de roubo.

— Bom dia — murmurou.

— Conte-me exatamente o que aconteceu. Depois também vou querer saber a razão pela qual você colocou sua vida nas mãos daqueles dois desclassificados. Não tente se livrar com a desculpa das dores. Elas foram merecidas.

— Está bem.

— Está bem o quê? — indagou ele, surpreso.

— Responderei às suas perguntas. A verdade é que agi por puro instinto, sem refletir sobre as conseqüências de meu ato. Arremeti contra Sweet Susie e o cavalo de Billy para separá-los. Não imaginei que fossem me seguir. O imbecil do parceiro não correu atrás do cavalo que fugiu de susto. Foi atrás de mim e atirou de raiva. Eu só não morri porque ele deve ter recuperado o juízo e pensado que poderia acabar matando sua esperança de ganhar um dinheiro fácil, se continuasse tentando me atingir no escuro.

— Você teve coragem, mas foi uma grande tola. Não lhe ocorreu me contar sobre sua descoberta? Eu teria reunido alguns homens e saído atrás deles.

Jessie o encarou.

— O que eu lhe teria contado, James?

— Não sei. Ao menos poderia ter insistido que eu fosse ao local onde os viu.

Jessie estreitou os olhos.

— Chovia a cântaros. Você me convenceria a ir para casa e ficaria andando a esmo pela área até ser obrigado a desistir porque os homens e os cavalos já teriam desaparecido. Conforme-se com a situação, James. Você terá de me agradecer até o fim de seus dias por eu ter salvado Sweet Suzie.

O pai de Jessie interrompeu a cena.

— Olá, minha menina. Como se sente esta manhã? O médico disse que você acordaria com fome, e nós estamos lhe trazendo um desjejum caprichado. Bessie preparou os ovos e o bacon do jeito que você gosta. As gemas moles e brilhantes, e o bacon cortado fino e as fatias bem crocantes. — Oliver interrompeu a descrição ao deparar com James, de pé ao lado da cama, olhando para Jessie com o cenho franzido.

— Está implicando com minha filha, para variar, James?

— Eu não estou implicando com ela; apenas vim lhe dizer que se portou como uma tola, cavalgando pelas ruas no meio de uma noite tempestuosa e tentando bancar a heroína em um jogo de ladrões.

— E saindo do jogo como heroína! — Jessie exclamou. — Isso você se esqueceu de ressaltar.

— Você tem todo o meu apoio, Jessie — o pai afirmou, orgulhoso.

A velha Bessie colocou a bandeja sobre a mesinha de cabeceira. Ajeitou os travesseiros e colocou Jessie em uma posição mais confortável.

— Ignore-os, Favo de Mel, e trate de comer e de se fortalecer. O sr. James está nervoso porque não está acostumado com confrontos, principalmente da parte das mulheres. A senhorita está de parabéns pelo que fez.

— Favo de Mel! — James caçoou. — Não há nenhuma gota de doçura em Jessie.

— Cale-se, James! — Jessie retrucou. — Eu gosto do jeito que Bessie me chama. Meu pai está certo. Você é um implicante! Deixe ao menos Bessie em paz! Sua vaidade não está suportando que eu tenha salvado Sweet Suzie em seu lugar. Esse é o real motivo da sua irritação.

— Minha vaidade não está ferida!

— O que eu sei é que vocês precisam sair do quarto para a menina poder comer — sugeriu Bessie.

Ao se despedir, Oliver avisou James que um assunto urgente o impediria de acompanhar a esposa quando ela viesse buscar Jessie antes do final daquele dia. Imediatamente James arquitetou um plano para fingir que não estava na propriedade quando ela chegasse. Não era uma questão de ele não gostar da sra. Waterfield. A questão era que a mãe provavelmente viria buscar Jessie junto com sua outra filha, Glenda.

Um esquema foi montado. Gypsom, o assistente de Oslow, assobiaria duas vezes e ele sairia pelos fundos da casa. No entanto, James estava subindo calmamente a escada para levar uma xícara de chá a Jessie, quando viu Thomas abrir a porta da sala para receber as visitantes. Gypsom, obviamente, não se encontrava em seu posto de vigia no momento em que elas chegaram.

— Sra. Warfield. — James obrigou-se a sorrir. — Como tem passado? Glenda?

— Olá, James — disse Glenda, projetando os fartos seios enquanto falava de modo a dar ênfase ao estudado flerte. — Nós viemos salvá-lo de Jessie. Ela é a rainha dos queixumes. Posso avaliar sua situação agora que minha irmã teve motivos justos para reclamar. Tenho certeza de que se sentirá aliviado assim que a levamos daqui.

— Não foi trabalho algum — James declarou. — Ela está bem melhor hoje. Querem subir comigo ao quarto ou preferem aguardar na sala enquanto eu a ajudo a descer?

Glenda se colocou rapidamente ao lado de James, encostando o seio em seu braço, mas fingindo não perceber.

— Subirei com você.

— Eu também — afirmou Portia Waterfield.

Jessie estava melhor fisicamente, mas sentia-se deprimida e entediada. A cabeça ainda latejava. Por precaução, por causa da dor de cabeça, James escondera todos os livros para que ela não ficasse tentada a ler. Não lhe permitira nem sequer folhear o *Federal Gazette*. Ela contava os minutos para que ele fosse ao quarto, para vê-la. Quando James estava ali, ela não sentia tédio. Gostava de conversar com ele, e sua simples presença a fazia sentir-se melhor.

Quando ele de repente apareceu na soleira da porta, Jessie abriu um largo sorriso, que esmoreceu quando ela viu a irmã e a mãe segui-lo para dentro do quarto.

— Jessie, minha querida!

— Credo! — exclamou Glenda, sem se dar o trabalho de cumprimentar a irmã. — Como você está horrível com essa faixa ao redor da cabeça e os cabelos saindo por cima como um vulcão em erupção!

James revirou os olhos, e Jessie suspirou.

— Olá, mamãe. Glenda. Eu estou bem. Só minha aparência está péssima. Papai não veio com vocês?

— Seu pai estava sem tempo para vir buscá-la. Também deve estar cansado. Não está acostumado a dormir fora de casa.

— Ele conversou bastante com James. Orientou-o sobre as reformas que estão se fazendo necessárias nesta casa. A insônia não deve tê-lo castigado esta noite.

— Sua filha está certa, sra. Warfield. Acho que seu marido não teve problemas para conciliar o sono. Nossa conversa foi agradável e produtiva.

— Que tal descermos, James? — Glenda propôs justamente quando James começava a reparar em seu comportamento indelicado, andando de um lado para o outro do quarto. — Jessie não pode tirar a camisola e vestir uma roupa enquanto você estiver aqui. A sra. Warfield levou uma das mãos à boca.

— Oh, céus! Eu me esqueci de trazer uma muda de roupas! Jessie terá de ir embora com a roupa com que chegou aqui.

— Bessie lavou a roupa que Jessie estava usando, mas não conseguiu salvá-la.

— A propósito, Jessie, seu pai não me contou o motivo pelo qual você estava andando a cavalo no meio daquela tempestade. Quando é que você começará a se comportar direito?

— Se James me emprestar este camisolão e um roupão, eu posso ir para casa agora.

— Claro que sim. Jessie. Não precisa devolvê-los. Eles são seus.

— Vamos descer, então, James? — Glenda insistiu.

— Não se incomode. — James se encaminhou rapidamente para a porta. — Vou pegar um roupão em meu quarto.

Glenda aproveitou a breve ausência de James para tentar saber com Jessie se ele lhe fizera perguntas a respeito dela. Contou que dançara com ele no baile dos Poppleton, sem poder imaginar que a informação era de conhecimento da irmã.

— Ele não falou sobre você.

— Mentira! Tenho certeza de que ele falou a meu respeito, mas você não quer me contar. Sua fingida! Aposto que podia perfeitamente ter ido para casa em vez de ficar aqui. O que espera com essa farsa? Que um homem bonito como James repare em você? Ora, Jessie, James nem sequer pensa em você como mulher!

— Basta, Glenda! — a mãe ordenou, olhando nervosamente sobre o ombro e considerando que a filha caçula talvez tivesse sido ferida de verdade, a julgar por sua palidez.

James voltou para o quarto e colocou o roupão na beirada da cama. Estava posicionando Jessie de modo a ajudá-la a se vestir, mas foi interrompido em sua nobre intenção.

— Eu faço isso, James. Não fica bem um homem ajudar uma moça a se vestir, mesmo em presença de sua família.

Embora Jessie não tivesse discutido a ordem de sua mãe, James notou seu retraimento no momento de pegá-la no colo. Era compreensível. Ele ouvira quase toda a conversa. O relacionamento de Jessie com a irmã e com a mãe obviamente não era dos melhores. Ele agora compreendia por que Jessie preferia a companhia dos cavalos.

— Passarei em sua casa amanhã para vê-la — prometeu ao se despedir.

Sozinho, ele contemplou a paisagem ao redor. Jessie tinha razão. O mato brotava

por entre os cascalhos. Ele estava vivendo em terras aparentemente abandonadas. Reparos urgentes se faziam necessários. Sempre sonhara com uma casa se erguendo sobre um extenso gramado, com canteiros de flores e árvores frondosas margeando o caminho.

O sol estava brilhante naquela terça-feira. James descia Calvert Street rumo ao número 27, sem olhar para os lados, completamente desinteressado no que as outras vitrines poderiam oferecer aos compradores. Era cliente fiel da Livraria Compton Fielding's desde menino e conhecia cada um de seus estreitos corredores forrados de prateleiras em madeira escura do chão até o teto. Pilhas e mais pilhas dos mais variados gêneros de livros forravam as prateleiras e se amontoavam pelos cantos. A organização nunca fora o forte do proprietário, que, surpreendentemente, era capaz de localizar em segundos qualquer obra que lhe fosse solicitada.

O movimento estava fraco aquela manhã. Ao abrir a porta, James não viu nenhum outro freguês. Na verdade, a livraria parecia deserta. Bom para ele que podia ser atendido de imediato. O sr. Fielding mandara avisá-lo, no dia anterior, que sua encomenda havia chegado de Paris.

Ansioso por apanhar suas peças de Corneille, James estava se dirigindo ao caixa quando o inesperado da cena o obrigou a interromper seus passos. Ali, entretidos em animada conversa, estavam Jessie Warfield e Compton Fielding. Seria possível? Jessie gostava de livros também, além de cavalos? A curiosidade o fez hesitar. Incapaz de se conter, ele se esgueirou por entre as prateleiras para ouvir a conversa. Não era educado fazer isso, mas Jessie já abrira um precedente, não abrira?

— Sr. Fielding, este é o terceiro diário antigo que o senhor me recomenda. É sua nova paixão? Nos últimos meses, o senhor manifestou uma preferência pelos clássicos.

Compton Fielding, o homem mais culto de Baltimore, também se dedicava à música. Era o principal violinista da orquestra da cidade e participava de todos os concertos e apresentações cívicas.

— Veja, Jessie. — O sr. Fielding folheou delicadamente as páginas amareladas pelo tempo. — Esta obra foi escrita há mais de um século. Não há cópias. O autor não menciona datas. Pelos fatos, será possível preencher lacunas. Pelo que pude observar, o relato cobre um período de três anos em terras do Caribe. Confesso que este texto me despertou uma grande curiosidade. Você já teve oportunidade de ler algo a esse respeito?

— Absolutamente nada, sr. Fielding, mas se o senhor permitir que eu leve o manuscrito para casa, poderei estudá-lo para depois discutirmos o assunto. Deixou-me curiosa. Para ser sincera, cheguei aqui disposta a levar um novo romance. Os outros dois diários que o senhor me recomendou no mês passado foram interessantes, mas não consegui decifrar uma porção de frases e parágrafos.

— Arrependeu-se de levá-los?

— Oh, não. Apesar de difíceis, eles foram interessantes. Especialmente aquele que se passa em Charleston no início do colonialismo.

— Aquele também foi meu preferido — o livreiro afirmou e estendeu um pequeno livro para que Jessie o pegasse. — Façamos o seguinte. Leve este hoje. Não precisa me pagar. Se não gostar, traga-o de volta e escolheremos outro.

Antes que o livreiro terminasse de falar, Jessie já estava folheando o livro. Era uma história de piratas.

— Este diário também foi escrito por um pirata, sr. Fielding?

— Talvez você deva levar outro gênero de literatura, realmente — sugeriu o livreiro. — As moças costumam dar preferência aos romances de amor.

James não se conteve. Sua presença foi delatada por um pequeno riso.

— Bom dia, Jessie. Bom dia, Compton. Eu ouvi bem? Você está recomendando uma história de piratas a Jessie Warfield?

— Ainda não tive oportunidade de ler esse diário, mas parece-me que a srta. Jessie o apreciará. Foi escrito há mais de um século.

— Eu não sabia que você gostava de livros — James observou, olhando para Jessie.

— Por quê? Pensou que eu não soubesse ler?

— Nunca a vi aqui antes. Nunca a vi com um livro na mão.

— Digo o mesmo sobre você — Jessie retrucou, hostil. — Sempre que o encontro está montado em um cavalo, tentando demonstrar autoridade sobre alguém.

— Eu frequento esta livraria desde menino. Foi Compton quem me apresentou a literatura francesa.

A livraria reservava boa parte do estoque às coleções de obras francesas, principalmente romances e peças teatrais. Por não dominar o idioma francês, Jessie nunca se interessara em conhecê-las. Sua predileção eram os romances. Devia ter lido todos que o sr. Fielding oferecia em suas prateleiras. Nos dois últimos meses, ele lhe recomendara alguns diários. Apesar de bons, ela os considerara relativamente pobres. Gostava de tramas complicadas, com numerosos personagens, de cavaleiros audazes. e donzelas em perigo.

— Você é um rancheiro, James. Nenhum rancheiro que se preze fala francês.

— Eu morei na França — James respondeu, como se esse fato encerrasse a questão, e tratou de mudar de assunto, disposto a não permitir que Jessie Warfield o provocasse impunemente. — Resolveu mudar de roupa para vir à cidade? De quem é esse vestido? De Nelda, ou de Glenda? Provavelmente de Glenda. Está folgado no decote. Se quiser saber minha opinião, esse tom de amarelo não lhe assenta bem.

Compton Fielding deu uma tossidela discreta.

— James, venha ver as peças de Corneille. A coleção inclui *Cinna* e *La Mort de Pompée*, em adição a *Le Cid*, que você encomendou.

Antes de se encaminhar para a escrivaninha do livreiro, nos fundos da loja, James endereçou um último olhar a Jessie.

Ela não disse nada. James Wyndham não perderia por esperar.

O primeiro parágrafo do *Le Cid* descrevia uma cena entre Elvire e Chimene. James começou a ler, fascinado, mas foi interrompido pela aproximação sorrateira de Jessie.

— Você sabe mesmo ler em francês? — Jessie indagou, os olhos pousados nas páginas abertas.

— Sim, é claro. Por que eu o teria comprado, se não soubesse?

— Para se exhibir? Para demonstrar que considera os americanos ignorantes por pertencerem à ralé colonialista?

— Eu nunca pensei em você como uma pessoa ignorante. Como poderia? Você

acaba de comprar um diário. Um livro de importância histórica. Estou francamente impressionado.

— Eu comecei a indicar os manuscritos depois que Jessie esgotou meu acervo gótico.

— Por que será que não estou surpreso?

A ironia de James estava dando nos nervos de Jessie.

Admiravelmente, ela os controlou e se satisfez em olhar para ele como se quisesse fulminá-lo. O que, de alguma forma, funcionou. Arrepentido de sua atitude, James resolveu compensar Jessie convidando-a para tomar um sorvete em Baltimore Street. Não acreditava que ela fosse aceitar o convite, mas, para seu espanto, ela fez um movimento afirmativo com a cabeça.

Parecia outra mulher naquela manhã. Além de estar usando vestido, carregava uma sombrinha em tecido floral. Os cabelos estavam presos com uma fita de veludo preto na altura da nuca.

— Nós vamos ao Balboney's?

— Sim. Vou aproveitar para conversar com Gray, o filho do sr. Balboney. Soube que ele está ansioso por aprender sobre o trato com os cavalos. Seu sonho é tornar-se administrador de um haras.

— Oh, não!

— Não? O que você tem contra o rapaz? Só porque a família possui uma sorveteria...

— Não é a sua amante, a sra. Maxwell, que está acenando para você da frente da loja de armarinhos?

James olhou para o outro lado da rua e constatou que Jessie estava certa. Fez um sinal discreto para Connie para que ela parasse de acenar para ele.

— Como soube?

— Glenda me contou. Ela sabe de tudo o que acontece na cidade. Eu a ouvi conversando com minha mãe sobre seu medo de que você resolva se casar com a sra. Maxwell. Minha mãe garantiu que isso não acontecerá, porque você é jovem e desejará ter herdeiros, e a viúva Maxwell é velha demais para lhe dar filhos. Já Glenda, minha mãe acha que ela tem as qualidades perfeitas para ser uma boa esposa... É dócil, meiga, virgem, e dispõe de um generoso dote para oferecer a seu noivo. Minha mãe também disse que, por outro lado, é compreensível que você tenha escolhido a sra. Maxwell para ser sua amante. Ela é uma mulher atraente e charmosa que não aparenta sua real idade.

James não interrompeu o discurso. A naturalidade com que Jessie falava sobre assuntos que qualquer outra pessoa guardaria a sete chaves o deixou completamente perplexo.

— Jessie, eu não tenho nenhuma intenção de me casar com sua irmã.

— Não? — Outra vez aquela demonstração espontânea e adorável de ingenuidade.

— Jessie, você andou escutando atrás das portas?

— Não — ela respondeu, rápido demais. James estreitou os olhos. — Não foi preciso. Elas costumam conversar na minha frente como se eu fosse invisível.

— Desta vez, porém, elas não sabiam que você estava por perto. Acertei?

— Sim. Mas sabe, James, preciso lhe dizer, eu gosto da sra. Maxwell. Ela é bonita

e divertida. É atenciosa comigo e me disse que sempre aposta em mim nas corridas de cavalo.

— Eu sei. Ela me contou. E concordo com você sobre ela ser bonita e afável.

James deixou Jessie na porta da sorveteria e disse que ela fizesse seu pedido que ele voltaria em poucos minutos. Ela o observou esgueirar-se entre as carroças, cavalos, carruagens e um barril de cerveja para alcançar o outro lado da rua. Viu-o cumprimentar a sra. Maxwell e o modo familiar como ela o segurou pelo braço com a mão enluvada. James se inclinou para ouvir o que ela dizia com um amplo sorriso. A sra. Maxwell mal alcançava os ombros de James.

Sem entender o motivo de sua súbita contrariedade, Jessie virou-se tão abruptamente para entrar no estabelecimento que o cabo da sombrinha se soltou. Seu sorvete de baunilha estava pela metade quando James entrou na sorveteria, não mais do que cinco minutos depois.

— Connie lhe mandou um abraço. Ela disse que meu gosto está melhorando e que eu deveria lhe pedir gentilmente que me desse umas aulas sobre corridas de cavalo.

— Eu poderia lhe dar várias sugestões, James, mas duvido que você fosse escutar qualquer uma delas. Para ser honesta, não acho que você precise de lições. Apenas precisa se conscientizar de que é alto e pesado demais para montar um cavalo de corrida. Eu lamento lhe dizer isso, porque sei o quanto gosta de correr, mas é a verdade. A propósito, como está Redcoat? Ele estará em condições de participar das corridas de Axminster, no próximo sábado?

— Infelizmente, ele terá de se afastar por dois meses das pistas de corrida. Como não disponho de outro jóqueis precisarei substituí-lo mais uma vez. Estou treinando Peter, mas o rapaz ainda não está pronto para as pistas. Você o comeria vivo e os outros adversários o jogariam nas valetas em questão de segundos. E você? Já fez sua escolha? Apostará novamente em Rialto?

— Não. Rialto machucou o jarrete. O tendão, atrás da articulação do joelho, está bastante inflamado. Como a disputa será entre cavalos quarto de milha, estou discutindo com meu pai sobre inscrevermos Jigg e Bonny Black.

— Eu insistirei em Tinpin — disse James. — Farei com que ele a vença desta vez. Tenho falado seriamente com Tinpin ao longo desta semana e alertei-o para a probabilidade de uma aposentaria na ignomínia caso a deixe derrotá-lo outra vez.

— Apenas fique longe de mim, James. Não me pressione contra uma árvore ou vala. E comece a pensar em dar uma chance a Console. Eu nunca vi um cavalo com um coração maior.

— Você tem razão. Já faz algum tempo que não permito que ele corra além de um quarto de milha. Receio forçá-lo e seu coração não resistir.

— Você não o forçaria. Não é um jóquei de todo mau, embora não chegue perto de mim. Mas, voltando a falar sobre a sra. Maxwell, importa-se de me dizer por que a escolheu como amante?

— Connie é uma grande amiga. Gostamos da companhia um do outro. Eu não lhe pago para ficar comigo como se paga uma amante. Connie é uma mulher de espírito livre e independente. No momento que não me quiser mais em sua vida, ela me dirá. Este, contudo, não é um tema apropriado para o nosso encontro, Jessie. Você é muito jovem e inexperiente. Devemos nos ater ao sorvete.

— Está delicioso. Eu gostaria de tomar mais um.

— Não tem problema. Só espero que as calorias a mais não prejudiquem seu desempenho.

— Você me acha gorda?

— Como alguém poderia chamá-la de gorda, Jessie? Você está magra como a perna desta mesa! Eu falei de brincadeira.

— Nelda e seu marido, Bramen, jantaram em minha casa ontem. Ele é gordo de verdade. Eu duvido que Nelda goste dele. Ela e Glenda estavam conversando a seu respeito. Nelda tem certeza de que você se casará com Glenda no próximo outono. Minha mãe concorda com ela. As duas comentaram que seu luto terminará em meados de setembro. Já conseguiu esquecer sua esposa, James?

A voz dele soou distante.

— Não se esquece uma esposa, Jessie. Aprende-se a se seguir com a vida. Minha esposa morreu de parto há três anos. Ainda não penso em tornar a me casar. Talvez você pudesse dizer isso à sua família durante o jantar desta noite e evitar maiores constrangimentos para mim e para Glenda.

— Você gosta de mim?

— Não muito. Você é impossível. — James não conseguiu conter um sorriso ao jeito como Jessie o fitou. — Está bem. Às vezes eu gosto de você. Afinal, como deixar de gostar da melhor jóquei de Baltimore?

Na terça-feira seguinte, Jessie voltou à livraria, seu passeio predileto depois do Jóquei Clube. Não estava, porém, tão entusiasmada quanto na semana anterior. James a derrotara na corrida do último sábado, e ela tivera de tolerar os resmungos do pai e oferecer uma garrafa de champanhe ao vencedor. Como uma pequena vingança, torcera para que a bebida provocasse uma tremenda dor de cabeça em James. Qual nada! Na manhã do domingo, ele compareceu pontualmente à missa, com a mãe pelo braço.

O sr. Fielding estava conversando com outro freguês. Ela ficou folheando alguns livros enquanto esperava para ser atendida.

— Olá, srta. Jessie.

Ela estava tão distraída que não percebeu a aproximação do livreiro.

— Espero que não tenha vindo devolver o manuscrito. Jessie sorriu.

— Em absoluto. Estou adorando a leitura. As descrições são tão minuciosas que eu me sinto como se estivesse nos locais mencionados.

— Fico contente por ter acertado em minha sugestão. Deseja comprar mais algum livro?

— O senhor recebeu algum novo romance?

— Estou aguardando uma entrega para a semana que vem. No momento só posso lhe indicar outro diário. Foi escrito por um marinheiro inglês. A história se passa no início do século dezoito e também é sobre piratas. O herói comete muitos erros e tende a se repetir, mas tenho certeza de que lhe garantirá um bom entretenimento.

Jessie pagou pelos livros e se despediu. O sr. Fielding a acompanhou até a porta.

Aconteceu de repente. Jessie viu e ouviu o tropel e o ruído das rodas girando contra o pavimento de pedra. Não houve tempo para nada. O cocheiro devia ter enlouquecido ou estar completamente bêbado. A carroça estava desgovernada. O homem

perdera o total controle sobre os cavalos. Paralisada de medo, Jessie fechou os olhos.

Compton Fielding a agarrou no último instante e jogou-a literalmente contra a porta da livraria. Jessie sentiu uma dor intensa na cabeça e sua visão escureceu.

— Graças a Deus, você recuperou os sentidos! — O sr. Fielding exclamou alguns segundos depois de carregá-la para o interior da loja.

— Minha cabeça está doendo.

— Nós acabamos de escapar de um acidente, Jessie. Poderíamos ter morrido.

— Talvez não tenha sido um acidente — Jessie murmurou. — Tive a impressão de que alguém queria me matar ou então ao senhor.

— Você acha? Quem poderia desejar sua morte? — O livreiro sorriu de um jeito encabulado. — O alvo, nesse caso, deveria ser eu. Talvez por ter me recusado a vender fiado, ou por ter ferido os ouvidos de alguém com meu violino.

Apesar da dor que fazia sua cabeça latejar, Jessie teve de rir da resposta. Pensando bem, sua hipótese não fazia o menor sentido. Durante o jantar, entretanto, ainda impressionada, ela contou aos pais e a Glenda sobre o ocorrido.

— Ninguém em seu juízo perfeito poderia querer matá-la, Jessie — disse a mãe. — O sr. Fielding está certo, foi apenas um acidente.

— Lógico que sim — Glenda confirmou. — Quem se interessaria por você a ponto de desejar matá-la?

O pai ainda não havia se manifestado. Quando o fez, procurou tranquilizá-la.

— Aconteceu exatamente como você disse?

— Sim, papai.

— Falarei a respeito com Compton na próxima vez que o encontrar. Quero descobrir quem estava segurando as rédeas daqueles cavalos. Até lá, procure não pensar mais nisso, Jessie.

Capítulo II

Baltimore, Maryland Abril de 1822

Ver Jessie Warfield saindo de uma loja especializada em artigos femininos era estranho. Mais estranho ainda era ter se deixado levar pelo impulso de convidá-la para outro sorvete no Balboney's. Ou não. Eles eram conhecidos adversários. Disputavam acirradamente as corridas. Era motivo de mútua indignação a derrota que haviam sofrido por um terceiro na corrida da semana anterior.

Também para surpresa de James, Jessie demonstrou apreciação ao gesto dele, e o diálogo se revelou agradável e confortador. Nenhum dos dois demonstrava ter pressa em terminar o encontro. Estavam tomando o segundo sorvete quando um renomado jornalista do *Federal Gazette* adentrou o recinto com uma notícia tão inesperada quanto

trágica.

— Allen Belmonde foi encontrado morto com um tiro na boca!

— Meu Deus! Ele se suicidou? — Jessie se levantou, aturdida.

— Francamente, não consigo imaginar Allen cometendo suicídio — disse James, também se levantando.

— Não foi suicídio — informou o jornalista. — Ele foi assassinado. A esposa foi às docas procurá-lo, preocupada com sua demora em voltar para casa. Encontrou-o caído sobre uma poça de sangue em um dos galpões.

A descrição provocou uma onda de náusea em Jessie. Pobre Alice... Ela sempre gostara de Alice. Jamais ouvira críticas de sua parte nem recebera olhares de reprovação por sua preferência por roupas masculinas e por sua paixão por cavalos. Fora Alice quem a ensinara a preparar a máscara de pepinos para clarear sardas.

Deprimida com a situação de sua amiga, Jessie buscou refúgio com outro amigo, que trabalhava no haras concorrente, Oslow Penny.

— Suspiros e lágrimas não ajudarão Alice Belmonde — Oslow declarou ao vê-la inconsolável. — Mas pode continuar a mastigar esse ramo de palha, que isso não faz mal nenhum, e proteja o rosto do sol. — Oslow fez um sinal para que Jessie ajeitasse o chapéu. — Se quiser, posso lhe contar a história de Grimalkin, o gato.

Jessie encolheu os ombros. O velho Oslow era um bom contador de histórias. Ninguém melhor que ele para espantar tristezas.

— Não é novidade para você que a origem de todos os cavalos puro-sangue está em três raças de reprodutores, exclusivamente.

— Não, não é. Todos eles descendem do turco Byerley, do árabe Darley e do árabe Godolphin.

— Muito bem. O árabe Godolphin surgiu em 1724 e teve como companheiro não outro cavalo, nem seu dono, como as pessoas imaginam, e sim um felino. Por onde o cavalo andasse, lá estava Grimalkin. O gato se exibia, garboso, montado na garupa, como se fosse um príncipe. Os dois comiam lado a lado. Na hora de dormir, o gato se enrolava e se aconchegava ao pescoço do amigo. Ninguém entendia como nem por que aqueles dois animais tão diferentes se tornaram parceiros. A separação se deu com a morte de Grimalkin. Outro motivo não os teria afastado. O cavalo ficou irascível. Não permitia que ninguém se aproximasse. Não se alimentou por vários dias. Depois, aos poucos, foi voltando ao normal, mas não totalmente. Se antes ele gostava de um gato, após a perda do companheiro, reagia com ódio pelos outros. Ameaçava matar qualquer gato que cruzasse sua frente. Quando ele finalmente morreu, dizem que foi enterrado atrás dos estábulos ao lado do gato Grimalkin. Jessie balançou a cabeça.

— É uma história triste, mas bonita. Eu acho que você acabou de inventá-la para que eu parasse de chorar.

— Não é invenção — disse James, que acabava de chegar. — A história é verdadeira.

Oslow cumprimentou o patrão com uma inclinação de cabeça.

— A srta. Jessie está com pena da viúva Belmonde, mas deveria estar feliz por ela ter se livrado de um péssimo marido. Eu estava tentando distrair a menina.

— Chapéu novo, Jessie? — James deu continuidade à tentativa.

— Não exatamente. Eu o encontrei em um baú no sótão. Estava em bom estado.

Só tive de limpá-lo.

— É bonito — James elogiou. — E cumpre a função de proteger sua pele de mais sardas. Era de seu pai?

— De meu avô. James se calou por um instante.

— Gordon Dickens, o magistrado, está na propriedade. Chegou aos ouvidos dele que Allen esteve aqui, poucos dias antes de ser morto, furioso por causa do roubo de Sweet Susie. Ele... — James se deteve ao notar a súbita palidez de Jessie. — Você não está se sentindo bem?

— Eu fiz ameaças a Allen, lembra-se? Diante de testemunhas. Oh, céus, eu não quero ser enforcada!

— Você não será enforcada, Jessie. Acalme-se. Eu a levarei até ele só para que lhe responda algumas perguntas. O médico, o dr. Dancy Hoolahan, também nos aguarda.

Gordon Dickens detestava chá mais do que qualquer outra coisa no mundo. O chá o remetia aos tempos de criança, quando a madrastra o forçava a beber amargas infusões como castigo. Ele detestava até mesmo ver as pessoas bebendo chá, como Jessie Warfield estava fazendo agora. Era preciso lembrar que estava ali para cumprir seu dever. Como seu pai lhe ensinara, não bastava ouvir os depoimentos das pessoas. Eram suas expressões que os denunciavam caso estivessem mentindo. Seus rostos precisavam ser cuidadosamente estudados. A culpa ou a inocência costumavam se evidenciar em pequenos sinais que poderiam passar despercebidos. Se fosse sincero consigo mesmo, admitiria nunca ter entendido exatamente como seu pai conseguia ter certeza disso.

— Aceita uma fatia de bolo?

— Não, obrigado — o magistrado respondeu, impaciente com a demora de Jessie Warfield em esvaziar a maldita xícara de chá, para que ele pudesse cumprir sua missão e voltar para a cama e para os braços da esposa. — Eu gostaria de saber o que houve naquela noite, depois que Jessie Warfield trouxe a égua de volta para cá. Por que não me conta, Thomas? Você era um dos que estavam presentes aqui, naquela noite.

O serviçal relatou a ocorrência com seriedade e concisão. Ao término, o magistrado alisou as faldas suíças e encarou Jessie.

— É de meu conhecimento, e de todos na comunidade, que você e James Wyndham são rivais. Eu sou fiel apostador de James, embora você o vença em mais da metade das corridas. As disputas nem sempre são limpas. Os dois vivem se empurrando para fora das pistas. Como inimigos declarados que são, por que você defendeu James e ameaçou Allen Belmonde naquela noite? Por que se deu o trabalho de salvar a égua? Ela não era sua!

— Eu sou apaixonada por cavalos. E Sweet Susie era especial. Eu não podia permitir que bandidos a levassem e a maltratassem. A propósito, eles já foram capturados?

As atribuições com o casamento realizado poucos dias antes e os prazeres da lua de mel tinham impedido Gordon Dickens de organizar as buscas. O que lhe importava, afinal, o destino de uma égua quando sua esposa o esperava na cama, sedutora e sorridente? Só de pensar em Helen, Gordon sentia que corava.

— Ainda não. — Ao finalmente responder, sua voz soou fria e ríspida. Quem pensava que era para questionar o magistrado de Baltimore? — Estou esperando sua resposta, srta. Warfield. Por que ameaçou Allen Belmonde naquela noite?

— O fato de Sweet Susie pertencer a Allen Belmonde, que nunca foi um homem particularmente simpático, não era importante para mim. Ela poderia pertencer a qualquer um. Inclusive a Mortimer Hackey, um sujeito detestável, que eu a teria protegido da mesma forma. Apenas achei injusto que ele afrontasse James com acusações completamente infundadas. Na verdade, fiquei indignada com sua atitude.

— Tão indignada que depois resolveu lhe dar um tiro?

A indignação se transferiu para James. Até aquele instante, ele se mantivera em silêncio, apoiado contra o console da lareira. Sem pensar nas consequências de seu ato, avançou sobre o magistrado e o levantou da poltrona pelo colarinho.

— Essa foi a acusação mais ridícula que eu já ouvi!

— Eu só estou fazendo meu trabalho. — Gordon Dickens mudou imediatamente de tom. — Você sabe que ela fez ameaças a Allen Belmonde. Jessie Warfield gosta de agir como um homem, de se vestir como um homem. Talvez ela também saiba atirar como um homem.

O médico, calado até aquele instante, achou por bem se manifestar, antes que James perdesse o controle e desse um merecido soco no magistrado.

— Talvez você não saiba, mas Allen Belmonde quase se casou com Ursula Wyhdham, a irmã de James.

James virou-se para o médico e encarou-o como se lhe tivesse nascido um segundo par de orelhas.

— Ainda bem que foi *quase*. Como o casamento não se realizou, eu não precisei matá-lo — James declarou com um suspiro. — Mas como você obteve essa informação, Dancy?

— A esposa do sr. Belmonde adoeceu logo nos primeiros dias de casada é eu fui chamado para atendê-la. Ela estava com os nervos em frangalhos. Chorava por qualquer motivo a todo instante. Eu diagnostiquei uma depressão. Durante o tratamento ela me contou que o marido a chamava constantemente de Ursula durante as relações conjugais e que isso acabou afastando-os.

Perplexo com a revelação, James soltou o colarinho de Gordon Dickens, alisou a frente de seu paletó e o devolveu gentilmente ao assento.

— Eu aconselhei Alice Stoddert a não se casar com ele — James confessou. — Avisei-a que ele pretendia atingir Ursula através dela por tê-lo trocado por Giff. Infelizmente, Alice não quis me ouvir. — James se deteve e olhou para o magistrado. — Você terá de me prometer que o que acaba de ouvir ficará apenas entre nós. Você também, Dancy. Entendi as razões que o levaram a divulgar seu segredo. Eu também lhes falei em confidência e espero idêntico sigilo. Obviamente, nada do que foi discutido tem a ver com o assassinato de Belmonde.

Gordon Dickens afrouxou o nó da gravata.

— Eu concordo com você, James. Nenhum desses fatos parece ter levado o pobre Belmonde à morte.

— Quem você acha que matou Allen Belmonde, James? — Jessie perguntou, aliviada.

— Não faço a menor idéia. Você estava certa ao afirmar que aquele sujeito nunca foi um homem particularmente agradável. Ele tinha dois sócios. Qualquer negócio envolve discussões e decisões. Talvez você pudesse prosseguir com a investigação, Gordon, por esse caminho.

— Os três sócios se odiavam, na verdade. Viviam se acusando uns aos outros. Esse caso ainda vai me dar muita dor de cabeça. Eu estava torcendo para que um de vocês fosse o culpado. Teria sido bem mais fácil.

— Um de nós? — Dancy Hoolahan protestou, aturdido.

Oslow Penny se manifestou antes que a conversa se desvirtuasse.

— Talvez a resposta esteja nas corridas de cavalos. O sr. Belmonde costumava apostar alto e não era um bom pagador. Provavelmente estava afundado em dívidas antes de morrer. Ouvi rumores de que ele foi o responsável pelo envenenamento de um puro-sangue de quatro anos, chamado Rainbow, na corrida de Baltimore Plate no ano passado. O crime não ficou provado, mas o cavalo dele ganhou, e lhe deu um prêmio substancial em dinheiro.

— Sem provas, não há crime. — Gordon suspirou e se levantou. — Maldito assassino! Se ele tivesse empurrado Belmonde do alto de uma ribanceira, eu poderia determinar sua morte como acidental!

James, como amigo, resolveu ir à casa de Alice Belmonde, em St. Paul Street, para lhe oferecer apoio. Por coincidência, sua mãe, Wilhelmina Wyndham, chegou ao local ao mesmo tempo, na carruagem de quatro rodas com capota móvel, que James lhe dera de presente três anos antes.

— De quem será esse landô? — A sra. Wyndham apontou para a outra carruagem parada na frente da casa. — Livre-se de seu dono, James. Agora que estamos aqui, Alice não precisa de estranhos ao seu redor, mais empenhados em terem sua curiosidade satisfeita do que em oferecer seus préstimos.

— A senhora avisou Alice que viria? — James indagou enquanto ajudava a mãe a descer do veículo.

— Não.

James apertou a mão que a mãe colocara em seu braço e deu um sorriso complacente. Nada nem ninguém conseguia dissuadir a sra. Wilhelmina Wyndham de algo que ela se determinava a fazer.

As visitantes eram Glenda e Jessie Warfield. Glenda estava sentada em uma namoradeira, elegantemente vestida com um vestido de musselina amarelo-claro. Jessie estava em pé, ao lado de Alice, com a mão em seu ombro, em um gesto de conforto. Trajava um vestido de lã cinza, provavelmente descartado pela irmã, que a fazia parecer uma noviça. Como o outro, era folgado no decote. Ela estava insistindo para que a viúva experimentasse os pãezinhos frescos com a geleia de morango que lhe trouxera.

James se apiedou da figura cabisbaixa de Alice. O choque obviamente lhe roubara o apetite. Pensou em afastar Jessie e abraçar e confortar Alice, como a maioria dos visitantes devia estar fazendo. A firmeza de Jessie o surpreendeu e o fez reconsiderar sua posição.

— Sua governanta me contou que você não tem comido nada. Precisa se alimentar, Alice, ou acabará doente, e isso não resolverá o problema. Ou você come esses pãezinhos por bem, ou eu os empurrarei por sua garganta abaixo.

Incapaz de se zangar com Jessie, Alice conseguiu esboçar um sorriso e finalmente notar a presença dos recém-chegados.

— Oh, sra. Wyndham! James. Sejam bem-vindos. Jessie retraiu-se. A sra. Wyndham a constrangia.

Sempre que a via, Jessie dava um jeito de se afastar. Uma estratégia impossível naquele momento. A mãe de James estreitou os olhos.

— Você jejuou por três dias, Alice. Allen Belmonde não merece ser chorado por mais tempo. Eu aceito tomar uma xícara de chá com você e comer alguns desses pãezinhos que Jessie lhe trouxe.

— Sim, senhora.

Pela primeira vez, e atônita por sua audácia, Jessie se dirigiu à mãe de James.

— Muito bem, senhora.

Wilhelmina Wyndham olhou Jessie de cima a baixo. Em seguida, ignorando-a, ergueu o queixo e se dirigiu a Glenda.

— Você está bonita, Glenda, mas esse decote exagerado estragou seu vestido. Pegue isto, querida. — Glenda franziu o cenho ao notar um lenço branco na mão da velha senhora. Quase engasgou ao ouvi-la sugerir que o colocasse sobre os seios e prendesse as pontas sob o decote. — Quanto a você, Jessie, devo confessar que sua aparência me causou uma leve surpresa — a sra. Wyndham prosseguiu com sua indiscrição e com seus modos que deixavam a desejar. — Menos mau que não esteja cheirando a cavalo, hoje. Eu também lhe emprestaria um lenço para que o colocasse no peito na tentativa de preencher esse decote, mas trouxe apenas um. Falarei com sua mãe na primeira oportunidade. Ela precisa providenciar vestidos sob medida para você.

James, embora acostumado ao comportamento rude da mãe, teve de admitir que ela ultrapassara todos os limites de tolerância naquela tarde. Se a governanta de Alice não estivesse entrando na sala naquele exato instante com a bandeja do chá, ele teria encerrado a visita, sem cumprir seu propósito.

— Eu gostaria de falar com você, Alice, no escritório de Allen. — James aproveitou para chamar a amiga enquanto a mãe se ocupava com o chá.

O escritório apresentava um aspecto severo, com móveis e prateleiras em madeira escura e um tapete Axminster marrom, colocado entre a porta e a escrivaninha. James entrou, levando Alice consigo, e a fez sentar em uma cadeira.

— Minha mãe foi extremamente indelicada com você, mas ela tem razão. Allen não foi um bom homem, nem um bom marido. Você precisa vencer essa depressão. Muitas pessoas dependem de você para sobreviver.

— Sou mulher, James. Não tenho uma profissão. Allen nunca me colocou a par de seus negócios. Dizia que meu trabalho era estar à disposição dele, quando me queria, e criar os filhos, quando eles nascessem. Agora ele se foi e eu não sei o que fazer. Não tenho ninguém para me orientar, para me ajudar a tomar as decisões necessárias.

— Você o amava?

— Pensei que o amasse, James. Você sabe que eu gostava dele e que me casei com ele acreditando que fosse um casamento por amor. Acreditava que seria capaz de fazê-lo esquecer Ursula, mas isso não aconteceu. Ele vivia me comparando com ela, e me humilhando. Assim, em vez de continuar tentando fazer com que nosso casamento desse certo, eu me afastei dele. Acho que irei para o inferno, agora que ele morreu.

— Não diga isso nunca mais. Eu penso justamente o contrário. Você agüentou demais. A morte dele não a levará para o inferno, ela o livrou do inferno que foi sua vida com ele.

— Os sócios de Allen estiveram aqui e me disseram que os negócios vão mal e que eu não deveria esperar receber nenhum dinheiro. Não pretendo reivindicar a parte

que cabia a meu marido porque sei que meu pai cuidará de mim. Ele não entregou meu dote de uma só vez. Prometeu a Allen um pagamento em base anual, e esse dinheiro continuará sendo doado a mim. Dessa forma, eu não precisarei tornar a me casar, se não quiser.

— Folgo em ouvir essa notícia. Quanto aos patifes dos sócios dele, Daniel Raymond, o advogado de Allen, providenciará para que você receba cada centavo do que lhe for devido. Embora esse dinheiro não lhe faça falta, a justiça deve ser feita. E você, Alice, como a mulher inteligente que é, deve começar a pensar em si própria como dona de um importante haras. Há muito a aprender sobre seu gerenciamento.

— Jessie também me disse isso. Ela se ofereceu para me ensinar tudo que sabe sobre cavalos.

A informação emudeceu James. O que, afinal, Jessie estava pretendendo?

— Eu não sabia que você e Jessie eram tão boas amigas.

— Oh, nós somos amigas há vários anos. Também sou amiga de Nelda e de Glenda. Admiro Jessie por seu espírito livre. Ela nunca aceitou que a trancassem em casa para que não se expusesse ao sol, que a colocassem de castigo por danificar um vestido, ou por querer cavalgar quando tivesse vontade. Jessie sempre foi determinada e corajosa, e eu sempre fui dependente e covarde. Mas ela me disse que eu posso perfeitamente mudar porque agora não há mais um homem para mandar em mim. Que a escolha passou a ser minha. Que agora eu posso fazer tudo o que bem entender.

Jessie dissera tudo aquilo? Seria possível que ele estivesse errado? Que Alice Stoddert Belmonde não era uma mulher frágil, que sempre precisaria de um marido, de um pai ou de um irmão para protegê-la?

— Jessie não é tão livre quanto você imagina. Ela também é mulher e ainda mora com os pais a quem deve obediência.

Os olhos de Alice encheram de lágrimas.

— Então você acha que Jessie não poderá me ajudar?

— Eu não disse isso. Apenas você precisa entender que nem tudo é o que parece. Antes de qualquer outra coisa, Raymond e eu teremos uma conversa com os dois esper-talhões que foram sócios de Allen. Mais tarde, Raymond deverá passar por aqui para você assinar alguns documentos. Nesse ínterim, trate de comer e de se recuperar e refletir sobre tudo o que Jessie lhe falou.

— Também precisaremos conversar sobre Mortimer Hackey — Alice lembrou.

Hackey era dono de um pequeno haras a oeste de Baltimore. Era o sujeito mais sórdido que James conhecia.

— O que aquele canalha tem a ver com você?

— Ele quer comprar o rancho e está fazendo planos para tomar o lugar de Allen. Ele tem vindo aqui todos os dias. Olha para mim daquele jeito que você sabe e segura minhas mãos mais tempo do que o necessário quando me cumprimenta ao chegar e quando se despede. Ontem, ele teve a ousadia de me beijar no rosto ao ir embora.

— Das próximas vezes, mande a sra. Partridge dizer a ele que você não está em casa. Assim que for possível, eu terei uma conversa com Hackey. Fique tranqüila.

Gritos ecoaram subitamente pela casa. James e Alice se entreolharam e se apressaram a abrir a porta do escritório e voltar para a sala.

— Não há nada mais deplorável do que a falta de respeito para com os mais

velhos! Você, Jessie Warfield, precisa aprender a se calar e a ouvir os conselhos de quem tem mais experiência de vida. Não admitirei que torne a falar comigo da maneira que falou!

— Mas, senhora, Nelda se casou com Bramen Carlysle porque quis, não porque mamãe a obrigou. Papai, inclusive, discordou da escolha. Ele disse que a ideia de ter um genro mais velho do que ele lhe dava engulhos.

Wilhelmina Wyndham deu um grunhido à reiterada impertinência.

— Não vou continuar escutando suas explicações, Jessie. Você ainda é pouco mais do que uma criança. Acha que sabe tudo, mas não sabe nada. Eu conheço sua mãe. Ela é ardilosa. Aprendeu algumas táticas comigo. Ambicionava um marido rico para Nelda e fисgou Bramen, Não repita que foi sua irmã quem o escolheu, porque não foi. Ou eu terei de me queixar com sua mãe. Aliás, eu deveria falar com ela, de qualquer forma, para ensiná-la a lidar com você. Jessie se levantou.

— Vamos, Glenda. Vamos nos despedir de Alice.

— Eu não vou sair daqui — Glenda declarou. — Não seja indelicada com a sra. Wyndham. Em breve, eu espero que ela venha a ter todo o direito de se envolver em nossas vidas.

Os olhos da mãe de James pousaram em Glenda, numa ostensiva avaliação.

— Eu entendi perfeitamente seu recado, Glenda Warfield. Você está de olho em meu filho. Meu conselho, nesse caso, é que você se coloque sob minha inteira disposição. Talvez assim seu sonho possa ser realizado. Se James tivesse me escutado, seu casamento não teria terminado tão tragicamente. Aliás, aquele casamento nunca teria acontecido.

Agora foi James quem tentou encerrar a conversa, e também a visita.

— Já nos demoramos demais, mãe. Alice está cansada.

— Sim, querido. — A mãe se levantou e ajeitou os cachos que emolduravam o rosto ainda bonito.

Ao se despedir, James se ofereceu para acompanhar Jessie. Glenda não permitiu que a irmã respondesse. Imediatamente se colocou de pé e disse que não era necessário. Ao saírem, encontraram a outra irmã, Nelda, que se preparava para bater à porta.

Jessie rezou para não chover, mas suas preces não foram atendidas. Ela já deveria ter se acostumado. Afinal, vivia em Baltimore desde que nascera. A maioria de seus conterrâneos acreditava que Deus dera ordens para que as nuvens se abrissem e derramassem suas águas sobre a cidade a intervalos de dez minutos quando o sol tinha permissão de brilhar.

O ar estava frio e pesado, a noite mais escura do que a alma de um pecador. Jessie se abraçou sob o casaco de lã e se inclinou sobre as roseiras para espiar o baile.

O salão dos Blanchard estava apinhado. Ela avistou James quase imediatamente. Mais alto que a maioria dos homens, destacava-se entre os convidados. Estava rindo de algo que lhe haviam dito. Ela nunca o fizera rir daquele jeito, tão natural e irresistivelmente.

O convite fora extensivo a ela, mas, como de hábito, recusara-se a acompanhar sua família. Para alívio de sua mãe. Jessie entendia os motivos pelos quais a sra.

Warfield preferia que a filha caçula ficasse em casa. Vestida como Glenda, esforçando-se para parecer uma dama, Jessie faria papel de tola e envergonharia a irmã e a mãe, em especial. Mas sua presença naquela festa dessa vez era imprescindível, mesmo que ela a assistisse do lado de fora. Sem querer, ouvira os planos que sua mãe e Glenda tinham feito para aquela noite.

Não permitiria que James fosse apanhado em uma armadilha. Ele podia ter uma porção de defeitos, mas não merecia viver com uma mulher como Glenda pelo resto de seus dias. Se ele gostasse de Glenda, a história seria diferente, mas James lhe dissera, com todas as letras, que jamais se casaria com ela.

Ah, lá estava Glenda, marchando em direção a James, com deliberado propósito. Estranho que ela não estivesse olhando para o rosto dele, e sim para a parte superior de sua calça. James finalmente a viu e lhe ofereceu um sorriso. Virou-se em seguida, e continuou falando com Daniel Raymond, o advogado que estava cuidando dos interesses de Alice Belmonde. Mas Glenda não desistiu de seu intento, exatamente como Jessie previra. Com o queixo erguido e os seios empinados, insinuou-se entre os dois homens e segurou o braço de James. Jessie podia adivinhar suas palavras pelo jeito coquete de sua irmã sorrir. Um instante depois, James franziu ligeiramente, o cenho, desculpou-se com o advogado e conduziu Glenda para a pista de dança.

Jessie se afastou das roseiras e correu para um velho olmo, de onde esperava poder ouvir a conversa quando Glenda levasse James para o jardim. O que certamente aconteceria. Jessie subiu rapidamente pelos galhos e se escondeu entre as folhas.

E esperou. E esperou.

A valsa deveria ter terminado no século anterior. Teria dado tempo para Glenda desmaiar dez vezes para que James a levasse para fora para respirar ar fresco. Jessie cogitou descer da árvore, mas e se eles já tivessem saído para o jardim, e apenas não estivessem suficientemente perto para que ela escutasse suas vozes? Para complicar a situação, seu pé esquerdo estava começando a formigar, obrigando-a a movimentá-lo para estimular a circulação do sangue.

O que Jessie não antecipara era que o movimento fosse fazer o resto de seu corpo se desequilibrar. Agarrou-se com força ao galho ao perceber que estava escorregando. Uma protuberância arranhou sua face.

Justamente nesse momento, ela ouviu um murmúrio.

Fechou os olhos e parou de respirar. Agarrou-se com mais força ao galho e aguçou os ouvidos. Eram vozes masculinas e estavam se aproximando. Uma delas era de James. Seu coração disparou.

— O que você pensa não me interessa, Wyndham.

— Não dava para ver o dono daquela voz, mas Jessie tinha certeza de que era Mortimer Hackey, um sujeito abominável que enriquecera misteriosamente. — Eu quero aquelas terras.

— Sim, eu sei disso. Só estou lhe dizendo que Alice Belmonde não a colocou à venda. Parece que a viúva de Allen está empenhada em aprender a administrar pessoalmente a propriedade e os negócios.

— Estou disposto a qualquer coisa para possuir aquela propriedade. Até mesmo a me casar com Alice, embora Allen não tenha feito segredo aos amigos de que ela não é lá essas coisas na cama.

— Deixe Alice em paz, Hackey! Este é meu último aviso. Se tornar a incomodá-la, eu farei com que se arrependa — James ameaçou.

— Não me desafie, inglês arrogante! Não sabe com quem está falando!

Jessie estremeceu. Era a segunda vez que presenciava um arroubo de cólera por parte de Mortimer Hackey.

A voz soara impregnada de fúria à advertência que ele fizera, a um de seus jôqueis segundos antes de lhe cortar o rosto com o chicote.

Devagar e com cautela para não cair e também para não ser pega em flagrante, Jessie apanhou a arma no bolso do casaco. Prendeu o fôlego ao ver Hackey se colocar sob seu ângulo de visão, com uma arma apontada para James.

— Seu miserável! Não quer que eu me aproxime de Alice porque a deseja para si. Vocês são amantes. Já dormiam juntos quando ela ainda era casada. O pobre Allen precisou recorrer às meretrizes de Baltimore para afogar suas mágoas. Mas eu não sou da mesma laia que Allen. Antes de permitir que você se interponha em meu caminho, eu lhe meterei uma bala nos miolos!

— Eu e Alice? Sujeito imundo! De onde tirou essa idéia?

James saltou sobre o homem abruptamente e agarrou o punho que segurava a arma. Hackey reagiu. Em vez de soltá-la, segurou-a com mais força. Para se defender, James o obrigou a erguer a mão para o alto. Não estava preparado para o que veio a seguir. Com uma rapidez impressionante, Hackey socou-o com a outra mão e o derrubou. Mas, dessa vez, foi Hackey quem se surpreendeu, porque James o levou consigo para o chão.

Mais jovem e mais ágil, James atingiu seu agressor no estômago. Sua vantagem, porém, foi ilusória. Sem nunca ter soltado a arma, Hackey tornou a apontá-la.

— James? Onde você está? — Jessie estremeceu ao reconhecer a voz de Glenda.

— Estou perto, mas não tente se aproximar — James alertou-a. — Fique onde está.

Hackey deu uma risada sinistra. Jessie percebeu que ele estava se preparando para atirar e antecipou-se, apertando o gatilho. Contudo, por mais que tentasse se firmar, agarrando-se ainda mais ao galho, só conseguiu arranhar as mãos, os braços e o rosto antes de cair.

Aconteceu tão inesperadamente que James não teve tempo para se preparar. Jessie desabou sobre ele, jogando-o de costas no chão com tanto impacto que o ar foi arrancado de seus pulmões.

Mortimer Hackey, de pé, com os braços ao longo do corpo, ainda segurando a arma, parecia mais perplexo do que com raiva.

— Maldita Jessie Warfield! Você tentou me matar! Acertou meu pé!

Embora estivesse entorpecido com a queda, James não perdeu o raciocínio. Jessie o salvara. Ele rolaria e ficaria por cima dela para protegê-la, a qualquer tentativa de retaliação por parte do infame Hackey.

— James! — Glenda tornou a chamar.

Por mais que desejasse advertir a irmã, Jessie não conseguiu se expressar.

— Glenda, minha filha! — A voz de Portia Warfield ecoou pelo jardim alguns segundos depois, vinda de outra direção. — Você não deveria ter vindo para o jardim com James. As pessoas estão comentando...

Pelo som das vozes, sua mãe e sua irmã estavam a poucos metros de distância.

Jessie sacudiu a cabeça para desanuviá-la. James estava respirando, mas não se movia. Devia ter desmaiado.

— Acho melhor o senhor ir embora daqui, sr. Hackey, se não quiser que chamem a polícia. Eu não tive intenção de atirar em seu pé. Era em seu braço que eu estava mirando.

O homem praguejou e chutou Jessie antes de escapar por entre os arbustos em direção à parte de trás dos jardins. Sem fôlego de dor, Jessie fechou os olhos por um instante e apoiou a cabeça no peito de James. Ele estava respirando, mas continuava imóvel.

— Acorde, James. Por favor, acorde. — Jessie tentou reanimá-lo, batendo ligeiramente em suas faces. — Eu sinto muito. Não queria machucá-lo.

James pestanejou. Jessie estava deitada em cima dele, os seios pressionando-lhe o peito, as pernas abertas em torno das dele. Seu rosto estava tão próximo que ele podia sentir o hálito morno contra a boca.

— Você caiu da árvore. Está inteira?

— Sim, mas não consigo parar de tremer. Desculpe o abuso, mas ainda não estou em condições de sair de cima de você.

— Não tenha pressa — James respondeu, mas empurrou-a levemente de modo a livrar uma de suas pernas que estava doendo demais. — É sempre bom sentir o contato de um corpo feminino. As roupas que você usa não fazem justiça às suas formas.

— Ora, James. Eu sou mulher. O que você esperava? — Jessie se obrigou a se mover e a tentar se levantar ao finalmente se dar conta do outro lado da situação em que ela e James se encontravam.

— Devagar! — ele murmurou. — Eu não falei isso para provocá-la. Não há razão para você se portar, de repente, como uma donzela tímida.

— Minha mãe e Glenda estão...

Não houve tempo para Jessie terminar a frase, nem para se mover e sair de cima de James, quanto mais de escapar ao flagrante.

— Oh, Deus! — exclamou a sra. Warfield. — Não era Glenda, mas Jessie, quem estava com James. Como isso pôde acontecer?

Outra voz feminina chegou aos ouvidos de Jessie e de James.

— James, meu filho! Como pode ser? Você e Jessie Warfield aos beijos!

Aquilo não podia estar acontecendo. James não conseguiu responder. Sua mãe, a mãe de Jessie, e mais meia dúzia de pessoas estavam ali, olhando para ele e para Jessie, e interpretando a cena como ele próprio a teria interpretado, se estivesse de fora.

Jessie sentia dores por todo o corpo, mas James estava pior do que ela. Deram-lhe uma xícara de chá para aquecê-la e uma dose de conhaque para James. A casa da sra. Wyndham ficava vizinha à residência dos Blanchard, e as duas mães decidiram levar os filhos para lá na tentativa de poupá-los de uma avalanche de comentários maliciosos.

Se um buraco se abrisse a seus pés e a tragasse, Jessie agradeceria. James estava olhando para o console da lareira como se quisesse comê-lo, ou, talvez, apenas mastigá-lo e cuspi-lo em alguém. Provavelmente nela! Os pais de Jessie e Glenda estavam lá. Em silêncio, graças a Deus.

A sra. Wyndham estava surpreendentemente calada, imersa em pensamentos.

Glenda atravessou a sala e se colocou de joelhos ao lado da cadeira onde James estava sentado.

— Quer que eu chame o dr. Hoolahan para examiná-lo?

— Não. Ele deve estar ocupado com Hackey. Sua irmã deu um tiro no pé dele. Não foi isso, Jessie?

— Sim.

— Jessie e eu dissemos á verdade, Oliver. — James suspirou.

— Não sei. — O pai de Jessie esfregou o queixo. — Eu vi Jessie deitada em cima de você, beijando-o.

— Ela não me beijou.

— Ela estava acariciando seu rosto. Todos viram isso. James tornou a suspirar e a explicar o que realmente acontecera.

— Eu estava discutindo com Mortimer Hackey sobre Alice Belmonde. Ele quer se apoderar das terras de Alice a qualquer custo. Eu o avisei para que a deixasse em paz. Alice me contou que ele a tem assediado e me confessou que não tem nenhum interesse nele ou em vender a propriedade. Não era minha intenção brigar com o sujeito na festa, por isso saímos para o jardim. Ele me ameaçou com uma arma e nós nos engalfinhamos. Eu dei um soco em seu estômago, mas não consegui desarmá-lo. Ao ver que Hackey se preparava para atirar em mim, Jessie o acertou. Eu só a vi quando ela caiu da árvore em cima de mim. Esta é a verdade.

Oliver Warfield moveu a cabeça de um lado para outro. A sra. Warfield crivou Jessie de perguntas.

— O que você estava fazendo no jardim dos Blanchard? Em cima de uma árvore?! E por que portava uma arma? Você disse que não queria ir à festa!

Todos estavam olhando para Jessie, inclusive James. Ela baixou os olhos e tornou a erguê-los para James. E nesse instante, ele descobriu que não queria que Jessie contasse o que realmente acontecera.

— Eu estranhei que tanta gente estivesse saindo para o jardim — James afirmou após um instante de hesitação. — Ouvi Glenda chamar meu nome. Depois ouvi a sra. Warfield se dirigir a Glenda como se soubesse que a encontraria comigo no jardim.

A mãe de Jessie se mostrou incomodada. De repente pareceu ficar com sede e pediu mais uma xícara de chá. A mãe de James, de cenho permanentemente franzido, ignorou-a.

— Agora tudo ficou claro, minha cara amiga. Você pediu que eu reunisse alguns amigos e que fôssemos ao jardim porque queria nos fazer uma surpresa. Céus, Portia, você nos queria como testemunhas. Eu disse a Glenda que você era ardilosa, que eu a conheço desde que éramos crianças, mas desta vez seu plano não funcionou. Você queria que nós surpreendêssemos James com Glenda! E ele estava com Jessie!

— Não!

— Sim, Portia. Glenda está vermelha como um tomate. Você e Glenda não podiam adivinhar que Hackey e Jessie apareceriam em cena e jogariam seu esquema por água abaixo. Agora, a reputação de Jessie ficou arruinada e meu filho carregará a insígnia de sedutor de virgens. Francamente, Portia! Se você tivesse discutido sua idéia comigo, eu poderia ter tentado ajudá-la de alguma forma. Mas você não me contou sobre a armadilha

que estava preparando e veja só no que deu.

Aquilo já era demais. Jessie se levantou de um salto, apesar da dor.

— Que ridículo! Eu seria a última virgem que James tentaria seduzir. Não há nada de errado com a minha reputação. Quero ir para casa.

— Não antes de me dizer o que estava fazendo no jardim dos Blanchard — a sra. Warfield insistiu.

James se colocou entre Jessie e a mãe.

— A questão já foi esclarecida, como minha mãe propriamente afirmou. Não importa o que Jessie estava fazendo em cima daquela árvore. Ela me salvou. Mortimer Hackey teria atirado em mim se ela não o acertasse.

— Espere, James! — A sra. Wyndham o impediu de sair, ao vê-lo rumar para a porta. — A conversa ainda não terminou.

— Não há mais nada a ser dito! — Jessie protestou e virou-se para o pai. — James está certo.

Jessie se encaminhou para a porta, ignorando os gritos da mãe, e sem esperar pelo pai. James a seguiu.

— Eu a levarei para casa, Jessie. É o mínimo que posso fazer em retribuição ao imenso favor que me prestou.

Eles desceram a rua, atravessaram Waterloo Road e entraram em Calvert Street. Começou a chover. O céu estava mais escuro do que carvão. Ambos estavam de chapéu, mas isso pouco ajudou. Os pingos vinham de todas as direções. Uma súbita rajada de vento arrancou o chapéu da cabeça de Jessie e ele caiu em uma valeta.

— Que raiva! Não há mais nenhum no velho baú.

James tirou o próprio chapéu para oferecer a Jessie, mas ela não aceitou. Encharcados até os ossos, prosseguiram em silêncio, cada um tentando adivinhar o pensamento do outro.

— Por que você subiu naquela árvore? — James foi o primeiro a falar.

— Para salvá-lo.

— Sim, eu reconheço que lhe devo minha vida. Mas, e antes? Por que você subiu na árvore?

— Para salvá-lo.

James refletiu por um instante.

— Agora entendo. Você estava bisbilhotando. Ouviu a conversa de Glenda com sua mãe a meu respeito, não foi?

— Sim. E desta vez você não vai dizer que é feio escutar atrás das portas, não é?

— Não. Como poderia repreendê-la se eu poderia estar morto a esta altura? Por outro lado, o que você pretendia fazer com a arma, caso Mortimer não tivesse aparecido? Defender-me de Glenda se ela me atacasse e tentasse me despir?

— Eu daria um tiro para o alto. Glenda tem pavor de armas. Ela se afastaria de você e voltaria às pressas para o baile.

— Por que quis me salvar de Glenda, Jessie?

— Era preciso — Jessie respondeu e afrouxou as rédeas de Benjie para que ele

corresse mais.

James logo a alcançou. Seguiu ao lado dela em silêncio e só tornou a falar ao se despedir, para marcar um encontro após as corridas que seriam realizadas na manhã seguinte.

— Não.

— Por que não?

— Não temos nada para conversar. Esqueça o que houve.

James não insistiu. A chuva continuava a cair. O frio era intenso. A velha égua, Dimple, deveria estar com tanta pressa quanto ele para voltar para casa e se abrigar.

Se ele pudesse adivinhar o que lhe aconteceria nos próximos dias, certamente teria rumado para longe, por um caminho sem retorno.

A chuva havia parado, felizmente, mas o estado da pista continuava precário. A presença de damas ao hipódromo era inferior aos índices habituais. O clima era de euforia, mesmo assim, porque os maiores apostadores nunca perdiam as corridas de quarto de milha, cujas disputas eram as mais acirradas.

James participaria do terceiro páreo, com seu cavalo Console. Como de praxe, ele segurou as rédeas e seguiu a pé com o cavalo para um pequeno passeio, enquanto conversava com o animal. Por mais incrível que parecesse, Console relinchou duas vezes como que para mostrar a seu dono que entendera o que deveria fazer: não tentar tirar o cavalo de Jessie da pista; mas para fazer exatamente isso com o jóquei de Mortimer Hackey.

Console ultrapassou Jessie nos primeiros metros, deixando-a e Jigg, um bonito animal de três anos e pelo preto e lustroso, irremediavelmente para trás. Duas corridas já haviam sido realizadas. Lama voava por todos os lados, sobre os cavalos e os cavaleiros. James seguia quase deitado, para distribuir seu peso e ajudar seu cavalo a aumentar a velocidade. Em poucos instantes, colocou-se na retaguarda do cavalo de Mortimer Hackey.

— É aquele! — James avisou. — Pegue-o!

Console investiu contra o pescoço do outro cavalo, jogando-o para fora da pista e derrubando o cavaleiro, que aterrissou em uma enorme poça de lama. Correu ainda mais rápido depois disso e atravessou a linha de chegada em primeiro lugar, recebendo o prêmio no valor de duzentos dólares.

— Dê-lhe uma porção extra de aveia — James instruiu o tratador. — Ele fez por merecer.

Outras seis corridas foram realizadas. Às três horas a tarde, a chuva espantou os espectadores e abreviou o encerramento do evento. Fora um dia de sorte para James. No quinto páreo ele foi novamente o vencedor e o segundo colocado no sexto, perdendo apenas para Jessie, com seu cavalo Bonny Black. Acompanhado de Oslow e de três de seus rapazes, James preparava os cavalos para o regresso ao haras, quando Mortimer Hackey o abordou.

— Patife! Jogou seu cavalo em cima do meu e quase quebrou a cabeça do meu jóquei. O dr. Hoolahan o proibiu de montar por três semanas.

James encolheu os ombros.

— Você apontou sua pistola para mim. Esperava que eu fosse lhe oferecer a outra

face? Que eu fosse ter compaixão de quem vive usando seu chicote contra os adversários?

Furioso, Mortimer Hackey começou a avançar contra James. Ninguém reparou na presença de Jessie até que ouviram sua ameaça.

— Se der mais um passo, eu atirarei em seu outro pé!

— Mortimer está protestando contra o resultado da terceira corrida — James explicou.

O outro resmungou algo ininteligível e se afastou. Após alguns passos, virou-se para trás e demonstrou sua raiva através de um movimento com o punho fechado.

— Como está se sentindo, Jessie?

— Bem. E você?

— Sobreviverei. Vaso ruim não quebra.

Jessie fez um gesto de assentimento e se afastou sem se importar com a chuva que começava novamente a cair. James acompanhou-a com o olhar. Queria perguntar como a família a estava tratando, mas não o fez. Concordava com os protestos de Jessie. As acusações contra ela tinham sido ridículas.

A chuva parou tão subitamente quanto começara. As nuvens se dissiparam e um sol ainda mais dourado do que antes brilhou sobre a pista. Mas já era tarde demais para darem prosseguimento às corridas. James estava assobiando enquanto caminhava por entre as poças quando, ao passar pela carroça de lona branca de Luther Swann, foi surpreendido por uma cena inesperada. Ainda mais rude, pelo efeito da bebida, Luther estava pressionando Jessie contra a lateral da carroça, forçando-a a beijá-lo.

— Largue-a! — James vociferou. O outro se afastou, rindo.

— Ora, James! Um pouco de diversão não faz mal a ninguém. Você também se divertiu com ela ontem na festa dos Blanchard. Todos estão comentando. Eu fiquei curioso. Sob essas roupas de homem, existem formas bem femininas, você não acha?

— Basta!

— Está querendo-a só para você, não é? Quanto egoísmo...

O sujeito não pôde continuar. James agarrou-o pela parte de trás do colarinho e arremessou-o sobre uma poça de lama. Jessie continuava encostada à carroça. Sua palidez o impressionou. E nesse momento ele viu um filete de sangue escorrendo de seu pescoço.

Como um alucinado, James virou para trás e viu Luther Swann se levantando. Um raio de sol refletido em algo metálico o fez pestanejar e se lançar novamente contra o agressor de Jessie, socando-o vezes sem conta até que o impediram de continuar.

— O que está acontecendo, James? — indagou Oliver Warfield, os olhos voltados para o corpo imóvel na lama. — Por que você bateu em Luther?

— Não reparou no estado em que sua filha se encontra? Como pode me reprovar por tê-la defendido desse sujeito que a ameaçou com uma faca?

— Eu não tenho como verificar o estado de minha filha, James. Ela não está aqui.

Luther voltou a si a tempo de ouvir as palavras de Oliver e aproveitar para se defender na ausência de Jessie.

— Sua filha Jessie me provocou. Aliás, ela provoca todos os homens, andando por aí desacompanhada e vestida como um de nós. Soubemos que ela esteve com James

ontem à noite e resolvemos cobrar nosso quinhão. Sam e eu a disputamos no cara ou coroa para decidir quem a teria primeiro.

Dessa vez foi James quem teve de tirar o pai de Jessie de cima de Luther Swann, antes que o matasse. Oliver se afastou, movendo a cabeça de um lado para outro e falando sozinho. James o alcançou.

— Oliver, espere. Nós precisamos fazer alguma coisa.

— Nós? — Oliver retrucou, irado. — Jessie foi vista em seus braços ontem à noite. O que espera que eu faça? Que esmurre cada imbecil que se sentir no direito de dizer gracinhas sobre o infeliz episódio?

— Eu não sei — James confessou. — Concordo com Jessie sobre ser um absurdo alguém nos acusar de um comportamento escandaloso.

— As pessoas adoram um escândalo. Se a história não é real, elas torcem os fatos sem se importar com os danos que suas mentiras podem causar. Você venceu três corridas hoje. Espero que esteja satisfeito e que possa comemorar sozinho sua vitória. Desta vez eu não o visitarei em sua casa com uma garrafa de champanhe.

James ficou olhando Oliver se afastar, trespassado de culpa e de raiva. Não era por causa dele que Jessie estava com problemas. Por que Oliver não tinha uma conversa séria com a megera da sua esposa e a sirigaita da sua filha Glenda?

Glenda entrou no quarto de Jessie sem bater. Raramente ia lá. Não era tão espaçoso quanto o dela, mas tinha uma vantagem. Uma das paredes era quase toda de vidro com face para o Norte. Não havia cortina, e a claridade chegava a ofuscar. A mobília escassa consistia somente de uma cama, um guarda-roupa e uma escrivaninha. A ausência de uma penteadeira era fácil de entender.

— O que está fazendo aqui, Glenda? — perguntou Jessie,

— Quero falar um instante com você.

Jessie não se levantou da cadeira que puxara para perto da janela. Estava cansada da aventura noturna e das corridas. O corte em seu pescoço latejava e ardia. Ela o desinfetara e enrolara um lenço colorido ao redor do pescoço para escondê-lo.

— Diga.

— Mamãe me pediu para lhe dar um recado. Você não deverá ir conosco à igreja amanhã. Não depois do que aconteceu ao término das corridas. Ela acha melhor você desaparecer de circulação por uns tempos. Se os homens a estão cercando, imagine o que as mulheres lhe farão.

— As mulheres?

— Mamãe disse que elas são mais severas e agressivas do que um bando de bêbados e que a farão em pedaços.

— É mentira sua. Mamãe não me mandou nenhum recado por você. Se ela quisesse falar comigo, teria vindo pessoalmente ao meu quarto.

— Tenho pensado em uma solução para o seu caso. Acho que deve ir para a casa de tia Dorothy, em Nova York. Se você pedir, papai lhe comprará a passagem imediatamente.

Tia Dorothy, a irmã mais nova de Oliver Warfield, era viúva de um pastor de caráter duvidoso. Às três sobrinhas tinham horror aos seus sermões e ao seu fanatismo religioso.

— Prefiro morrer a ir para a casa de tia Dorothy. Você a conhece tão bem quanto eu.

— Para que outro lugar você poderia ir? Se der um passo fora de casa, sua segurança estará comprometida. Os homens a abordarão com palavras e insinuações obscenas. Ouvi papai dizer que a proibirá de voltar aos hipódromos. Isso significa que não poderá continuar representando o Haras Warfield nas corridas. Sua reputação foi arruinada, Jessie. Não há chances de você continuar vivendo em Baltimore.

— Você está dizendo isso porque está determinada a se casar com James, mesmo que precise atraí-lo para sua armadilha com a ajuda de mamãe.

— Meus planos não lhe dizem respeito. Você não respondeu à pergunta de mamãe, mas eu entendi perfeitamente sua atitude. Andou escutando nossas conversas atrás das portas e se colocou em meu caminho para estragar tudo.

— James tem outra mulher, Glenda.

— Se ele for um homem honrado, como dizem por aí, um dia terá de se casar com uma boa moça de uma boa família. Nossa união lhe será extremamente vantajosa. Se James se casar comigo, receberá como dote uma parte do Haras Warfield.

— E eu?

— Papai proverá seu sustento. Ele nunca fez segredo de sua preferência por você. Sente orgulho por você partilhar de sua paixão pelos cavalos. Dinheiro nunca lhe faltará. Eu também separei minhas economias para lhe dar inicialmente. Não é muito, mas acho que trezentos dólares serão suficientes para as despesas com a viagem.

— Não preciso das suas economias. Também tenho algum dinheiro guardado.

— Faço questão de que você aceite minha oferta. Considere como um presente de despedida. Tia Dorothy está à sua espera. Eu lhe escrevi contando sobre seu problema. Também separei dois vestidos para você levar em sua bagagem.

— Dois de seus melhores vestidos, ou dois que você não usa mais por estarem fora de moda?

— Oh, está bem! Dobrarei minha oferta. Serei generosa e lhe darei quatro vestidos, um deles ainda em ótimo estado.

— E também aquele casaco de veludo verde.

— Isso é extorsão!

— Ou o casaco verde, ou nada feito.

— Com a condição de você prometer ir embora imediatamente.

Jessie olhou para o jardim. Em breve as rosas desabrochariam e o vento levaria seu perfume pelo ar até visitá-la em seus aposentos. Mas ela não estaria mais ali...

— Eu prometo.

James foi à igreja. Ele sempre acompanhava a mãe à igreja nas manhãs de domingo. Era amigo do pastor, Winsey Yellot, um homem culto e simpático, seguidor das ideias de Voltaire, que, surpreendentemente, vivera como um ateu.

Ao entrar, James procurou a família Warfield com os olhos. Eles sempre se sentavam na quinta fileira. Avistou o sr. e a sra. Warfield e Glenda. Jessie não comparecera. A mãe certamente a proibira de sair de casa, com medo das retaliações. Não era justo. As pessoas o cumprimentaram com sorrisos e votos de pronta

recuperação. Jessie, sua salvadora, ficara malvista perante a sociedade.

Naquele domingo, o tema da homilia foi a escravidão. Baltimore acabara de votar pela abolição da escravatura em todos os Estados da União. James não entendia como alguém ainda precisava ouvir sermões nesse sentido. Para ele, todos os homens eram iguais.

A preocupação sobre a falta de Jessie ao culto se estendeu até o final do dia. Só então James descobriu que ela partira para Nova York. As histórias que Jessie lhe contara sobre a tia Dorothy o fizeram sentir o último dos homens.

Capítulo III

Cercanias de Darlington, Yorkshire, Inglaterra Maio de 1822

Chase Park, residência dos Wyndham

Marcus Wyndham, oitavo conde de Chase, surpreendeu-se com a aproximação de Sampson, o mordomo, que atravessara mais uma vez o imenso salão com soalho de madeira, sem que seus passos ressoassem pelo ambiente.

— Como consegue essa proeza, Sampson?

— Desculpe, milorde. Não entendi sua pergunta.

— Esqueça. O que você quer?

— Há uma pessoa à porta. Uma jovem desconhecida. Tenho certeza de que nunca a vi antes, mas ela pede para vê-lo.

— Provavelmente está à procura de trabalho. Mande que fale com a sra. Emorey.

— Não creio, milorde, que seja esse o motivo que a trouxe aqui. Além do fato de ela ter vindo das Colônias.

— Das Colônias? — O conde se levantou impetuosamente. — Ela deve conhecer James. Deve estar aqui por causa de James. Pediu para falar comigo?

— Na verdade, ela pediu para ser recebida por sua esposa.

— Faça o seguinte, Sampson. Chame minha esposa e nós receberemos a inesperada visitante juntos. Ela disse como se chama?

— Jessie Warfield, milorde.

Dez minutos mais tarde, o mordomo conduziu uma jovem pálida, mas admiravelmente determinada, ao salão verde de Chase Park, um recinto digno de receber a mais alta nobreza, com sua arquitetura e decoração magníficas, em dourado. O teto, pintado em arabescos, arrancava suspiros daqueles a quem era dado o privilégio de contemplá-lo. Tapetes persas adornavam o piso com suas cores que o sol da tarde realçava. Os quadros eram mais antigos que as próprias Colônias.

Jessie, mais do que desconforto, sentiu medo ao seguir o mordomo pelo imenso hall. O homem a tratara com respeito. Lembrava-se de James lhe ter contado que Sampson era casado com Maggie, a dama de companhia da condessa, que antes de trabalhar para os Wyndham, tentara a carreira de artista teatral.

— Milorde. Milady. Esta é a jovem que acaba de chegar das Colônias. Srta. Jessie Warfield.

Jessie percebeu que estava encarando o primo de James, um procedimento inédito em sua vida. Nunca conhecera um homem tão bonito. Era alto, moreno, e os olhos azuis sobressaíam contra a tez bronzeada. Duquesa, como se chamava a esposa de Marcus, também tinha cabelos pretos e olhos azuis, mas a pele branca e o sorriso luminoso a diferenciavam. Estranhamente, seu aspecto cordial e bondoso a constrangeu mais do que o olhar sério e perscrutador do conde.

Jessie não conseguiu disfarçar o nervosismo.

— Não é de bom-tom se apresentar em uma casa sem prévio aviso, eu sei. Espero que me desculpem pela intrusão. Conheço James há seis anos e ele sempre fala sobre suas terras e sua família da Inglaterra. A impressão que tenho é de que já conheço todos os senhores. E também seus criados Sampson, Maggie, Badger e Spears, que segundo James, são mais amigos seus do que serviçais.

— De onde conhece meu primo? — Marcus indagou.

— Eu sou filha de Oliver Warfield, dono do Haras Warfield, o maior adversário de James nas corridas de cavalos. James e eu nos encontramos com frequência nas pistas. Eu sou a jóquei que mais corre pelo Haras Warfield.

Duquesa tomou a iniciativa de dar as boas-vindas a Jessie. Avançou um passo e estendeu a mão.

— Agora sei por que seu nome me soou familiar. James também nos conta sobre sua vida e sobre seus amigos da América quando nos visita. Seja bem-vinda à nossa casa. Uma amiga de James é nossa amiga também.

A condessa fez um gesto para que Jessie se sentasse e pediu que o mordomo trouxesse chá com bolo. Jessie torceu as mãos. Em seguida colocou-as sobre o colo, obrigando-se a se portar com dignidade.

— Como vai James? — a condessa perguntou, sentando-se em uma poltrona ao lado de Jessie. — E tia Wilhelmina e Ursula?

— Todos estavam bem quando parti seis semanas atrás, milady — respondeu ela, os olhos baixos.

O casal trocou um olhar de interrogação.

— Srta. Warfield, a que devemos o prazer de sua visita?

Jessie sentiu uma onda de calor lhe subir ao rosto, e o ar lhe faltou.

— Embora os cavalos sejam minha maior paixão e a Inglaterra seja o lugar onde as corridas são mais prestigiadas, eu não vim para este país por prazer, curiosidade ou diversão. Tenho conhecimento de que as mulheres são mais tradicionais aqui, e que calças compridas não são aceitas como parte de sua indumentária e também que nossa participação não é permitida nas pistas.

— Qual é sua idade, srta. Warfield?

— Tenho vinte anos, milady.

— Viajou de Baltimore para cá sozinha, sem nenhum acompanhante? — O conde não escondeu sua perplexidade.

Ciente dos rígidos padrões ingleses de comportamento, Jessie disse a primeira mentira que lhe ocorreu: que Drusilla, sua fiel amiga e dama de companhia, se debruçara demais sobre o gradil por causa de um terrível enjoo e caíra no mar, sem que ninguém conseguisse resgatá-la.

Duquesa e Marcus se entreolharam. Jessie baixou a cabeça, incapaz de encará-los. Não viu, portanto, o esforço desesperado do conde para conter o riso.

— Eu sinto muito por sua perda — a condessa declarou, como se tivesse acreditado nas palavras de Jessie. — Lamento que a pobre Drusilla tenha partido ao encontro do Criador de maneira tão trágica. Mas acho que devemos agradecer por sua falta não ter impedido que você chegasse aqui sã e salva.

— Eu tive muita sorte — Jessie admitiu. — Aconteceu-me outro fato terrível no caminho para cá. Nas proximidades de uma cidade chamada Hayfield, o coche em que eu viajava foi assaltado por três homens mascarados. Eu trazia meu dinheiro escondido sob a roupa e lhes entreguei apenas os cinco dólares que carregava na bolsa. Eles gritaram comigo e reclamaram que era pouco e que me matariam se eu...

Jessie não conseguiu terminar a frase. Soluços brotaram de seu peito e de sua garganta. Ela nunca perdia o controle daquele jeito. Tentou pedir que a desculpassem, mas só conseguiu balançar a cabeça de um lado para outro.

Sampson chegou naquele instante com o chá. A condessa fez um sinal para que ele desse uma xícara imediatamente a Jessie.

— Beba, querida, e logo se sentirá reconfortada.

Jessie tomou um gole e tossiu.

— Nossa! É mais forte do que uísque! Foi colocada alguma bebida no chá?

O conde estreitou os olhos. Talvez a moça estivesse fraca da viagem. Era magrinha e não devia ter se alimentado bem durante a longa travessia. Eram necessários cinco dias para cobrir o trajeto de Plymouth a Darlington, em acréscimo. Ele fez um sinal para que Sampson oferecesse à moça uma fatia de bolo e sorriu consigo mesmo ao constatar que estava certo. Jessie a comeu em dois bocados.

Duquesa fez um gesto para que o mordomo servisse uma segunda fatia. Jessie tornou a devorá-la.

— Quando fez sua última refeição, srta. Warfield? — o conde indagou.

— Ontem à noite, milorde. Alguém deve ter entrado em meu quarto enquanto eu dormia, e roubou meu dinheiro. Sobraram apenas os cinco dólares que eu tinha escondido no sapato e que os salteadores também levaram.

— De qualquer forma, foi uma sorte que o assalto acontecesse nestas proximidades. Há quanto tempo você disse que conhece James?

— Desde quando eu tinha catorze anos. Há seis anos.

O chapéu simples e fora de moda não conseguia esconder a exuberância dos cachos ruivos. O conde parou na frente de Jessie e finalmente se dirigiu a ela sem reservas ou desconfiança.

— Deve estar exausta, srta. Warfield. Recomendo que aceite nossa hospedagem e que descanse. Mandarei que lhe sirvam o almoço nos aposentos para onde será levada. Mais tarde voltaremos a conversar.

Jessie se levantou de um salto. Sua situação estava se complicando. Precisava ir embora. Não esperava que seu pé fosse enganchar na barra do vestido e fazer com que perdesse o equilíbrio.

— Está se sentindo bem, srta. Warfield? — O conde a segurou pela parte superior do braço.

— Sim, senhor. Obrigada por sua hospitalidade, mas não posso aceitá-la. James não sabe que estou aqui. Ninguém sabe. Eu fugi de casa. A vida em Baltimore de repente se tornou impossível para mim. Preciso de um emprego para poder sobreviver. Adoro cavalos e crianças. Sou excelente com cavalos, mas não tenho prática com crianças. James me contou que seus primos da Inglaterra eram pais de dois meninos e que ele é padrinho do mais novo, que ainda é um bebê.

— Talvez possamos contratá-la para que ensine nosso filho mais velho a cavalgar. Anthony é um menino saudável e esperto. E Charles é um bebê calmo e adorável. — Marcus fez uma pausa e olhou interrogativamente para a esposa. — O que me diz, Duquesa, de Jessie morar conosco e nos ajudar a cuidar de nossos filhos?

Duquesa se aproximou e disse com um sorriso:

— Charles requisitará sua atenção o tempo todo, mas tenho certeza de que ele gostará de você, e em especial de seus cabelos.

— Meus cabelos não são bonitos, milady — Jessie murmurou, envergonhada, certa de que estavam despenteados, como de costume.

— Sim, eles são. Você precisa aprender a se dar a devida importância, Jessie.

— Obrigada, milady.

Enquanto Jessie era levada para seus novos aposentos por Sampson, que confessou ter enorme vontade de conhecer a América, no salão verde o conde e sua esposa trocavam confidências.

— O que você acha que houve entre James e essa moça para ela nos procurar às escondidas? Mal consigo crer que Jessie tenha se aventurado sozinha pelos mares.

— Não sei, mas descobrirei a verdade antes do que você imagina — Duquesa asseverou.

Maggie, a esposa de Samson, era linda. Jessie a seguiu até o quarto ao lado do berçário, impressionada com tudo à sua volta. Uma cama de dossel ocupava o centro do quarto. As quatro colunas eram magnificamente entalhadas, e uma colcha de brocado cobria o colchão de penas de ganso.

Jessie estava tão cansada que não lhe ocorreu que estavam lhe destinando aposentos dignos de uma princesa. Maggie devia ter notado seu olhar se demorando sobre o leito.

— Sua refeição não tardará a chegar. Depois descanse. Mais tarde eu voltarei para lhe preparar um bom banho e ajudá-la a se arrumar. Marcus e Duquesa querem que você jante com eles.

— Sim, obrigada.

— Notei o modo como você olha para meus cabelos. Se quiser, eu lhe farei um novo penteado. Eu era atriz antes de conhecer Sampson e aprendi alguns truques de beleza.

— Eu nunca tinha visto ninguém com cabelos mais vermelhos que os meus. Agradeço sua gentileza. Meus cabelos estão tão embaraçados que não consigo nem sequer passar os dedos entre eles.

Maggie deu um sorriso.

— Não se preocupe. Eu darei um jeito neles. Já conheceu Badger e Spears?

— Ainda não, mas sinto como se já conhecesse todos nesta casa, por intermédio de James. Ele me disse que você é uma das mulheres mais bonitas que ele já viu.

— James é adorável e também muito bonito. Nós nos orgulhamos dele. James sobressai entre a maioria dos homens, quando entra em um recinto. É quase tão alto quanto o conde, seu primo, e tem olhos verdes lindos.

— Ele tem olhos realmente maravilhosos — Jessie murmurou, sonhadora.

Maggie notou a mudança. Sem dizer nada, foi até seu quarto. Ao retornar, encontrou Jessie sentada na cama, de olhos fechados.

— Sinta este perfume!

— O que você está fazendo? — Jessie pestanejou ao toque suave em seu rosto.

— Duquesa me contou que você esteve a bordo de um navio por seis semanas. O ar do oceano agride a pele sem proteção. Este creme lhe devolverá o frescor. Deverá aplicá-lo todos os dias após o banho.

Jessie mal podia acreditar que estava vivendo aquele momento; que não era um sonho. Por mais que James tivesse lhe contado sobre seu primo Marcus e sobre seu modo peculiar de conviver com a criadagem, ela não estava preparada para a realidade. Como era possível que ele e a esposa tivessem destinado um aposento tão luxuoso a uma estranha que batera à porta em busca de emprego?

Conforme prometera, Maggie não só veio ajudá-la a se arrumar como lhe trouxe um vestido recomendado pela condessa para a ocasião. O gesto cordial surtiu o efeito contrário. Como se tivesse caído em si apenas depois de vesti-lo e se ver ao espelho, Jessie começou a tremer.

O que aconteceria quando ela abrisse a porta e andasse pelos corredores, passando pelos nichos adornados com estátuas gregas nuas e pelas paredes forradas de retratos dos ancestrais Wyndham? Suas pernas provavelmente travariam. Ou, o que seria pior, ela pisaria na barra do vestido mais lindo que já vira na vida, e faria papel de tola perante seus patrões. Se Maggie pudesse acompanhá-la, talvez ela se sentisse mais segura, mas a moça tivera de voltar aos seus afazeres.

Uma batida à porta fez o coração de Jessie disparar. Com a respiração suspensa, tentando dominar o pânico, ela atendeu. Deparou-se com um cavalheiro de cabelos grisalhos, vestido com sobriedade, que inclinou a cabeça em saudação.

— Boa noite, srta. Warfield. A condessa me deu instruções para vir buscá-la.

— Obrigada, senhor. — Jessie quase suspirou de alívio ao gesto que ele fez para que ela se apoiasse em seu braço. Assim, mesmo que ela tropeçasse, não desabaria de nariz no chão. — Meu nome é Jessie. Por favor, chame-me assim.

— Os colonialistas são mais informais do que os ingleses. Eu aprecio esse costume, Jessie. Agora, levante o queixo e procure relaxar. Eu soube de sua situação. O sr. James certamente se afligiu com seu desaparecimento.

— O senhor está enganado. James não se importa comigo. Eu não existo para ele fora das pistas de corrida. A não ser que ele tenha admitido uma parcela de sua

responsabilidade quanto ao comprometimento de minha reputação.

O modo compreensivo como o nobre senhor fitou Jessie operou um efeito calmante sobre seus nervos em frangalhos.

— Muito bem — ele disse. — Você tem um sorriso lindo. Precisa sorrir sempre. Amanhã se sentirá ainda melhor quando sair para cavalgar.

— Eu terei um cavalo à minha disposição? Amanhã mesmo? — A perspectiva era tão magnífica quanto inesperada. — Mas eu não sou uma hóspede nesta casa, e sim uma simples criada.

— Você foi convidada para jantar com o conde e com a condessa, não foi?

— Em caráter excepcional esta noite, eu imagino, porque eles estão ansiosos por notícias de James.

— James é um homem intrépido. Não se deixou abater pelo sofrimento. Fortaleceu-se em sua luta pela sobrevivência.

— Eu soube que ele perdeu a esposa e o filho.

O amável senhor não se pronunciou a respeito do drama de James. Jessie respeitou seu silêncio enquanto desciam os degraus de carvalho e chegavam ao hall de mármore italiano, que Jessie calculou ser maior do que o andar térreo da casa de seus pais. O pânico voltou a assaltá-la, tão forte quanto no momento em que subira os degraus da frente e batera com a aldrava dourada em formato de uma cabeça de leão contra a imensa porta dupla da entrada.

— Eu nunca estive antes em uma mansão como esta.

— Esta agora é sua nova casa. Logo se acostumará a ela. Duquesa se orgulha de possuí-la.

— James me contou que o conde e ela se conhecem desde crianças.

— É verdade.

— O senhor também é conde?

— Não que eu saiba. — O acompanhante de Jessie se deteve diante da porta da sala de jantar. — Agora endireite os ombros e sorria. Faça de conta que é a rainha da América em visita à Inglaterra.

Jessie engoliu em seco ao notar que o cavalheiro se preparava para se afastar.

— O senhor não vai entrar comigo?

— Não esta noite.

Jessie hesitou. Gostaria que aquele homem não apenas entrasse com ela, mas que se sentasse à mesa a seu lado. Mas também sabia que seria pedir demais.

— Obrigada, senhor.

— Não há de quê.

Por mais que desejasse encarar as circunstâncias com naturalidade, Jessie não conseguia evitar o deslumbramento. Os talheres de prata deviam pesar tanto quanto seus braços. O filete de ouro em seu prato devia ser mais puro do que as alianças vendidas em Baltimore.

Um som agudo trespassou o ambiente e o susto fez Jessie deixar cair o garfo.

— É Fred, nosso pavão — a condessa explicou. — Ele sempre grita assim quando

faz a corte a Florinda. Florinda é a fêmea — acrescentou Duquesa, ao reparar na expressão perplexa de Jessie.

— Eu nunca vi um pavão.

— Então você terá a sorte de conhecer um em toda a sua exuberância. Os machos abrem sua cauda em leque para se exibirem às fêmeas nas épocas de acasalamento.

Jessie esboçou um sorriso. Sua tensão era tanta que poderia explodir em risos diante das inesperadas excentricidades a que teria de se acostumar em sua nova vida.

— O que achou do novo penteado que Maggie lhe fez?

Jessie levou a mão instintivamente às grossas tranças arrumadas de modo a formar um círculo no alto de sua cabeça.

— Não me sinto eu mesma — confessou.

— Em minha opinião, você está adorável — o conde elogiou. — Espero que esteja apreciando o jantar. Nosso cozinheiro, Badger, o preparou em sua homenagem.

— James me contou que o sr. Badger superou o talento do cozinheiro do rei em Carlton House.

— Sempre que prova as delícias de Badger, James diz que subiu ao paraíso em vida — declarou a condessa.

— O que você achou de Maggie? — o conde quis saber.

— Que ela não deve enxergar bem. Maggie disse que eu estava linda quando terminou de me arrumar.

O espanto sincero na voz de Jessie provocou risos.

— Realmente está — concordou Marcus. — O verde-esmeralda orna com sua pele.

— Já não combina comigo — retrucou Duquesa. — Verificarei meu guarda-roupa e lhe darei todas as peças que tiver nessa cor.

— Você mencionou sua habilidade como jóquei ao chegar — o conde prosseguiu.

Jessie baixou os olhos.

— Talvez eu não devesse ter contado. Simplesmente escapou. Fui informada de que as mulheres inglesas não podem abraçar essa profissão.

— Tem certeza de que consegue cuidar de crianças? — a condessa perguntou. — O que fez até agora foi completamente diferente.

— Eu adoro crianças e animais.

— Devo alertá-la para o fato de que Anthony, o irmão de Charles, tem seis anos e sentirá ciúmes de você com o bebê.

Um sorriso iluminou o rosto de Jessie.

— Anthony sabe montar?

— Como um centauro. Poderá levá-lo, pela manhã, para um passeio.

Jessie esqueceu que estava jantando com um conde e uma condessa. Esqueceu a riqueza e a sofisticação da residência onde passaria a viver e que para ela era um verdadeiro palácio. Esqueceu tudo, exceto a oportunidade que acabara de lhe ser oferecida como uma dádiva dos céus.

— Com o maior prazer!

O cozinheiro entrou na sala naquele momento. Era um homem grande e feio, de cabelos brancos. Estava de terno, mas tinha um avental branco amarrado à cintura. O conde fez as apresentações.

— O que teremos para sobremesa, Badger?

— Pudim de castanhas, milorde.

Três serviçais retiraram a louça usada e trouxeram novos pratos e talheres. Ao final da refeição, o conde sugeriu que tomassem o café na sala de estar. Jessie percebeu a troca de olhares entre ele e a esposa antes que lhe fosse feita a temida pergunta.

— O que houve entre você e James que a levou a tomar a decisão de fugir para a Inglaterra?

— Eu não podia continuar em Baltimore, e não queria ir para a casa de minha tia Dorothy em Nova York, a irmã mais nova de meu pai. Ela é insuportável. Religiosa fanática, má e avarenta, tia Dorothy é do tipo que espera gratidão em troca de suas críticas, e humilhações.

— Em seu lugar eu teria feito o mesmo — afirmou Duquesa, para alívio de Jessie. — Essa sua tia parece tão difícil de conviver quanto a mãe de James.

— Eu conheço a sra. Wyndham. Sinto-me constrangida em sua presença. — Jessie suspirou. — Vocês também devem estar constrangidos comigo. Eu não deveria ter vindo. Mas estava desesperada. Não sabia para onde ir.

— Como eu já disse, você é bem-vinda aqui, embora ainda não tenha nos contado o motivo de sua aflição — o conde insistiu.

— Eu fui flagrada no jardim dos Blanchard, em cima de James. Não estava beijando-o como parecia, mas tentando acordá-lo. Não percebi que minha boca estava perto da dele quando o chamei. Jamais me aproveitaria de sua inconsciência para beijá-lo. James nunca reparou em mim. Nenhum homem jamais me deu atenção, a não ser o sujeito que me atacou com uma faca, atrás de uma carroça, após uma competição. James me salvou.

— Fico contente que James a tenha protegido de um assalto. Pode nos dizer o que estava fazendo em cima dele? E o que aconteceu para James ter perdido os sentidos?

Jessie não esperava ter de contar aquela história, mas diante das circunstâncias, não havia escolha. O conde e a condessa a ouviram sem interrompê-la em nenhum momento.

— Sua reputação, portanto, foi maculada — concluiu o conde.

— Sim — Jessie admitiu a contragosto. — Não é justo que o homem seja enaltecido pelo mesmo comportamento que degrada a mulher.

— Segundo as regras morais, o homem deve se casar com a mulher com quem foi encontrado em situação comprometedora.

— Tenho certeza de que James teria salvado minha honra se eu tivesse permanecido em Baltimore, mas eu não quis que ele se casasse comigo por obrigação. James não gosta de mim.

Duquesa fitou Jessie nos olhos. Era uma boa juíza em questões de caráter. Jessie era uma moça de fibra, mas faltava-lhe amor-próprio. Da próxima vez que James a visse, ele não a reconheceria. Jessie viera bater na porta certa. Aquela jovem não conseguira apenas um emprego naquela casa; ela ganhara novos amigos.

Maggie fizera um bom trabalho. Jessie não era dona de uma beleza clássica, seus traços eram harmoniosos, e cada vez que sorria, seu rosto se iluminava. Os dentes eram alvos, perfeitos. As sardas lhe conferiam charme.

Além disso, seu humor era contagiante. Era incrível que James não tivesse reparado seu erro antes que Jessie precisasse recorrer a uma medida tão drástica. O que o impedira de fazer o que era certo? Continuava de luto por Alicia após três anos?

Jessie se espreguiçou. Ao abrir os olhos, encontrou um par de outros, a menos de um palmo de distância.

— Shhh! — murmurou uma vozinha infantil ao grito de Jessie. — Spears vai entrar aqui e me expulsar se você não ficar quieta. Eu não queria assustá-la.

— O grito escapou — disse Jessie. — Você não me assustou. Seus pais me falaram sobre você. Seu nome é Anthony.

— Sim, eu me chamo Anthony. Fui batizado com esse nome em homenagem a Anthony Welles, o conde de Clare, que foi um grande amigo de meu avô. Ele morava metade do ano aqui, e a outra metade na Itália. Eu não o conheci, nem ao meu avô.

— Sua mãe me disse que você monta como um centauro.

— Sério? Tem certeza de que você entendeu direito o que ela disse? Você fala engraçado. Sempre que meu tio volta das Colônias, ele fala como você. Mas depois de alguns dias, ele volta a falar direito de novo.

— Sim, Anthony, eu entendi direito. Meu nome é Jessie. Seus pais me contrataram para cuidar de Charles e para ser sua instrutora de equitação. Eu também monto como um centauro e corro como o vento sobre um cavalo.

— De verdade? — A surpresa do menino beirou o assombro. — Mas você é mulher!

Jessie estava sorrindo quando ouviu uma batida à porta.

— Eu deveria ter adivinhado que você viria atormentar a moça — soou a voz do conde pelo vão da porta.

— Papai! — Anthony desceu da cama de um salto e correu para os braços do pai, que o ergueu acima da cabeça antes de lhe dar um beijo.

— O que faremos com você? Aposto que entrou aqui sem ser convidado. Meu filho a acordou, não acordou?

— Oh, não. Eu acordei sozinha — Jessie mentiu, ganhando instantaneamente a confiança do menino.

— Ela pode sair para cavalgar conosco, papai?

— Ótima idéia. — O conde colocou o filho no chão. — Peça para Spears vesti-lo. Depois do desjejum, daremos um passeio todos juntos.

O menino saiu do quarto em disparada. Com o cobertor puxado até o queixo, Jessie agradeceu.

— Ele é a sua imagem, milorde. Conquistará muitos corações quando crescer.

A chegada de Duquesa intimidou Jessie. O que a condessa iria pensar? Foi com imenso alívio que ela a viu tocar o braço do marido e brincar.

— Muito bonito! Meu marido e meu filho no quarto de outra mulher!

Vestida com um traje de montaria azul e um chapéu com uma pena de pavão

curvada em direção à face, a condessa estava ainda mais bonita do que no dia anterior. Ela e o conde, aliás, formavam o casal mais bonito que Jessie já vira.

— Dormiu bem, Jessie?

— Como uma pedra.

— Ned está trazendo água para seu banho. Nós a esperamos na sala.

Vinte minutos mais tarde, terminado o banho, Jessie tentava em vão trançar os cabelos como Maggie lhe ensinara.

— Bom dia! — Maggie entrou, trazendo um traje de montaria de veludo verde-escuro, estendendo-o sobre a cama e tirando o pente das mãos de Jessie. — O penteado que lhe ensinei não é adequado para cavalgar. — Maggie desfez as tranças e escovou os cabelos. — Farei uma única trança e a deixarei solta em suas costas. É mais prático e mais confortável para se correr ao sabor do vento.

Jessie observou os movimentos dela em silêncio.

— O que achou?

— Ficou bonito. — Sob o risco de se transformar em uma mulher vaidosa, Jessie limitou-se a agradecer. Estava parecendo outra pessoa.

— Agora você precisa se vestir.

— Não posso continuar aceitando as roupas da condessa. Tenho vergonha...

— Esta era minha — Maggie interrompeu-a. — Eu não gosto de andar a cavalo, mas Sampson faz questão de que eu pose para ele sobre uma sela, de vez em quando. Eu não me importo, se é para agradá-lo.

Ao sair do quarto com o traje de montaria de Maggie e as botas da condessa, Jessie encontrou aquele gentil cavalheiro novamente à sua espera.

— Encantadora! — o homem exclamou, oferecendo-lhe o braço.

— O senhor acha mesmo?

— Eu digo a verdade.

Como na noite anterior, ele se deteve à porta.

— Não tomará o café da manhã conosco, senhor?

— Eu já tomei meu desjejum. Bom apetite, Jessie, e divirta-se. Não permita que o menino Anthony lhe desobedeça.

— Não permitirei.

Ele sorriu e se afastou. Antes que Jessie tivesse tempo de tocar na maçaneta, a porta foi aberta por um criado de libré, que a conduziu até a mesa e puxou a cadeira para que se sentasse. Jessie agradeceu intimamente por sua sorte, e lembrou-se de James com inesperada saudade. Seria perfeito se ele estivesse ali.

Na sexta-feira em que Jessie completou dez dias de sua chegada à Inglaterra, o conde e a condessa ofereceram um jantar de comemoração e a chamaram como convidada especial, não como babá de Charles ou como instrutora de equitação de Anthony.

Para usar naquela noite, a condessa a presenteou com um vestido de sonho. Jessie ficou tão emocionada ao receber o traje confeccionado em seda amarela que seus

olhos se marejaram. Era o vestido mais lindo que ela já vira.

Maggie separou a frente de seus cabelos em três partes, trançou-os e prendeu-os no alto da cabeça. As madeixas de trás, ela deixou que caíssem em cascata até o meio das costas. Pequenos cachos ficaram soltos ao redor do rosto, dando um toque de leveza. Para finalizar, Maggie passou batom em seus lábios.

— Minha mãe teria uma síncope, se me visse agora! — Jessie exclamou diante do espelho.

— Você está deslumbrante! Confesso que apanhei alguns lenços no caso de ter de forrar o decote para seus seios parecerem maiores. Mas não será preciso recorrer a truques. Conforme as recomendações de Spears, você deverá se apresentar com graça e elegância, e com um leve toque de sensualidade, sem exageros de nenhuma espécie. — Maggie parou de falar, examinou Jessie da cabeça aos pés e fez um gesto de aprovação. — Está pronta pára descer?

Jessie fez que não. — Eu não sei dançar.

— Nenhum tipo de música?

— Nenhum.

O silêncio para reflexão durou cerca de um minuto. Maggie estalou os dedos.

— Tive uma idéia. Desça e não se preocupe. Pense apenas em se divertir.

O cavalheiro estava à espera de Jessie, no alto da escada, como vinha acontecendo desde sua chegada a Chase Park. Embora ninguém os tivesse apresentado, e ele nunca se apresentasse ao lado do conde, Jessie acreditava que fosse um parente, também com título de nobreza. Sua aparência era impecável.

— A competência de Maggie é notável. — Ele esfregou o queixo e sorriu. — Você está perfeita para ser apresentada esta noite aos nossos ilustres amigos. Quero que se comporte com seu charme natural. Não tente imitá-los em suas atitudes. Espero exatamente o contrário. Que não se importe, e principalmente que não se sinta tímida por ser diferente.

— O senhor acredita que eu serei capaz?

— Certamente que sim.

Jessie apoiou sua mão sobre a dele ao descerem os degraus. Ela não lhe perguntou, dessa vez, se os acompanharia ao jantar. Apenas sorriu e agradeceu.

— Obrigada, senhor.

Sampson estava sentado ao piano. O conde decidira aproveitar o tempo que lhes restava, antes que os convidados comesçassem a chegar, para ensinar Jessie a dançar uma valsa.

— Você é esperta e flexível — ele disse ao término da música. — Solte-se e confie no cavalheiro, e ninguém perceberá que este é seu primeiro baile. Por outro lado, talvez não seja prudente entregar-se completamente às manobras de seu par. Poderá ter seus pés machucados e seu corpo indevidamente tocado. — O conde refletiu por um instante. — Eu lhe direi com quem dançar, está bem?

O banquete foi servido no salão de festas. Jessie se sentou entre o conde de Rothermere e o sr. Bagley, curador da catedral normanda sediada em Darlington. Ela calculou o número de convidados em vinte e cinco. Doze criados permaneciam de pé ao redor da imensa mesa retangular para servi-los. Jessie nunca vira tanta comida de uma vez só.

— Eu mal podia esperar pelas iguarias de Badger — declarou Philip Hawsbury, o conde de Rothermere. — O salmão ao molho de lagosta está fantástico, como tudo o que ele cozinha. — O conde baixou a voz. — Cá entre nós, eu já tentei suborná-lo um milhão de vezes para que vá trabalhar para mim e para minha esposa, mas ele apenas me olha e sorri. Marcus e Duquesa são as pessoas de mais sorte no mundo!

Jessie sorriu, mas sua atenção estava voltada para os movimentos da condessa. Ela ria, falava e utilizava os talheres como se estivesse em presença apenas de seus familiares. Jessie não conseguia nem sequer respirar sem pensar no que estava fazendo. Foi com alívio, portanto, que acompanhou sua patroa ao salão verde após o jantar, com as outras damas, embora sentisse a atmosfera artificialmente cortês.

Os cavalheiros não tardaram a se reunir a elas. Os músicos afinavam seus instrumentos. Minutos depois, o regente anunciou a abertura do baile. Seria a primeira vez que Jessie participava de um evento social que não envolvia cavalos.

Ao lado da esposa do curador, ela observava em êxtase os casais rodopiando pela pista. Seu coração bateu mais forte ao ver o conde se afastar da esposa, depois de se inclinar e beijar sua mão em agradecimento, e encaminhar-se para ela.

Ao término da segunda valsa, Jessie foi surpreendida com o convite do conde de Rothermere, que pediu licença a Marcus para lhe ceder a vez. Marcus concordou com um sorriso.

O conde de Rothermere piscou para ela e sorriu para Marcus à recomendação de que ele não se empolgasse demais porque aquela seria a terceira dança de Jessie em toda a sua vida. Nos braços dele, Jessie esqueceu a insegurança e rodopiou até perder o fôlego em um arrebatamento dos sentidos.

— O conde me preveniu sobre cavalheiros que pisam nos pés das damas e que tentam tirar vantagem delas.

Ele não me disse nada a respeito de homens que dançam como vulcões!

— Alguns segredos precisam ser desvendados. — O conde de Rothermere inclinou a cabeça e agradeceu a dança. — Você se saiu muito bem, Jessie. Muito bem mesmo.

Antes que algum outro convidado a tirasse para dançar, Jessie subiu para levar um sorvete a Anthony. Como suspeitara, ele não estava no quarto. Apanhou-o escondido em um nicho de modo a poder observar a festa sem ser visto.

— Você está diferente, Jessie. Seu rosto está vermelho como um pimentão.

— Eu estava dançando. Aproveite o sorvete porque será o último esta noite. Encontrei Badger na escada e ele me disse que você já tomou quatro antes deste. É tarde. Você precisa ir para a cama.

— Spears me deixou ficar acordado até mais tarde. Ele pediu que eu vigiasse os convidados, os cavalheiros em particular, e lhe contasse amanhã tudo que achei errado que eles fizeram.

Jessie deu um beijo de boa-noite em Anthony, e estava no alto da escada, preparando-se para voltar à festa, quando ouviu as batidas da aldrava. Quem poderia estar chegando tão atrasado? Curiosa, permaneceu onde estava enquanto Sampson se apressava a abrir a porta.

O fôlego lhe faltou ao ver James na soleira da porta. Sua capa e seus cabelos revoavam ao vento.

— Onde ela está?

— Boa noite, sr. James. Seja bem-vindo. Espero que tenha feito uma boa viagem.

— Ela está aqui, não está? — James insistiu, como se não tivesse ouvido a saudação.

— Claro que sim, sr. James. Onde mais ela estaria? James olhou para cima nesse instante, como se a força do olhar de Jessie o tivesse atraído.

— Marcus e Duquesa estão dando uma festa? — Ele tornou a olhar para Sampson, como se só naquele momento se desse conta do que acontecia ao seu redor.

— Sim. O senhor estava sendo aguardado. Na verdade, nós o temos esperado todos os dias, desde a chegada da srta. Jessie.

— Ela está bem, Sampson?

— James!

Ele olhou novamente na direção da escada.

— Onde ela está? — perguntou a Sampson. — Ouço sua voz, mas não a vejo.

— James! — O tom de voz se tornou enérgico. Dessa vez ele fixou o olhar na figura feminina parada no meio da escada.

— Você não é Jessie. A voz é igual, mas você não é ela.

Lentamente, Jessie continuou descendo os degraus. Por sua vontade, correria para James e se atiraria em seus braços. Seria possível que ele tivesse deixado seus negócios em Marathón e voltado para a Inglaterra por sua causa?

— Sou eu mesma, James. Estou surpresa em vê-lo aqui.

A três passos de distância, James olhava para ela como se não pudesse acreditar nos próprios olhos.

— Deus, eu mal a reconheço! Como... Foi Maggie que a vestiu e penteou?

— Sim, Maggie tem me ajudado muito. Todos aqui têm sido maravilhosos comigo — Jessie confessou, sem orgulho, mas com vaidade. Sentia-se realmente uma mulher naquele momento, capaz de atrair um homem. O vestido realçava suas formas e colocava os seios em evidência. Os cabelos presos no alto da cabeça e soltos nas costas lhe emprestavam uma aura romântica. Os lábios estavam rubros e brilhantes. As sardas tinham desaparecido e sido substituídas por graciosos pontinhos dourados.

Suas mãos estavam macias. Sentia-se em igualdade de condições a qualquer outra mulher presente à festa.

— Você está ridícula.

O choque fez Jessie pestanejar. Não era possível.

Ela não devia ter ouvido bem.

— O que disse?

— Adorável — acudiu Sampson. — Ele quis dizer *adorável*.

— Fique fora disto, Sampson — James resmungou. — Jessie, o que deu em você para se pintar desse jeito? Seus seios estão quase saltando do decote. Seios que eu nem sequer imaginava que existissem. As sardas sumiram. Você se trancou em um lugar escuro nos últimos meses e consumiu todos os pepinos que cresceram nos arredores? E esse vestido! Mal consegue andar, com receio de tropeçar e cair. Com os cabelos penteados dessa maneira, parece uma atriz representando uma peça medieval. Aposto que está com medo de mover a cabeça e as dezenas de grampos se soltarem e os

cachos desabarem.

— Eu não estou com medo de nada — foi o que Jessie conseguiu responder.

Suas ilusões se dissiparam. Ela nunca seria bonita para James. A mágoa se revelou com um gosto muito amargo. James passou uma das mãos pelos cabelos, cobriu a distância que os separava e segurou-a com força pelos braços.

— Esqueça o que eu disse. Perdi a cabeça por um momento. Você está aqui e está bem. Rezei para que Marcus a acolhesse. Outro a teria mandado de volta. Você teve sorte de bater em uma casa onde todos são bem-vindos. Marcus e Duquesa são as melhores pessoas que eu conheço. Eles e os que vivem com eles.

— Todos disseram que eu estou bonita. Só você me achou ridícula.

— Porque eles não a conhecem como eu, desde os catorze anos. Porque não a viram cair de uma árvore como um fruto maduro.

— O que importa é como eu estou agora! Olhe para mim, James!

— O que Spears acha de tudo isso?

— Ainda não o conheci.

— Não? Que estranho! Você sabe de Spears, Sampson?

— Ele está aqui na casa, sr. James, não sei lhe dizer exatamente onde.

James revirou os olhos e obrigou-se a ter paciência. Suspirou e passou uma das mãos pelos cabelos.

— Por sete longas semanas eu ensaiei o que lhe dizer quando a encontrasse, Jessie — murmurou. — De repente, não tenho palavras. E a culpa é sua, por estar tão diferente do que normalmente é. Você não é mais você. Imagino que esteja usando meias de seda, inclusive.

Sem hesitar, Jessie ergueu a saia e exibiu-as.

— Sim, estou.

— Cubra essas pernas! — James ordenou por entre os dentes. — Uma moça direita não pode ter esse tipo de atitude! Um "sim" teria bastado, não precisa mostrar! — Ele balançou a cabeça. — Céus, Jessie, em questão de comportamento, você não mudou nada. O que deu em você para fugir daquele jeito?

— Que pergunta ridícula! — Jessie retrucou, usando a mesma expressão. — Você sabe muito bem o motivo. Minha reputação foi arruinada. Glenda me convenceu a ir embora porque minha vida em Baltimore seria impossível depois do que aconteceu. Ela me deu trezentos dólares para que eu fosse para a casa de tia Dorothy em Nova York, mas eu não fui.

— Foi essa informação exata que Glenda transmitiu a todos, debulhada em lágrimas. Ela disse que você tinha resolvido partir para não envergonhar sua família. Mas eu não acreditei nem por um minuto que você tivesse buscado guarida com sua tia em Nova York. Você é impossível, mas não é tola. Assim que eu soube de sua fuga, fui até as docas. Descobri que um navio havia zarpado com destino à Inglaterra naquele dia e fiz perguntas. Um dos funcionários me contou que a viu embarcar, tendo-a reconhecido das corridas no hipódromo. E também me disse que você estava vestida como homem, tentando se passar por um, mas sem enganar ninguém. — James franziu o cenho. — Como pôde partir sem se despedir de mim? Você não se importou nem sequer em me escrever um bilhete contando sobre sua decisão, Jessie! Não avisou ninguém, não se despediu de ninguém. Seu pai ficou louco de preocupação. Eu disse a ele que viria

buscá-la. Ele a quer de volta, incondicionalmente.

— Papai, sim, mas ninguém mais. Especialmente Glenda.

— Não é verdade. Até voltarmos, ninguém mais se lembrará daquela cena em que você parecia estar me beijando, deitada em cima de mim. Sampson pigarreou.

— Desculpe, sr. James, mas Spears, Badger, Maggie e eu discutimos esse assunto e chegamos à conclusão unânime de que Jessie nunca mais poderá voltar às Colônias. Ao menos em sua atual condição.

— Você está certo. Na atual condição, ela receberia incontáveis propostas, mas nenhuma séria.

Jessie sentiu que corava. Sampson se afastou, deixando-os a sós.

— Essa foi a maior tolice que você já fez, Jessie — James censurou-a. — Foi ainda maior do que aquela em que obrigou seu cavalo a saltar sobre uma árvore que havia sido derrubada por um raio durante a noite, só para tentar ganhar de mim tomando um caminho mais curto. Você poderia ter morrido.

— Obrigada por me lembrar — respondeu ela, irônica. — Você riu até perder o fôlego quando eu caí do cavalo. Desistiu de terminar a corrida só para ficar se divertindo à minha custa.

Era verdade. Ele rira a valer ao vê-la coberta de lama. Mas só depois que tivera certeza de que Jessie estava bem.

— Seu lugar é na América — James insistiu. — Seu pai a quer de volta, apesar do que aconteceu. Eu lamento sua situação, mas não me sinto culpado por sua ruína.

— Você não é. Eu o isentei de toda a culpa. Disse isso a todo mundo, inclusive a meu pai.

— Não adiantou. Uma das principais razões para eu ter vindo buscá-la foi Oliver. Eu não tinha feito planos de viajar até o final do ano. Marathon estava precisando de mim. E também Alice e Connie. Mas as circunstâncias mudaram depois que você atirou no pé de Mortimer Hackey e caiu de uma árvore sob a qual eu tive a infelicidade de estar.

— Eu salvei sua vida, James. E também o salvei de Glenda.

— Sim, mas eu pretendia viajar só no final do ano, como acabei de dizer. Estou aqui agora por sua causa. Para levá-la de volta para sua família.

— Eu não vou. Não posso voltar.

— Nós somos da mesma opinião, sr. James — afirmou Sampson, para surpresa de James e Jessie, que não haviam notado sua presença. — A srta. Jessie não pode voltar para casa em sua atual condição.

Furioso, James golpeou a parede.

— Jessie fará o que eu disser!

— Está completamente enganado. Não exerce nenhuma autoridade sobre mim.

— Considere que estou no lugar de seu pai. Como um emissário.

— Desista, James. Farei o que eu tiver vontade, e minha vontade agora é ficar na Inglaterra com sua família e seus amigos. Tenho um emprego aqui de grande responsabilidade.

— Um emprego?

— Sim. Fui contratada como babá de Charles e instrutora de equitação de

Anthony.

— Babá e instrutora? Você não entende? Só foi contratada por Marcus e Duquesa por compaixão. Só por isso. As crianças devem ter meia dúzia de criados, no mínimo, para cuidar de suas necessidades.

Uma tossidela fez com que James, Sampson e Jessie olhassem para trás.

— Seja bem-vindo, James. — Marcus se aproximou e o abraçou. — Desculpe-me pela franqueza, mas sua aparência está péssima. Parece não ter dormido nem se alimentado na última semana. Preocupado com Jessie? — Marcus fitou-a e sorriu. — Olhe para ela. Sã e salva. E linda.

— Obrigado, Marcus, pelas palavras de conforto — James respondeu, irônico, mas sorrindo para Duquesa que acabava de se reunir ao grupo. — Desculpe, minha querida prima, por ter vindo sem avisar. Não queria atrapalhar sua festa. Por outro lado, talvez eu não tivesse surpreendido Jessie vestida tão pateticamente.

— Não seja injusto, James — Duquesa reprovou-o. — Jessie está maravilhosa. E nós não a contratamos por compaixão. Em absoluto. Seu trabalho nesta casa é da maior importância.

— Ah! — James exclamou, sarcástico.

— Por que não desaparece, James? — Jessie investiu. — O que há com você, afinal?

Ele estreitou os olhos. Após um instante, suspirou,

— Acho que já causei confusão demais por uma noite. Voltem para seus convidados. Seguirei imediatamente para Candlethorpe.

— Não sem jantar, sr. James — Sampson pronunciou-se. — São duas horas de estrada até Candlethorpe. A suíte azul está sendo preparada para recebê-lo. Venha comigo. Badger jamais o perdoaria se fosse embora sem passar antes pela cozinha.

Jessie dançou até as três horas da madrugada. Ninguém poderia imaginar que seus pés estavam doendo. Ela soube se comportar como uma dama. A verdade era que ninguém poderia imaginar, tampouco, que ela aproveitasse cada intervalo da pequena orquestra para se sentar e tirar os sapatos sob a mesa.

Naquela noite, Jessie sonhou com James. Não foi um pesadelo como o que a vinha atormentando desde sua fuga intempestiva, em que era visitada por um fantasma e ele a acusava do roubo de seu tesouro. Foi um sonho lindo e perturbador. James a beijava na boca. A sensação era tão forte que ela chegava a sentir seu calor. Não eram beijos castos no rosto. Eram beijos molhados, na boca...

Um som estranho penetrou seu delírio. Jessie abriu os olhos e encontrou Jimmy, o cãozinho de Anthony, lambendo-a sem cerimônia. Sentou-se e pegou-o no colo. Como se zangar com uma criatura tão inocente e adorável? Rindo, ela limpou a boca com o dorso da mão.

— Seu pequeno intruso! Como entrou aqui? Devo espiar embaixo da cama?

— Não será preciso. Não foi Anthony que o deixou entrar. Fui eu.

James estava ainda mais bonito com os cabelos salpicados de fios dourados do sol, e mais longos desde que o vira pela última vez em Baltimore. As roupas de montaria e as botas de couro acentuavam sua virilidade.

— Por que está olhando para mim como se nunca tivesse me visto?

Não lhe ocorreu mentir para ele.

— Você está lindo com esse cabelo dourado.

— O seu está despenteado como se você tivesse vivido uma noite de amor — James observou com um olhar que tirou o fôlego de Jessie.

Esquecida de onde e como estava até aquele momento, ela puxou as cobertas sobre o peito. Também o cão, como se apenas naquele instante tivesse percebido que aquele não era seu lugar, saltou da cama e saiu do quarto.

Jessie e James trocaram um olhar. O constrangimento se transformou em riso.

— Marcus me contou que lhe ensinou a dançar e que você o surpreendeu. Eu lhe asseguro que fiquei mais surpreso do que ele. Saímos juntos para cavalgar. São quase dez horas. Estou de partida para Candlethorpe. Se quiser ir comigo, terá de vencer a preguiça e se arrumar depressa.

Jessie teve ímpetos de dar pulos de alegria. James queria sua companhia! Viera convidá-la pessoalmente para seguir com ele para seu haras na Inglaterra!

— Sim, eu quero.

— Então devo descer e aguardá-la lá embaixo. De quanto tempo você precisa para se vestir?

— Uma hora.

— Uma hora? A antiga Jessie não levaria mais de dez minutos.

— Você prefere a antiga Jessie?

— Sim. Não. — James titubeou. — Não importa. Apenas procure ser rápida.

— Espere. Antes eu preciso falar com Duquesa. Tenho um horário a cumprir. Não sei se ela me dará permissão para tirar um dia de folga.

— Eu conversei com ela antes de vir aqui. Foi a própria Duquesa que sugeriu esse passeio. Disse que as crianças têm exigido muito de você e que um pouco de distração lhe fará bem.

Passou-se mais de uma hora até que Jessie fosse escoltada para o hall por aquele elegante personagem que se cercava de um adorável mistério.

— Soube que você brilhou na festa de ontem.

— O conde e a condessa são muito gentis. O senhor viu James esta manhã?

— Tomamos uma xícara de café juntos. James recusou o desjejum por ter exagerado ontem no jantar, como sempre acontece quando é Badger o cozinheiro. Perguntou minha opinião sobre você.

— O que o senhor disse?

— Que você é uma jovem dama de excelentes qualidades e que já faz parte de nosso círculo. — Ele resmungou alguma imprecação, eu tenho certeza. James sempre faz isso quando algo lhe desagrada.

— Talvez a notícia não o tenha desagradado. James se limitou a me ouvir.

— James me convidou para passar o dia com ele em Candlethorpe. Eu...

— Spears! Então é você o responsável pela demora de Jessie?

Jessie sorriu. No fundo, ela já sabia a verdade.

Seu impecável mentor fez uma medida, sem responder. Aliás, não seria ouvido mesmo que quisesse se pronunciar. James se mostrava completamente indignado por Jessie estar usando um magnífico traje feminino de montaria.

— Você é americana! Por que, de repente, eu só a vejo usando roupas de uma dama inglesa? Tenho certeza de que Duquesa está por trás disso!

Spears não deu chance para que Jessie respondesse.

— Em seu lugar, James, eu me calaria, porquê ao final desse discurso você encontrará um caminho sem volta.

James resmungou algo antes de calar e refletir.

— Você realmente não sabia que este era Spears?

— Pensei que ele fosse um conde ou um duque — confessou Jessie.

— Não creio que exista outro grupo de amigos como este. Todos eles são pessoas maravilhosas, embora um pouco excêntricas. Você precisa voltar para casa antes que eles a transformem em uma mulher completamente diferente da Jessie que eu conheci.

Candlethorpe era pequena em comparação a Marathon, mas não menos impressionante. A casa fora construída dois séculos antes, em três pavimentos, com tijolos aparentes. Os estábulos, porém, eram novos, com modernas instalações para os cavalos. O arvoredo, constituído basicamente de carvalhos e olmos, remontava aos tempos da invasão romana.

— James, os romanos chegaram a se instalar em Yorkshire? — Jessie perguntou durante o trajeto.

— Sim. Existe uma pitoresca cidadezinha aqui perto, chamada Aldborough, inteiramente romana. Algum motivo especial para esse interesse?

— Não sei explicar, mas essa paisagem me despertou uma espécie de nostalgia...

Um forte relincho quebrou a atmosfera romântica que se criara. James fez um gesto para que Jessie o precedesse antes de levá-la ao compartimento que abrigava o cavalo mais caro do haras.

— Este é Bellini, um puro-sangue árabe que ganhei de presente de Marcus no ano passado. É um excelente reprodutor. Já produziu duas potrancas e três garanhões.

Jessie acariciou o pescoço do formoso animal, negro como carvão, e lhe deu uma cenoura. Fez o mesmo com todos os outros cavalos, mas dedicou uma atenção especial a Caliper, o mais velho.

James sentiu-se estranhamente tocado. Um raio de sol penetrava pela porta e incidia sobre o ombro de Jessie, fazendo seus cabelos brilhar como o pôr do sol na costa oeste da Irlanda, onde James presenciara o mais vermelho dos crepúsculos. Miríades de cachinhos emolduravam seu rosto. Ele se sentiu impossibilitado de falar por um momento.

— Agora venha conhecer a casa — murmurou, por fim.

Jessie reconheceu um toque feminino na decoração. Os dois tapetes Aubusson na sala de estar e as mantas de brocado azul-escuro sobre os sofás e poltronas não negavam ser obra de Duquesa. A imagem de Marathon lhe veio à lembrança. Também seria capaz de transformar a propriedade de James nas Colônias em um lugar agradável e aconchegante. Se ele quisesse...

Aquela casa, ao contrário de Chase Park, não exibia retratos de família em suas

paredes, nem dispunha de móveis confortáveis, mas a recepção por parte da sra. Catsdoor e de seu filho, Harlow, que cuidavam de Candlethorpe no período em que James ia para as Colônias, foi tão acolhedora que compensou a rusticidade do ambiente. Os jardins, em contrapartida, se mostravam exuberantes, com extensos gramados e canteiros multicoloridos.

— Duquesa fez questão de plantar rosas e hortênsias. Mais adiante, ela fez um canteiro exclusivamente de margaridas.

Jessie sorriu ao notar o modo como James procurava mudar de assunto.

— Por que os homens se envergonham de apreciar o que é belo?

— De qual das propriedades você mais gosta? — perguntou James, ignorando ostensivamente o comentário de Jessie. — Candlethorpe ou Marathon?

— Eu não saberia dizer. Ambas são especiais em suas características próprias. Não está pensando em vendê-las, espero. Está?

— Eu não as venderia, a não ser por absoluta necessidade. — James apontou para a varanda. — Posso lhe oferecer um copo de limonada?

— O que eu realmente gostaria seria de dar um passeio a cavalo. Com Bellini, para ser sincera.

James deu um pequeno sorriso.

— Talvez em sua próxima visita. Bellini é um endiabrado. Charmoso quando lhe convém e um azougue ao se sentir em liberdade. Não acredito que você queira devolver esse traje completamente arruinado.

— Posso mandar consertá-lo, se necessário. Estou ganhando duas libras por semana.

— Marcus e Duquesa estão lhe pagando bem. Mas até quando você pretende levar esse tipo de vida, Jessie? Não está pensando em trabalhar para o conde e a condessa por muito tempo, está?

— Claro que não.

— Quais são seus planos?

Jessie baixou os olhos por um instante. Ergueu-os subitamente e fixou-os no homem por quem era apaixonada desde os catorze anos. No início, James era como um deus para ela. Idolatrava-o como a um herói. Parava de respirar cada vez que ele desfilava sobre um cavalo à sua frente. Seu coração batia mais forte quando ele lhe sorria e a fazia sentir-se admirada por seus talentos. Os anos foram se passando, e o deus se transformou em homem. Surpreendentemente, o deslumbramento se fortaleceu em sentimentos. Sua única decepção era o fato de James continuar encarando-a como se tivessem parado no tempo, e ela continuasse a ser aquela menina de catorze anos.

— Trabalhar até economizar dinheiro suficiente para voltar para as Colônias e comprar meu próprio haras.

James não riu de seu sonho, e Jessie sentiu-se grata por isso. Não teria suportado se ele tivesse rido de seu projeto, ou respondido em tom condescendente.

— Será necessário reunir um grande montante, Jessie. Duas libras por semana significam quarenta dólares ao mês. Em dois anos, mesmo que você guarde cada centavo, ainda não terá conseguido juntar mil dólares.

— Meu pai me ajudará. Tenho certeza de que ele me venderá alguns cavalos e

algumas éguas por um valor abaixo do mercado. Certamente precisarei de um empurrão no início, mas com trabalho e perseverança, obterei êxito, assim como você.

O olhar de James se perdeu nos bosques que cobriam as colinas distantes.

— Tive mais ajuda do que você imagina. Minha noiva trouxe um dote quando nos casamos. Eu contei com bem mais de mil dólares no início. Ganhei Candlethorpe de meu sogro como presente de casamento.

— De quanto era o dote?

— Vinte mil libras.

— James! — Jessie exclamou, atônita. — Isso dá muito mais do que cem mil dólares.

— Tive sorte, Jessie. Sou um homem rico porque me apaixonei pela filha única de um baronete milionário. Por outro lado, sou infeliz porque perdi minha esposa e porque me sinto culpado por sua morte.

— Não é verdade.

— Alicia morreu para dar à luz o filho que plantei em seu ventre. Eu perdi ambos antes do nosso primeiro aniversário de casamento.

— Entendo como se sente.

— Não, Jessie. Você não pode entender. É jovem ainda.

Jessie não retrucou. O bom-senso lhe dizia para calar até que o momento oportuno surgisse para conversarem a esse respeito.

— Por que você se culpa?

— Porque deveria ter buscado socorro quando fui afastado da cabeceira do leito de minha esposa pelo médico. Ele era um incompetente. O parto foi longo e doloroso demais. Após a morte de Alicia e de meu filho, consultei especialistas em Londres. Alicia e o bebê talvez pudessem ter sido salvos.

Lágrimas abundantes rolaram pelas faces de Jessie. James notou um estremecimento nos ombros dela.

— Você está chorando — murmurou. — Eu nunca a vi chorar antes/Aconteceu há mais de três anos. Eu não deveria ter lhe contado.

Em vez de consolar, aquelas palavras provocaram soluços em Jessie. Contrafeito, James pediu que ela parasse de chorar. Sem resultado, e sem entender o impulso que o levava a tomar aquela atitude, ele a puxou para si.

— James...

Lentamente, com os olhos nos dele, Jessie ergueu os braços e enlaçou-o pelo pescoço. Sem pensar no que fazia, James depositou um casto beijo nos lábios trêmulos. Estavam úmidos e macios, com um leve resquício de batom. Uma onda de desejo, forte e inesperada, o inundou. Ele deslizou a ponta da língua por aqueles lábios e fez um pedido absurdo, mas incontornável.

— Abra-os, Jessie. Abra-os para mim.

Talvez tivesse sido o tom de voz que ele usou, mas mais provavelmente foi o modo como ele a segurou pelos quadris e a pressionou contra seu corpo que a fez pestanejar e enrijecer como uma lebre em vista de uma raposa.

— Desculpe. Eu não deveria. Não sei o que deu em mim.

— Não precisa se desculpar, James. Eu não esperava. Apenas isso. Ninguém nunca me beijou antes. Em vez de se afastar, talvez você devesse ter insistido.

— Não diga mais nada, por favor. Apesar dessa nova plumagem, você continua a ser a Jessie que eu conheci, e eu não deveria ter me comportado dessa forma.

— Eu gostei. — Ela não podia imaginar como sua ingenuidade a tornava sedutora. — Quer tentar de novo?

James disse que não, mas quase que simultaneamente puxou-a e beijou-a na boca, não da maneira como fizera antes, mas como se quisesse devorá-la. Jessie não se conteve. Risos borbulharam antes que o beijo acabasse.

— Está achando meu beijo engraçado? — ele afastou-a, entre ofendido e perplexo, para em seguida imitá-la.

— Eu sonhei com você, esta noite — Jessie contou à guisa de justificar seu comportamento inesperado. Você estava em cima de mim, me beijando. Seus beijos eram quentes e molhados. Quando acordei, o cãozinho de Anthony estava em cima da minha cama, me lambendo.

— Eu o vi e sei que você está dizendo a verdade, mas não é muito lisonjeiro ser comparado a um cachorro — James resmungou.

Jessie riu.

— Talvez você possa me dar outro beijo para eu esquecer o sonho.

James franziu o rosto. Aquela mulher sempre seria um tormento para ele. Um adorável tormento.

A cena era digna de um tribunal. Só faltavam as perucas brancas. Sentado em uma cadeira dourada que fazia as vezes do banco do réu, James tomava seu chá sob os olhares perscrutadores de Maggie, Sampson, Spears e Badger.

A bandeja de prata com sanduíches e bolos permanecia intacta. James cogitou se Badger teria se dado conta do esforço que a sra. Catsdoor estava fazendo para impressioná-lo.

— Quem de vocês me dirá, afinal, o motivo desta visita inesperada? — indagou. — Ou eu terei de adivinhar?

Spears depositou sua xícara sobre a mesinha e pigarreou.

— Nós viemos a Candlethorpe para lhe dizer que discutimos o problema e chegamos a uma conclusão.

— Inclusive Marcus e Duquesa?

— Não. Achamos melhor falar com você antes.

— Qual a razão de toda essa formalidade? — James franziu o rosto. — Parece que alguém morreu.

— Não. Apenas é chegado o momento de você fazer o que é certo — declarou Maggie, ainda mais formal.

— E o que é certo, se me permitem perguntar? — James se levantou e se encaminhou para a lareira, onde cruzou os braços e estreitou os olhos para Sampson, o juiz da sessão, que, por sua vez, olhou pausadamente para cada um dos membros do grupo antes de dar o veredito.

— Nós somos unânimes em insistir que você se case com Jessie.

James sabia a que o júri se referia sobre o certo a fazer. Apenas não quisera aceitar a sugestão velada. Sentia-se acuado. Em protesto, permaneceu em silêncio até que ele próprio não o suportou.

— O meu problema com Jessie não é da conta de vocês. Nós não temos nada um com o outro. Não é justo que eu seja punido pela mácula em sua reputação que não fui eu que provoquei. Vocês sabiam que ela tomou a decisão de partir justamente porque não concordava com o parecer de sua família? Eu não fiz nada! Jessie nunca poderia ter me culpado nem se queixado a vocês.

Maggie girou a aliança em seu dedo e suspirou.

— Essa foi a maior tolice que você poderia ter dito, James. Jessie é inocente. Ela não sabe sobre esta reunião. Eu até duvido que ela concorde em se casar com você. Jessie não mudou de opinião, como você está pensando. Sua honestidade está acima de sua vulnerabilidade. Ela seria capaz de morrer para defendê-lo, James.

— Então eu estava certo. Desistam dessa idéia. Jessie não tem nenhum interesse em se casar comigo.

— A única razão que a impede de considerar essa possibilidade é a certeza de que você não se interessa por ela — declarou Badger.

— Jamais poderia esperar que vocês fossem se revelar um bando de alcoviteiros — James resmungou. — Querem que eu também seja honesto? A maioria das vezes eu não gosto de Jessie. Foram raras as ocasiões em que senti prazer em sua companhia.

O grupo trocou olhares.

— Vamos colocar as cartas na mesa, James — Badger prosseguiu. — Você precisa se casar com Jessie Warfield imediatamente. Ela jamais poderá voltar para as Colônias de cabeça erguida, a menos que você lhe dê seu nome. Embora ambos sejam inocentes, ela sofreu uma terrível difamação. Você é o único que poderá lhe restituir a honra.

— Jessie se apaixonou por você quando ainda era uma menina. Será uma excelente esposa — disse Maggie.

— Está enganada. Ela gosta de mim tanto quanto eu gosto dela. Não tenho projetos de me casar outra vez. Principalmente com alguém que vive para competir comigo nas corridas e para me jogar para fora das pistas sempre que pode.

— Ela é linda. Falta-lhe traquejo social, mas isso o próprio tempo se encarregará de consertar.

— Jessie está parecendo outra pessoa. Antes, ao menos, eu sabia o que esperar dela.

— Estamos desperdiçando palavras — interveio Spears. — É imperativo que você se case com ela, James. Deseja vê-la como uma empregada de Marcus e de Duquesa pelo resto de seus dias? Sua família foi generosa em acolhê-la. Não seria justo, porém, que tivessem de se responsabilizar por ela até o fim de sua vida.

E Jessie merece mais.

— O que acha de marcar a data para a semana que vem? — Maggie propôs. — Tenho certeza de que Duquesa e eu daremos conta dos preparativos para a festa. Eu também cuidarei do vestido de noiva. Já o tenho em minha mente.

— Ele certamente será maravilhoso, criado por seu talento artístico — disse

Sampson, inclinando-se para beijar a mão da esposa.

Badger colocou mais chá em sua xícara. James atirou a dele contra a parede.

Jessie entrou no quarto com Charles nos braços. Estava tão distraída, brincando com o bebê, que trombou com James.

— James, o que faz aqui?

— Onde você estava?

— No jardim. Charles adora sentir a suavidade das pétalas de rosa em sua pele e também seu perfume.

— Cale-se, Jessie! Você sabe perfeitamente a razão da minha presença. Não estou aqui para conversas.

— Fale mais baixo! — Jessie alertou-o. — Está assustando o bebê.

Charles realmente estava fazendo beicinho para chorar. No mesmo instante, James sorriu e pegou o afilhado no colo.

— Você não ficou com medo de mim, não é? Por que deveria? Seu padrinho nem sequer tem mais o controle sobre sua própria vida.

— O que você está querendo dizer com isso? — Jessie estranhou. — É senhor absoluto de sua vida. Possui duas magníficas propriedades e excelentes cavalos. O que mais quer? De que mais você necessita? Tenho certeza de que nada lhe falta. A não ser que esteja sentindo falta de alguma mulher que deixou aqui na Inglaterra, como Connie Maxwell nas Colônias. E pare de negar com a cabeça! Minha mãe estava certa quando disse que todos os homens são iguais!

— Esse vestido lhe cai bem — James surpreendeu-se dizendo. — Mas esses cachinhos em seu rosto...

— O que você tem contra eles?

James percebeu que Jessie o atacava para se defender antes que ele a ridicularizasse. Era o que gostaria de fazer. Desejaria nunca tê-la conhecido. Se ele não tivesse disputado a corrida de Weymouth, seis anos antes, Jessie nunca teria caído de uma árvore por cima dele. Consequentemente, não teria fugido para a Inglaterra. E seus amigos não o estariam pressionando para salvar sua reputação pelo casamento.

— Nada. São graciosos. Apenas terá de prendê-los quando quiser andar a cavalo, ou fustigarão seu rosto.

— Você gosta da minha aparência atual, James?

A preocupação em agradá-lo era tão genuína que James não se conteve.

— Vamos dar um passeio pelo jardim de rosas? Charles dormiu em meu colo.

— Deixe-me colocá-lo no berço. Ele dorme como um anjo. Seu embalo parece irresistível — disse Jessie com um sorriso.

— Eu gosto de crianças.

— Eu também.

Um minuto depois, enquanto caminhavam, ela não se conteve.

— Não foi para falar sobre seu afilhado que você me procurou.

—Não, é claro que não. Spears, Badger, Maggie e Sampson não lhe contaram?

— O quê?

Não era fingimento. Jessie não tinha a menor noção do que acontecera.

Assim, de repente, sem entender o que se passava com ele, James não quis mais que Jessie tomasse conhecimento da verdade. Ocorreu-lhe que a iniciativa dos amigos poderia ofendê-la.

— Faz sete anos que eles se esforçam para aprimorar meu caráter.

— E estão obtendo êxito?

— Em parte.

— Por que todos estão sendo tão bons comigo, James?

Nuvens escuras estavam se aproximando. A chuva era iminente.

— Porque gostam de mim e também de você, e querem nos ver casados. — James tomou fôlego e venceu o bloqueio. Agora só era preciso ir em frente. — Você quer se casar comigo, Jessie?

O resultado de sua ação, contudo, não foi exatamente o que ele esperava. Jessie recuou como se alguém a tivesse empurrado. Depois pestanejou como se estivesse acordando. Por fim deu meia-volta, ergueu a saia e fugiu em disparada. Como a antiga Jessie.

Ele a chamou em vão. Como Jessie continuasse a correr, ele foi atrás dela. Um galho pendente o derrubou. Em sua determinação de alcançá-la, James não o vira em seu caminho. Até conseguir detê-la à margem do lago, ele estava sem fôlego.

— Por que fez isso? Não quer se casar comigo?

O silêncio se estendeu até se partir pela força da irritação de James.

— Por que está me tratando desse jeito? Eu me encantei com seus cabelos desde o primeiro momento, embora você se empenhasse em escondê-los sob aqueles chapéus infames. Eu a conheço tão bem que sei quando está mentindo. Você lida com cavalos quase tão bem quanto eu, e os monta da mesma forma.

— Eu acumulei mais vitórias do que você.

— Ah, finalmente! — James exclamou. — Agora que resolveu me conceder o privilégio de sua atenção, repetirei a pergunta. Você quer se casar comigo?

— E você? Está me dizendo que quer se casar comigo porque sabe quando eu minto?

— Os motivos são vários. Nós compartilhamos uma intensa paixão por cavalos e por competições e buscamos as mesmas metas para o futuro.

— Nenhum desses motivos justifica um casamento. — Jessie virou-se de costas. — Vá embora. Não tenho mais nada para lhe dizer. Você não me arruinou. Não é responsável pelo que me aconteceu. Eu estou bem. Sou capaz de garantir minha sobrevivência e concretizar meus sonhos.

— Não seja tola. As chances de você comprar seu próprio haras são quase nulas.

— Agora eu entendo o porquê de eu não ter sido convocada para aquela reunião proposta por Spears e companhia. Eles vieram aqui para convencê-lo de que era seu dever me desposar.

— Está enganada.

— A idéia partiu de você?

— Sim. — James tirou uma carta do bolso e entregou-a. Era preciso mudar o foco

da conversa antes que ela percebesse que estava mentindo: — É de seu pai,

Um trovão ribombou no ar. O céu estava escurecendo a cada minuto. A tarde mal chegava ao meio, mas já dava a impressão de ser noite.

— Você a leu?

— É claro que não! Está endereçada a você.

Com o cenho franzido, Jessie abriu o envelope e retirou uma folha de papel dobrada ao meio.

Minha querida Jessie,

Espero que James a tenha encontrado bem. Minha preocupação é muito maior do que você pode imaginar. Peça que James se case com você e volte para nós. Se ele ainda não caiu em si e tentou remediar a situação, você deverá lhe cobrar uma reparação. Ele é um Cavalheiro, não faltará a seu dever de honra. Volte para casa, filha.

Seu pai que a ama,

Oliver Warfield

Ao término da leitura, Jessie devolveu a carta a James e ergueu os olhos para o céu. Não suportaria testemunhar sua expressão de desdém. Ainda sem dizer nada, começou a andar. Por mais que se apressasse, não chegaria a Chase Park antes que a chuva desabasse.

James logo a acompanhou.

— Pretende seguir os conselhos de seu pai?

— Não.

Certamente que não. Jessie era ousada e destemida, mas ele não conseguia imaginá-la se atrevendo a lhe fazer aquele tipo de proposta.

— Precisamos correr. — Ele a segurou pela mão.

Com a outra mão, Jessie ergueu a saia. Aos primeiros pingos de chuva, voltou a se comportar como a Jessie que ele conhecia, correndo como um potro e rindo com a inocência de uma criança.

Eles entraram na casa pelas portas de vidro da biblioteca. Mal deram um passo para dentro e um raio riscou o céu. Um forte trovão sacudiu as nuvens e a tempestade finalmente desabou.

— Foi por pouco — James observou.

— A carta! — Jessie lembrou. — Eu não o vi guardá-la.

— Está em meu bolso. — James se aproximou e enrolou um cachinho em torno do dedo. — A chuva poderia danificá-la. Mas conseguimos chegar antes que ela nos atingisse, não é? Seus cabelos continuam perfeitos.

Jessie tentou não demonstrar o prazer que o comentário lhe causou.

— Você acha mesmo que eu fico ridícula de vestido e meias?

— Não, Jessie. — James a fitou por um longo momento. — Por que fugiu de mim? Seja sincera. Por que não respondeu ao meu pedido?

— Eu seria incapaz de aceitar seu sacrifício.

— Por quê?

— Você não me ama. Quero me casar com alguém que me ame, independentemente da roupa que estiver usando e do comportamento a que as circunstâncias me obrigarem.

— Você está sendo radical.

— Talvez. Mas preciso saber o que me espera e me conformar com o que posso e com o que nunca poderei ter.

— Você quer ter filhos?

— Sim, mas não creio que os terei. Antes eu precisaria de um marido.

— Pare com isso! Como pode pensar tão pouco de si mesma? — James parecia zangado. Segurou-a com força pelos ombros. Por pouco não a sacudiu. — Eu estou aqui. Por que me recusa?

Jessie o empurrou à tentativa de convencê-lo pela força. Não esperava que James fosse reagir e dominá-la com o peso de seu corpo. Após um instante de aturdimento, porém, lembrou-se de que as pernas e os braços permaneciam livres e que poderiam ser usados. Golpeou-o no peito com os punhos fechados. Ergueu as pernas e atingiu-o nas costas. Mas, em vez de soltá-la, James inclinou a cabeça para beijá-la. Ela virou o rosto bruscamente, e ele não conseguiu alcançar seu objetivo. Na segunda investida, os lábios pousaram em seu rosto. Da outra vez, James segurou-lhe o queixo e encontrou sua boca.

— Você está puxando meu cabelo!

James aproveitou os lábios entreabertos para introduzir a língua. Por uma fração de segundo, apenas. Jessie continuava se debatendo. Com sua braveza, ele não se admiraria se ela mordesse sua língua, e resolveu soltá-la.

— Seus cabelos têm o perfume de lavanda e de chuva.

— Vá para o inferno, James! Isso é coação! O que deu em você para...

Ele tornou a beijá-la. Moveu-se com cuidado e, sem que Jessie percebesse, tornou a deitá-la, ajeitando-se entre suas pernas. A sensação era tão boa que ele fechou os olhos por um instante para se envolver no calor do corpo feminino.

— O que está pensando, seu idiota? Em me seduzir no sofá da biblioteca?

— Ao menos você fará juz à reputação que adquiriu. Eu não tinha pensado antes em seduzi-la, mas essa possibilidade de repente começou a me atrair. Você gosta de ter o meu corpo sobre o seu?

— Sim. Apenas estou estranhando que seu sexo tenha inchado como acontece com os cavalos em vista de uma égua no cio.

— Nem tanto — James respondeu, divertido, e ainda mais excitado. — E agora, Jessie? Vai se casar comigo?

— Não. Nada mudou. Eu não sou tão ingênua quanto imagina. Minha mãe ensinou as filhas sobre homens e sobre volúpia. Ela disse que a volúpia é própria dos homens e que o casamento não resolve o problema na maioria dos casos. Ou os homens não teriam amantes.

— Sua mãe perdeu uma boa oportunidade de ficar calada.

— Por quê? Ela mentiu?

— Não. Um pouco, talvez. O que ela não mencionou foi que a volúpia não se restringe aos homens. Considere Glenda, por exemplo. Ela usa vestidos decotados e olha propositadamente na altura da virilha dos homens. Com que objetivo, eu me pergunto?

— Minha mãe não falou nada sobre as mulheres. E saia de cima de mim! — Jessie gritou. — Você tentou me distrair e conseguiu, mas agora chega!

— Sim, James — soou a voz acusadora de Spears. — Nós já vimos o suficiente.

Jessie pestanejou ao deparar com Spears, Badger, Sampson e Maggie entrando na biblioteca e se colocando em círculo ao redor dela e de James.

— Não, ainda não é o suficiente — retrucou James, sem sair de cima de Jessie. — Marcus e Duquesa também deveriam ter testemunhado esta cena.

— Nesse caso, sr. James, trarei ambos aqui imediatamente — Sampson se prontificou.

— Eu não acredito no que estou vendo — protestou Jessie. — Por que vocês estão parados aí, olhando para mim, em vez de me soltarem?

— Não estamos parados — respondeu Badger. — Estamos tomando providências para o jantar em comemoração ao seu noivado com James. Vocês se deliciarão com o peixe ao molho de ostras que servirei como prato principal.

Ao ouvir vozes no corredor, James tornou a beijar Jessie. Quando finalmente ele a soltou, ela ergueu os olhos para a pequena multidão sorridente. Ao tornar a encará-lo, poderia tê-lo fulminado com a intensidade de sua indignação.

— Eu vou matar você, James, pela vergonha que está me fazendo passar.

Ele se distraía momentaneamente com a chegada dos primos, e Jessie aproveitou para empurrá-lo para fora do sofá.

— Seu mentiroso! A idéia de se casar comigo não partiu de você! Eles o colocaram contra a parede. Fizeram com que se sentisse culpado e que eu parecesse uma pobre coitada disposta a me atirar de um penhasco. — Ela caminhou em direção à porta. — Sinto muito, Badger, se estraguei seu jantar. O jantar de todos vocês. James não quer se casar comigo. Por que vocês se recusam a aceitar esse fato?

Spears e Badger se entreolharam. Jessie saíra correndo sem se importar com a chuva e James a seguiu.

— Precisamos providenciar cobertores e um bule de chá quente. E rezar para que esses dois não apanhem uma pneumonia.

James encontrou-a nos estábulos, tentando encilhar Clancy. A escolha de outro cavalo teria facilitado a tarefa. Clancy era o maior entre todos os animais da propriedade. A sela já devia ter escorregado algumas vezes, a julgar pelas imprecações que ele estava ouvindo.

— Largue-o, Jessie — James pediu. — Ele já derrubou o conde e seus tratadores. O bruto pode matá-la. Com essa chuva, o melhor a fazer é voltar para casa.

— Não.

— Desta vez você vai me obedecer — James insistiu. — Estou cansado de correr atrás de você e de presenciar seus achaques de menina mimada.

— Eu não sou uma menina mimada, e Clancy não é um bruto!

James estreitou os olhos.

— Por acaso você já o montou?

— Sim. Foi ele que me levou para conhecer o lugar.

— Marcus lhe deu permissão? — James estranhou.

— Ele não sabe.

Com um suspiro de desalento, James deixou os braços cair ao longo do corpo.

— Venha comigo. Precisamos nos aquecer. Estamos molhados até os ossos.

— Para quê? Para você me atirar sobre o sofá da biblioteca e tentar me seduzir?

— Da próxima vez será em uma cama.

A sela voou pelo estábulo e caiu perto de James. Ele sorriu por um instante, mas sua expressão foi se tornando ameaçadora conforme ele avançava.

— Por outro lado, talvez devamos ficar aqui. A chuva fez coisas interessantes com sua roupa. O corpete aderiu ao seu corpo como uma segunda pele.

Pressentindo o perigo, Jessie se abaixou e fugiu por baixo de Clancy. James se recriminou por sua falta de tato. O cavalo poderia ter se assustado e a machucado.

— Não seja tola. Eu não farei nada que você não queira. Prometo.

Alguns instantes depois, Jessie finalmente o ouviu. Seus ombros estavam curvados e tremiam. James segurou-a pelo queixo e tentou fitá-la nos olhos. Eles estavam fechados, mas as lágrimas escorriam por suas faces.

— Por que está chorando? — ele murmurou. — Por que não quer se casar comigo? Acha que isso significaria uma derrota, como se o casamento fosse uma espécie de disputa?

— Você foi o primeiro homem que me beijou.

Um sorriso se estampou no rosto de James.

— Se você me aceitar, eu continuarei a beijá-la até nos cansarmos.

— Esse é o problema. — Ela suspirou. — É você quem está considerando esta situação como uma disputa. Já não importa o que sua consciência diz sobre fazer o que é certo. Eu deveria ter respondido que sim imediatamente. Você recuaria. Diria que após muito pensar, percebeu que nosso casamento seria um erro. Mas eu recusei seu pedido, e você está determinado a obter sua vitória.

James estreitou os olhos.

— Por que está me dizendo essas coisas?

— Porque estou considerando aceitar sua proposta, mas sob uma condição.

— Qual?

— Casamento para mim é para sempre. Sei que os homens são incapazes de se manter fiéis, em especial com as esposas. E com o agravante de que você não me ama, a probabilidade de você voltar para Conníe Maxwell ou de arrumar outra amante é enorme. Por isso, só me casarei com você em igualdade de condições. Quando eu me cansar de você, também terei amantes.

— Não é tão simples assim — James respondeu. — Ao contrário dos homens, as mulheres engravidam. Eu não criarei filhos de outros.

Jessie mordeu o lábio.

— Eu não havia pensado nisso. Não há nenhum jeito de evitar a concepção?

— Sim, mas você não entenderia mesmo que eu lhe contasse.

— Quer dizer que as mulheres com quem você se relacionou tiveram de se proteger sozinhas? Você nunca se precaveu? Nunca se preocupou que pudesse ter um filho bastardo?

James franziu o cenho.

— Você não terá amantes, Jessie.

— Se você não tiver, eu não terei. À condição é essa.

— A condição para continuarmos esta conversa é voltarmos para casa e trocarmos de roupa. Não haverá casamento se morrermos antes.

James estendeu a mão e Jessie aceitou-a em silêncio. A chuva estava mais fraca. Uma densa neblina parecia brotar dos confins da Terra e cobrir a paisagem com um véu cinza. Inexplicavelmente, Jessie se sentiu bem como há muito tempo, não se sentia.

* * *

— Vocês demoraram — Badger observou. — Pensei que teria de preparar outro chá para acompanhar minhas tortas de maçã.

— Tem roupas secas na despensa. Assim que vocês se trocarem, discutiremos sobre o casamento — afirmou Spears.

Maggie não foi capaz de esperar para dizer que ela e Duquesa já haviam improvisado um vestido de noiva. Marcus entrou na cozinha naquele instante.

— Posso chamar o vigário?

— Sim — James e Jessie responderam em uníssono. Marcus deu uma piscadela para James.

— Talvez você possa me contar depois qual foi o recurso que usou para convencê-la?

— Sim — respondeu ele, olhando para Jessie, notavelmente linda com um vestido branco que realçava o tom avermelhado de seus cabelos.

Sua noiva... Parecia incrível! Nos últimos cinco dias ele não conseguira pensar em mais nada a não ser em Jessie. Seu coração batia mais depressa só de pensar que poderia tocar aqueles cabelos macios como fios de seda e perfumados como as mais fragrantas flores. Jessie, no entanto, parecia querer fugir dele, cada vez que se encontravam.

— Jessie prefere a companhia de Charles e Anthony — Duquesa observara em uma dessas ocasiões. — Eles não a fazem sentir insegura como você.

James não respondera. Agora eles estavam diante do bispo de York, que se dispusera a celebrar a cerimônia como um favor especial ao conde de Chase.

Tantas coisas tinham mudado desde o incidente da árvore! Mais ainda depois que Jessie concordara em se casar com ele. Ela parecia ter se transformado em uma terceira mulher. Não estava se comportando como a antiga Jessie nem como a nova. Tornara-se estranhamente contida e arredia, principalmente depois que ele lhe dera de presente um par de sapatinhos brancos embrulhados em papel prateado, para substituir os que a chuva danificara.

O trabalho em Candlethorpe ajudou-o a manter a mente ocupada. Ele só estivera em Chase Park duas noites naquela semana, aceitando um convite dos primos para

jantar. Não saberia como se comportar se tivesse de namorar Jessie. Ela tampouco aceitaria sua corte, depois de terem vivido todos aqueles anos em provocações e disputas. Não havia clima para romance entre eles.

O murmúrio de Jessie ao pronunciar o "sim" fez James voltar ao presente. O bispo estava olhando para eles e dizendo palavras que não lhe chegavam aos ouvidos. Até que finalmente a cerimônia foi encerrada e o celebrante convidou os noivos a selarem a união com um beijo diante de Deus e das testemunhas.

James ergueu delicadamente o queixo de Jessie e pousou seus lábios nos dela em um beijo casto.

— Dará tudo certo. Você verá. — sussurrou e tornou a beijá-la. — Confie em mim.

Jessie não respondeu. Não conseguia entender as tramas do destino. Estava casada com o homem dos seus sonhos, o homem por quem se apaixonara desde o primeiro instante, como se tivesse sido atingida por um raio.

Beijou-o como fora instruída a fazer. James sorriu e ofereceu-lhe o braço.

— Venha. Precisamos cumprimentar os convidados.

O sr. Bagley e a esposa foram os primeiros a saúda-los. Jessie simpatizara com ele por ocasião do primeiro jantar oferecido por Duquesa. Por sua vontade, deveria ter sido o vigário local a conduzir a cerimônia, mas os amigos e os parentes de James foram irredutíveis sobre a necessidade de eles se casarem sem demora. Assim, Marcus tivera de falar com o bispo para requerer uma licença especial.

George Raven, o médico dos Wyndham, também estava entre os convidados, com a esposa. Francês Hawksbury, a condessa de Rothermere, devia ser íntima de James. Abraçou-o e depois sorriu para Jessie.

— Mantenha-o firme, em suas rédeas. — Ela piscou. — Mas solte-as e deixe-o correr livremente quando perceber que ele está com excesso de energia.

— Engano-me ou você está sendo comparado a um cavalo, James? — Marcus se aproximou e sugeriu, provocador como de costume.

Jessie riu da situação. Não esperava que James fosse retrucar.

— E eu a morderei de leve no pescoço para mantê-la obediente e para que siga na direção que eu escolher.

Duquesa se reuniu ao grupo e balançou a cabeça.

— O melhor da cerimônia está por começar. Parem com essa conversa. Vamos abrir o champanhe e servir o lauto almoço em cujo preparo Badger jurou ter se superado.

A tarde ia ao meio quando James sugeriu que ele e Jessie partissem para Candlethorpe. Duquesa acompanhou Jessie até seu quarto, onde a ajudou a trocar o vestido por um traje de montaria. Maggie prendeu seus cabelos no alto e deixou-os soltos na parte de trás. Puxou alguns cachinhos para que emoldurassem o rosto e conferissem leveza ao penteado, e que tanto fascinavam James. Em contraste com o dourado do traje, os cabelos de Jessie brilharam como um pôr do sol. Como toque final, Duquesa colocou um chapéu com uma pena de pavão e recuou para verificar o efeito.

— Você está linda.

— James não vai caçoar de mim?

— Impossível! — Maggie garantiu. — Se ele fizer isso, morda-o. Os homens adoram mordidinhas carinhosas...

Duquesa, que queria ter alguns instantes a sós com Jessie, inventou uma desculpa para que Maggie saísse.

— Há algo que você queira me perguntar? — indagou, segurando a mão de Jessie, assim que elas ficaram a sós.

— Sobre o casamento, você quer dizer?

— Sim. Faça de conta que sou sua irmã. Não se sinta constrangida.

— Oh, eu acho que sei tudo a respeito. — Jessie encolheu os ombros. — Fui criada entre cavalos. James virá por trás e se colocará dentro de mim. Não há nenhum segredo nisso.

— Bem — Duquesa sorriu —, talvez você deva se preparar para algumas surpresas. De qualquer forma, esteja certa de que James saberá exatamente o que fazer.

— Oh, sim. Ele já foi casado antes.

— Essa situação a incomoda?

Jessie foi até a janela e contemplou a vista.

— Não. Não sei por que me lembrei da outra esposa dele neste momento. Acho que foi por causa da nossa conversa. Ela era bonita?

— Sim, Alicia era muito bonita. Parecia um anjo, com cabelos loiros e olhos azuis. Mas hoje é o dia de seu casamento, e a pobre Alicia morreu há anos.

— Ela ajudava James a cuidar de Candlethorpe?

— Se você está se referindo aos estábulos e aos cavalos, não. Alicia nunca faria esse tipo de trabalho.

— Ela era do tipo que passava o dia bordando e tomando chá? Não acompanhava James em seus passeios?

A condessa sorriu diante do absoluto espanto que a suposição provocou em Jessie.

— Esqueça Alicia. Pense apenas em seu marido. Ele deve estar à sua espera.

O bispo de York ergueu os olhos para o alto da escada e franziu o cenho. Jessie imaginou se ele ainda se lembrava de que ela era a noiva, depois das incontáveis taças de champanhe consumidas.

— Uma noiva vestida de dourado. Suponho que a moda seja mais extravagante na América. Devo pensar que milady aprova esse ousado espetáculo?

— Sim. Eu não apenas aprovo como admiro — respondeu Duquesa com um sorriso e, após um meneio, conduziu Jessie pela mão para que se despedisse dos convidados.

— Você foi maravilhosa comigo. Eu nunca poderei lhe agradecer o suficiente pelo que fez por mim. Sentirei falta das crianças e de todos. — Jessie não conteve o ímpeto de abraçá-la.

— Venha nos visitar sempre que quiser — o conde respondeu pela esposa, e se colocou do outro lado de Jessie. — James está esperando por você na porta dos fundos. E tente adivinhar quem você encontrará com ele!

No primeiro degrau da escadaria de pedra, Jessie encontrou James e os quatro fiéis serviçais à sua espera com largos sorrisos e votos de felicidade.

Badger ofereceu aos noivos um cesto coberto por uma toalha.

— Separei uma porção de costeletas de cordeiro com batatas e um pudim de maçã para vocês comerem no jantar, e também uma garrafa do excelente champanhe da adega particular do conde.

Maggie deu um pote de creme de beleza para Jessie.

— Lembre-se. Agora que está casada, não deverá mais usá-lo na hora de dormir.

Sampson entregou a Jessie um pequeno estojo.

— Eu lhe comprei brincos. Maggie me garantiu que eles ficarão lindos em suas delicadas orelhas.

Jessie abriu o estojo e corou.

— Não posso aceitar, Sampson! São safiras!

— Aceite nosso presente — Maggie insistiu. — Os brincos complementarão os novos trajes do enxoval com que a condessa a presenteou.

Spears reclamou sua vez.

— Promete cuidar bem de James?

— Prometo que tentarei. — Jessie teve de rir do pedido feito em tom fingidamente sério.

— Nossa! Quanta comida você colocou neste cesto, Badger? — James perguntou. — Está mais pesado do que a sela nova que comprei para Jessie.

— Uma sela nova!

James puxou Jessie de lado e cochichou:

— Essa era uma das minhas surpresas para você.

Jessie enrubesceu até a raiz dos cabelos ao se lembrar das palavras de despedida da condessa. Mas James parecia tão feliz, e seus novos amigos eram tão cordiais e atenciosos, que ela já estava se sentindo novamente à vontade ao montar em Esmeralda, uma égua puro-sangue turco Byerley, e seguir ao lado de seu marido, sobre Bertram, um berbere cinza com focinho branco, rumo à sua nova vida.

O sol ainda brilhava sobre um céu azul salpicado de nuvens muito brancas.

Fazia calor. Após quinze minutos de corrida, Jessie diminuiu a velocidade e perguntou se James podia abrir o champanhe. Suas faces estavam coradas do exercício. James não fizera nenhuma observação, mas estranhara o comportamento de Jessie. Ela estava agindo como se eles estivessem participando de uma competição. Não dissera nem sequer uma palavra desde a partida de Chase Park.

Ele apontou para um arvoredor além de uma cerca branca.

— Lá atrás encontraremos uma pequena campina.

Os dois cavalos saltaram com facilidade sobre o obstáculo. Por não conhecer o terreno, Jessie o seguiu de perto pela trilha estreita que terminou em um campo paradisíaco, salpicado de flores amarelas, vermelhas, cor-de-rosa, brancas e roxas. James obviamente estivera ali antes. Percorreu o local com os olhos até encontrar uma pedra achatada, grande o suficiente para acomodá-los.

Eles estenderam a toalha e dispuseram a oferta de Badger. James abriu o champanhe e derramou-o nas taças. Riu de sua precipitação e tomou-o rapidamente antes que demasiadas gotas pudessem se perder.

— Por que pediu o champanhe, se nunca apreciou bebidas alcoólicas? — James

perguntou, intrigado, depois que eles se acomodaram. — Se estava com sede, tínhamos água em abundância.

— Pensei que seria mais fácil se eu me embebedasse.

— O que seria mais fácil?

— Não finja que não entendeu. — Jessie esvaziou a taça e estendeu-a para que James lhe servisse outra.

— Ah, você quer se entorpecer para suportar meu assédio.

— Isso.

— Por quê, Jessie? Por que está com medo de fazer amor comigo? Você me conhece há anos.

Incapaz de encará-lo, Jessie fixou os olhos nas luvas que repousavam a seus pés e esvaziou a segunda taça. James não se recusou a lhe servir outra, mas encheu-a apenas até a metade. Não podia tentar se enganar dizendo que não esperava por aquele tipo de atitude. Sempre tratara Jessie como a uma irmã caçula, e de repente ela se tornara sua esposa. Não era difícil perceber que Jessie estava com tanto medo dele quanto Sober John de tempestade.

— Eu ainda me sinto mais à vontade para falar com a antiga Jessie — confessou, quando o silêncio começou a se estender. — Você nunca foi covarde. Qual é o problema?

— A nova Jessie também é novidade para mim. Esse é o problema. Só estamos casados por causa de um equívoco. Não estaremos cometendo outro equívoco ao nos comportarmos como um casal de verdade?

— Talvez — ele respondeu depois de um momento, e tomou o resto de champanhe da taça.

— Não sou Alicia — Jessie murmurou. — Duquesa me disse que ela era linda e que você a amava. Não tenho nada em comum com sua primeira esposa. Não sou loira nem tenho olhos azuis. Ela era baixinha e eu sou alta. Mas a questão principal é que você não me ama. Não há como nosso casamento dar certo.

— Nós acabaremos por nos entender, de uma forma ou de outra. Eu tenho certeza.

James não estava tão seguro do que afirmava. Como Jessie, gostaria de se embriagar e parar de pensar.

— O champanhe acabou. Mais do que comida, Badger poderia ter reforçado a provisão de bebidas.

Jessie abriu o cesto e encontrou outra garrafa, embrulhada em um pano.

— Ele reforçou.

— A temperatura está agradável, e este lugar é bonito e seguro. Não precisamos ter pressa. Ocorreu-me que quando você estiver embriagada o suficiente para perder a noção das coisas, eu poderia resolver a questão sobre a sua virgindade. Então nós prosseguiríamos em direção a Candlethorpe. Amanhã, após uma boa noite de sono, sem nos lembrarmos do que aconteceu, sairíamos para cavalgar e para cuidar do haras como costumávamos fazer. O que me diz, Jessie?

Ela não disse nada. James ousara esperar ao menos um gesto de encorajamento, mas Jessie estava empenhada em abrir a segunda garrafa e não dava sinais de ter ouvido sua proposta.

Com um suspiro, James se deitou sobre a pedra. O sol aquecia seu rosto, o

perfume das flores o inebriava. Jessie, impaciente com sua falta de êxito, retirou a rocha com os dentes. Ele riu. Aquela era a sua Jessie.

Após a quarta taça, os dois estavam rindo por tudo e por nada. James considerou suas chances. Precisava agir antes que o efeito do álcool o impossibilitasse de dar conta da tarefa. Jessie poderia continuar bebendo, se quisesse.

— Acha que está atordoada o suficiente para se deitar e deixar que eu a beije?

Ela o encarou por um instante e ele ainda pôde ver o medo e a ansiedade em seus olhos.

— Sim. Vamos nos beijar. Mas, antes, quero tomar mais uma taça.

Ele serviu a bebida sem retrucar e Jessie a tomou de um só gole. Deitou-se de costas, e James pediu que ela relaxasse. Ela cruzou as mãos sobre o peito como se estivesse morta. James não resistiu. Seus lábios estavam distendidos em um sorriso quando os pousou sobre os dela.

— Abra-os um pouquinho. Pense que está levando à boca um doce de que gosta muito.

Jessie fez o que ele pedia, e James teve a sensação de que o ar lhe fora sugado dos pulmões. Jessie estava com gosto de champanhe, como tinha de estar. Mas não era só isso. Seu sabor era estranhamente exótico. A boca era incrivelmente macia. E ele descobriu que queria mais.

Aquela não era a Jessie menina. Ele estava beijando uma mulher. Precisava ter cuidado para não perder o controle...

— James!

Ele parou. Jessie estava corada e fugia ao seu olhar.

— O que foi?

— Eu bebi demais.

— Eu também. Não sinta vergonha de mim. Sou seu marido.

— Não se trata disso. Eu... Eu preciso me aliviar.

James tentou ficar sério, mas não conseguiu.

— Vencido por uma garrafa de champanhe!

Ele se levantou e ajudou-a. Jessie ajeitou as saias e se encaminhou lentamente para os arbustos. Parecia estudar cada passo antes de dá-lo. Não olhou para trás nem uma vez.

Deitado de costas sobre a pedra, James se pôs a assobiar uma das composições de Duquesa. E outra. Levantou-se e tomou mais uma taça de champanhe. Jessie estava demorando demais.

— Jessie! Você está bem?

Apenas um suave murmúrio de folhas se agitando à brisa respondeu a seu chamado.

— Jessie! — ele tornou a chamar.

Preocupado com o que poderia ter acontecido, James se precipitou em direção aos arbustos, surpreso com a falta de firmeza na troca de seus passos.

Jessie estava dormindo.

Ela queria morrer. Queria estar sozinha para dar seu último suspiro. Talvez as pessoas parassem com aquele burburinho e fossem embora, se ela abrisse os olhos. Mas ao tentar abri-los, a luz intensa e brilhante provocou uma dor tão forte em sua cabeça que ela precisou tornar a fechá-los. Ouviu passos nesse momento e a porta abrir e fechar.

— Você está com ressaca, Jessie. A sra. Catsdoor preparou uma infusão de ervas que deverá ajudá-la a se recuperar.

— Estamos sozinhos? Não há mais ninguém no quarto?

— Não. Apenas você e eu.

James ajudou-a a se sentar e lhe deu a poção. Jessie se sentiu ainda pior, se é que isso era possível. Ele a fez deitar novamente e colocou um pano úmido sobre sua testa.

— Não tente abrir os olhos. Não fale. Você está em Candlethorpe, em seus novos aposentos. Felizmente eu estava em melhores condições e consegui colocá-la sobre meu cavalo e trazê-la para cá. Não sei como, mas também consegui trazer Esmere Ida.

Jessie umedeceu os lábios com a ponta da língua. Estava agoniada. O enjôo ameaçava vencê-la. Sentia-se à beira da morte, mas precisava saber.

— Aquele assunto ficou resolvido? Eu não fiz um papelão? Você guardará uma boa lembrança de mim?

A pergunta o pegou tão desprevenido que ele não soube o que dizer.

— Oh, não! — Jessie sentiu o estômago revirar. — Foi tão terrível assim? Diga a verdade. Se quiser, eu irei embora. Quando tiver condições de me levantar se sobreviver...

— Eu não diria que foi terrível. Em absoluto. Você cooperou. Lembra-se que queria acabar logo com aquilo para que as coisas pudessem voltar ao normal entre nós? — A última coisa de que me lembro era de estar olhando para as flores e pensar que eram as mais coloridas que eu já vi. Não me lembro de mais nada. Morrerei virgem em espírito se não na carne.

— Uma virgem adorável.

James notou o movimento que Jessie fez com as mãos ao longo do corpo.

— Eu estou de camisola. Você me despiu?

— Nós estamos casados, Jessie.

— Não estou gostando disso, James. — Ela suspirou. — Não me lembro de você ter tirado minhas roupas no campo e nem aqui.

— Não é preciso tirar toda a roupa para se ter uma relação.

— Suponho que devo lhe ser grata por ter resolvido a situação sem que eu me lembre de como foi.

— Eu lhe pedi que confiasse em mim. Disso você se lembra?

Jessie caiu no sono antes de responder. James saiu sem fazer barulho. Não sentia fome, mas tomou um prato de sopa antes de voltar para o quarto e se deitar ao lado de Jessie.

Eu estou viva, Jessie pensou. Não me sinto mais à morte.

O sol penetrava pela cortina entreaberta. Era o dia seguinte ao seu casamento.

Não se lembrava do que James lhe fizera, mas era melhor assim.

Um leve ressonar a seu lado a fez sentar-se de um salto. James estava com ela na cama! Dormia com um dos braços sobre os olhos e o outro sobre a barriga. Estava com o peito desnudo. O lençol o cobria somente até a cintura.

Seu marido. Como era atraente e viril! Uma camada de pelos cobria seu peito musculoso e bronzeado. Seria errado aproveitar que ele dormia para admirá-lo de um modo que nunca imaginara possível? Deslizar o lençol ligeiramente para baixo e verificar se ele era grande mesmo quando não estava inchado?

Para sua surpresa, ela não estava dolorida. As éguas costumavam tremer e patear de um lado para outro após o cruzamento. Algumas chegavam a dobrar os joelhos quando voltavam a andar. James devia ter sido gentil com ela.

Devagar para não acordá-lo, ela se virou para a beirada da cama e se levantou. Suas pernas estavam firmes.

Havia uma bacia com água sobre a cômoda. Jessie atravessou o quarto, tirou a camisola e lavou-se, sempre atenta a qualquer movimento de James.

Ao vê-lo se mover, vestiu a primeira roupa que encontrou. Em seguida tornou a olhar em direção à cama. O lençol escorregara. Na ponta dos pés, ela se aproximou para examinar. A pele era mais branca na parte de baixo e os pelos um pouco mais escuros e espessos. Era de ser previsto, mas a descoberta a fascinou. E antes que James acordasse, ela resolveu sair do quarto.

— Sra. James! — a sra. Catsdoor exclamou. — Não esperava que acordasse tão cedo após o mal-estar de ontem.

— Obrigada por ter me salvado. Não estou acostumada a beber. Desculpe pelo trabalho que devo ter lhe dado ao chegar aqui. Seu chá foi milagroso. Estou cora fome agora.

— Lógico que está. Não comeu nada ontem. Eu lhe servirei meu mingau de aveia e a senhora ficará boa por completo. O sr. James sempre diz que meu mingau é o melhor da Inglaterra e das Colônias. Eu o preparo com um mel especial. As abelhas o produzem apenas para mim. Ninguém mais conhece a localização da colméia.

Capítulo IV

James acordou sobressaltado. Sonhara que estava beijando uma mulher que sussurrava em sua boca que ele era magnífico e que estava lhe proporcionando um intenso prazer, tocando-a e penetrando-a.

Ele balançou a cabeça. Um sonho. Nada mais do que isso. Porém alguma coisa estava diferente, embora não atinasse com o que era. Estava em sua própria cama, deitado do lado direito, e...

Era isso. Ele nunca dormia do lado direito. Jessie se embriagara com o champanhe e ele a acomodara em sua cama, sem pensar nesse detalhe. O travesseiro ainda mos-

trava as marcas de sua presença. Aparentemente a bebedeira fora superada.

Uma hora mais tarde, James encontrou Jessie escovando Esmeralda e conversando com Sigmund, o tratador, como se o conhecesse de longa data. Não estava usando roupas masculinas como a antiga Jessie, mas um vestido de algodão azul, simples e prático. Os cabelos estavam presos numa trança no alto da cabeça, mas alguns cachinhos enfeitavam as orelhas.

— Bom dia.

— Bom dia, sr. James — respondeu Sigmund. — Acabei de tirar um pedregulho da pata de Bertram. Ele está velho, mas continua sendo um ótimo animal.

— Bom dia, Jessie. Felizmente os excessos de ontem não a abateram.

Jessie se preocupara tanto com o momento da verdade que agora sentia vontade de rir de sua tolice. James estava certo ao afirmar que tudo voltaria ao normal depois da consumação do casamento.

Sorriu para ele.

— Estou pronta para um passeio. Você me acompanha?

— Não posso neste momento. O sr. DeWitt ficou de trazer uma égua esta manhã para que Minotaur a cubra.

Jessie assentiu e deixou o estábulo, já montada em Esmeralda. Ele a seguiu com os olhos.

— Não se preocupe, sr. James. Sua esposa sabe o que está fazendo. Eu a levei para visitar a propriedade anteriormente e a apresentei a todos os animais. Eles se comportaram como cães de estimação. Juro que nunca soube de outra mulher que conhecesse tanto sobre cavalos. Eles gostaram dela. Mostraram-se dóceis. Não ficaram sacudindo a cabeça como costumam fazer diante de gente em quem não confiam.

— Você precisa vê-la correr.

— O senhor está caçoando de mim. Ela sabe lidar com cavalos e monta bem, mas correr? É bonita e feminina demais para isso.

— Espere para ver — James sugeriu e se despediu do tratador com um toque em seu ombro.

— Nós temos seis garanhões e três reprodutoras — James contou a Jessie enquanto comiam a sobremesa.

— Tudo correu bem esta manhã.

— Eu estive lendo sobre a genealogia dos seus cavalos. Fiquei impressionada com seus métodos e com sua organização.

James fitou-a, sério.

— Estou contente que você tenha sobrevivido. Tem sido uma boa amiga apesar de suas eventuais provocações.

— Você sabia que eu não estava morrendo — protestou ela, imediatamente inflamada. — Fiz um papel de idiota e você não tentou me corrigir.

— Você não estava em condições de ser contrariada. Juro que não ri de você — James respondeu, contendo-se para não fazê-lo.

— Você dormiu comigo.

— Aquela é a minha cama.

— O que faremos esta tarde? — Jessie perguntou sem encará-lo.

— Poderá me ajudar e a Sigmund com os cavalos.

— Eu os ajudarei, é claro. Não é disso que estou falando.

— Do que é que você está falando? Jessie se levantou.

— Não permitirei que se divirta à minha custa. Você sabe perfeitamente do que estou falando. Não me recordo do que houve ontem, mas acordei igual aos outros dias. Não senti nenhuma dor e minhas pernas não bambearam como acontece com as éguas que são montadas.

— Ah!

James não soube o que responder. Ficou olhando para os próprios dedos enquanto terminava de comer sua sobremesa. Pela manhã, fora como nos velhos tempos. Jessie saíra para cavalgar e voltara com os cabelos despenteados e as faces coradas. Agora estava se parecendo com a nova Jessie, e ele não conseguia ignorar a onda de desejo que o assaltava.

— Está tudo bem — Jessie murmurou após esperar em vão que ele respondesse, encaminhando-se para a porta. — Eu entendo. Mais tarde o encontrarei nos estábulos.

Ela estava chegando à porta quando James finalmente se pronunciou.

— Fique, por favor.

Jessie sentiu o calor das mãos dele em seus ombros. Abriu a boca para falar e tornou a fechá-la. Algo havia mudado entre eles. James não a estava tocando com um gesto de simples amizade.

— Vire-se — ele pediu, e ela se virou. — Olhe para mim.

Inesperadamente, ele se inclinou e a beijou. Aquela não era a Jessie que o irritava. Aquela era sua esposa, e ele a beijou longa e profundamente.

Ela ergueu as mãos e pousou-as no peito de James. Podia sentir os batimentos acelerados de seu coração. Sentia a pressão dos lábios dele em sua boca e o doce sabor da geleia da sobremesa. Nunca lhe ocorrera que um beijo fosse assim. Que os lábios se entreabrissem e que as línguas se tocassem.

Fascinada com a descoberta, ergueu-se na ponta dos pés e o abraçou.

James não pensou duas vezes. Com um único movimento, fechou a porta e girou a chave na fechadura. Abraçou-a pela cintura e a fez recuar até que se encostasse à mesa, ainda posta. A toalha de linho branca poderia permanecer. A louça foi imediatamente retirada.

James ergueu Jessie nos braços e a sentou na beirada da mesa. Beijou-a, e sem interromper o beijo, fez com que se deitasse.

A curiosidade brilhava nos olhos de Jessie. Ela se mostrava interessada e atenta à situação.

— James, o que nós vamos fazer?

— Nós faremos como as pessoas, não como os cavalos. Uma expressão alarmada se sobrepôs à anterior.

— Eu estou deitada em uma mesa, James!

Sem responder, ele tornou a beijá-la. Alguns beijos depois, Jessie o enlaçou pelo pescoço e ele se colocou entre suas pernas.

— Assim está melhor — murmurou; enquanto a segurava pelos quadris e os puxava para fora da mesa.

— James, isso é muito estranho. Estou me sentindo como...

Ela não terminou a frase. James pressionou o corpo contra o dela e a fez agarrar-se instintivamente ao tampo da mesa.

— Não tenha medo — sussurrou. O calor de Jessie subia por suas mãos e o fazia tremer de excitação. — Sou eu. Sinta meu corpo junto ao seu.

— Você fez isso comigo ontem?

— Não, não fiz. Nós estávamos sobre uma pedra, a céu aberto, não em nossa casa. Para ser franco, eu também me excedi no champanhe e não me sentia eu mesmo.

Jessie se moveu para se acomodar melhor. Um gemido rouco escapou da garganta de James sem que ele percebesse.

— Abrace-me com as pernas — ele pediu. — Não me olhe como se eu tivesse perdido o juízo. Será bom, você verá.

Com os tornozelos de Jessie cruzados em suas costas, James tornou a se inclinar e voltou a beijá-la. Enquanto a beijava, ia soltando cada um dos botões do corpete de cetim cor de pêssego com rendas que adornava os seios alvos e cheios que ele jamais pensara existir na antiga Jessie.

Tocou-os suavemente e sentiu, extasiado, a respiração dela se acelerar. Tornou a abri-los e deixou que seus dedos deslizassem pela maciez de um seio, até alcançar o mamilo. Jessie estava ofegante, as costas arqueadas, olhando para ele como se ele fosse um deus mitológico que tivesse descido do Olimpo para reclamá-la.

E nesse momento, uma imagem do passado se interpôs vividamente entre eles. James se lembrou do dia em que levava uma garrafa de vinho do Porto ao Haras Warfield para comemorar a vitória do pai de Jessie. Ela estava usando calça comprida e camisa, descalça e com os cabelos puxados para trás numa trança grossa, e lhe disse:

— Meu pai deixou que eu ficasse por alguns minutos para cumprimentar o perdedor. Você perdeu feio hoje, James. Aquele jóquei conseguiu o que queria. Com sua irritação, você se descontrolou. Eu, é claro, me matei de rir e ganhei de você. E continuarei vencendo sempre. É o destino.

Ele afastou as mãos repentinamente de Jessie.

— James? O que foi? Estou apertando você demais com as pernas? Estou machucando você?

— Não, não...

Ele acariciou o outro seio por cima da renda.

— Você nunca me tocou assim antes. Eu gosto. O que achou do corpete que estou usando?

— Bonito, mas inesperado para alguém como você.

— É adequado para a nova Jessie. Foi Maggie quem me deu.

— Ela tem bom gosto. Mas este não é o momento para ficar falando sobre peças de roupa, não acha?

Jessie desviou o olhar.

— É que eu estou apavorada — admitiu. Ele suspirou e segurou-a pelos ombros.

— Que dupla nós fazemos! Você está com medo e eu estou me sentindo culpado.

— Culpado de quê?

— Por seis anos eu a considerei quase como uma irmã mais nova. Não pensei em você como mulher, nem mesmo quando você caiu em cima de mim.

— Ora, James. Ontem você não me tratou como se eu fosse sua irmã.

— Não, mas hoje é diferente.

— Quer dizer que eu preciso me embriagar para você pensar em mim como esposa e não como irmã?

— Não é isso. — Ele baixou a cabeça, hesitou por um instante e, finalmente, confessou que não fizera nada com ela.

Jessie se ergueu sobre os cotovelos, embora continuasse enlaçando-o com as pernas.

— Você não fez *nada*!

O protesto foi tão veemente que James foi brusco ao desabotoar o resto do corpete e o rasgou. Jessie soltou uma exclamação de surpresa e tentou cobrir os seios, inteiramente expostos. Ele segurou-lhe as mãos, ergueu-as ao redor de seu pescoço, inclinou-se e beijou-a. Em seguida afastou as mãos dela para as laterais do corpo e prendeu-as contra a mesa.

— Eu nunca pensei que você fosse tão linda. — murmurou. — Ou a magia se deu depois que você chegou à Inglaterra?

— Tenho passado um creme que Maggie me deu todos os dias após o banho.

— Sua pele é branca. Muito mais branca do que eu imaginava.

Se James estava se sentindo culpado, Jessie estava completamente indignada.

— Você não fez o que nós combinamos!

— Não havia condições.

— Você nem sequer me despiu antes de me colocar na cama?

— Não. Quem a vestiu foi a sra. Catsdoor.

— Então esta é a primeira vez que você vê meu corpo?

— Sim.

James largou uma das mãos de Jessie para tocar em seu seio. Mas nada no mundo o preparara para o que viria a seguir. Com o punho fechado, Jessie ergueu o braço para lhe desferir um soco. Ela o teria atingido no queixo se ele não tivesse conseguido aparar o golpe no ar.

— Você mentiu para mim! — ela gritou. — Fez com que eu pensasse que estava tudo resolvido e que eu não precisaria mais me preocupar. No entanto aqui estou eu, ainda virgem, e sem o lindo presente de Maggie porque você o rasgou! Odeio você, James! Solte-me!

— Não vou soltá-la — murmurou ele, calmamente. — Agora que vi seus seios e os toquei, nunca mais pensarei em você como minha irmã.

Jessie queria se afastar dele a qualquer custo. Suas pernas deslizaram para o chão. Como James continuava entre elas, e ela estava fazendo força para se desvencilhar, seu sexo pressionou o dele. Uma onda de desejo o assaltou e lhe embotou

o raciocínio. A impressão de James era que sufocaria se não a possuísse imediatamente.

Nenhum homem suportaria tamanha tortura. Ele se inclinou, apoderou-se de um mamilo com a boca, beijou-o e sugou-o, o coração batendo alucinadamente. Suas mãos a soltaram, mas foram tão rápidas ao erguer as saias e baixar as calças que Jessie não teve chance de reagir.

Ou *não quisera* reagir?

James pestanejou. Jessie parara de lutar. Olhava para ele e para o que estava fazendo. James engoliu em seco.

— Pretendo terminar o que começamos ontem, se você me deixar. Posso me inclinar e beijar seus seios sem receio de levar outro safanão?

— Pode — ela concordou. — Ao menos por enquanto. Talvez eu mude de idéia mais tarde depois que tiver tempo para pensar melhor.

James soltou as mãos dela e tomou um mamilo em sua boca. Uma onda de volúpia, forte e poderosa, o inundou.

— Gostou disso? — perguntou, ofegante.

Jessie não disse nada. Segurou-lhe a cabeça entre as mãos e puxou-o novamente para si. Ele beijou e acariciou aqueles seios palpitantes por longos minutos. Sem parar de beijá-los, deslizou uma de suas mãos para a coxa de Jessie. Ela tremia, o que era um bom sinal. Mas sua reação foi tão brusca quando ele a tocou intimamente que suas cabeças bateram uma contra a outra.

— O que você está fazendo?! — protestou, entre atônita e chocada.

— Agora você está casada — James explicou. — Eu a tocarei assim todos os dias. A esse respeito, aliás, eu tenho um pedido a lhe fazer.

— Qual?

— Todas as noites, quando nos deitarmos, prometa que se comportará como a nova Jessie.

James intensificou a carícia. Jessie arqueou as costas, fechou os olhos e gemeu. A antiga Jessie não teria feito aquilo. Ele insistiu até sentir que ela o abraçava com mais força. Nesse momento, achou que não deveria esperar mais. Beijou-a na boca ardentemente, livrou-se das calças e penetrou-a devagar.

— James! — ela exclamou, com a respiração entrecortada. — Essa é a parte que eu vejo acontecer com os cavalos!

— Tente relaxar os músculos, Jessie. Procure não se mover. Eu terei cuidado. Não está doendo, está?

Jessie não estava conseguindo relaxar como ele pedia. Seus olhos o fixavam ansiosamente. James estava profundamente concentrado no que fazia. Ela sentiu os tornozelos escorregar e obrigou-os a se manter onde estavam. Jamais poderia esperar que a súbita pressão fosse fazer James perder o controle e avançar para dentro dela.

— Pare! Pare! De repente eu já não estou mais gostando...

— É sua virgindade, Jessie — explicou ele. O ar lhe faltava, a natureza lhe cobrava a continuidade do ato. — Confie em mim, Jessie. Todas as mulheres a possuem. É assim mesmo que acontece.

Ele ficou imóvel por um instante, mas sabia que não seria capaz de resistir por muito tempo. Sabia que teria de ir até o fim. Sorriu para ela e aguardou até que ela

descontraísse e retribuísse seu sorriso. Nesse momento, arremeteu.

Jessie gritou tão alto que ele se preparou para ouvir a voz da sra. Catsdoor do outro lado da porta, perguntando o que estava acontecendo. Devia ter doído realmente. Ele era grande e aquela era a primeira vez de Jessie. Mas ela era sua mulher, afinal de contas, e aquilo precisava ser feito.

Devagar, ele beijou os lábios, o queixo e o pescoço de Jessie. Depois roçou suas faces com as dele e também os seios.

— Você está bem, Jessie? A dor diminuiu?

— Um pouco. Duquesa não me contou que seria assim. É normal?

Não houve chance de responder. Jessie se moveu naquele momento e ele perdeu novamente o controle.

— Oh, Jessie... — Ele tremeu ao impacto da liberação. De olhos fechados, deleitou-se com a maciez, o calor e o perfume daquele corpo que o envolvia. Não se retirou até que sua respiração regularizasse. Jamais poderia imaginar que Jessie fosse aconchegá-lo, segurando sua cabeça contra o peito.

— Acabou? — ela perguntou baixinho.

— Por agora sim — ele respondeu, sorrindo.

Jessie suspirou. Suas pernas estavam amortecidas, seu corpo latejava. Ela se sentia inchada. Como se tivesse adivinhado seus pensamentos, James apanhou o jarro de água e umedeceu um lenço.

— Deixe-me aliviá-la. Sinto pelo modo como aconteceu.

Ele fora um bruto. Como fora capaz de fazer amor com a esposa, pela primeira vez, em cima de uma mesa? Teria de compensá-la por isso. Era uma promessa que fazia a si mesmo.

— Você me ajuda a levantar?

Passado o momento de excitação, Jessie parecia tímida. Evitava fitá-lo. A pressa que demonstrava para se vestir era prova disso, e James a respeitou.

Jessie conheceu o ex-sogro de James naquela tarde, quando nadava nua no pequeno lago próximo à sua nova casa. Um lindo recanto, onde cresciam lírios e chorões, e a relva era exuberante.

— Quem é você?

Ela não ouvira ninguém se aproximar. O susto atrapalhou suas braçadas e ela afundou por um instante. Emergiu tossindo. Instintivamente, permaneceu sob a superfície até o pescoço.

— Sou Jessie. E o senhor? O que faz aqui?

— É a nova esposa de James?

— Sim. — Ela o olhou com ar de interrogação.

— Sou Lyndon Frothingill, barão de Hughes e pai de Alicia. James é meu genro.

Os pés de Jessie estavam afundando na lama e sua pele estava arrepiada de frio.

— O senhor poderia se retirar, por favor? Eu gostaria de sair da água.

Ele franziu o cenho.

— Eu nem preciso perguntar para saber que é americana. Parece uma selvagem. James não teria se casado com alguém sem pudor e sem classe a não ser por um forte motivo. Está grávida, não está? Ele se casou com você apenas porque é um cavalheiro.

Jessie engoliu em seco. Seria possível engravidar da primeira vez?

Sua expressão devia ter sido interpretada como uma resposta afirmativa. O homem se pôs a gritar e a andar em direção à água. Jessie cruzou os braços sobre os seios.

— Sua desavergonhada! Você o apanhou em uma armadilha enquanto eu aguardava que ele se recuperasse da morte de minha filha para casá-lo com Laura, a filha de meu irmão!

— Senhor, eu preciso sair daqui antes que me esfrie.

O barão não se moveu do lugar. Seu olhar era maligno ao apoiar as mãos na cintura.

— Por que não sai agora para eu tentar entender o que James viu em você?

Jessie avaliou que aquele homem tivesse a mesma idade de seu pai. A amargura e o rancor em sua expressão faziam com que parecesse mais velho.

— Eu lamento sobre sua filha, senhor. Sei que James a amou muito. Não preparei nenhuma armadilha para ele. Não sou uma desavergonhada. Fui criada em um haras e aprendi a cuidar de cavalos e a correr. Agora lhe peço que saia, senhor.

— Não sairei daqui. Esperarei que morra assim como minha filha.

— Se eu morrer, o senhor esperará mais três anos para casar James com sua sobrinha?

— Não será preciso. James a terá esquecido antes que a grama cresça sobre sua sepultura.

— O senhor está sendo desagradável. Eu relevei suas palavras até agora em consideração a seu luto por sua filha. Mas eu não tive culpa de sua morte e o senhor terá de se acostumar à idéia de que James agora é meu marido.

O homem encolheu os ombros e ofendeu Jessie com um termo de baixo calão. Não esperava que James fosse chegar naquele instante.

— Minha esposa não mentiu — declarou ele com uma paciência que estava longe de sentir. — Ela é uma excelente jôquei. Venha comigo. Um vinho do Porto o confortará. — James fez um sinal para que Jessie aguardasse mais um instante até que ele retirasse o sogro do local. — Tome um banho bem quente para não se resfriar.

Mais tarde, Jessie foi ao estábulo. Fazia cerca de uma hora que cuidava de Selina, uma das éguas puro-sangue árabe que competiam para James em York, quando percebeu uma sombra se desenhar no chão e ergueu os olhos. James estava usando botas pretas de cano alto, calça marrom e camisa branca aberta no pescoço.

— Está terminando? — perguntou.

— Sim. Ela é magnífica. Tem quantos anos?

— Sete. Cruzou com Janus e produziu dois excelentes garanhões. — Ele se abaixou para falar com Jessie, que verificava as condições da última ferradura. — É quase hora do jantar. Estou ansioso pela companhia da nova Jessie.

— A nova Jessie precisa de um corpete novo.

— Desculpe, Jessie. Não é do meu feitio fazer isso.

— A sra. Catsdoor disse que o consertará para mim. Ela deve ter adivinhado que não sou boa com agulhas, tendo vivido entre cavalos toda a minha vida. — Jessie fez uma breve pausa. — Aquele homem já foi embora?

— Sim. O barão é um homem mal-humorado. Sinto muito pelo modo como ele se portou com você. Por outro lado, o que lhe deu na cabeça para nadar nua no lago?

Perguntas tolas não mereciam resposta. Jessie se levantou, afagou as pernas, os flancos e os ombros de Selina e passou os dedos por sua crina.

— Você é um amor, menina. Tome, uma cenoura de presente. Não me morda. Pegue-a devagar.

Jessie tinha consciência de que estava suada e de que seus cabelos estavam desalinhados. Mas o impulso foi irresistível. Olhou com provocação para James, ergueu as saias e se encaminhou para a porta.

— Por que está me olhando desse jeito?

Ela riu e se pôs a correr. De repente olhou para trás e avisou:

— Estou sem nada por baixo!

— James?

— Sim?

— Muitas mulheres morrem ao dar à luz?

Ele fechou os olhos e se recostou no espaldar da cadeira.

— Você não morrerá, Jessie. Eu prometo. Estudei a respeito e conversei com George Raven longamente sobre o assunto. Se ele tivesse cuidado de Alicia, ela e o bebê provavelmente estariam vivos.

— Talvez eu não possa ter filhos por ter cavalgado toda a minha vida.

— Quem foi que lhe disse essa bobagem?

— Minha mãe. Parece que o exercício prejudica os órgãos femininos.

— Sua virgindade estava intacta.

— Estava, não estava? — Jessie repetiu, satisfeita. — Eu adoro os potrinhos e adorei cuidar de Charles e de Anthony.

A lembrança do prazer que ele sentira ao romper a pequena mas resistente barreira que lhe garantia que fora o primeiro homem na vida de Jessie o fez estremecer. O sangue acelerou em suas veias e ele chegou a ter a sensação de que estava novamente dentro dela. Abraçou-a e beijou-a no pescoço. Estava sentado na cadeira de balanço do quarto e segurava Jessie no colo. Havia um quarto contíguo, mas ele não queria que ela o usasse. Sua cama era grande, e queria compartilhá-la com a esposa. Jessie, que nada conhecia sobre assuntos matrimoniais, concordou sem restrições.

— Eu sempre dormi sozinha. Acho que será interessante. Mas não creio que todos os casais tenham esse hábito. Duvido que meus pais durmam juntos.

James deu uma risadinha.

— Você está atropelando as palavras. Está nervosa? Ela fez que sim.

— Não consigo parar de pensar que estou nua sob a camisola, como você pediu que eu ficasse todas as noites ao me deitar. Também não está usando nada por baixo?

Ele lhe beijou os cabelos e apertou-a em seus braços.

— Você está certa. Esse pensamento causa perturbação. Até pouco tempo, tudo o que eu desejava era vencê-la nas corridas. De repente, posso tê-la em meu colo e tocar seus seios. E muito mais. — James beijou-a e sussurrou em seu ouvido: — Ainda não vi você inteira, como gostaria. Esta tarde só consegui ver algumas partes do seu corpo. Permita que eu desate estes pequenos laços.

A camisola deslizou pelos braços de Jessie e resvalou para o chão. James ficou olhando para ela, fascinado, por um longo tempo. Abraçou-a, então, pela cintura e beijou-a. Surpreendeu-se, satisfeito, com o modo como Jessie rapidamente reagiu e correspondeu ao beijo. Não esperava que ela fosse desfazer o nó da faixa que lhe prendia o roupão. Atraiu-a imediatamente contra o peito.

— Isso é demais, Jessie. Seus seios em minha pele. É incrível.

Era mesmo, Jessie pensou. Algo esquisito estava acontecendo com seu corpo. Uma mistura de frio e de calor. As sensações vinham em ondas e provocavam arrepios.

James riu. Não havia como evitar. Era ele quem deveria conduzir a experiência. Inconscientemente, porém, Jessie o estava excitando. Ela não podia nem sequer imaginar o que estava fazendo com ele, movendo a cabeça e massageando-lhe o peito com aqueles cabelos que ele nunca se cansaria de admirar e de tocar.

— Seu corpo é perfeito, Jessie. Suas pernas são lindas e benfeitas.

— Posso ver as suas também?

James respirou fundo. Antes de responder, levantou-se com Jessie em seus braços.

— Você poderá ver minhas pernas e o que mais quiser.

Deitou-a de costas na cama e percebeu que a constrangera com sua admiração ostensiva. Recuou um passo e tirou o roupão, que jogou sobre a cadeira. Planejada ficar imóvel por algum tempo de modo que Jessie também tivesse chance de conhecer seu corpo. Mas a determinação durou apenas alguns segundos. Com um gemido de antecipação, ele se ajoelhou entre as pernas de Jessie, ergueu-a pelos quadris e beijou-a intimamente.

Sentiu-a enrijecer de choque. Soltou-a e fitou-a nos olhos. Estavam aturdidos. Os lábios entreabertos.

— Não tenha medo.

— E mais forte do que eu. É embaraçoso demais.

Ocorreu a James que sua impaciência poderia acabar comprometendo o resultado. Tudo aquilo era novo para Jessie. Com sua experiência, cabia a ele despertá-la para que o prazer se tornasse mútuo. Se fosse honesto consigo mesmo, admitiria sua falha. Antes de ser sua esposa, Jessie era mulher. Um toque de romantismo sempre fazia uma grande diferença.

Deitou-se ao lado dela e beijou-a com delicadeza. Beijou-a repetidas vezes, acariciando-a de leve para amenizar o impacto do ataque frontal. Sentiu que ela aos poucos ia relaxando. Seu autocontrole o estava deixando orgulhoso. Mas vacilou em seu empenho ao abraço de Jessie e ao modo como ela se inclinou e deitou a cabeça em seu peito. Porque nesse momento soube que Jessie ela estava pronta, e prolongar a espera tornou-se inviável. Tomou-a com ímpeto. Ocorreu-lhe que o corpo de Jessie ainda estava tenso e que uma única experiência não fora suficiente para acomodá-lo. Mas, em vez de ir mais devagar, James fez o contrário. Moveu-se, completamente dominado pelo desejo, e alcançou o êxtase quase que de imediato. Sem se preocupar em dar prazer a ela. Mais

uma vez.

Jessie precisava saber que ele não era um homem bruto e egoísta. Não entendia o que estava acontecendo. Precisava conversar com ela. Assim que acordasse. De repente, um cansaço imenso o invadira.

Jessie ficou olhando para o teto branco por um longo tempo. Desenhos de frutas e videiras adornavam as molduras. Estava sem sono. Levantou-se e foi se lavar. Depois descerrou as luxuosas cortinas douradas e olhou para o céu. O brilho da lua não era suficiente para iluminar a paisagem. As sombras emprestavam um aspecto vagamente ameaçador ao terreno. Virou-se e olhou para James. Voltou para a cama, mas em vez de se deitar, permaneceu de pé, observando-o e sorrindo. Bastara levantar-se por alguns minutos e James se espalhara pela cama. Tinha certeza de que ele gostara do que fizera com ela, e sentia-se feliz com isso. James era o único homem que se mostrara inteiro para ela e que se tornara parte de seu ser. Tudo o que ele lhe pedisse seria dado.

James acordou com um toque suave como uma pena e percebeu que Jessie estava tentando se deitar a seu lado.

— O que você está fazendo?

A pergunta foi tão inesperada que ela quase caiu da cama.

— Não tem espaço para mim.

James olhou para as próprias pernas e braços e se encolheu.

— Você tem razão. Desculpe.

O quarto estava escuro como o fundo do caldeirão de uma bruxa. James não demorou a descobrir que Jessie se sentia mais à vontade assim. Beijou-a na boca e foi depositando pequenos beijos ao longo de seu pescoço e de seu colo até chegar ao abdômen. Percebeu um estremecimento ao se demorar sobre o umbigo e um arquear das costas, e pensou que fosse explodir de excitação. Ela devia estar pressentindo que ele faria a mesma coisa que da outra vez tanto a constrangeria.

Jessie mal conseguia respirar. O hálito de James era quente contra a sua pele. Enquanto a beijava e a sugava, ele sussurrava palavras sensuais. Não as entendia na maior parte, mas as palavras a excitavam. Ou talvez fosse o tom de voz rouco com que ele as murmurava. Perdeu a noção do que dizia, fazia ou pensava, quando James usou também os dedos no ato do amor. Ouviu-se gemendo baixinho e mais alto no final. Simplesmente não conseguia parar.

James não se afastou até senti-la se aquietar.

— Como minha esposa está se sentindo?

— Acho que nunca mais serei capaz de me levantar. Ele sorriu, satisfeito.

— É o que um marido gosta de ouvir.

Eles fizeram amor de verdade dessa vez, com Jessie participando das carícias e de cada movimento. No final, ela se inclinou sobre ele e tomou a iniciativa de beijá-lo. Exaustos, dormiram nos braços um do outro.

James sempre dormia pesado. Seria preciso um bombardeio para acordá-lo. Até aquela noite.

O grito de terror de Jessie penetrou em seu cérebro. Em um segundo, com o coração aos saltos, ele se colocou em alerta. O segundo grito foi ainda mais longo e

assustador. Jessie estava tendo um pesadelo. Sacudiu-a, mas parou ao vê-la abrir os olhos e tornar a gritar.

— Largue-me! Não faça isso comigo, sr. Tom. Pare! Não me toque!

James tornou a sacudi-la e ela o empurrou.

— Jessie, acorde! Você está tendo um pesadelo.

— James?

— Sim. Acalme-se. Está tudo bem. Foi só um sonho ruim.

Jessie parou de tremer e voltou a dormir. Não acordara por completo. Ele, porém, não conseguia evitar que os gritos ricochetassem dentro de sua cabeça. Quem, afinal, era aquele sr. Tom, e o que fizera a Jessie?

— Jessie... Acorde.

Ela virou-se para o outro lado para fugir à insistência daquela voz.

— Você nunca deve ter dormido até tão tarde na vida. Ela cobriu a cabeça. James puxou o lençol para baixo e se sentou na beirada da cama. Beijou-a no rosto e ajeitou seus cabelos sobre o travesseiro.

Jessie abriu os olhos e tornou a fechá-los. O quarto estava claro agora e era difícil olhar para o marido depois do que haviam feito na calada da noite. James adivinhou o que lhe ia pela mente e sorriu de puro orgulho masculino. Sentia um bem-estar indescritível. Inclinou-se e sussurrou no ouvido dela:

— Em algum momento do dia de hoje eu lhe farei o mesmo que ontem à noite. O que você acha? — Ele estreitou os olhos com deliberada malícia.

— James...

Ele sorriu e beijou-a na ponta do nariz, nas sobrancelhas, nos lóbulos das orelhas, no queixo e nos lábios.

— Bom dia.

— Bom dia.

— Eu exagerei quando disse que era tarde. São apenas sete horas. Eu só queria tomar o café com você e discutir sobre o que faremos hoje. Harlow está preparando seu banho. Quer que eu peça para a sra. Catsdoor subir e ajudá-la?

Jessie não queria a ajuda de ninguém que não fosse James, mas teve vergonha de pedir.

— Você teve um pesadelo esta noite e mencionou um nome. Quem é o sr. Tom?

O olhar de Jessie se tornou distante, como se os pensamentos a tivessem levado para longe.

— Eu não sei. Houve uma época em que eu sonhava com ele, mas os sonhos pararam há anos. Por que será que fui sonhar com ele novamente depois de tanto tempo?

Uma pergunta sem resposta. Era estranho. James nunca ouvira aquele nome ser mencionado por Jessie ou por sua família naqueles seis anos em que os conhecia. Enfim, o importante era que Jessie estava bem.

Após o desjejum, eles seguiram para os estábulos. Bertram estava inscrito para as corridas que aconteceriam em York no sábado. James encarregou-se de exercitá-lo e Jessie cavalgou Selina.

George Raven se apresentou em Candlethorpe duas horas depois que Harlow, o filho da sra. Catsdoor, recebera ordens de buscá-lo.

— O que houve com James? — o médico perguntou a Jessie. — Harlow não soube me explicar.

— Ele machucou o tornozelo. Não creio que o tenha fraturado, mas não sou médica.

O médico sorriu e a fez pensar que nunca vira um homem mais bonito em sua vida. Não era de admirar que Marcus sentisse ciúmes dele.

— Foi queda ou coice?

— Coice.

O médico seguiu Jessie à sala de estar, onde James o aguardava a contragosto, deitado em um sofá. Fizera planos de tomar Jessie em seus braços em plena luz do dia, mas sofrerá um acidente de percurso.

— Parece que o pegaram de jeito — disse George após um minucioso exame. — Você teve sorte. Jessie estava certa. Não houve fratura, mas você não poderá se levantar por dois dias. Estou lhe receitando uma pomada. Não o livrará da dor nem do inchaço, mas lhe trará algum alívio.

— Vou correr no sábado.

— Não neste sábado — o médico retrucou e olhou para Jessie. — Amarre-o se for necessário.

O palavrão que ecoou pela casa teria feito uma dama corar.

— Como pode dizer isso diante de sua jovem esposa? — o médico indagou, perplexo. — Você se casou com ela faz apenas três dias!

— Você não faz idéia dos palavrões que ela já conhecia aos catorze anos.

— É verdade — Jessie concordou. — Alguns eu aprendi com ele, a maioria com meu pai.

— E com sua mãe? — sugeriu James.

— Com ela eu aprendi outras coisas — Jessie respondeu como que para si mesma.

George Raven pingou três gotas de tintura de láudano em um cálice d'água e deu-o para James.

— Essa dose aliviará a dor e não o fará dormir. Voltarei no sábado para vê-lo. Aqui — o médico frisou. — Não na pista de corrida.

— Suma da minha frente, George.

Jessie teve de rir do mau humor do marido. Ele estava se comportando como uma criança mimada. O médico também parecia divertido com a situação. Jessie não podia imaginar que ele estava estranhando que ela e James se comportassem como velhos amigos e não como um casal apaixonado em vista de estarem em plena lua de mel.

— Aproveite para almoçar conosco e traga Rowenna — Jessie convidou, durante o trajeto até a porta. Ao retornar à sala, encontrou James olhando-a fixamente.

— Só direi isto uma vez, Jessie. Você não se vestirá como homem e não montará Bertram no sábado.

Jessie ergueu uma sobrancelha.

— Eu poderia ganhar alguns guinéus. Candlethorpe está em ótimas condições, mas precisamos investir em Marathon. De quanto é o prêmio?

— Nada que impressione. Esqueça.

— Eu poderia levar Sigmund comigo.

— Se for preciso até-la à coluna da cama, eu o farei, Jessie — James respondeu em tom de séria ameaça. — Prometa que não irá a York no sábado. Quero que me prometa agora!

Ela lhe deu um sorriso de provocação. Um sorriso como a antiga Jessie costumava dar. A força do desejo que o devastou foi tão grande que a dor no tornozelo foi esquecida. Só agora ele se dava conta de que a Jessie atual era a antiga Jessie com uma nova roupagem.

Após o jantar, James concordou em ir para o quarto. Sigmund e Harlow o ajudaram a subir os degraus, segurando-o um por cada braço. Jessie não se ofereceu para despi-lo e colocá-lo na cama. Ele não lhe pediu que o fizesse. Sem dizer nada, Jessie retirara seu travesseiro da cama. O casamento ainda era recente. Embora eles já tivessem partilhado os prazeres da intimidade, preocupava-o que Jessie pudesse retroceder em suas atitudes.

O tornozelo doía demais. O estômago estava pesado do jantar e ele se sentia entediado.

Chamou Jessie, no quarto ao lado, assim que os empregados se retiraram. Ela entrou pela porta de comunicação, usando uma camisola simples, fechada até o pescoço.

— Não vai dormir comigo?

— Tenho medo de me mexer durante o sono e bater em seu tornozelo.

— Eu não tenho. Quero que venha para a nossa cama.

— E antes que ela negasse, o que ele estava adivinhando que aconteceria, recorreu a uma desculpa infalível:

— Talvez eu precise da sua ajuda no meio da noite. Jessie assentiu. Ao colocar um travesseiro sob o pé dele, ergueu os olhos e perguntou:

— Assim está melhor?

— Melhor do que o quê? Ela suspirou.

— George me avisou que você era um paciente difícil. Uma vez meu pai também foi esboiceado. Eu era a única que o agüentava. Minha mãe perdeu a paciência e o mandou para o inferno.

— Prometo me comportar. Não quero que você me deixe sozinho. Por que vestiu essa camisola?

— Para não torturá-lo. Se eu vestisse qualquer uma das camisolas que Maggie me deu, você acabaria machucando o outro tornozelo tentando me pegar. Não quero esse peso em minha consciência.

— Eu poderia lhe contar uma história — James sugeriu, o humor melhorando sensivelmente.

— Não esta noite. Estou cansada. Vou lhe dar outra dose de láudano com limonada, antes que me esqueça. Recomendação do doutor.

James engoliu o remédio sem reclamar. Um bom sono era o que ele precisava para esquecer que sua esposa estava na cama a seu lado e que ele não poderia tocá-la.

Na manhã seguinte, a dor havia diminuído. Sentado à mesa do café, James aventou a possibilidade de participar da corrida.

— Nem mesmo em sonho — Jessie respondeu.

— Eu ainda teria o dia de hoje inteiro para repousar — ele procurou convencê-la. — Alguns anos atrás, Francês Hawksbury, a condessa de Rothermere, em conjunto com um arquiteto de York, inventou uma carreta para transportar cavalos até o local da corrida de modo que eles pudessem chegar às pistas em perfeitas condições de competir.

— Uma criação engenhosa! — Jessie exclamou. — Eu adoraria ver. Como é?

— Um pequeno compartimento coberto puxado por dois cavalos. Para que o animal não se desequilibre no trajeto, suas rédeas são amarradas em uma barra. A parte de trás é aberta para permitir a entrada de ar.

— Que inteligente essa mulher!

— Sim, e ao contrário dos rumores que se espalharam, o marido não se importou que a esposa tivesse a idéia, e não ele.

— Eu gostaria de ser criativa como ela.

— Você é esperta. Quanto ao espírito criativo, o que acha de construirmos duas carretas para levarmos nossos cavalos a pistas mais distantes, como as da Carolina do Norte e da cidade de Washington, talvez, quando voltarmos para a América?

— Oh, James, sua ideia é brilhante! Papai costumava nos levar para Outer Banks, perto de Ocracoke, para as corridas de pôneis. Depois que eu cresci, nunca mais viajei para lá. Acho que papai se cansou de ouvir minha mãe e Glenda reclamar dos mosquitos. Não é incrível que eles as picassem e não a mim, nem a Nelda ou a meu pai? — Ouvi dizer que os insetos gostam de carnes suculentas.

— E eu lhe digo que Duquesa teria atirado o que tivesse perto de suas mãos em Marcus, se ele lhe dissesse algo assim.

James não conteve um sorriso. Jessie estava linda de verde. Subitamente, a dor no tornozelo se tornou insignificante em comparação com o pulsar em sua virilha. Jessie deu um sorriso que o fez pensar que a escolha do vestido fora proposital para seduzi-lo.

— O que acha de darmos um passeio de charrete e almoçarmos com seus primos?

James considerou a situação de seu tornozelo, sacolejando por duas horas até Chase Park, além das outras duas horas de regresso a Candlethorpe. Não teve coragem de negar, contudo, e concordou com um gesto de cabeça.

Uma hora mais tarde, James estava confortavelmente instalado na charrete, com o pé apoiado sobre almofadas, a perna amarrada às laterais do veículo. Sem sacolejamentos. Jessie o surpreendera, aproveitando a ideia da condessa para ajudá-lo.

James e Jessie não chegaram a Chase Park. Após meia hora de trajeto, encontraram Marcus e Duquesa na estrada. O casal se decidira a fazer o mesmo naquela manhã: visitar os amigos. Como estavam bem mais próximos de Candlethorpe, para lá se dirigiram.

— Vocês souberam do acidente de James? — Jessie perguntou.

— Sim. George Raven esteve em Chase Park ontem.

— Algum problema com as crianças?

— Não exatamente. Anthony pensou que Charles gostaria de ter um animalzinho de verdade para lhe fazer companhia no berço. Colocou Esmee, a gata de Marcus, no

travesseiro do irmão. Imagine o que aconteceu quando Charles acordou e seus olhos encontraram os da gata, junto aos dele. Charles berrou tão alto que a babá tropeçou ao correr para acudi-lo e caiu, batendo a cabeça. Ainda bem que foi só o susto, que nada de grave lhe ocorreu.

— O que fizeram a respeito? — James quis saber.

— Eu coloquei Anthony de castigo — disse Marcus. — Proibi Spears de deixá-lo sair do quarto hoje.

— Mas como nós sabemos que Spears tem seu próprio sistema de lidar com os problemas, eu sugeri a Marcus que viessemos visitá-los.

— E como foi que você se machucou? — Marcus perguntou.

— A verdade é que James estava forçando Clothilde a tomar um purgante — Jessie contou.

— Ninguém gosta de purgante, meu primo — zombou Marcus sob o riso geral. — Que isso lhe sirva de lição.

James chegou a Candlethorpe surpreso que o tornozelo não o tivesse incomodado. O dia transcorreu em perfeita harmonia. De noite, após um delicioso jantar de guisado de vitela e torta folhada de ameixas, louvado pelo casal em visita, eles cantaram algumas das composições de Duquesa e jogaram uíste.

Mais tarde, na cama, com o pé devidamente acomodado sobre três almofadas, James perguntou, enquanto Jessie apagava as velas, se ela estaria disposta a experimentar algo diferente. Jessie interrompeu a tarefa e fitou-o com interesse e curiosidade.

— Qual é sua sugestão? — Jessie interrompeu a tarefa e fitou-o com interesse e curiosidade.

— Talvez você pudesse me beijar...

— Sempre que nos beijamos você perde o controle das suas mãos.

— Pensei que você pudesse assumir o controle, sentando-se em mim para me beijar.

Jessie não estava entendendo aonde ele queria chegar. Apagou a última vela e se deitou. Fechou os olhos e tentou imaginar uma égua em cima de um garanhão. Uma onda de calor a invadiu.

— Eu não me atreveria a me mover. Seu pé ainda está inchado. Não podemos correr esse risco. Boa noite, James.

Eles se deram as mãos e ela adormeceu em poucos minutos. James permaneceu acordado por mais tempo do que desejaria. Jamais teria imaginado que Jessie, a jovem intrépida e desafiadora, fosse se revelar uma mulher tímida.

James acordou bem melhor na manhã seguinte. Mancava ainda, mas teve condições de acompanhar os primos até a porta para se despedir. Entusiasmado com seu progresso, fez questão de ajudar Duquesa a montar e ficou ao lado de Jessie, acenando até que eles desaparecessem de vista. Nesse momento, olhou para Jessie e esfregou as mãos como que para descarregar a energia acumulada por dois dias. Precisava fazer alguma coisa para compensar o período de abstinência.

— Talvez eu não deva exagerar da primeira vez que me levanto. Vou para a cama. Você cuida de mim?

— O que você quer que eu faça? — Jessie perguntou, provocante, a cabeça ligeiramente inclinada.

— Você logo saberá. Ela galgou rapidamente os degraus e ficou esperando pelo marido no meio do quarto. Ele entrou dois minutos depois, fechou a porta e girou a chave na fechadura.

— James! — Ela fingiu estar escandalizada. — Em pleno dia?

Ele se aproximou e segurou o rosto de Jessie entre as mãos.

— Você é uma tentação. Não paro de pensar no que você me disse antes de eu levar aquele coice. Quase enlouqueci estes dois dias sem poder fazer nada enquanto você andava por aí sem a roupa de baixo.

O coração de Jessie batia acelerado diante da declaração do marido. Estava completamente apaixonada por James. Não importava que ele ainda não a amasse. Ele a desejava, e lhe ensinara sobre o sexo. Antes ela pensava que o prazer fosse apenas para os homens, e para os homens sem moral. James a fizera descobrir a verdade.

A pedido de James, ela se despiu. Seus dedos tremiam ao desabotoar a blusa. Virou-se de costas para que ele pensasse que fazia isso por timidez.

Não foram para a cama até se beijarem. Deitaram-se em silêncio. As mãos de James percorreram todo o seu corpo, frenéticas, parecendo estar em todos os lugares ao mesmo tempo. E ela estava adorando cada uma das cadeias. Seu peito arfava, e seus gemidos explodiram em um grito rouco ao sentir James se apoderar de sua intimidade com a boca.

E esse foi apenas o começo. Era impossível deter os arroubos de exortação. Sentia-se perdida em sensações. Por fim, quando não suportou mais, sua respiração ofegante como se tivesse percorrido toda a extensão de Candlethorpe em corrida acelerada, James se colocou sobre seu corpo. O beijo foi tão ardente, as línguas se explorando com tanta volúpia, que aquelas contorções estranhas em seu baixo-ventre retornaram e a fizeram erguer os quadris.

Era só o que faltava para James alcançar o êxtase. Em uma profunda penetração, com Jessie abraçando-o com força, ele se permitiu liberar às sensações com a perda total do controle. Sua cabeça tombou sobre o ombro de Jessie e ele assim permaneceu até sua respiração voltar ao normal. Ao erguer a cabeça, fitou-a nos olhos e, com fingida seriedade, disse: — Desse jeito, eu não chegarei aos trinta anos!

Jessie sorriu e empurrou-o para o lado. Deitou no peito dele e apoiou o braço sobre o abdômen.

— Você me fez sentir como uma estrela brilhando no céu. Você me fez mulher. Sou completamente feliz neste momento.

James virou-se de lado para que ela se deitasse. Apoiado sobre um cotovelo, pôs-se a brincar com aqueles cachinhos que o fascinavam.

— Uma estrela?

— Sim, James. Você é um amante incrível. É mais homem do que qualquer outro que conheci. Não que eu tenha conhecido algum intimamente, é claro.

Ele sorriu e afastou os cabelos de Jessie, de modo que os fios se espalhassem pelo travesseiro. Depois baixou os olhos para os seios alvos, a longa linha do corpo, a cintura, as pernas. Seu sorriso se acentuou conforme uma idéia se delineava em sua mente...

James reforçou o sal, embora o tempero da sopa estivesse na medida certa. Em seguida dispensou os criados. Fazia questão de jantar a sós com sua esposa naquela noite.

— A sra. Catsdoor a preparou, mas a receita é de Badger — disse ele, ao servir um prato a Jessie acompanhado de uma taça de vinho tinto.

— Está um pouco salgada demais — Jessie observou ao tomar uma colherada.

— Para realçar o sabor — James explicou. Quinze minutos depois, sem notar que o marido mal tocara na sopa e bebera água em vez de vinho, Jessie estava terminando seu segundo prato e sua terceira taça. James estava bem-humorado. Suas histórias a faziam rir. A sede a fazia beber mais do que a prudência recomendava.

James se levantou ao vê-la esvaziar a quarta taça. Apoiou-se nos braços da cadeira em que Jessie estava sentada, segurou-a pelo pescoço de modo que inclinasse a cabeça para trás e beijou-a. Jessie riu.

— Faça isso de novo! Deu-me cócegas o jeito como você passou a ponta da língua na minha boca.

O hálito quente e fragrante de Jessie o envolveu como uma onda. Incapaz de prolongar o jogo, ergueu-a nos braços e carregou-a para o quarto.

— Como está se sentindo? — perguntou baixinho enquanto lhe beijava o lóbulo da orelha.

— Maravilhosa.

O ímpeto com que Jessie se moveu em seus braços e o agarrou pelos ombros poderia ter provocado um acidente. Ele apenas agradeceu em silêncio por ter conseguido se equilibrar e chegar ao topo da escada.

Ao longo do corredor, apressou os passos. O jogo acabara se voltando contra ele próprio. Seu corpo tremia ao se posicionar sobre Jessie, nua, quente e sedutora. O modo como as mãos dela subiam e desciam por suas costas o enlouquecia de desejo.

— James — ela murmurou, elevando o quadril em um convite explícito.

— Devagar — ele sussurrou, recolocando-a no colchão com o peso de seu corpo, e beijando-a no pescoço, sugando-lhe os lábios e depois os lóbulos das orelhas. Jessie vibrava com todas as carícias, principalmente quando ele beijava e massageava seus seios.

— Eu não deveria estar lhe dizendo isto, provavelmente — confessou com uma risadinha marota, desinibida pelo vinho —, mas gosto de sentir você dentro de mim. Você é grande. Às vezes dói quando você se empolga, mas eu não me importo. Não sei explicar o que acontece. A dor acaba por me excitar de tal modo que eu sinto vontade de gritar de tanto prazer.

James simplesmente não conseguiu prolongar o momento final.

— Grite. Grite o quanto quiser...

E Jessie gritou, e ele fechou os olhos em uma das maiores explosões de sua vida, se não a maior. Vinho era um poderoso afrodisíaco. Não mais necessário, contudo. A partir daquela noite, seria dar e tomar e dividir sem reservas. De corpo e alma.

— Você foi feito para mim. Só para mim.

James não queria falar nem pensar. Sentia-se exaurido. Satisfeito. Feliz. Seu plano funcionara à perfeição. O resultado superara suas mais eróticas fantasias. Ele

contaminara a esposa com sua loucura, fizera com que Jessie perdesse o contato com o resto do mundo.

— James?

Ainda incapaz de responder, surpreso por restarem forças a ela, ele grunhiu. Jessie achou graça.

— O que há de errado com você? Assim me fará sentir culpada por quase tê-lo matado.

— Dê-me cinco minutos — ele implorou.

Sem escutá-lo, Jessie o aconchegou em seus braços.

— Acho que exagerarei no vinho. Sinto-me flutuar. Gostaria de lhe dizer exatamente o que senti a cada carícia que você me fez, mas as palavras me fogem. Talvez se eu bebesse mais um pouco...

Dessa vez James conseguiu reagir, balançando a cabeça de um lado para outro.

— Será sempre assim entre nós. Não precisamos de afrodisíacos. Nossa química é perfeita. — Ele a beijou e a segurou pelo queixo. — Fui um bom amante para você?

— O melhor! E eu?

Antes de terminar a frase, Jessie já estava arrependida de suas palavras. Agora James seria forçado a mentir. Ou a dizer a verdade e magoá-la, o que certamente aconteceria. A imagem de Alicia passou diante de seus olhos e também a de Connie Maxwell.

— Ainda é cedo para afirmar — James respondeu, após um instante de hesitação. — Falta-lhe experiência, mas posso lhe garantir que seu empenho e seu entusiasmo são vencedores. Meus tímpanos ainda estão vibrando com seus gritos de júbilo.

— Eu não me lembro de ter gritado.

— Você não sabe mentir. — Ele beijou-a na ponta do nariz. — Mas eu não estou mentindo, quando digo que sinto vontade de tê-la a meu lado todos os dias e em mim todas as noites.

— Você me embriagou de propósito, não foi?

— Sim. Queria que você se entregasse sem reservas ao prazer. Que correspondesse aos meus anseios sem que a timidez a restringisse. O sexo deve ser fonte de diversão para o homem e também para a mulher.

— Você acrescentou sal à sopa.

— Admito que sim.

— Desejarei o alívio da morte amanhã?

— Não. É claro que não. Eu não seria capaz de prejudicá-la deliberadamente.

— James. — O modo como Jessie o fitou dentro dos olhos o fez inchar outra vez. — Eu quero você. Farei com que se arrependa por ter me embebedado. Prometo que não recuperará suas forças tão cedo.

James acordou com um grito. Outro grito. Mas, provavelmente, o mesmo pesadelo.

— Jessie, acorde!

Ela não abriu os olhos. James sentiu-se gelar por dentro ao ouvir as súplicas numa voz que parecia pertencer a uma criança.

— Não faça isso, sr. Tom... Por favor... Não quero! James sacudiu-a até que

abrisse os olhos. Perguntou quem era o sr. Tom e o que ele lhe fizera que tanto a assustara. Jessie tornou a fechar os olhos e voltou a dormir como se nada tivesse acontecido. Como se não o tivesse visto.

James não conseguiu conciliar o sono pelo resto da noite. Conversaria com Jessie logo que ela acordasse e a ajudaria a superar aquele trauma. Assim que amanheceu, porém, o encarregado dos estábulos veio chamá-lo para resolver um problema. Jessie não o viu levantar-se e sair.

Ela estava se vestindo para descer e tomar o desjejum quando a sra. Catsdoor bateu à porta do quarto para anunciar a presença do barão de Hughes e de uma mulher desconhecida.

— Eu os receberei — Jessie respondeu, séria.

A que eles teriam vindo em uma hora tão imprópria? Certamente não seria uma visita de cortesia, a julgar pelo modo como aquele homem a tratara da vez anterior em que viera a Candlethorpe.

— A senhora já mandou avisar James?

— Sim. Enquanto a senhora termina de se vestir, eu os conduzirei à sala de estar e oferecerei chá com o que sobrou do bolo de limão que o sr. Badger nos trouxe.

O barão estava em pé, no meio da sala, quando Jessie entrou.

— Bom dia, sra. Wyndham. — Ele a fitou como se quisesse fulminá-la antes de fingir uma reverência. — Esta é minha sobrinha, Laura Frothingill, a filha mais nova de meu irmão.

A moça avaliou Jessie da cabeça aos pés.

— Você veio das Colônias.

— Sim, como James.

— Nas veias de James corre um excelente sangue inglês — retrucou o barão. — Ele não é um oportunista de antecedentes duvidosos.

— Por que, então, o senhor se deu o trabalho de vir à casa de uma oportunista de antecedentes duvidosos? — Jessie revidou frontalmente o ataque.

— Eu queria que Laura conhecesse quem James escolheu para substituir minha Alicia.

Jessie sorriu ao pensamento de que o barão poderia ser comparado a Gallen, um puro-sangue de seu pai, cujos olhos ficavam injetados à mera visão de outro cavalo. Em vez de prosseguir com a batalha, estendeu a mão para cumprimentar Laura, que reagiu, no entanto, como se o toque pudesse contaminá-la.

— E muito bonita, srta. Frothingill.

— Se James a tivesse conhecido antes de fazer sua última viagem às Colônias, ela agora seria sua nova esposa.

— Não se James a tivesse surpreendido com essa expressão no rosto.

— Cale-se, sua rameira!

Jessie virou-se para o barão com o mesmo sorriso e o mesmo tom de voz, baixo e suave.

— Ocorreu-me que o senhor e sua sobrinha estão em minha casa. Por seu comportamento extremamente rude, peço que se retirem.

— Não antes que James conheça minha sobrinha.

— Por quê? Acha que fará James se arrepender de ter-se casado comigo? Espera que ele se divorcie de mim? Ou que me mate?

Laura Frothingill pareceu cair em si naquele instante.

— Vamos embora, tio Lyndon. Ela está certa. Não há o que fazer. Não deveríamos ter vindo.

Então, o inesperado aconteceu. Sem que Jessie pudesse se defender, o barão a puxou pelo pescoço e começou a apertá-lo. A sobrinha gritou, implorando para que ele a largasse. Em vão. Jessie tentou se desvencilhar inutilmente. Embora fosse velho, o barão tinha muita força.

Jessie vacilou à terrível pressão dos dedos ao redor de seu pescoço. Em um gesto de desespero, ergueu as mãos e impulsionou-as simultaneamente contra as orelhas do homem. Ele a soltou, aturdido. Recuperou-se, porém, em segundos, e golpeou-a com o punho fechado, jogando-a contra a lareira.

James ouviu gritos. Três. Cada qual mais alto e mais assustador do que o outro. E correu como um alucinado.

Ele irrompeu sala adentro a tempo de ver a governanta estapeando uma jovem que ele nunca vira antes. Era ela quem estava gritando, e o susto de levar um tapa a fez parar. Antes de ter tempo de perguntar o que estava acontecendo, viu Jessie caída no chão, inconsciente.

— Aquele homem é o responsável por isto! — a sra. Catsdoor apontou para o sogro de James, apoiado contra a lareira. — Eu não deveria tê-lo deixado entrar. Ele é mau! Muito mau! Não é culpa de minha patroa que a filha dele tenha morrido. — A mulher soluçou. — Jesus, e se a sra. Jessie também morreu?

James não pensou em mais nada. Colocou-se de joelhos ao lado de Jessie e verificou se ela estava respirando. Tentou acomodá-la sobre seu braço e sentiu um enorme caroço na parte de trás da cabeça. Ela devia ter batido a cabeça contra a quina do console. A idéia de que ela poderia ter morrido o abalou de uma forma que ele evitou encarar.

Por que aquele ódio descabido? Ele e Jessie não tinham feito nada de errado. A não ser que seu ex-sogro não se conformasse que ele tivesse levado outra mulher para Candlethorpe, que fora seu presente de casamento para a filha.

— Sua mulher tentou matar tio Lyndon! — acusou a moça, em lágrimas.

— Não é o que parece. — James estreitou os olhos. — Obrigado, sra. Catsdoor, por ter acudido minha esposa. Peça para Harlow ir buscar o dr. Raven imediatamente e avise-o que a sra. Wyndham bateu a cabeça.

— Eu não tinha intenção de machucá-la.

O barão recuou ao olhar furioso que James lhe dirigiu. Nunca vira seu genro tão zangado. Era absurdo que ele se indispusesse contra o sogro por causa de uma americana sem importância.

— Oh, sim, você tinha — James retrucou. — Entendo que sinta saudade de Alicia. Eu também sinto. Sei que ainda sofre com sua perda. Eu também sofro. Mas não dependia de nós. Não estava ao nosso alcance impedir que Alicia se fosse. Aconteceu há três anos. Eu respeitei o período de luto, e sempre respeitarei a memória de Alicia.

— Você não teve escolha. Eu estou ciente da verdade. Casou-se com essa mulher

porque ela o seduziu. Não o merece como Laura. Olhe para ela, James. Eu a trouxe para você. É a filha caçula de meu irmão. Além de ser linda, traz um dote consigo. Eu a guardei para você. Laura é uma jovem fina e educada, que adornará seu lar e lhe dará herdeiros. Não encontrará uma companheira mais inteligente e alegre.

James não respondeu.

— Essa outra não o merece. Observe-a e torne a olhar para Laura. Não há comparação. Os cabelos de Laura são castanho-claros, quase loiros, lisos e sedosos. A americana é vulgar com seus cabelos vermelhos e cacheados, certamente grossos e ásperos. Laura jamais ousaria nadar nua em um lago. Somente uma desclassificada seria capaz de agredir alguém com um golpe como o que ela me deu nas orelhas.

James balançou a cabeça. Como o próprio barão acabara de dizer, agora ele também não tinha escolha. Com um suspiro, avançou um passo e atingiu-o no queixo com o punho fechado. Gritos estridentes ressoaram pela sala. O que o barão se esquecera de mencionar sobre a sobrinha era a facilidade com que ela se entregava à histeria.

— Você matou meu tio?!

— Não seja tola!

— Eu não sou tola! Apenas não esperava que uma simples visita fosse se revelar um campo de batalha. Tio Lyndon me convidou para visitar Candlethorpe e eu aceitei. Queria conhecer este lugar que Alicia detestava, e conhecer você, em especial. Não me ocorreu em nenhum momento que meu tio fosse atacar sua esposa.

— Acredito em você, embora Alicia nunca tenha se manifestado contra vivermos aqui. Agora peço que me dê licença. Quero levar minha esposa para o quarto e acomodá-la enquanto esperamos o médico.

— Não se preocupe. — A sra. Catsdoor trouxe uma xícara de chá para a moça e cruzou os braços. — Assim que o barão acordar, eu os colocarei para fora daqui.

A declaração de Laura Frothingill ricocheteava na mente de James enquanto ele subia os degraus com Jessie no colo. Alicia nunca se queixara da nova moradia. Parecia feliz com o casamento. Até descobrir que estava grávida, pouco tempo depois que se casaram. Logo depois, na verdade. Será que...

Não, ele não queria pensar sobre isso.

Recusando-se a seguir aquela linha de raciocínio, James empurrou a porta do quarto com o pé e se apressou a colocar Jessie na cama. Seus braços estavam rígidos do esforço. Ela estava completamente largada. Fazia pelo menos dez minutos que ela perdera a consciência. Por que estava demorando tanto para voltar a si?

James umedeceu uma toalha e passou-a pelo rosto mortalmente pálido. Vinte minutos haviam se passado e Jessie continuava sem sentidos. Um episódio do passado lhe veio a mente. Em uma corrida em York, dois anos antes, um jóquei levava um coice na cabeça. Todos ficaram aliviados ao constatar que o coração dele continuava batendo. Como o de Jessie. Mas o rapaz nunca mais acordara.

O pensamento lhe provocou uma súbita náusea e o levou até a janela. Estava escurecendo e não havia sinais do médico. O vento soprava para o Leste. Nuvens cinzentas estavam se reunindo em promessa de chuva iminente. Ele entrelaçou os dedos e fechou os olhos. Quando tornou a abri-los, Jessie estava movendo a mão esquerda.

— Jessie! Graças a Deus!

— Minha cabeça está doendo — ela murmurou, sem abrir os olhos, mas virando a

cabeça de um lado para outro sobre o travesseiro.

James insistiu até que ela abrisse os olhos. Um nó lhe fechou a garganta ao perceber que Jessie estava olhando para ele, sem reconhecê-lo.

Quem seria aquele homem de cabelos loiros e olhos verdes como as águas do lago em que ela se banhava quando criança? Um anjo? Teria morrido e subido para o céu? Mas não diziam que os anjos tinham olhos azuis?

— Jessie, por favor, sou eu! Fale comigo! — implorou ele com desespero.

— James? Por que está flutuando acima de mim, se não é um anjo?

— Eu estou sentado a seu lado, Jessie. Sua visão está distorcida porque você bateu a cabeça. O médico está chegando. Logo você ficará boa.

— Então é por isso que está doendo tanto.

James sentiu o coração apertado ao ver duas lágrimas deslizar pelas faces de Jessie. Segurou as mãos frias e beijou-as.

— Eu sinto muito, meu amor.

— James, você disse "meu amor"! É a primeira vez que você... que alguém me chama assim.

Os olhos de Jessie pareciam pesados. James sabia que ela poderia nunca mais acordar, se a deixasse dormir.

Uma angústia insuportável o oprimiu. O barão já devia ter ido embora com a sobrinha, porque a sra. Catsdoor entrara no quarto em silêncio, alguns minutos antes, trazendo um bule de chá. Ele fez Jessie tomar alguns goles.

— Está se sentindo melhor? — perguntou enquanto aplicava uma compressa com água fresca sobre a testa de Jessie.

— Minha cabeça está latejando. Não entendo a razão de tanto ódio. O barão deve ser um homem muito infeliz.

— O fato de ele ser infeliz não justifica seu ato assassino.

— Eu já não estava conseguindo respirar. Minhas pernas amoleceram. Por sorte eu me lembrei daquele truque que Oslow me ensinou. Quando bati com as palmas das mãos nas orelhas dele, ele me soltou instantaneamente.

— Você foi corajosa. Lamento não ter chegado a tempo de impedir que ele a agredisse.

— Ele é sozinho?

— Não, mas não vive bem com a esposa. Ela e Alicia não se davam bem. Tive a oportunidade de encontrar a baronesa na última primavera. Eu estava andando por uma rua de Tuttleigh e a vi saindo de uma loja de tecidos. Ela pareceu contente em me ver. Sempre a considerei uma boa pessoa: — James não costumava falar tanto, mas abrira uma exceção nas circunstâncias. Era preciso distrair Jessie a qualquer custo. — A baronesa estava comprando uma fita. Eu me lembro de que era verde, porque ela olhou para mim e disse que era da cor de meus olhos.

— Você tem olhos lindos, James. Eu sinto muito pelo que aconteceu. Talvez não devesse ter concordado em recebê-los em sua ausência. Depois do que aconteceu no lago, eu estava ciente de que aquela não era uma visita de cortesia.

— Não se desculpe, Jessie. Você não fez nada de errado. Está com muito sono?

— Mal consigo manter os olhos abertos, James assentiu.

— Vou lhe contar uma história. Desta vez não permitirei que o cansaço a impeça de ouvi-la. Talvez lhe interesse saber que foi Oslow quem a contou originalmente.

— Adoro as histórias de Oslow. É provável que eu já a conheça.

— Não lhe fará mal ouvi-la outra vez. É a história sobre o primeiro puro-sangue inglês que foi levado para a América. Seu nome era Bulle Rock.

— Eu não disse? Já conheço a história de Bulle Rock.

— Sim, mas você sabe qual foi sua ascendência?

— Minha cabeça está doendo demais para que eu me lembre.

— Ah, você não me engana. Está usando a dor de cabeça como desculpa. Bulle Rock descende do árabe Darley, nascido em 1700, de uma das três raças originais.

— É invenção sua. Não quero ouvir mais nada. James segurou as mãos dela e apertou-as.

— Não feche os olhos ou eu me sentirei o pior contador de histórias do mundo. — Ele segurou o queixo de Jessie e tentou fazê-la sorrir. — Sabia que Charles I foi quem organizou a primeira Copa de Ouro, em Newmarket, no ano de 1634?

— A vitória sempre é motivo de orgulho. Ainda mais uma Copa de Ouro. Meu pai ganhou esse prêmio alguns anos atrás.

— Eu sei — James concordou, enciumado. — Também sei que o troféu não é feito de ouro, como muitos acreditam.

— Você está certo. Minha mãe insistiu para que meu pai mandasse derreter o troféu uma vez em que nossa situação financeira estava extremamente difícil. Foi nessa ocasião que Nelda resolveu se casar com Bramen Carlisle. O medo da pobreza foi maior do que o sonho de se casar por amor.

Até que o médico chegasse, as dores de cabeça e o enjôo já tinham diminuído. Após um minucioso exame, George recomendou que Jessie permanecesse em repouso por três dias.

— O gosto é horrível. Consegue ser pior do que a infusão de ervas contra ressaca.

— Não importa. É preciso bebê-la até a última gota — ordenou a sra. Catsdoor. — O sr. Badger me ensinou a prepará-la. Ele garantiu que apressará sua recuperação.

Jessie tomou o chá e também um prato de sopa. Às oito horas, virou-se na cama e adormeceu.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, James ainda estava acordado, lendo um livro, quando sentiu o toque dos dedos de Jessie em sua barriga.

Ela parecia estar profundamente adormecida. Seus dedos, porém, se moviam sem descanso sobre os pelos que lhe cobriam o peito até o sexo, obrigando-o a forçar a respiração, que se interrompera sem que ele percebesse. Pensou que morreria de prazer quando aqueles dedos ágeis se apoderaram dele em uma massagem firme e contínua.

— Jessie, você precisa parar. Eu não estou agüentando mais...

James abriu os olhos, alarmado. Jessie não estava dormindo, como ele pensara. Ele a mandara parar e ela parara!

— Oh, por favor, esqueça o que eu disse! Não pare!

O riso borbulhante o incendiou. E foi seu coração que quase parou ao êxtase

incrível que Jessie lhe proporcionou.

— Você ainda vai acabar comigo...

— Eu estava querendo tentar esta experiência há muito tempo.

— Podemos repetir sempre que você quiser. Mas não agora. Você não está levando a sério as ordens do médico. Eu deveria repreendê-la, mas sei que estou tão errado quanto você.

— Eu estou bem. A cabeça já não dói tanto.

— Sabe o que acontecerá se você não parar de me tentar, não sabe? Eu não vou conseguir me controlar e daqui a instantes estarei dentro de você.

— Eu quero você dentro de mim, James.

Ele não pensou duas vezes. Trouxe-a para cima de si e pediu que ela conduzisse a relação.

— Foi incrível — James murmurou, afagando delicadamente os cabelos que se espalhavam por seu peito, com o rosto de Jessie apoiado em seu ombro. A antiga Jessie, a nova Jessie. Não importava. Ela era sua Jessie.

James não saberia dizer depois de quanto tempo ele foi bruscamente acordado. A seu lado, Jessie se debatia e soluçava. Seus gritos de pânico ecoavam pelo quarto. Ele segurou-lhe os braços, beijou-a carinhosamente e chamou-a pelo nome.

Ela abriu os olhos, encarou-o e tornou a gritar, sem reconhecê-lo.

— Sou eu — James tornou a dizer, baixinho para não assustá-la ainda mais. — Você teve um pesadelo. Está tudo bem agora.

— James — ela repetiu, com aquela vozinha infantil que fazia os cabelos dele eriçar na nuca. — Eu não conheço nenhum James. Quem é você? O que faz aqui?

James sentiu-se gelar.

— Eu estou cuidando de você.

— Ah! Então você é médico?

— No momento, sim — respondeu ele, tentando parecer mais firme e confiante do que se sentia. — Por que não me conta o que está sentindo? Com o que você sonhou?

O comportamento de Jessie mudou por completo. Antes ela estava encolhida. Ao ouvir as perguntas, saltou sobre James e arranhou-lhe o rosto. Ele reagiu prontamente, imobilizando-a.

Desesperada por não conseguir se desvencilhar, ela se pôs a gritar novamente.

— Solte-me! Não faça isso! Não, não!

Os olhos de James haviam se adaptado ao escuro. Entre as sombras do quarto, ele podia ver o terror nos olhos de Jessie. Mas era aquela voz de criança, vítima de abuso, que o perturbava mais.

— Algo grave aconteceu com você, Jessie. Conte-me para que eu possa ajudá-la. O que lhe fez aquele homem, o sr. Tom?

Ela parou de lutar. Os braços e as mãos relaxaram, e James os soltou com a devida precaução. Causou-lhe intensa angústia ver Jessie cruzar os pulsos e colocá-los sobre a cabeça para se proteger. Alguns instantes depois, encolhida no outro lado da

cama, ela voltou a chorar. Cortou-lhe o coração vê-la tão frágil e indefesa.

— Não tenha medo. Durma tranqüila. Eu estarei aqui, vigiando seu sono — prometeu.

Jessie soluçou mesmo durante o sono. James queria poder aninhá-la em seus braços como um pai faria com sua filha, mas, naquelas circunstâncias, temeu tocá-la e acordá-la. Só se deixou levar por sua vontade quando teve certeza de que Jessie mergulhara em um sono profundo. Ele próprio não conseguiu dormir naquela noite. Um pensamento o atormentava. Os pesadelos vinham se repetindo, e pareciam ser desencadeados pelo prazer sexual, não pelo ato em si. Das primeiras vezes, quando ainda havia dor, os pesadelos não aconteceram.

Chovia forte na manhã seguinte. O vento fustigava as janelas e os galhos das árvores. James estava sentado na cama e observava sua esposa com evidente preocupação. Ela estava acordada, mas ainda não abrira os olhos. Sua memória lhe trouxera de volta a imagem de um homem que tentara esquecer durante todos aqueles anos.

— James, eu me lembrei do sr. Tom — disse, finalmente. — Ele era um homem mau, detestável. Mas quem me causava terror, na verdade, era o pirata Barba Negra...

Após a última visita do médico a Chase Park, os temas centrais das reuniões passaram a ser os acontecimentos em Candlethorpe e os pesadelos de Jessie com o pirata.

— O que você diz, Spears? — Marcus perguntou ao valete e conselheiro. — Esse Barba Negra não é fruto da imaginação de Jessie? Afinal, ela ficou confusa com a pancada na cabeça.

— Ele não é uma lenda, milorde. O pirata conhecido por Barba Negra existiu. Seu nome verdadeiro era Edward Teach. — Spears se deteve por um instante. — Eu tive a oportunidade de acompanhar o dr. George até a porta. Talvez a esposa de seu primo não tenha tido uma visão. Parece que ela se lembrou de episódios macabros de sua infância, que sua mente havia tentado apagar durante todos estes anos. Badger concorda comigo sobre os mecanismos da autoproteção. Esquecer o que viu e o que sofreu foi fundamental para Jessie seguir com sua vida. Parece-me, contudo, que Maggie tem outra opinião a respeito. Ela acha que Jessie deve ter tido uma febre alta quando criança ou talvez sofrido uma queda e batido a cabeça, e isso a fez esquecer sobre o pirata. Considero sua opinião consistente. Acho provável que esse novo golpe na cabeça seja responsável pela reativação de sua memória.

— O que disse Sampson a respeito? — indagou Duquesa, interrompendo o bordado.

— Que o que realmente importa é a srta. Jessie nos contar por que um pirata sanguinário fez parte de um período de sua infância.

No meio da conversa, a gata Esmee pulou para o colo da condessa sem a menor cerimônia. A tarefa de bordar precisou ficar para mais tarde. De qualquer maneira, ela teria de interrompê-la para alimentar o filho, que começava a protestar de fome.

Marcus se encarregou de dar colo à gata, e Duquesa se retirou, oferecendo um sorriso que visava tranqüilizar os cavalheiros.

— Um pouco de paciência. Os Wyndham americanos devem estar chegando, e em breve todas as nossas perguntas serão respondidas.

Badger deu as boas-vindas a Jessie e James com um prato de porcelana Sèvres recheado de pãozinhos doces com creme. Maggie e Duquesa se apressaram a acomodar a estimada visitante. Por mais que James tivesse tentado convencê-la a ficar mais algum tempo de repouso, Jessie fizera questão de acompanhá-lo até Chase Park.

O chá estava chegando ao fim. Ao engolir o último pedaço do biscoito, Marcus olhou para Jessie e disse em voz alta:

— Agora que estamos todos reunidos, espero que você nos conte o que sabe sobre o tal Barba Negra, Jessie. Nossa curiosidade chegou ao limite.

— É verdade — concordou Spears. — O dr. Raven é um ótimo médico, mas um péssimo mensageiro. Ele não disse absolutamente nada para aplacar nossa sede de conhecimento.

Jessie olhou ao redor da mesa. Aquelas pessoas a tinham acolhido em um momento de necessidade. Tinham-na recebido bem desde o primeiro instante, e a valorizado. Havia feito com que se sentisse importante, e confiado os próprios filhos aos seus cuidados. De repente, tudo aquilo foi demais para ela.

James se levantou de um salto e tomou-a nos braços.

— Está tudo bem, minha querida. Não chore mais. Já passou. Não precisa dizer nada que não queira.

— Uma dose de conhaque fará bem a ela — sugeriu Badger.

Jessie tomou um gole grande demais e pensou que fosse sufocar.

— E agora? — indagou Spears. — Sente-se mais aquecida e confortável para nos contar sobre aquela época distante?

Um forte constrangimento se apoderou de Jessie, mas ela respondeu com um meneio afirmativo de cabeça.

— Eu ainda não tinha completado dez anos, se estou bem lembrada. Minha família tem uma casa em Ocracoke, uma ilha na costa da Carolina do Norte. O lugar é conhecido como Outer Banks. Suas ilhas de corais protegera a faixa litorânea do continente das tempestades e furacões vindos do Atlântico. Oferece uma paisagem paradisíaca no verão, com muito sol e praias longas e largas. As águas que as banham são permanentemente frias, mas não impossíveis de acolher os banhistas de alguma coragem. Cavalos selvagens vivem correndo por suas areias. As pessoas acreditam que eles afundaram com uma galé espanhola e nadaram até suas praias desertas. Em minhas férias de verão, no ano de 1812, eu me diverti como nunca. Corria pela praia, catava conchinhas, construía castelos de areia e nadava como um peixe. Havia uma cabana por perto onde morava um homem que todos chamavam de Velho Tom, menos eu. Preferia chamá-lo de sr. Tom. Não o considerava tão velho assim, embora ele pudesse ser considerado um ancião em comparação a mim, ainda uma criança.

Ela fez uma pausa para tomar fôlego.

— Eu descobri que o sr. Tom era bisneto do pirata, um homem muito mau, de acordo com o que ele me disse repetidas vezes com grande orgulho. Barba Negra foi o mais cruel, infame e impiedoso de todos os piratas. Ele roubava, matava e aterrorizava o povo do Caribe e de todos os portos onde atracava.

— Eu me pergunto se tudo o que disseram a respeito dele foi verdade — aventou Spears. — Mais tarde Barba Negra não foi perdoado?

— Aparentemente, sim. Por volta de 1718, o pirata assinou um documento renunciando à sua vida de crimes e se estabeleceu em Ocracoke. Havia um local em

ruínas no vilarejo, quando eu era criança. Diziam que aqueles destroços eram o que havia sobrado do castelo que ele construiu. Também havia uma enseada chamada Teach's Hole, próxima ao vilarejo, onde diziam que o pirata costumava aportar sempre que seu barco precisava de reparos. Depois que assinou aquele documento, Barba Negra passou a viver em seu castelo. A monotonia o levava a consumir grandes quantidades de rum. Cansado dessa nova vida sem aventuras, ele voltou a atormentar as pessoas. A paz acabou em Ocracoke. Um dia, os ingleses decidiram colocar um fim nesse terror. Em sua ousadia, Barba Negra cobrava pedágios para permitir que mercadorias desembarcassem dos navios para os colonos. Um tenente chamado Maynard foi convocado para matá-lo. Dizem que a luta durou três horas. O pirata foi esfaqueado vinte vezes, mas continuava resistindo. Levou cinco tiros sem parar de lutar. Parece que ele só se rendeu depois que seu corpo derramou a última gota de sangue. Como prova de sua vitória, o tenente mandou que pendurassem a cabeça do pirata na verga do mastro principal do navio.

Spears não se conteve. Precisava dar sua contribuição ao relato.

— Daniel Defoe escreveu em seu livro que o corpo de Barba Negra foi atirado ao mar e que mesmo sem a cabeça o pirata nadou ao redor do navio três vezes antes de afundar.

— Ele comia gente? — Anthony quis saber, impressionado.

— Não existem rumores a esse respeito — Jessie respondeu —, mas também ouvi dizer sobre uma ocasião em que a tripulação do *Queen Anne's Revenge*, esse era o nome do navio do pirata e onde sua cabeça foi pendurada, estava tão entediada que Barba Negra propôs que montassem um cenário representando o inferno, de modo a testarem suas resistências aos tormentos. Todos se sentaram sobre pedras usadas para lastrear o barco. Caldeirões com enxofre foram trazidos e apostou-se que o vencedor seria aquele que deixasse os porões fétidos em último lugar. Barba Negra mais uma vez se superou. Alguém gritou que ele parecia o próprio Lucifer saindo do inferno, quando as portas dos porões se abriram.

— Como você teve conhecimento dessa história? — Badger perguntou.

— Barba Negra escreveu-a em um de seus manuscritos — Jessie respondeu, o olhar subitamente vazio. — Eu os li centenas de vezes ao Velho Tom. O bisavô lhe deixara dois diários repletos de histórias como esta. Pensei que as tivesse esquecido. Não consigo entender como elas, de repente, retornaram à minha memória.

— Conte-nos outra história! — Anthony pediu com o entusiasmo natural de um menino por aventuras.

— A história mais importante fala de um grande tesouro — prosseguiu Jessie. — O Velho Tom tinha certeza de que seu bisavô o escondera em local seguro e que as pistas para sua localização estavam contadas nas entrelinhas dos diários. Por esse motivo, ele só me deixava ler as páginas de histórias. O pai, Samuel Teach, também deixou dois manuscritos antes de morrer. O Velho Tom não confiou em mim o bastante para relatar seu conteúdo. Registrar os fatos em diários era uma tradição de sua família. Ele me disse que o costume começou com a bisavó. Não tinha curiosidade em conhecê-lo. Parecia-lhe perda de tempo preocupar-se com algo que fora escrito por uma mulher. Eu, em contrapartida, me interessei ainda mais por ele por esse exato motivo.

O súbito silêncio que caiu sobre o ambiente parecia anunciar o fim da reunião. Jessie baixou a cabeça e ficou imóvel por um longo tempo. De repente, ergueu o queixo e disse o que nunca contara a ninguém.

— Um dia, o Velho Tom tentou me agarrar. Eu consegui escapar, mas ele correu atrás de mim e me alcançou. Atirou-se sobre minhas costas e me derrubou. Ele não sabia

que eu estava carregando uma pedra, que conseguira apanhar durante a fuga. Quando me virou de modo que eu ficasse de frente para ele, eu o atingi na cabeça. — Jessie fez uma pausa para tomar fôlego. Seu rosto estava pálido e suas mãos tremiam. — Ele tombou sem dar um pio. Eu fiquei apavorada. Voltei para a cabana, juntei todos os manuscritos, embrulhei-os em um pedaço de oleado e os enterrei sob uma pequena palmeira ali perto. Essas cenas me perseguiram durante anos em forma de pesadelos. Em algum momento, eles simplesmente cessaram e eu pensei que tivesse superado o problema para sempre. Mas depois que me casei com James, eles voltaram a me assombrar.

— Eu cheguei a essa mesma conclusão — James admitiu, — Receio que a intimidade natural propiciada pela vida a dois seja responsável pela volta dos pesadelos.

Todos os olhares estavam direcionados a Jessie, com um misto de compaixão e curiosidade. Apenas Anthony vibrava com a promessa de novas histórias de aventuras.

— Conte mais sobre o tesouro, Jessie!

Ela se forçou a sorrir.

— Barba Negra escreveu um terceiro diário do qual um homem conhecido por Red Eye Crimson se apoderou. O Velho Tom o conheceu em Montego Bay, na Jamaica. O sujeito alegou saber da existência dos outros dois e tentou convencer o Velho Tom a apresentá-los. Convenceu-o de que, se ambos tomassem conhecimento de tudo que o pirata escrevera, a localização do tesouro deixaria de ser um segredo. Como Tom não levava os diários consigo na viagem, ficou acertado que Red Eye Crimson o procuraria em Ocracoke.

Um calafrio fez Jessie se encolher.

— No meio da noite, eu acordei com uma das mãos de Red Eye Crimson em minha boca para que não gritasse e a outra me imobilizando. Suponho que ele tenha chegado durante o dia e procurado a cabana do Velho Tom. Sem encontrá-lo, ele deve ter se escondido para vigiar o local. Acredito que ele tenha me visto tentando escapar e depois matar o Velho Tom. Agarrou-me sem que eu percebesse sua aproximação. Meu cachorro me salvou de ser raptada. Atacou-o, e ele foi forçado a me largar. Mas eu bati a cabeça em uma pedra e desmaiei. Só recuperei os sentidos três dias depois. Meus pais nunca souberam a verdade. Eles atribuíram meu mal-estar a uma febre. Eu mesma só tive conhecimento da verdade poucos dias atrás.

— Então Maggie estava certa? — sugeriu Badger. — Uma pancada na cabeça a fez esquecer e a outra a recuperar a memória?

James se levantou e apertou as mãos.

— Não quero que se torne a falar sobre isto. Jessie acabou de dizer que foi nosso casamento que revolveu seu passado. Logo ela começará a se recusar a partilhar de nossa cama.

Anthony se mostrava impaciente. Até quando os adultos impediriam Jessie de prosseguir com as histórias sobre o tesouro?

— Ainda bem que você matou aquele homem mau, Jessie. Mas não é sobre ele que eu quero saber. O que me interessa é o tesouro do pirata. Eu nunca encontrei nenhum tesouro. Eu ainda não tinha nascido quando meu pai e minha mãe acharam o tesouro dos Wyndham.

— Você terá a oportunidade, então, de tentar descobrir o tesouro dos manuscritos. Ele ainda deve estar no mesmo lugar, nas proximidades de Teach's Hole. Não posso afirmar, contudo, que aqueles diários nos fornecerão a chave da localização do tesouro.

Segundo meu pai, Red Eye Crimson foi preso, e permanecerá atrás das grades pelo resto da vida. Ninguém mais soube sobre o diário em seu poder. Talvez tenha se perdido.

— Eu fiz uma pesquisa sobre esse pirata depois que o dr. Raven esteve aqui — anunciou Spears. — Descobri que um teatro em Boston apresentou um espetáculo sobre Barba Negra em 1811. Parece que os ingleses o tomavam por escocês e o resto do mundo o tomava por inglês. Os livros não dizem grande coisa. Eu penso que a única maneira de chegarmos ao fundo dessa história será viajarmos para esse lugar, Ocracoke.

Houve um coro de vozes em apoio à sugestão. Badger se mostrou entusiasmado com a possibilidade de aprender novos pratos da culinária das ilhas.

— Todos nós adoramos aventuras — concordou a condessa. — Será uma ótima chance para visitarmos as Colônias e conhecermos Marathon e a família de Jessie.

— Uma viagem como essa não se organiza de um dia para outro — disse Marcus. — Teríamos de nos ausentar por três meses, no mínimo. Viagens por mar sempre são perigosas. Você pensou nas crianças?

— Nós nos revezaremos em seus cuidados — prometeu Spears. — Sou de opinião que devemos ir todos, inclusive os meninos.

Anthony deu um pulo de alegria e correu para junto do pai, que estava parado em frente à lareira. Marcus se pôs a andar de um lado para outro com Anthony em seus calcanhares.

— Você esteve com Alec Carrick estes dias — Duquesa lembrou. — Poderíamos viajar a Baltimore em um de seus navios. Alec é um barão, Jessie. Ele se casou com Genny, a filha de um armador de Baltimore, há três anos, e tiveram um filho que se chama Dev James. Você já ouviu falar sobre os Paxton, talvez?

— Sim. Soube que Genny Paxton estava aprendendo sobre os negócios do pai e que havia conhecido um inglês.

— Era Alec. Depois que se casaram, eles vivem mais tempo na Inglaterra do que na América.

— Então, meu querido? — Duquesa insistiu, com um sorriso de derreter o mais gélido dos corações. — Uma viagem à América em busca de um tesouro. Não será magnífico?

O conde olhou para cada rosto voltado em sua direção. Como recusar? Ele se abaixou e pegou Anthony no colo.

— O que você acha de viajarmos para lá no próximo ano?

— Agora, papai! Por favor!

Marcus abraçou o filho e fingiu pensar.

— O que você acha de partirmos em uma semana?

— Era o que eu estava rezando para você dizer — confessou James, com um suspiro de alívio. — Quero encontrar aquele tesouro tanto quanto vocês, mas acima de tudo, quero que Jessie resolva sua pendência com o passado de uma vez por todas para vivermos plenamente nosso futuro. Quero que ela sonhe comigo e não com os demônios que assombraram sua infância.

Capítulo V

Haras Marathon Baltimore, Maryland Início de setembro

Eles estavam exaustos. Charles não parava de chorar, e Anthony de se queixar de fome. Spears costumava resolver esse tipo de problema, lembrando-o de que já era grande, e que só bebês, como Charles, choramingavam. A tática não funcionou dessa vez.

— Não sou um bebê, mas ainda sou pequeno.

A porta felizmente foi aberta e James deu um suspiro de alívio ao ver Thomas. Armou-se de paciência, em seguida, ao ouvir a voz de sua mãe. Ela se comportou como se não visse ninguém à sua frente, exceto a mulher que se casara com seu sobrinho, contra a vontade dela.

— Você! Sete anos, e parece que aconteceu ontem. Esperava nunca mais ter de vê-la. No entanto, você está aqui e trouxe uma comitiva. Para protegê-la? Como se atreveu a vir para Baltimore? Quero que saia imediatamente daqui e que leve consigo esses seus amigos!

— Mãe, não diga mais nada — James implorou. — Estamos muito cansados depois de passar seis semanas e três dias a bordo de um navio. O que faz aqui?

— Eu soube que você estava voltando, meu pobre filho! — A sra. Wyndham estendeu os braços dramaticamente para James. — Vim esperá-lo porque sabia que precisaria de mim. Tomarei providências para expulsar esses ingleses da América!

— Mãe! — James prosseguiu, a voz baixa, mas firme. — Este não é um momento adequado para conversarmos. Eu irei vê-la amanhã. Thomas a levará agora para sua casa.

A sra. Wyndham tentou protestar, mas James a conduziu para a carruagem como se não a tivesse escutado. De volta à sala, teve de acudir Jessie, com os braços cruzados sobre o ventre. As náuseas certamente não tinham sido motivadas apenas pelo balanço do navio.

— Faça aspirações curtas e rápidas como Duquesa ensinou — ele disse. — Lembre-se de que o mal-estar passará em algumas semanas.

— Tudo culpa sua — Jessie acusou-o, recebendo um sorriso em troca.

O relógio marcava dez horas quando Thomas finalmente conseguiu acomodar os hóspedes. James não se conformava de ter negligenciado sua propriedade por tanto tempo. Não havia camas suficientes. Pela primeira vez, desde que comprara Marathon, estava constatando as péssimas condições do papel de parede e a absoluta precariedade dos móveis. Não parava de se desculpar com Marcus e Duquesa.

— Não se preocupe, James — ela o tranqüilizou. — Jessie e eu resolveremos esse problema em poucos dias. Será uma tarefa agradável. Candlethorpe não me satisfaz como desafio. Juntas, Jessie e eu faremos de Marathon a casa mais bonita da região.

James teria acreditado naquelas palavras se não tivesse olhado para sua esposa naquele instante e percebido que ela se deitaria ali mesmo, no chão, se ele não a colocasse imediatamente na cama.

— James, você pode me mostrar meu quarto? Ou eu dormirei no seu?

— E claro que dormirá no meu. No nosso — James respondeu. Não lhe ocorrera até aquele momento que era a primeira vez que Jessie pisava em Marathon como sua esposa.

Jessie observou que seus novos aposentos estavam em iguais condições ao resto da casa. O papel estava se soltando em vários lugares e estava rasgado ao redor da janela, onde a umidade também causara manchas de bolor. A cama estava com a cabeceira riscada, e o armário, tão velho quanto a cama, estava igualmente danificado. O tapete, feio e marrom, estava sujo. Mas nada disso importava naquele momento. Tudo o que ela queria era se deitar.

James ajudou-a a despir-se. Estava terminando de desabotoar o vestido quando se lembrou de abrir a bagagem e pegar uma camisola. Antes que Jessie terminasse de vesti-la, ele já estava à sua espera na cama, completamente despido, pedindo que ela se apressasse e viesse aquecê-lo.

Na verdade, não fazia frio em pleno verão. Costumava chover com frequência naquela época do ano. Fora uma bênção dos céus que o trajeto das docas até Marathon pudesse ser feito sob o sol, em perfeita segurança.

— As crianças tiveram de ser colocadas no quarto dos pais. Fiquei envergonhado, Jessie. Eu não tinha me dado conta, até esta noite, que vivia aqui em péssimas condições.

— Pare de se preocupar. Temos um teto, e ninguém foi dormir com fome. Amanhã, quando visitarem os estábulos, eles descobrirão onde você investiu todo o seu dinheiro.

James segurou a mão dela e apertou-a.

— Está melhor?

Sim, ela estava. Mas o cansaço a fazia desejar fechar os olhos e só tornar a abri-los depois de uma semana.

— Estou.

Uma simples palavra surtiu um efeito devastador. James se aconchegou mais e beijou-a no ombro.

— Nossa primeira noite na América. Eu jamais teria sonhado...

Esquecida do cansaço, Jessie virou-se para o marido e beijou-o. Depois disso, ele só parou de beijá-la quando terminaram de fazer amor e o sono finalmente os venceu.

Eram três horas da manhã quando Jessie acordou aos gritos. James sentou-se na cama e se surpreendeu ao vê-la de olhos abertos e com dificuldade para respirar. Seus cabelos estavam revoltos e molhados de suor.

— Oh, Deus! Eu sonhei outra vez com o sr. Tom. Por que isso está continuando, James? Eu já me lembrei de tudo. Pensei que tivesse superado o trauma.

Uma onda de náusea a assaltou. O quarto estava mergulhado em completa escuridão. James se levantou e apanhou água, orientando-se instintivamente. Jessie logo voltou a dormir, mas ele não teve a mesma sorte. Não conseguia parar de pensar que os pesadelos aconteciam sempre que eles faziam amor. Mal podia esperar para seguirem rumo a Ocracoke. Se dependesse de sua vontade, partiriam assim que amanhecesse. Mas sabia que não seria possível. A travessia fora exaustiva. Todos estavam precisando de alguns dias em terra para recuperar as forças.

A respiração de Jessie estava suave. Ele não resistiu a afagar suas faces e afastar

os cachinhos para trás das orelhas.

— James?

— O que foi?

— Eu vou até a cozinha tentar encontrar algo para acabar com este enjoô.

— Eu farei isso. Não saia da cama. Conheço esta casa como a palma da minha mão.

James desceu a escada e se encaminhou para a cozinha, que ficava do lado de fora da casa. Conhecendo Badger como conhecia, tinha certeza de que sobrara um prato de sopa ou qualquer coisa que pudesse oferecer a Jessie.

Surpreendeu-se à fraca luminosidade que escapava por baixo da porta. O que Badger poderia estar fazendo ali tão tarde da noite? Diminuiu o passo e aguçou os ouvidos.

— Todos concordam com minha linha de raciocínio? A voz era de Spears. A que linha de raciocínio ele estaria se referindo?

— A mãe de James se voltará contra Jessie assim que ele lhe contar que se casou com ela. Seus disparos agora se dividirão entre dois alvos. Duquesa perderá o direito de exclusividade — afirmou Sampson com sarcasmo.

— Alguém quer mais uma xícara de chá? — ofereceu Badger. — Maggie?

— Sim, obrigada. O sabor está diferente. Você acrescentou alguma erva nativa?

— Sim. Uma erva de efeito calmante. Acho que todos nós estamos precisando de uma boa noite de sono. — Badger sufocou um bocejo. — Só Deus sabe os problemas que nos esperam pela frente. Pela maneira como fomos recebidos, dá para adivinhar que não serão poucos.

— Sou obrigado a concordar com você. — James resolveu se anunciar. — Posso saber o que decidiram fazer a respeito?

Spears franziu o cenho.

— O que faz aqui, James? Deveria estar na cabeceira de Jessie.

— Ela está enjoada. Vim em busca de um lenitivo para seu desconforto.

— Sobrou um pouco de pão. Eu o preparei sem fermento. Leve para ela. — Badger se levantou e embrulhou o que restara em um guardanapo.

— Então, o que vocês decidiram? — James repetiu a pergunta.

Spears, elegante como sempre, em um traje de veludo azul-escuro, pediu para que ele se sentasse.

— A agitação da chegada nos roubou o sono. Eu me ofereci para fazer um chá e o pequeno encontro se transformou em uma reunião sobre o problema a respeito de sua mãe.

— O que decidiram fazer? Atirá-la nas águas do rio?

— Não seria uma má idéia para nós, mas, e para os peixes? — brincou Maggie. — É incrível, James, que você seja tão bom, tendo como mãe a criatura mais irascível de que eu tenho conhecimento.

— É um mistério — James admitiu enquanto se servia de uma xícara de chá.

— Sua mãe, James, tornará a vida de Jessie insuportável. Mas nós a

protegeremos. Você sabe disso — Maggie assegurou.

James olhou para cada um dos três criados que, na realidade, eram os maiores amigos que ele, Marcus e Duquesa possuíam. E agora Jessie também. Gostava muito deles e nunca poderia lhes agradecer o suficiente.

— Esta casa não oferece a comodidade a que vocês estão acostumados — James se desculpou. — Eu sinto por não poder recebê-los como merecem, mas empreguei todo o meu dinheiro na reforma das instalações do haras e na construção de moradias para os empregados.

— Se você teve de construir as casas, onde os trabalhadores ficavam alojados?

— Em senzalas imundas. Essa pobre gente foi explorada. Por serem negros, eram comprados como animais. Os maridos eram separados das esposas, e os filhos lhes eram tomados. Eu abomino a escravidão. Assim que adquiri esta propriedade, libertei-os com uma carta de alforria e passei a lhes pagar um salário.

— James é um homem justo, além de generoso e simpático — declarou Maggie sob um murmúrio geral de aprovação. — Talvez deva ser levado em conta que ele é meio americano, não totalmente inglês!

O bom humor de Maggie era contagiante. James se despediu mais otimista.

— Vou subir agora e levar o pão para Jessie. Espero que Badger esteja certo sobre os efeitos deste chá. — Antes de sair, James se virou. — A propósito, não será apenas de minha mãe que vocês terão de proteger minha esposa. A mãe e a irmã mais nova de Jessie também precisam ser levadas em consideração.

O estado deplorável da casa em estilo georgiano, construída com tijolos aparentes, ficou ainda mais evidente na manhã seguinte quando o grupo se reuniu na sala de jantar para o desjejum.

James ocupou a cabeceira da velha mesa retangular, e Jessie se sentou do lado oposto. As almofadas sobre as cadeiras estavam desbotadas. As paredes estavam descascando. O carpete, embora limpo, estava puído e rasgado nas áreas de maior trânsito. James estava tão embaraçado que se desculpou mais uma vez.

— Eu comprei Marathon de um viúvo. Boomer Bankes certamente perdeu o interesse em cuidar da casa após a morte da esposa.

— Não se preocupe com isso. Tenho certeza de que todos nós sobreviveremos — garantiu a condessa, o olhar voltado para Charles, acomodado sobre um cobertor no canto da sala, com um pirulito de açúcar.

— Esta sala é ampla e as janelas são largas. O prospecto é interessante — sugeriu Jessie.

— Estamos contentes que o sr. James tenha se casado e que a senhora agora seja nossa patroa, sra. Jessie — disse Thomas em nome dos demais.

Após a refeição, James levou Marcus e Anthony para conhecer os estábulos. Jessie, que acordara disposta, sentou-se na varanda com Duquesa, e o assunto que foi abordado já era esperado, embora difícil de ser enfrentado.

— Imagino que antes de qualquer outra coisa você queira visitar seus pais e suas irmãs.

— Sinto saudade de meu pai.

— Thomas sugeriu que você escrevesse um bilhete a seus pais informando sobre sua chegada e avisando que você e James os visitarão esta tarde. Acha que está em

condições?

— Não sei. Os enjôos acontecem de um minuto para outro.

Duquesa estreitou os olhos.

— Você não pode se apresentar a eles desse jeito. Emagreceu, e suas roupas estão folgadas demais. Chamaremos Maggie para nos ajudar. Ela saberá o que fazer. Queremos que fique bonita e se porte como a nova senhora de Marathon, não como a filha dependente a quem eles podiam ditar ordens.

— De nada adiantará contra a animosidade que existe entre nossas famílias. — Jessie suspirou. — Minha mãe e a mãe de James se conhecem desde crianças e se detestam.

Às duas horas daquela tarde, James e Jessie subiram em uma charrete com destino ao Haras Warfield. Embora o verão já estivesse chegando ao fim, o ar estava quente e fragrante com as flores e as árvores ainda exuberantes.

— É bom estar de volta — disse James.

— Um pensamento não sai da minha cabeça — Jessie confessou, o cenho franzido. — Você acha que Glenda terá a audácia de olhar para sua virilha como costumava fazer?

James não se mostrou constrangido como ela esperava.

— De Glenda, tudo se pode esperar. Ignore-a. — James prendeu as rédeas de Bellini em uma só mão para poder segurar a mão de Jessie. — Tem certeza de que está pronta para vê-los, querida?

Querida. Era maravilhoso ouvir James lhe falar assim.

— Você pretende voltar a ver Connie Maxwell?

— Acho que devo a ela uma explicação. Espero que você entenda. Quero que ela saiba por mim sobre o nosso casamento.

Jessie não respondeu, e seus olhos se encheram de lágrimas. Como James esperava que ela entendesse, se ela não conseguia entender nem o que estava acontecendo consigo própria? Uma hora estava rindo, ria outra soluçando. Maggie lhe dissera que os bebês faziam isso com as mães enquanto estavam crescendo em seu ventre.

— Por que está chorando? — James apertou-lhe a mão. — Acha que eu seria capaz de fazer amor com outra mulher depois que nos casamos? Ora, Jessie! Eu falei a sério quando jurei ser fiel...

Jessie enxugou as lágrimas e ergueu o queixo. James o apertou ligeiramente e sorriu.

— Você está linda. Duquesa lhe emprestou esse vestido?

— Sim. Maggie se encarregou dos ajustes. Ela também lavou e penteou meus cabelos. Estou razoável?

James detestou aquele tom de insegurança. Jessie era uma mulher valente. Adorável. Ele engoliu em seco ao vê-la partir um naco do pão de Badger e levá-lo à boca, dizendo que os enjôos haviam parado desde a noite anterior.

— Você está deslumbrante. É minha esposa. Não depende mais de seus pais. Você ainda será muito feliz, eu prometo. Assim que resolvermos essas questões de família e arrumarmos nossa casa, iremos a Ocracoke e resolveremos o problema com seus

pesadelos de uma vez por todas.

— Duquesa afirmou o mesmo. Disse que eu tivesse sempre em mente que agora sou uma mulher casada. Ameaçou-me de compor uma daquelas modinhas caçoando de mim, se eu não me comportar como devo.

James sorriu e balançou a cabeça.

— Estarei do seu lado.

Portia Warfield pestanejou ao abrir a porta. A mulher que olhava para ela, vestida com elegância, não parecia sua filha que deixara Baltimore quatro meses antes.

— Eu soube de tudo, Jessie Warfield. A mãe de James esteve aqui esta manhã e me contou sobre esse casamento absurdo de vocês. Nós somos contra esse casamento, embora por razões diferentes. Você não parece mais você. Essa roupa e esse penteado não combinam com seu modo de ser. Vá para seu quarto e troque-se imediatamente. Eu sou sua mãe e é seu dever me obedecer.

James pressionou contra o corpo a mão que Jessie apoiara na curva de seu braço.

— Podemos entrar, senhora? — indagou, antes que Jessie pudesse responder. — A viagem foi longa, e sua filha ainda não se refez.

— Sim, entrem. Glenda está inconsolável. Pudera! Ela acaba de saber que a irmã roubou o homem com quem sonhava se casar. Não tem passado bem há dias. Deve ter tido uma premonição de que a irmã traidora estava retornando.

Jessie sentiu que empalidecia.

— Não se deixe impressionar — James sussurrou, enquanto a mãe de Jessie saía para chamar o marido nos estábulos. — Ela é igual à minha mãe. É preciso jeito para lidar com seu temperamento.

A recepção por parte do pai de Jessie não poderia ter sido mais calorosa, ao contrário da mãe.

— Ah, minha menina! Meu rapaz! Vocês se casaram! Eu não poderia ter recebido uma notícia melhor do que esta. Jessie, está parecendo uma princesa! — O pai se deteve e pediu que a esposa lhes servisse chá com bolo. Esperou que ela deixasse o recinto e então abraçou Jessie e apertou efusivamente a mão de James. — Estou feliz por vocês. Sabem que parecem ter sido feitos um para o outro?

— Espero que sim — disse Jessie. — Porque James me engravidou.

— Verdade? Você está esperando bebê? Meu Deus, eu serei avô?

Uma súbita náusea impediu Jessie de responder.

Suas faces ainda estavam pálidas quando conseguiu retornar à varanda uma hora mais tarde.

— Quando meu neto vai nascer?

— Em abril, segundo nossos cálculos — respondeu James.

A mãe, que ainda não se conformava que Jessie, e não Glenda, tivesse se casado com James Wyndham, fez um muxoxo.

— Com esses enjôos, Jessie deve estar esperando uma menina. Outra mulher na família. Aparentemente é só os que os Warfield conseguem gerar.

James levou a mão de Jessie aos lábios.

— Eu adoraria ser pai de meia dúzia de meninas, senhora, todas lindas e ruivas de olhos verdes como a mãe.

— Os cabelos de Jessie nunca foram bonitos. Ela foi amaldiçoada como a avó com essa cor. A diferença entre elas era que a avó os escondia permanentemente sob uma touca.

Glenda surgiu na varanda naquele momento. Parecia tão abatida quanto Jessie. Seus olhos estavam vermelhos de chorar. Em vez de pousarem no rosto de James, procuraram o meio de seu corpo.

James não se sentiu intimidado.

— Olá, Glenda. Como vai, cunhada?

Ela mordeu o lábio, sem responder. Seus olhos se fixaram em Jessie.

— Você me traiu. Eu a odeio. Você é uma farsa. Logo se cansará de ser quem não é e voltará a se vestir como antes. James ficará decepcionado e a detestará tanto quanto eu.

Ninguém se atreveu a falar. Furiosa, completamente fora de si, Glenda correu para o interior da casa e gritou:

— Eu vou matar você, Jessie! Por sua causa, James foi forçado a se casar. Mas eu juro que esse casamento não vai durar! Você não tem capacidade de segurar um homem. O interesse de James por você acabará no final desta semana. Ou talvez hoje ainda.

Um silêncio pesado caiu sobre o ambiente. Oliver Warfield o quebrou.

— Você precisa falar com nossa filha, Portia. Esse comportamento é inadmissível. James nunca prometeu nada a ela. Ele nunca nem sequer a encorajou com algum tipo de flerte.

— Ele nunca encorajou Jessie, e ela está grávida.

— Com James e Jessie, foi diferente. — Oliver se levantou e enlaçou a filha e o genro pelos ombros. — Venham ver os estábulos. Os cavalos sentiram sua falta, Jessie. De você também, James.

Enquanto Jessie matava as saudades de seus animais, oferecendo-lhes afagos, cenouras e torrões de açúcar, Oliver Warfield conduziu James ao escritório e abriu uma garrafa de vinho do Porto.

— A você, filho! Como essa palavra soa bem! Estou feliz que tenha escolhido a melhor de minhas filhas.

Os dois homens beberam em silêncio. Depois que colocaram os copos sobre a velha escrivaninha, Oliver se recostou na cadeira.

— Lembra-se daquela vez em que Jessie comeu uma melancia inteira só para não lhe dar um pedaço?

— Sim. Deve fazer cinco anos. Eu tinha me esquecido. Por que acha que ela fez aquilo?

— Para provocá-lo.

James sorriu.

— As coisas agora são diferentes. E muitas mudanças ainda virão. Você soube que os Wyndham ingleses vieram conosco, com os dois filhos e quatro serviçais?

— E estão hospedados em Marathon? — Oliver se mostrou atônito.

— Estão. A condessa de Chase, esposa de meu primo, que nós chamamos de Duquesa, disse para eu não me preocupar, que todos eles entendem perfeitamente a situação e que aplaudem o modo como empreguei meu dinheiro.

— Eu acho que você exagerou. Aqueles escravos agora têm uma vida melhor do que grande parte dos cidadãos. Por falar em dinheiro, precisamos conversar sobre o dote de Jessie.

James tomou um gole de vinho e obrigou-se a calar a irritação que comentários como aquele lhe provocavam. Não estava se sentindo à vontade em companhia do homem que concorria com ele nas corridas e que se tornara seu sogro. Jessie, entretanto, parecia ter voltado a ser aquela jovem que ele conhecera, cheia de energia e entusiasmo. Durante o trajeto de volta, ela não parou de falar sobre seus cavalos.

— Rialto correrá no sábado. Ele vencerá Tinpin, sem sombra de dúvida. Eu... — Jessie se deteve. — Oh, meu Deus! Por qual deles vou torcer? Eu não tinha me dado conta, até agora, do significado do nosso casamento com relação aos nossos cavalos.

James a beijou reverentemente.

— Como você pode ser tão boa e agradável e sua mãe tão crítica e ranzinza?

Sem esperar por aquele tipo de observação, a mesma que James ouvira dos criados durante a madrugada, Jessie trocou os problemas por boas risadas.

A casa parecia estranhamente deserta e silenciosa quando eles chegaram, mas logo perceberam que a tranquilidade era apenas aparente.

— Filho.

— Mãe. — James subiu os degraus e foi beijar a mão que a sra. Wyndham lhe estendia. — Não a esperava hoje. Eu disse que a visitaria, lembra-se?

— Não pude esperar. Fiquei tempo demais longe de você e quis vir jantar em sua companhia.

Jessie ficou calada. Não era de admirar que Duquesa tivesse dado um jeito de escapar. Para sua surpresa, no entanto, ela apareceu na varanda, após alguns minutos, vestida como uma rainha.

— O que essa mulher ainda faz aqui? — Wilhelmina Wyndham tremeu de indignação. — Marcus não soube escolher. Nem você, James.

— Talvez a senhora mude de idéia quando souber que será avó em abril.

O ódio irradiou-se de Wilhelmina Wyndham como se fosse uma descarga elétrica.

— Então você o seduziu realmente. — A mãe de James apontou o dedo para Jessie. — Eu preferiria mil vezes que meu filho tivesse se casado com Glenda. Ao menos, ela eu poderia controlar. Sua irmã é tão ridícula quanto sua mãe se tornou. Mal consigo acreditar que Portia tenha sido minha melhor amiga nos tempos de infância e de juventude. Antes ela saberia o que fazer para resolver esse problema. Agora só faz reclamar e lamentar.

— O que a senhora teria feito no lugar de Jessie, minha tia? — Marcus perguntou, tendo se aproximado sem que o notassem.

— Eu teria fugido para bem longe, para esconder minha vergonha. Para a Itália, talvez.

Jessie levantou-se e torceu as mãos. As náuseas estavam ameaçando voltar, com

todas aquelas ofensas.

— Mas eu nem sequer falo italiano.

— Isso não é minha culpa. Cabe aos pais dar uma boa educação aos filhos. Meu James fala vários idiomas. Inclusive o francês.

Antes que os ânimos acirrassem ou alguém acabasse desatando em riso, tal o absurdo do comportamento de sua mãe, James sugeriu que ela se despedisse e que viesse jantar com eles em outra ocasião. Marcus, que nunca levava nada a ferro e fogo, levantou-se e beijou a mão da tia.

James acompanhou a mãe à carruagem. Jessie a ouviu pedir ao filho que levasse apenas Marcus consigo quando fosse visitá-la.

— Parece incrível que ela o tenha em alta consideração. Será que realmente não percebe sua ironia? — sugeriu, perplexa.

— Nenhuma mulher resiste ao meu charme — Marcus respondeu, os olhos voltados para a esposa.

— Sinto muito, Jessie. Marcus e eu já nos acostumamos a filtrar o veneno. Espero que ela não a tenha magoado. James, por ser filho dela, se mantém calado a maior parte do tempo, mas eu notei o modo como ele defendeu você.

— A situação de James é delicada — concordou Marcus. — Como Duquesa acabou de dizer, Wilhelmina é mãe dele. Não ficaria bem ele atirá-la da varanda.

James ficou tão surpreso ao entrar no quarto que tropeçou sobre a banquetta que estava na frente da poltrona. Teria caído se não abrisse rapidamente os braços de modo a recuperar o equilíbrio. Sua esposa estava sentada no meio da cama, com as pernas cruzadas, escovando os cabelos.

Completamente nua.

Não que desse para ver seus encantos. A cascata de cabelos escondia os seios como um manto. Apenas um vislumbre da parte acima de um seio lhe foi concedido em um pequeno movimento que ela fez para desembaraçar uma mecha. A excitação o atingiu com impacto. A cena carregada de erotismo faria tremer qualquer homem, mas em especial um recém-casado que não tocava a esposa havia dois dias por receio de provocar um pesadelo, com a casa cheia de hóspedes.

— Olá, James. A noite não está convidativa? — Ela sorriu com evidente provocação.

— Olá, Jessie. — James avançou um passo e mais outro ao vê-la erguer uma parte dos cabelos para escovar as pontas e ser contemplado com a imagem de um seio inteiro.

— Você faz amor comigo se eu prometer não sonhar com o sr. Tom?

— Fazer amor com você é o que eu mais quero, mas o prazer é a alavanca que desencadeia seus pesadelos, e eu não a submeterei a esse risco. E eles independem da nossa vontade.

Jessie não respondeu com palavras, mas com o olhar. James engoliu em seco e deu um passo, sem desviar os olhos dos dela.

— Os cabelos soltos não permitem que eu admire seu corpo.

— Os grampos estão em cima da cômoda.

James quase deixou os grampos cair ao se voltar para a cama. Jessie estava erguendo os cabelos no alto da cabeça, magnífica em branca nudez. Sorriu e estendeu a mão para que ele os entregasse. James o fez, entregando-se a si próprio também.

— Seus seios estão maiores — ele disse ao se ajoelhar sobre a cama.

— Você está imenso como sempre.

James começou a tremer. De quanto tempo uma mulher precisaria para prender os cabelos? Não estava demorando demais?

— Seus mamilos estão mais escuros.

— Você notou?

O modo de Jessie falar sugeria intensa excitação. Ele mal conseguia respirar.

— Você está me provocando — deduziu finalmente. — Por isso estava à minha espera assim, nua, escovando os cabelos. Você planejou esta situação.

— Sim. Desde que descobri que você estava me evitando por causa dos pesadelos.

As palavras pairaram no ar por um minuto. Ele a queria tanto! Jessie precisaria recorrer a uma artimanha para convencê-lo a fazer amor... Não era certo se negar à sua esposa. Ele mudou subitamente de idéia.

— Não prenda os cabelos. Apenas deite-se.

Com a cabeça apoiada sobre o cotovelo, James se deitou ao lado dela e tocou seu ventre. O bebê ainda era pequeno demais para ser notado.

— Você é a mulher mais linda deste mundo.

Ela se espreguiçou como uma gata, tirando-lhe o fôlego. Estava tão excitada quanto ele, não havia dúvida. Com a linguagem de seu corpo, Jessie o eslavava convidando para o ritual do sexo. James queria penetrá-la, mais do que qualquer coisa. Mas não ainda. Da mesma forma, sem lhe responder com palavras, posicionou-se de modo a tomá-la com sua boca. As carícias foram íntimas e profundas. Ele insistiu até ouvi-la gritar de prazer.

— James!

Incapaz de continuar resistindo, ergueu-se sobre ela e se entregou à paixão que o consumia. Penetrou-a devagar. A volúpia chegou a lhe causar dor, mas ele não se importava. Suportaria aquela dor para sempre, para estar dentro de sua esposa.

— Como está se sentindo? — perguntou.

— Plena — murmurou ela. — Você agora é parte de mim e eu sou parte de você.

Ela fechou os olhos, ergueu os quadris e abraçou-o com as pernas. Ele explodiu de prazer e a fez explodir simultaneamente.

— As sensações se repetiram! — Jessie exclamou, sem disfarçar a surpresa. — É normal acontecer duas vezes?

Com o rosto mergulhado naqueles cabelos sedosos e perfumados, James se dividiu entre o riso e o esforço para respirar.

— Sim, é normal. Mas se você não gostou, eu...

Jessie o abraçou e tomou a iniciativa de beijá-lo, impedindo-o de prosseguir.

— Não me deixe mais, estando a meu lado, James.

— Eu pensei que a estivesse protegendo.

— Mal posso esperar pela viagem a Ocracoke. Gostaria que pudéssemos partir amanhã. Já imaginou? Seremos a família mais rica de Maryland.

O entusiasmo de Jessie era contagiante, e James riu com ela.

— Adoro vê-la feliz.

— Eu sou feliz. Preocupo-me com as acusações de nossas mães, mas tento não me deixar afetar por elas.

— Continue assim.

— Os preparativos para a viagem estão ocupando todo o meu tempo. A história do tesouro do pirata despertou lembranças que eu julgava esquecidas.

— Lembranças que envolvem outro mistério? Ela concordou com um gesto de cabeça.

— Você já deve ter ouvido falar sobre o primeiro núcleo de colonização inglesa na ilha de Roanoke.

— Sim, ouvi. Foi fundado por sir Walter Raleigh, um grande navegador, aventureiro e historiador, que veio a se tornar um dos homens de confiança da rainha Elizabeth. No final do século dezesseis, ele patrocinou uma expedição para o Novo Mundo, desembarcando em Outer Banks, na costa da Carolina do Norte, em navio de sua propriedade.

— Foi em 1587 — Jessie especificou. — Mais de cem colonos vieram da Inglaterra com ele, incluindo mulheres e crianças. A primeira criança nascida em solo americano foi Virgínia Dare, neta de John White, o governador da colônia. Na época da partida de sir Walter de volta para a Inglaterra, ficou decidido que John White, a pedido dos colonos, o acompanharia nessa viagem a fim de buscar novos suprimentos. John White foi impedido de voltar por quatro anos. Por ordem da rainha, todos os navios deveriam permanecer nos portos ingleses para ser usados contra a armada espanhola empenhada em derrubá-la do trono, caso fosse necessário. Até que White e sua tripulação retornassem a Roanoke Island, nada mais restava do assentamento original. Nem sequer indícios de que algum dia alguém estivera ali. Se aquele povo tivesse sido massacrado, ao menos ossadas deveriam ter sido encontradas. O desaparecimento total e absoluto dos primeiros colonizadores americanos permanece um enigma até hoje. Teorias foram levantadas, mas nenhuma jamais se comprovou.

— Aonde você está querendo chegar? — James franziu a testa.

— Estou determinada a solucionar esse mistério, James. Quero ser a responsável por essa descoberta após trezentos anos de fracasso por parte dos pesquisadores do sexo masculino. Estou em vias de concluir meu estudo do diário de Valentine.

— Você nos contou histórias sobre o pirata. Nunca mencionou essa mulher.

— Ela foi bisavó de Barba Negra e fez parte da expedição de sir Walter Raleigh. A existência de um diário de sua autoria significa que Valentine sobreviveu à dispersão do assentamento. E se a bisavó do pirata sobreviveu, presume-se que outros conterrâneos também tenham sobrevivido. — Jessie fez uma pausa. — Oh, James, estou tão ansiosa! Acredito que a chave do enigma esteja naqueles manuscritos que eu enterrei antes de deixar a ilha para nunca mais voltar. É muito estranho que eu tivesse me esquecido deles como esqueci sobre o sr. Tom e sobre o pirata. Acho improvável que eles nos mostrem a localização do tesouro, se ele realmente existir. Valentine, afinal, deve ter morrido antes que Barba Negra nascesse. Mas não será maravilhoso se pudermos finalmente

desvendar o enigma da ilha de Roanoke?

— Francamente, eu acho que você está delirando. Fez sexo demais. E isso.

Jessie fez o marido calar-se com a mais ousada das carícias. Ele teria reagido e se comportado à altura do desafio, se não estivesse tão cansado.

— Você está me provocando outra vez. Lembre-se de que eu me recupero rápido. Segure-o como agora em uma hora ou duas, e verá o que acontece.

James ainda sorria quando mergulhou no sono.

Naquela noite, Jessie não teve pesadelos. Nem James nem ela comentaram o fato. Ambos esperavam que os pesadelos fossem desaparecer para sempre. De qualquer forma, não estavam dispostos a arriscar essa chance. A viagem para Ocracoke se daria como estava combinado. Além de livrar Jessie definitivamente do trauma que a acompanhava desde a infância, James desejava encontrar o precioso tesouro, como todos em sua casa.

— Nós chegamos a uma conclusão — declarou Spears, abrindo a reunião.

— Decidimos nos concentrar na história da colônia perdida de Roanoke Island — Badger deu prosseguimento, depois de servir uma generosa porção de sua torta de ameixas com um cálice de vinho do Porto aos presentes.

— Achamos fascinante que uma jovem mulher tenha nos guiado através dos séculos com seus relatos sobre os acontecimentos que se perderam no tempo — afirmou Maggie.

— É verdade — concordou Marcus. — Se a jovem Valentine deixou descendentes, é mais do que provável que outros colonizadores também tenham sobrevivido.

— Como a história dessa mulher de repente veio à tona, Badger? — Duquesa perguntou, curiosa,

— Jessie nos contou que esqueceu sobre o diário de Valentine da mesma forma que esqueceu sobre Barba Negra e o Velho Tom.

— Sim — reafirmou Jessie. — As lembranças estão retornando aos poucos. Embora o sr. Tom costumasse me pedir para ler trechos dos diários, eu nunca tive oportunidade de completar a leitura. As informações sobre o tesouro, se existirem, devem estar nas últimas páginas. Confesso que estou empolgada com a idéia de publicar esse manuscrito com meu parecer a respeito. Talvez vocês estejam diante de uma futura escritora.

— Nós já consideramos essa possibilidade, Jessie — disse Spears. — Teremos orgulho de você. Mas para que você tenha êxito, precisaremos nos ater ao que é mais importante neste momento: nossa viagem para a ilha de Ocracoke. Eu sou de opinião que já descansamos o suficiente para embarcarmos em nova jornada. Outer Banks, afinal, não fica tão longe daqui quanto a América da Inglaterra.

Maggie e Sampson aplaudiram a sugestão, que também foi apoiada pela condessa.

— O que me diz, James? — Marcus interrompeu a conversa, evidentemente enciumado. — Por que você e eu não retornamos à Inglaterra e eles resolvem tudo sozinhos?

— Eu não iria sem meu marido, a pessoa mais importante em minha vida — Jessie confessou.

— Jessie e eu jamais permitiríamos que vocês partissem em uma longa viagem

sem nós — declarou Duquesa.

James fez uma medida.

— Então está decidido! Partiremos em seguida ao baile que será realizado amanhã à noite, na mansão dos Blanchard, em nossa homenagem. Foi lá que tudo começou. Jessie e eu não estaríamos casados se ela não tivesse caído de uma árvore em cima de mim, depois de dar um tiro no pé de Mortimer Hackey.

— Oh, querido, e se aquele homem horrível também foi convidado?

— Se ele estiver entre os presentes, eu confio que você, minha cara esposa, me protegerá, como da outra vez.

Para surpresa e preocupação de James, Jessie não riu como todos os outros, mas assentiu solenemente.

— Por acaso você guardou um pedaço de torta na cozinha, Badger? — perguntou Marcus. — James não se revelou um bom anfitrião. Eu o vi pegar a última fatia.

Os Blanchard, imensamente devotados a James, embora não à sua mãe, e também amigos de Oliver Warfield, embora não de sua esposa nem da filha Glenda, receberam Jessie com grande prazer agora que ela se apresentava como uma verdadeira dama.

— Eu jamais adivinharia, James, que sob aquela aparência de menino se escondesse uma mulher tão linda — admitiu o sr. Blanchard. — Você teve sorte. Que cabelos! Eu nunca prestei atenção a eles antes. Como Jessie pôde ter escondido essa exuberância sob aqueles chapéus feios e surrados? E essas formas femininas?

James se limitou a sorrir e a concordar. Seria melhor enfrentar a situação com bom humor do que saltar sobre os amigos em ataques de ciúmes.

A sra. Blanchard mal conseguia falar, tal seu deslumbramento por Duquesa. Sentia-se honrada pela presença de uma genuína condessa, vinda da Inglaterra, em sua casa. Ela era tão linda e graciosa que poderia ser uma rainha. Os cavalheiros certamente não teriam olhos para nenhuma outra mulher naquela noite. O mesmo aconteceria com suas convidadas, provavelmente. O conde também era bonito e charmoso. E primo de James! Não era motivo de orgulho para os Blanchard que os Wyndham ingleses estivessem participando de uma festa em sua propriedade? A partir daquele evento, todos os habitantes de Baltimore se atirariam aos pés dela em profunda veneração e inveja. Aliás, essa era a verdadeira razão para ela e o marido terem decidido oferecer aquela festa para James e sua esposa.

A sra. Blanchard rezou para que Wilhelmina Wyndham não viesse ao baile. Não era certo desejar o mal ao próximo, mas não seria providencial se Wilhelmina virasse o pé ao sair de casa e ficasse impossibilitada de comparecer?

A voz inconfundível da mãe de James se fez ouvir à entrada, afastando toda e qualquer esperança da anfitriã. Aparentemente, Wilhelmina e os Warfield haviam chegado juntos. E por falar nos Warfield, a sra. Blanchard também rezou para que a filha Glenda não tivesse vindo em companhia dos pais.

James, porém, não ficou surpreso ao reconhecer a cunhada, com seu costumeiro decote avantajado, ao lado da mãe. Estava bonita, isso ele não podia negar. Glenda e Jessie eram diferentes, mas ambas eram donas de grande beleza. Enfim, como mandava a boa educação, James apertou a mão de Jessie na curva de seu braço e saudou-os.

— Boa noite, Oliver, sra. Warfield, Glenda.

— Só estamos aqui porque meu marido insistiu que viéssemos.

Nem James nem Jessie tiveram palavras que pudessem exprimir seus sentimentos.

— Francamente eu preferiria ter vindo sozinho — confessou Oliver em voz sussurrada, talvez para si mesmo, mas sendo ouvido por todos ao redor.

— Venha comigo, papai. Vou lhe servir uma taça de ponche — disse Jessie.

As mulheres não tiveram tempo de esboçar outra reação que não a de se curvarem em uma mesura à condessa, que se aproximara deliberadamente para proteger sua nova prima e amiga. Marcus se encarregou de distrair a tia.

— Charme é uma ferramenta útil para quem sabe utilizá-la, não concorda?

Wilhelmina sorriu. Se todos fossem iguais ao seu sobrinho!

— Meu falecido pai sempre dizia que eu fui agraciada com mais charme do que qualquer outra pessoa de seu conhecimento.

— Eu tenho certeza disso — Marcus respondeu, olhando para o rosto ainda bonito que apresentava alguma semelhança com James, mas pensando que aquela era uma possibilidade que não lhe ocorreria e, provavelmente, a nenhum outro membro da comunidade.

A afirmação soou como um desafio para Wilhelmina. Talvez, ao menos naquela noite, e somente por causa de seu sobrinho, ela devesse se abster de criticar a esposa dele e a de James.

Marcus foi convidado para abrir o baile com sua esposa. Em seus braços, Duquesa não percebeu que estava sendo alvo da curiosa observação dos convidados.

— Vocês estão surpresos, não estão? — a sra. Blanchard indagou com um sorriso complacente. — Eles são nobres e sabem dançar com perfeição. Aliás, ela é perfeita também no comportamento. O casal não é lindo? Ela de vestido de seda azul-escuro e ele de preto? Não entendo por que Wilhelmina parece contrariada. Em vez de ficar de cara feia, como se tivesse mordido um caroço de ameixa, deveria estar agradecendo à sua boa estrela por tê-los colocado em seu caminho.

— Wilhelmina sempre parece ter engasgado com um caroço — observou o sr. Blanchard. — O conde, no entanto, é um homem agradável, apesar de ser inglês. Mas, afinal, qual é sua culpa pelos antepassados que teve?

A sra. Blanchard olhou para o marido como se ele tivesse perdido o juízo. Em seguida cumprimentou Compton Fielding, o dono da melhor livraria da cidade, e sua mãe, Eliza, orgulhosa e satisfeita por ter se antecipado na homenagem aos recém-casados.

— Como vai o jovem casal? — Fielding saudou os anfitriões. — Fiquei surpreso ao saber sobre o casamento de James e Jessie.

— Eu também me surpreendi com a notícia — disse Eliza Fielding. — Sempre pensei que James a considerasse como uma irmã. Jessie se revelou uma mulher adorável. Eu tentei convencê-la a tomar aulas de violino comigo quando era criança, mas ela só se interessava por cavalos.

James e Jessie dançavam comedidamente. James receava os giros e valseios pelo estado em que sua esposa se encontrava. Detestaria ter de levá-la ao jardim para tomar ar e ser obrigado a rever a famigerada árvore.

A festa já se aproximava da metade quando James finalmente conseguiu falar com sua irmã Ursula, com seu cunhado Giff, e com Alice Belmonde. Ele abraçou a irmã, deu

palminhas nas costas do cunhado e sorriu para Alice.

— Como tem passado? Ela lhe deu um sorriso.

— Estou contente com sua felicidade. Quem poderia imaginar que uma linda mulher se escondia sobre aqueles trajes feios e chapéus velhos? Ou a mágica aconteceu quando você colocou uma aliança em seu dedo?

— Ela continua a mesma Jessie de antes, Alice. Foi apenas sua aparência que mudou.

Alice não esperava ouvir James falar de uma mulher, apesar de Jessie ser sua esposa, com tanto orgulho.

— James sabe escolher — disse Giff com aprovação. — Espero que Jessie continue a montar tão bem quanto antes, após uma mudança tão radical.

— É verdade que Jessie está grávida? — Ursula quis saber. — Nossa mãe faz rodeios e não responde quando eu lhe pergunto.

— Sim, é verdade. Jessie está de dois meses. Chamarei o dr. Hoolahan em breve para examiná-la e orientá-la sobre os cuidados que deverá tomar.

Nelda estava se aproximando do grupo. Alice pediu licença e se afastou. James tirou a irmã para dançar.

— Você deve estar curiosa para que eu lhe conte as novidades, mas sabe ser paciente. Eu a admiro. Sempre conseguiu lidar com nossa mãe melhor do que eu. Espero sinceramente que Giff aprecie suas qualidades.

— Giff é um homem inteligente. Claro que ele aprecia minhas qualidades. — Ursula deu uma piscadela para o irmão. — Agora me conte exatamente por que você se casou com Jessie Warfield, sua maior rival nas corridas.

— Para ser completamente honesto, eu me casei com ela porque quis. Ela é uma pessoa maravilhosa. Nós partilhamos os mesmos interesses.

— Não acredito que essa seja a absoluta verdade, mas não ficarei decepcionada com você por não querer confiar em mim. Mamãe, contudo, está em palpos de aranha. Eu não me admiraria se ela comesse a atacar Jessie no momento em que a linda condessa e seu charmoso marido resolverem regressar à Inglaterra.

— Se ela fizer isso, espero contar com você para me ajudar a controlá-la.

Ursula se pôs a rir. Ergueu-se na ponta dos pés e deu um beijo no rosto do irmão.

— Desejo sorte a nós!

Depois de devolver a irmã ao marido, James convidou Compton para acompanhá-lo em um conhaque e para discutirem sobre a peça *Le Cid*. James solicitou que usassem o idioma francês. Eram raras as ocasiões em que podia se exercitar nessa língua, e ele queria aproveitá-la.

— Você sabe, Compton — James perguntou após algum tempo de conversa a respeito de novos autores franceses —, se nosso magistrado conseguiu esclarecer a morte de Allen Belmonde?

Compton negou com um movimento de cabeça.

— Ele continua se portando como antes de você partir ao encontro de Jessie. Não se dedica mais ao trabalho. Aproveita qualquer ensejo para ir para casa. Nunca vi um homem mais apaixonado pela esposa. A não ser você, talvez.

— Pareço apaixonado? — James retrucou, sem disfarçar a surpresa. — É verdade

que gosto de Jessie e que gosto muito dos prazeres que o casamento oferece a um homem.

— Você daria um bom diplomata — Compton brincou. — Sabe se Jessie gostou do último diário que lhe indiquei?

— Sim, ela gostou. Por falar em diários, ela se lembrou de uma parte de sua infância que parecia ter se apagado de sua memória. Mas deixe esse assunto para lá e me conte sobre seu último recital de violino. Lamentei perdê-lo.

James ouviu pacientemente o relato, censurando-se por quase ter deixado escapar um segredo de Jessie e de sua família. Jessie estava conversando com Marcus. Como se sentisse que ele a estava admirando, ela o fitou e sorriu.

— E a respeito de Mortimer Hackey? — James perguntou. — Ele não tornou a perseguir Alice, não é?

— Não que eu saiba. Quem o tem vigiado de perto é Giff.

— Ainda bem. Sujeitos como Mortimer Hackey não desistem com facilidade de seus intentos. — Ele sabia disso por experiência própria.

Mais tarde, James fez as mesmas perguntas ao cunhado, com os mesmos resultados. Giff não pôde lhe contar nenhuma novidade sobre Gordon nem sobre Hackey.

— A única coisa que Gordon me disse, embora não estivesse diretamente relacionada à morte de Allen, foi que um de seus agentes descobriu que era Belmonde quem estava por trás do incidente com Jessie naquela noite. Aparentemente ele contratou um rufião para atacá-la.

James olhou incrédulo para o cunhado.

— O que você está me dizendo? Alguém tentou atacar Jessie? Por que ela nunca me contou?

— Pensei que você soubesse — Giff prosseguiu. — Gordon acredita que Allen contratou um homem para matar Jessie e me perguntou se eu sabia de alguma razão para que ele desejasse afastá-la de seu caminho. Ele me procurou depois de sua partida. Eu lhe disse que a única possibilidade que me ocorria era que ele não se conformava por Jessie sempre vencê-lo nas corridas. Contei a ele também que Allen agradeceu, após o desentendimento inicial, que Jessie tivesse salvado Sweet Susie daqueles ladrões de cavalos.

James passou as mãos pelos cabelos em um gesto de nervosismo.

— Desculpe, Giff. Preciso falar com minha esposa e repreendê-la por ter escondido isso de mim!

Por que, afinal, Jessie não lhe confiara seu problema? Por que ninguém o alertara sobre o acontecido?

Jessie o recebeu com um sorriso que não conseguiu desanuviar seu cenho.

— Veio me convidar para dançarmos outra valsa?

— Não estou com vontade de dançar neste momento. Precisamos ter uma conversa.

— Sobre Mortimer Hackey? — Jessie caçoou. — Não posso. Não trouxe minha pistola hoje.

Com os dentes cerrados, James segurou o braço de Jessie e levou-a para a varanda, descendo os degraus para o jardim.

— O que há com você? — perguntou ela, ao perceber a expressão séria do marido.

Ele a segurou pelos ombros com firmeza.

— Por que você não me contou?

— Por que eu não lhe contei o quê? Do que se trata, James? Você esteve conversando com Alice, com Compton, com Giff e com outras pessoas. Não estou entendendo.

— Gordon Dickens, o magistrado, procurou Giff.

— Eu sei perfeitamente quem é Gordon Dickens. Um idiota pomposo que não seria nosso magistrado se o pai não o tivesse nomeado para o cargo.

— A questão é que Gordon soube através de um informante que Allen contratou um homem para afastá-la do caminho dele. O que Gordon quis dizer com isso? O que Allen tem contra você? O que aconteceu, naquele dia, em frente da livraria de Compton Fielding?

— Eu já nem me lembrava mais disso. — Para aumentar a irritação de James, Jessie teve o desplante de fazer um movimento de descaso com o ombro. — Depois que tudo passou, ocorreu-me que aquele homem na carroça talvez não tivesse intenção de me atingir. Talvez estivesse bêbado. Talvez seu alvo fosse Compton, e não eu. Agora você está me dizendo que Allen estava por trás dessa história? Estranho. Difícil de acreditar.

— O que aconteceu, Jessie? — James insistiu.

— O mês de março estava chegando ao fim. Eu estava descendo Pratt Street, alheia ao que se passava à minha volta. Tinha acabado de me deparar com Connie Maxwell e sabia que ela era sua amante. Mas isso não vem ao caso. Entrei na loja de Compton Fielding, comprei um livro, e ele me acompanhou até a porta quando me despedi. De repente, do nada, uma carroça puxada por dois cavalos veio diretamente sobre nós. Se Compton Fielding não tivesse pressentido o perigo, eu teria morrido, provavelmente.

— O que ele fez?

— Ele me empurrou para dentro da loja. Não sei como a carroça não destruiu a fachada da livraria. Ela passou a um centímetro de distância. Na opinião de Compton, não foi um acidente. O condutor chicoteou os cavalos e desapareceu do local em segundos. Nenhum de nós reconheceu o sujeito. Eu me lembro de ter ficado mais furiosa com o fato de ele ter maltratado os animais do que com o susto que levei. Muitas pessoas pararam para comentar sobre o acontecido, mas assim como nós, elas não o reconheceram, nem aos cavalos.

— Por que Compton não me disse nada?

— Porque ele lhe diria? Você e eu não tínhamos nada a ver um com o outro.

— O que seu pai fez a respeito? Você contou a ele, não?

— Sim. Meu pai registrou uma queixa. O magistrado não deu a menor importância. Acho que ele teria me acusado de mentirosa se eu não tivesse testemunhas. Sua dedução foi que alguém quis se vingar por ter perdido alguma corrida para mim. Ele ainda teve a ousadia de sugerir que eu era responsável pelo incidente porque nenhum homem admitia ser derrotado por uma mulher.

— Você não notou nada de especial sobre o homem que conduzia os cavalos?

— Ele tinha um lenço amarrado sobre metade do rosto. Tinha sobrancelhas pretas e grossas, usava roupas de trabalho e um chapéu preto e gasto.

— Mencionou esses detalhes a Gordon?

— Sim. — Jessie suspirou. — Então Allen Belmonde quis me matar? Mas por quê? Eu não fiz nada a ele. Não tenho inimigos. O alvo devia ser Compton. A carroça passou na frente da loja dele, afinal.

— Vamos entrar. — A ordem foi tão súbita e inesperada que fez Jessie estreitar os olhos.

— Agora podemos dançar?

— Preciso falar com Compton. Dance com Giff ou com Marcus.

James se apoiou no gradil da varanda. Mil pensamentos ricocheteavam por sua cabeça.

— Se Allen deu ordens para matá-la, faz sentido que os ataques tenham cessado depois de sua morte. — James cerrou os punhos. — Concentre-se, Jessie. Por que Allen Belmonde teria contratado alguém para afastá-la do seu caminho?

— Eu era amiga de Alice antes de nos casarmos. Mas isso não seria razão para uma tentativa de assassinato, você não acha? E eu o derrotei várias vezes nos últimos cinco anos. Por que, de repente, não havia mais lugar no mundo para nós dois?

— Não faz sentido, realmente — James admitiu. — Não sei mais o que pensar.

— Talvez o informante de Gordon tenha se enganado — Jessie sugeriu.

James enlaçou-a pelos ombros.

— É o que eu espero. Vamos entrar. Quero falar novamente com Compton.

— Não se importa que eu dance com outros homens? — Jessie provocou-o.

— Claro que me importo. Mas como impedir que todos estejam olhando para você com admiração? As mulheres, na verdade, com inveja.

Jessie deu uma risadinha marota. James se inclinou e sussurrou em seu ouvido:

— Vá dançar antes que eu mude de idéia e a leve embora do baile agora mesmo.

Faltava um dia para o embarque. Jessie acordou em plena forma pela primeira vez em semanas.

— Parece um milagre. Estou me sentindo ótima.

— Graças a Deus! — exclamou James. — Você está tão magra que eu sou capaz de levantá-la com uma das mãos.

— Por que não experimenta? — Ela saltou da cama e correu para abraçá-lo, detendo-o diante da porta. — Estou tão entusiasmada! Mal posso esperar para encontrar aquele tesouro.

James não respondeu. Ele não estava tão confiante de que Jessie se lembraria do local onde enterrara os diários. Ela era uma criança na época. Muitos anos se passaram. A ilha fora castigada por inúmeras tempestades e tufões. A maré costumava subir durante essas ocorrências. As ondas poderiam ter avançado e aberto um canal naquele trecho da praia. As chances de encontrarem os diários eram pequenas. Mas ninguém se atrevia a dizer isso a Jessie.

Naquela noite, o grupo se reuniu para discutir os últimos detalhes da viagem.

— Eu preciso ser sincera com vocês — disse Jessie. — Na Inglaterra, é possível encontrar tudo o que se precisa a poucos passos de casa. Em Ocracoke vocês não terão esse conforto. Não há praticamente nada para se comprar. As Outer Banks são ilhas de corais que protegem as terras da Carolina do Norte do oceano. São selvagens e ermas. Não dá para comparar Ocracoke com nenhum vilarejo inglês. Sua população não chega a trezentas e cinquenta pessoas, e vive quase que exclusivamente da pesca.

— Então só há pescadores? — Anthony quis saber.

— Também há barqueiros — respondeu Jessie. Ocracoke é a última ilha de uma fileira. Os navios a contornam pelo Sul e ancoram no canal, onde contratam barqueiros experientes para conduzi-los. Navegar pelo canal é perigoso por causa das correntezas. Achei importante avisá-los para que não tentem se aventurar sozinhos por aquelas águas. Lembrem-se de que não se trata de um passeio a Hyde Park. O povo das ilhas é rude. Não esperem ser recebidos com aplausos ou faixas de boas-vindas. Para nos auxiliarem, aconselho-os a contratar dois homens para os serviços gerais e uma mulher para cuidar da casa.

— Teremos de levar provisões?

— Seria aconselhável, ao menos por alguns dias. O vilarejo oferece lojas com suprimentos básicos e uma igreja metodista, mas não se compara a nada a que vocês estão acostumados. Mas, os peixes de lá são deliciosos.

— Levarei receitas de tainha — contou Badger.

— Esperem até conhecer a especialidade local, um peixe prateado chamado crocoroca que é frito na manteiga — disse Jessie. — Mas confesso que o meu predileto é o miragaia vermelho. Só de falar, fico com água na boca. — Jessie suspirou. — A paisagem é esplêndida. Embora falte conforto, a beleza do mar e das praias compensa a visita. Vocês se sentirão como se voltassem no tempo. O sol brilha todos os dias. Nesta época do ano não há risco de tempestades.

Spears pigarreou para abreviar as divagações de Jessie.

— Maggie e eu conhecemos Compton Fielding no baile e ele nos indicou livros sobre Ocracoke. Não se preocupe conosco, Jessie. Um toque primitivo em nossa aventura acrescentará sabor às nossas vidas.

— Eu me antecipei e providenciei os suprimentos necessários para nos manter durante duas semanas — confessou Badger. — Também pedi que Olivia nos acompanhasse para cuidar do pequeno Charles. Bess seguirá para me ajudar e para cuidar dos serviços domésticos. Gypson se encarregará dos cavalos que esperamos poder alugar na ilha. Está tudo sob controle — Badger concluiu com satisfação. — Tenho certeza de que sobreviveremos.

— Estamos preparados para qualquer emergência — afirmou Sampson. — Se a casa de seus pais não estiver em boas condições, nós acamparemos.

— Maggie e eu mandamos confeccionar roupas simples e confortáveis para usarmos na ilha e compramos chapéus para nos proteger do sol e botas para caminhadas — contou Duquesa.

— E você, James? — Jessie perguntou. — Tomou alguma providência?

— Seu pai se ofereceu para olhar Marathon durante nossa ausência e eu aceitei, embora Oslow esteja acostumado a cuidar de tudo sozinho em minha ausência.

— Eu só quero dizer mais uma coisa — avisou Jessie.

— Talvez eu tenha exagerado. Ocracoke não é tão incivilizada assim. Existem

algumas estradas e um número razoável de casas. Na verdade, eu espero que vocês gostem do lugar tanto quanto eu o apreciava.

Eles embarcaram em um pequeno clíper que se revelou um barco moderno e veloz. O capitão Markly abençoava as águas mansas a cada manhã, com os olhos fechados e as mãos espalmadas sobre o mar, e repetia esse ritual todas as noites antes de se recolher. Todos eram convidados a participar dessa cerimônia, passageiros e tripulantes. Anthony adorava esses momentos.

O dia amanhecera lindo e ensolarado quando o capitão apontou para Teach's Hole, o local onde Barba Negra costumava ancorar seu navio pirata nos períodos de descanso até se aborrecer e voltar a saquear as embarcações que cruzavam sua rota para vencer o tédio. Mais além ficava Springer's Point onde um farol estava por ser construído para impedir que navios e homens continuassem se perdendo a cada tempestade.

O calor persistia. Gaivotas os saudavam alegremente do ar. Os mergulhões, mais atrevidos, vinham pousar nas amuradas. O capitão confessou seu receio de que a abordagem significasse riscos de uma tempestade. Foi com grande alívio que constatou serem as migalhas de pão, que Anthony lhes oferecia, as responsáveis pela presença das aves no convés.

A travessia entre a ilha de Ocracoke e a ilha de Portsmouth para dentro do canal de Ocracoke se deu três dias após a partida de Baltimore.

Certos de que encontrariam apenas cabanas rudimentares e gente maltrapilha ao chegarem, os passageiros tiveram uma grata surpresa ao depararem com um simpático vilarejo.

— Parece que o progresso chegou também a este lugar distante, não é, Jessie? — disse Spears. — O cais está repleto de barcos de pesca em ótimo estado.

Também as docas pareciam fortes e bem construídas com três plataformas de madeira. O capitão informou-os de que a profundidade do canal possibilitava a entrada de navios de médio porte até quase a praia. Daí a presença de piratas na ilha. O local oferecia um refúgio perfeito para eles.

— O lugar não se compara aos vilarejos ingleses, mas não é tão parado quanto eu imaginei — disse Marcus.

— Meus pais costumavam fazer as compras naquela loja. — Jessie apontou para o lado esquerdo da rua.

A loja do sr. Gaskill continuava a ser a maior e a mais sortida do lugar. Lá se encontrava um pouco de tudo, desde agulhas e linhas até ração para cavalos e redes de pesca.

— A pequena Jessie está de volta! Mal posso acreditar! — exclamou o proprietário, agora de cabelos grisalhos. — Como vai seu pai?

Como se o vento espalhasse a notícia, em poucos minutos Jessie estava rodeada de antigos conhecidos.

Timmy, o filho do sr. Gaskill, ofereceu uma de suas carroças em aluguel. A velha casa de Oliver Warfield ficava do outro lado da ilha, de frente para o mar. A curiosidade era geral. Enquanto as bagagens eram colocadas no veículo, uma pequena multidão começou a se formar.

Theodore Burrus ficou boquiaberto diante das elegantes damas inglesas. Jessie não estava atraindo mais tantos olhares. A bordo, ela voltara a dar preferência ao prático, com suas calças compridas, botas e blusas de algodão. De todos, porém, era Spears

quem mais chamava atenção, com sua postura aristocrática.

— Eu gostaria de conseguir um cavalo — resmungou Marcus. — Teremos de viajar na parte de trás da carroça, junto com a bagagem, como se fôssemos fardos.

— Tenha um pouco de paciência — Spears aconselhou. — Acabamos de chegar. Logo tudo será ajeitado.

— Sim — disse Jessie. — O trajeto é curto. A casa de meu pai fica a menos de dois quilômetros de distância.

À medida que eles se afastavam do vilarejo, as ruas iam se estreitando. Deveria ter chovido recentemente pelas poças de lama e fundas valas que podiam ser vistas.

— Agora, sim, eu estou me sentindo como se tivesse sido transportada para outro mundo. Nunca vi nada igual — declarou Duquesa ao olhar para as gaivotas no céu, as andorinhas do mar e os ostraceiros.

— Há um pântano além dessa vegetação. Depois eu a levarei para ver as íbis brancas com pernas e cabeça vermelhas.

— Jamais poderia supor que existisse um lugar como este — Maggie confessou, deslumbrada. — Mas teremos de cuidar de nossa pele. O sal e o sol poderão arruiná-la. Não deveremos sair de casa sem um chapéu.

Os comentários cessaram à medida que a carroça se aproximava do destino. Jessie sentiu um aperto no coração ao ver o mato crescido até a altura de sua cintura e a pintura cinza quase inteiramente descascada da velha casa de tábuas. As janelas estavam quebradas em sua maioria.

— O que pode ter acontecido com o sr. e a sra. Potter? — Jessie falou consigo mesma. — Embora tivesse se recusado a voltar aqui depois da febre que quase me matou, meu pai continuou mandando dinheiro para cobrir as despesas de manutenção.

— Ao que tudo indica, o casal apenas embolsou o dinheiro.

— Mas, então, por que ninguém mandou avisá-lo? Por que ninguém no vilarejo me informou que não havia condições de nos instalarmos na casa?

— Chorar e lamentar não resolverá nosso problema — Spears aconselhou. — Este não será nosso primeiro desafio. Na verdade, nós viemos preparados para esse tipo de situação.

Charles estava chorando, mas Anthony já estava brincando e pulando sobre as tábuas que haviam se soltado. Como Charles, Jessie se pôs a chorar. O interior da casa estava irreconhecível e o cheiro era insuportável.

— Você precisa descansar. Amanhã acordará mais otimista — Spears procurou consolar Jessie.

Mas não foi preciso esperar tanto. Ao anoitecer, a sra. Gaskill trouxe o jantar e duas garrafas de vinho. Ao peixe assado com ervilhas da horta da sra. Gaskill, Badger acrescentou batatas cozidas com manteiga e cheiro verde e os surpreendeu com uma saborosa torta de frutas de sobremesa.

A mesa talvez por ser pesada demais, não fora levada pelos caseiros, e acomodou todos os pratos. Não havia cadeiras nem camas suficientes, mas Maggie e Bess haviam trazido pilhas de lençóis e de cobertores.

Naquela noite, o pesadelo tornou a assaltar Jessie. James conseguiu acalmá-la com mais eficiência do que das outras vezes. Antes de conciliar novamente seu sono, Jessie rezou para encontrar os diários na manhã seguinte e resolver aquele mistério de

uma vez por todas.

A manhã estava quente e ensolarada. Todos acordaram ansiosos para dar prosseguimento à aventura.

Embora James a tivesse visto anteriormente usando roupas feias e surradas, Jessie conseguiu surpreendê-lo.

Ninguém nunca devia ter usado um chapéu mais velho do que aquele. Ele sorriu consigo mesmo.

A praia não deveria ficar a mais de oitocentos metros de distância.

— É ali! — Jessie gritou, excitada, ao reconhecer o local onde antes se erguia a velha cabana de Tom. As tempestades deveriam tê-la arrasado. Só restavam os destroços e mato. — Eu estou certa de que a cabana ficava ali!

Sampson puxou as rédeas e James e Jessie se apressaram a saltar. Anthony, que não parava de insistir em entrar no mar, calou suas queixas ao pensamento de que encontrar um tesouro seria uma diversão ainda maior.

— Peço que vocês nos deixem a sós por um momento — James pediu. — Jessie está muito emocionada.

Eles seguiram de mãos dadas até as ruínas. Apenas parte de uma parede permanecia de pé. As sombras medonhas de outrora tinham se desfeito através do tempo. Agora o lugar parecia tão calmo e pacífico quanto um céu sem nuvens.

— Você está bem? — James perguntou.

— Pronta para encontrar os manuscritos.

James chamou o pessoal. Ninguém mais ousou quebrar o silêncio. Todos eles estavam voltados para o mar, como se prestassem uma homenagem a sua grandiosidade. Só depois eles se permitiram admirar as dunas que se estendiam até o horizonte, e a alta vegetação que nascia onde as areias morriam e que ondulava suavemente com a brisa. O sol brilhava inclemente no céu, e seus raios incidiam sobre as águas transformando-as em estrelas.

— Não é estranho? — Maggie cruzou os braços. — Apesar desse sol, eu estou arrepiada.

— Os ventos costumam ser frios nesta região, apesar do sol — Jessie explicou. — O mar também é frio por causa das correntes.

— Onde você quer que comecemos a cavar? — James perguntou, ansioso por descalçar as botas e sentir a areia morna entre os dedos.

Jessie caminhou até a rebentação e voltou.

— Eu embrulhei os manuscritos e os enterrei debaixo de uma pequena palmeira, dez anos atrás. A árvore deve ter crescido consideravelmente. Se eu me colocar diante de onde deveria estar a cabana do sr. Tom, e olhar para minha direita, eu a localizarei.

Subitamente, Jessie desatou a rir e a correr. Anthony seguiu em seu encalço. Queria ser o segundo a chegar ao tesouro.

James suspirou com um mau pressentimento. Não poderia ser tão simples assim. Aquela aventura estava parecendo fácil demais.

De joelhos, Jessie e Anthony se puseram a cavar com as próprias mãos. As aves, acreditando na chance de ganharem comida, começaram a pousar ao redor.

— Acho que encontrei algo!

— Isso é uma parte da raiz da árvore, Anthony — explicou Jessie. — Tenha cuidado para não machucá-la.

Quinze minutos depois, sem nada encontrar, o grupo formou um círculo ao redor do carvalho que se destacava na paisagem por ser o único.

Jessie estava inconsolável.

— Onde os diários podem ter ido parar? Será possível que o mar avançou e os levou embora? Estou certa de que não os enterrei mais fundo do que cavamos.

James abraçou-a em um gesto de conforto.

— Dez anos são um longo tempo. Você conhece os efeitos que os ventos e as tempestades podem provocar.

— Eu vim aqui para encontrar um tesouro — Anthony resmungou, triste. — Você acha que isso será impossível sem a ajuda dos diários?

— Eu sinto muito — Jessie respondeu, deprimida. Anthony baixou a cabeça sem retrucar. Todos pensaram que ele estivesse à beira das lágrimas. Na verdade, ele só estava se preparando para tirar os sapatos e as meias e correr para o mar.

— Que árvore estranha, toda retorcida! — Sampson se manifestou pela primeira vez.

Jessie franziu o cenho ao ouvir essas palavras. Ergueu a mão e tocou o tronco no local onde ele parecia inchado.

— Eu ouvi histórias sobre grandes inundações em que as águas ganham uma força capaz de arrancar uma árvore pela raiz. Suponhamos que a árvore tenha absorvido o pacote que eu enterrei. Com o crescimento ele pode ter subido com ela.

— Você acha que esse calombo no tronco pode conter os diários? — James questionou.

— Por que não?

— Vou buscar o machado — disse Anthony. Imediatamente o pai correu em seu encalço. O tronco tombou rapidamente, separado em duas partes.

— Vejam! É oco! — Anthony exclamou.

— Você estava certa — disse James com um sorriso. — Aí está seu tesouro.

As mãos de Jessie tremiam ao tocar o tronco por dentro. Ela sentiu a aspereza, relevos e depressões da madeira, até seus dedos reconhecerem a textura de um oleado. Seu coração acelerou. Agora só faltava puxá-lo para fora. Mas por mais que ela tentasse, ele se recusava a se soltar.

Foi James quem conseguiu retirá-lo. Segurava-o como se fosse uma oferenda sobre as palmas das mãos. Retirado o oleado, foram encontrados cinco cadernos.

— São os manuscritos? — James perguntou, impressionado.

— Sim — Jessie respondeu. — Estes dois foi Barba Negra quem escreveu. Estes outros são de autoria de Samuel Teach, o neto de Barba Negra e pai do sr. Tom. Este último e em pior estado foi Valentine quem escreveu.

— Não faz sentido — observou Duquesa. — Se os descendentes do pirata tiveram os diários em seu poder, por que não pegaram o tesouro para si?

— Talvez eles não fossem espertos o bastante para decifrar o enigma.

— Ou talvez por terem sido impedidos de alguma forma — respondeu Badger.

De volta á cabana, Jessie se sentou no chão da varanda em meio ao grupo. Enquanto aguardavam que Badger lhes servisse o chá, continuaram a fazer conjecturas sobre o tesouro.

— Eu não acredito que ele exista realmente — disse Marcus.

Jessie estalou os dedos naquele momento.

— Eu acabo de me lembrar. O sr. Tom comentou algo comigo sobre o pai, Samuel Teach, ter sido capturado pelos ingleses logo depois de encontrar os diários no sótão de Valentine. Ele só teve tempo de passá-los para o sr. Tom antes que o levassem. Badger está certo.

— O que houve com Red Eye Crimson? — James quis saber. — Você disse que ele estava preso.

— Sim.

— Talvez ele tenha conseguido escapar e esteja em sua pista — James murmurou após uma longa reflexão. — Talvez tenha descoberto que Allen estava tentando se livrar de você e matou-o. O autor do crime ainda não foi encontrado. Talvez esse Red Eye Crimson seja seu salvador e também seu algoz. Sua sorte, Jessie, foi não ter ficado sozinha em nenhum momento desde que regressou da Inglaterra.

Jessie sentiu um calafrio lhe subir pelas costas.

— Não me lembre daquele homem, James. Espero nunca mais tornar a vê-lo.

— Se James estiver certo, esse fora da lei pode ter nos seguido e estar aqui em Ocracoke neste momento.

— Precisamos ter cuidado — disse James. — Alguém trouxe uma arma?

— Eu trouxe — respondeu Spears. — Nunca viajo sem ela. Uma única pistola, porém, não resolverá nosso problema. Você sabe nos dizer, Jessie, sobre a possibilidade de comprarmos armas de fogo no vilarejo?

Aturdida com as declarações, Jessie apenas assentiu. Red Eye Crimson matara Allen Belmonde para protegê-la? A idéia não poderia ser mais absurda. Que motivos, afinal, Allen teria para querer matá-la?

— O sr. Styron é dono de uma considerável coleção. Talvez ele não as venda, mas acredito que conseguiremos algumas por empréstimo. Antes, porém, o que vocês acham de tentarmos esclarecer o mistério através destes diários?

— Oh, céus! — Jessie exclamou ao chegar ao último parágrafo. — Ele é curto e não faz nenhuma menção ao local onde Barba Negra escondeu seu tesouro. Diz que Barba Negra se casou catorze vezes. Segundo suas próprias palavras, a última esposa foi uma adorável criatura de doze anos de idade.

— "Seu nome era Valentine. Eu me interessei por ela, inicialmente, por ter o mesmo nome que minha bisavó. Espero que não seja jovem demais para me dar um filho. Gosto da idéia de deixar descendentes neste mundo. Mesmo que desça às profundezas do inferno, continuarei vivo através deles. Os filhos nos fazem sentir como seres imortais."

Jessie interrompeu a leitura nesse trecho. Seus olhos revelavam espanto.

— Valentine não é um nome comum. Estava contando a James, um dia desses, a respeito de outra Valentine que viveu na ilha de Roanoke, na colônia de sir Walter Raleigh, que desapareceu inteiramente, sem deixar nenhum vestígio, entre 1587 e 1590, — Jessie ergueu o diário que repousava em seu colo. — Espero que ele nos diga o que aconteceu, não apenas a Valentine como ao resto da colônia. Acredito que essa segunda

Valentine, a última esposa de Barba Negra, foi a bisavó do Velho Tom.

— O círculo parece estar se fechando — concordou Marcus.

— Que confusão! — suspirou Badger. — Diga se estou certo: a primeira Valentine, essa que viveu na ilha de Roanoke, foi bisavó de Barba Negra. A segunda Valentine foi bisavó do Velho Tom, e Barba Negra foi bisavô do Velho Tom.

— Exato.

— Sim, mas o que realmente me importa, e também a Maggie é encontrar o tesouro. E o maldito pirata não fez nenhuma menção ao local.

— Talvez o manuscrito de seu neto nos traga as informações que desejamos — sugeriu Spears. — Não percamos as esperanças.

Anthony, por incrível que pudesse parecer, foi o responsável pelo prosseguimento da conferência. De pé, com as pernas separadas, os braços cruzados no peito, ele olhou para cada um dos presentes.

— Ainda falta muito a ser lido. Eu acho que deveríamos seguir com os diários do neto do Barba Negra. Talvez a avó dele, que foi a última esposa do pirata, tenha sobrevivido ao marido e revelado seu segredo. Não podemos desistir enquanto não lermos cada um dos diários.

— Você está absolutamente certo, Anthony — James concordou, embora não demonstrasse a mesma segurança do menino. — Nós continuaremos com a leitura após o jantar.

Badger preparou um peixe assado, que Gypsom comprara de um pescador nas docas, acompanhado de ervilhas que Bess comprara da sra. Fulcher. Parecia incrível a todos que a qualidade dos serviços de Badger se mantivesse apesar dos poucos recursos disponíveis na velha cabana.

A reunião daquela noite contou com a participação de Bess e também de Gypsom, a convite de Marcus. E a convite de Jessie, os amigos Maggie, Marcus e Anthony seriam os responsáveis pela leitura dos dois diários escritos por Samuel Teach.

Anthony não cabia em si de orgulho ao ser escolhido por unanimidade para iniciar o estudo. Sério como nunca, apanhou o livro das mãos de Maggie.

— "Eu acho que minha avó, Valentine, não está boa da cabeça. Não parou de falar o dia inteiro sobre um colar de ouro que Edward lhe deu de presente." Edward Teach era o nome do pirata Barba Negra. "Ela me disse que chovia torrencialmente e que as ondas golpeavam as pedras na enseada com tanta força que dava para ouvi-las do castelo, quando o marido resolveu sair no meio da noite para resolver um assunto, deixando-a sob a proteção de três de seus homens. Súplicas para que ele ficasse e mandasse outro em seu lugar não adiantaram: 'Meu marido disse para eu me preocupar apenas em aquecer seu rum, da maneira que ele gostava, para confortá-lo logo mais quando voltasse'."

Anthony ergueu os olhos e pousou-os no pai antes de prosseguir:

— "Ao voltar para casa, Edward parecia estar com medo de alguma coisa. Sua barba estava molhada e desgrehada. Pequenas nuvens de vapor se desprenderam de suas roupas quando ele se aproximou da lareira, as botas enlameadas e guinchando a cada passo, completamente encharcadas. Eu lhe ofereci o rum e ele o tomou, sorrindo para mim de um jeito estranho. Eu não disse nada, mas meus olhos revelaram meu espanto quando o vi tirar uma enorme corrente de ouro de dentro da camisa. Ele se pôs a gargalhar naquele instante, daquele seu jeito peculiar, e avançou, rodeando-a três vezes ao redor do meu pescoço. Não sou nenhuma tola. Considerei o peso que carregava e

adivinhaei que valia uma fortuna. Imediatamente preparei mais uma generosa dose de rum e ele a entornou de um só gole. Os olhos dele faiscavam de malicioso prazer ao introduzir a mão sob a camisa e tirar outro colar. Esse era ainda mais precioso, em pedras coloridas. As brancas eram tão claras que pareciam gelo, as vermelhas eram intensas e misteriosas e as azuis poderiam despertar a inveja do mais lindo céu de verão. As verdes não eram tão reluzentes. Ele me disse que encontrara aquelas jóias em um pequeno estojo flutuando no mar perto de um navio que estava afundando. Eu concordei com um movimento de cabeça, e tentei demonstrar que acreditava no que ele estava me dizendo, mas sabia que era mentira. Não sou tola. Ele vivia de roubar e saquear navios. Sempre desconfiei da existência de um esconderijo para onde ele levava o produto de suas pilhagens. Agora eu acabara de ter a prova. O esconderijo ficava ali, em Ocracoke. Em quarenta e cinco minutos ele foi e voltou. Notei que suas botas estavam sujas de lama. Anotei mentalmente esses detalhes. Eu quero aquele tesouro. Eu o mereço. Fui vendida a ele por meu pai."

A partir daquele trecho foi Maggie quem passou a ler.

— "Completei treze anos naquela noite. Menos de um mês depois, para meu alívio e minha grande felicidade, aquele demônio foi capturado e morto por um tenente inglês. Nenhum outro homem resistiria a tantas facadas e tiros. Foi preciso que cortassem sua cabeça. Antes de morrer, contudo, ele me deixou grávida de um menino que demonstrou ter herdado o mau caráter do progenitor desde pequeno. Eu nunca lhe contei sobre os colares. Assim que cresceu o suficiente para se virar sozinho, ele saiu de casa e só voltou muitos anos depois para me trazer você, Samuel. Eu vivia confortavelmente com a venda das pedras, das quais me separava aos poucos, conforme a necessidade. Seu pai estranhava que eu morasse em uma casa bonita e que tivesse criados. Sempre que me perguntava sobre a fonte de meus rendimentos, eu lhe dizia que alguns cavalheiros ricos me pagavam por meus favores, e ele acreditava. Mas eu não sei se os colares serão suficientes para nos sustentarem até o fim de nossos dias. Eu quero aquele tesouro, Samuel."

Maggie interrompeu a leitura naquele momento para observar que Samuel não acreditava na existência do tesouro, apesar de ter visto algumas das pedras. A avó estava muito velha. Talvez quando ela morresse, ele fosse procurá-lo. Não seria obrigado, então, a dividi-lo.

— Que família! — James exclamou. — Tal pai, tal filho!

— E tal neto, tal bisneto! — acrescentou Jessie com um estremecimento. — O Velho Tom era filho de Samuel.

— O que importa é que estamos com o mapa do tesouro em nossas mãos — disse Anthony, os olhos brilhando de excitação.

— Sim — concordou Jessie. — Barba Negra presenteou a esposa com dois colares. E se ele demorou quarenta e cinco minutos para apanhá-los no esconderijo, talvez o local fique bem perto do castelo porque devemos descontar o tempo que ele levou para desenterrar o tesouro e tornar a enterrá-lo.

— O castelo ainda existe? — Samson indagou.

— Ele estava em ruínas quando eu era criança. Alguns diziam que o castelo era uma lenda, que aqueles amontoados de pedras poderiam ser ruínas de qualquer outro tipo de construção. Eu não sei, mas ainda me lembro do local e posso levá-los até lá.

— Nós caminharemos quarenta e cinco minutos em todas as direções — afirmou James.

— Lembre-se do mar — disse Marcus. — Os caminhos se reduzirão pela metade.

A velha cabana estava silenciosa. Com todos recolhidos para dormir, não se ouvia mais o ranger das tábuas nem o guinchar das portas.

— Eu estava pensando que talvez não seja tão difícil encontrarmos o local onde o tesouro foi enterrado. Marcus está certo. Metade das trilhas deve dar no oceano.

James apoiou-se sobre um cotovelo e percorreu com o dedo a fita que enfeitava o decote da camisola.

— É noite de luar — ele murmurou.

— Estou vendo seus olhos, James — disse Jessie com falsa reprovação. — Eles estão me olhando com malícia.

— Não é malícia, é desejo. Jessie acariciou o rosto dele.

— Eu te amo, James. Eu te amo desde os catorze anos.

James sentiu que corava. Uma sensação de pânico o tomou. Ele gostava de Jessie. Desejava-a. Preocupava-se com seu bem-estar, com sua segurança. Mas amar?

O sorriso permaneceu, mas ele notou a súbita tristeza toldar o brilho do olhar.

— Não tem importância — ela disse após alguns instantes. — Meu amor é suficiente para nós dois. Mas você amará seu filho, não é? Embora ele também seja meu?

— Serei um bom pai para ele. Eu lhe prometo. Gosto muito de você. É uma ótima esposa.

— Neste momento eu quero ser apenas sua amante. — O modo como Jessie sussurrou aquelas palavras deixou James louco de desejo. Ela o fez esquecer que não estavam sozinhos na casa, o fez esquecer o pirata e seu tesouro. Ela o fez esquecer seu próprio nome.

— Você disse que me ama desde os catorze anos — James lembrou mais tarde, com Jessie deitada em seu peito. — Como acreditar nisso? Você vivia me provocando nas pistas e me tirava das corridas sempre que arranjava um jeito. Nós brigávamos o tempo todo.

— Você não reparava em mim como mulher. Era uma forma de eu chamar sua atenção, suponho.

James riu.

— Nunca me esquecerei daquela vez em que eu estava no estábulo, conversando com seu pai, e você caiu do alto, por um buraco que se abriu no teto.

Jessie não teve pesadelos naquela noite. Pela manhã, ao acordar, ela sorriu consigo mesma. James estava certo quando dissera que o medo passaria quando ela tivesse a oportunidade de voltar ao cenário de seu trauma de infância e encará-lo como uma mulher adulta.

* * *

No final da manhã seguinte, o desalento substituíra o entusiasmo geral. Terminada a leitura dos diários, não havia surgido nenhuma nova pista.

— Então Samuel Teach nem sequer tentou encontrar o tesouro? — Jessie

observou, indignada.

— Parece que não — lamentou Duquesa.

— Todos estamos cansados e aborrecidos — disse Badger. — Um pouco de distração nos fará bem.

Eles foram à praia. A água estava fria, mas isso não impediu que Anthony entrasse no mar até os joelhos, e corresse das ondas, rindo de euforia. Duquesa se sentou debaixo de uma árvore para apreciar a vista. Badger trouxe limonada e bolo de especiarias para o lanche. Os homens enrolaram as barras das calças e brincaram com Anthony de atirar conchinhas uns nos outros.

Jessie estava sentada na areia, com Maggie e Duquesa, lembrando que brincava e corria como eles quando era criança. Duquesa, que vigiava o sono de Charles, sugeriu que fizessem uma caminhada pela beira do mar, depois que o filho acordasse. Maggie, estranhamente calada até aquele instante, de repente disse:

— Eu não deveria estar contando a vocês. Sampson pediu que eu aguardasse até que ele refletisse sobre o assunto, mas ele acha que a chave para o tesouro está entre as páginas do diário da primeira Valentine.

— Como? — protestou Duquesa. — Barba Negra não era nascido ainda. Ela foi sua bisavó!

— Ela pode ter lhe dado a idéia de onde esconder os despojos — Maggie respondeu. — Jessie nos contou que a primeira Valentine viveu entre os colonizadores de Roanoke, não é verdade, Jessie?

— Sim, é verdade. Você acaba de me dar uma grande idéia! — Sem dizer mais nada, Jessie se pôs a correr pela praia.

— Venham todos vocês! — gritou. — Temos um trabalho a fazer e um tesouro para encontrar!

Como a idéia partira de Maggie, coube-lhe a tarefa de decifrar o antigo manuscrito. Por um longo tempo, ela o leu em silêncio. Por fim ergueu os olhos e sorriu antes de começar a ler em voz alta:

— "Estamos vivendo entre os índios Croatoan há quase um mês. Sem eles, não teríamos conseguido sobreviver. Estávamos sem provisões, e muitos de nós adoeceram. Eles nos ajudaram a carregar nossas coisas e nos levaram para sua aldeia. Curaram os doentes com plantas nativas que conheciam desde séculos antes. Fiquei amiga de Manatoa. Hoje ele me levou para pescar na pequena enseada onde termina a cadeia de ilhas. Ele pescou tantos peixes que tive medo de que o barco fosse afundar quando navegamos, mais tarde, pelo canal que foi se abrindo até chegarmos ao continente. Eu fiquei admirada com a beleza da paisagem. Há uma grande quantidade de chorões de cada lado do canal, curvando-se como se quisessem beber de suas águas. Manatoa me disse que o canal não existia ali vinte anos antes. O vento constante e as marés causam modificações incessantemente."

— Você acha que ela estava descrevendo Teach's Hole? — perguntou Duquesa, enquanto acudia Charles que acabara de acordar.

— Provavelmente. Ainda existem chorões no canal.

— "Manatoa também me contou que uma duna de areia pode surgir e desaparecer de um dia para outro. E que as tempestades podem escavar canais através de uma ilha inteira ou carregarem consigo as partículas de areia de forma a fecharem canais já existentes. Árvores imensas podem ter suas raízes arrancadas e serem arrastadas para o

mar. Ele me disse que nunca escondia nada debaixo da terra e avisou-me para ter em mente que a natureza ali estava sempre em constante transformação.

Hoje ele me levou a um dos inúmeros pântanos que existem na área e me ensinou a nunca me banhar naquelas águas e nem sequer molhar minhas mãos por causa da grande quantidade de serpentes que vivem sob a superfície. Ele me disse que uma picada de cobra pode matar. Contou-me uma história tenebrosa sobre um índio que chegou correndo à aldeia e gritando que o pântano estava seco. E era àquele em que Manotoa e eu nos encontrávamos que o índio estava se referindo. Em tempos de seca, embora os outros secassem, aquele permanecia cheio. Uma situação assim jamais ocorrera antes. Diziam que devia haver uma fonte subterrânea que o alimentava, mas ninguém sabia ao certo. O fundo do pântano se tornou visível. As cobras rastejavam pela lama e o lugar exalava um cheiro insuportável. Ninguém se atrevia a se aproximar. Mas um dos amigos de Manatoa resolveu explorar o lugar e descobriu que havia pedras imensas por baixo da lama e que todas elas eram redondas. Na opinião de Manatoa, aquela era a única parte da ilha que jamais se modificaria. Nenhuma tempestade seria forte o bastante para mover aquelas rochas."

— Que tipo de rochas seria? — James perguntou, curioso.

— Não faço idéia — respondeu Jessie. — As pedras que restaram do castelo eram de calcário, trazidas de uma pedreira nas proximidades de Charleston. Eu ouvi uma conversa entre o sr. Gaskill e o sr. Burras a respeito. Nunca ouvi nada sobre pedras grandes e redondas.

— Pedras de cascalho. São pedras de cascalho — afirmou Marcus.

— Como aquelas sobre as quais Barba Negra e seus homens se sentaram enquanto o enxofre queimava nos porões da embarcação — lembrou Badger.

— Não é esplêndido? — Sampson esfregou as mãos de contentamento. — Valentine forneceu a solução para o bisneto esconder o produto de suas pilhagens sem risco de perdê-lo nas areias.

No final da tarde, James, Jessie e Badger rumaram para o pântano. Os demais permaneceram na casa. A última coisa que eles desejavam era atrair atenção dos habitantes de Ocracoke. O local mencionado por Valentine ficava a menos de um quilômetro. A visão das águas escuras e estagnadas provocou um calafrio em Jessie.

— Eu tive uma sensação ruim. Como se este fosse um lugar do mal.

Badger se agachou à margem e fez um comentário sobre o mau cheiro. De repente, formou-se uma ondulação e uma cobra apontou na superfície. O susto fez Badger cair para trás.

— Não é possível que Barba Negra tenha escondido o tesouro dentro do pântano. — Jessie balançou negativamente a cabeça. — Não com todas essas cobras.

— A menos que ele usasse uma vara longa com um gancho na ponta — sugeriu James, ajudando Badger a se levantar.

— Sampson acredita que o tesouro esteja guardado em um cofre de ferro, atado com correntes às pedras. Eu concordo com ele.

— Jessie e eu pensamos o mesmo — disse James. — Voltaremos aqui quando a maré estiver baixa e traremos uma vara com um gancho na ponta. O gancho terá de ser resistente para não quebrar com o peso quando içarmos o tesouro.

— Mal posso esperar para iniciar nossa busca! Eufórica, Jessie deu um abraço em James e voltou para casa entre os dois homens, com as mãos na curva de seus braços.

Na manhã seguinte, Jessie acordou cheia de energia. Badger, contudo, estava de mau humor.

— O que aconteceu?

— Acabei de quebrar a única colher de pau que trouxe. Vou comprar outra na loja do sr. Gaskill.

— Eu farei isso — Jessie se prontificou. — Tenho certeza de que você prefere ficar e ajudar com o preparo do equipamento para resgatarmos o cofre.

Dez minutos mais tarde, protegida do sol por uma sombrinha, Jessie se pôs a caminho do vilarejo. Assobiava uma das modinhas compostas por Duquesa, a mais popular de todas, segundo Marcus, quando deparou com a última pessoa que poderia supor que estivesse em Ocracoke: Compton Fielding, o dono da melhor livraria de Baltimore.

— Sr. Fielding! Que surpresa! Que coincidência o senhor estar aqui também!

Com um largo sorriso, o livreiro ofereceu o braço a Jessie.

— Estou desfrutando de uma merecida semana de férias. Permite-me acompanhá-la? Soube que estavam aqui e estava justamente me dirigindo a sua casa para cumprimentá-la e a seu marido.

Jessie aceitou a oferta com prazer.

— Você parece estar feliz com James — disse ele. — Confesso que não esperava por esse resultado. Vocês viviam brigando. Talvez eu não devesse lhe dizer isto, mas houve uma época em que pensei que você fosse uma daquelas criaturas homenageadas por Sappho.

— Quem é Sappho? Não li nenhum diário de sua autoria.

— Sappho foi uma poetisa grega. Viveu seis séculos antes de Cristo, em uma ilha chamada Lesbos, e se dedicou a escrever sobre mulheres que amavam mulheres. Dizem que a ilha era habitada apenas por mulheres. Fragmentos de sua poesia permanecem até os dias de hoje, enaltecendo a paixão carnal, não o amor espiritual como a literatura mais comum nos brinda. Descrevem as mulheres se beijando, se acariciando intimamente...

— Por que o senhor está me dizendo essas coisas? — Jessie interrompeu o passo, pálida de choque.

— Porque você agora está em minhas mãos, Jessie. Não tornará a ver seu marido enquanto não me der minha parte do tesouro. Não sou avarento. Não a obrigarei a me entregar tudo o que for encontrado. Quero apenas o suficiente para viajar para a Europa e viver como um rico nobre pelo resto de minha vida.

Jessie jamais poderia esperar por uma decepção como aquela. Sempre gostara do sr. Fielding. Tinha-o em elevada consideração como a pessoa mais culta de Baltimore. Ele sempre a tratara bem. Recomendava-lhe livros interessantes, especialmente diários. Jessie hesitou ao finalmente entender a situação...

— O senhor não pode me raptar, sr. Fielding. Não em Ocracoke, pois não há onde me esconder. E por que o senhor cometeria uma ação tão insensata? De onde tirou essa idéia sobre um tesouro?

Antes que o livreiro tivesse chance de responder, ela se desvencilhou e se pôs a correr na direção de sua casa.

Ela estava em perfeitas condições de saúde, e teria conseguido escapar se não tivesse se deixado convencer por Maggie a abandonar as calças compridas e a voltar a

usar vestidos e saiotes. O livreiro a alcançou e empurrou-a, derrubando-a de joelhos. Ela praguejou consigo mesma. Fora uma tola. Duas vezes tola. James a alertara sobre o perigo de estar sendo vigiada. Nunca deveria ter saído desacompanhada.

O sr. Fielding a levantou bruscamente e obrigou-a a encará-lo. Esbofeteou-a de um lado e de outro do rosto.

— Se tentar escapar novamente, eu a matarei! Não preciso mais de você. Eu só teria de mandar um bilhete a James informando que a tenho em meu poder e que ele não tornaria a vê-la até me entregar minha cota do tesouro. Ele não teria como saber que você estaria morta até encontrar o corpo.

A mente de Jessie trabalhava sem cessar à procura de uma saída. Enquanto isso, o livreiro tornou a puxá-la.

— Encontrei um pequeno refúgio há dois dias. Estudei as condições climáticas de Outer Banks antes de viajar para cá. Estaremos seguros até o inverno.

— As tempestades podem se desencadear a qualquer momento nestas ilhas, em qualquer época do ano.

— Não agora. — O livreiro riu maldosamente. — Sinto em meus ossos que minha sorte mudou, por fim. Como a sua. Para ser franco, acho incrível que tenha resolvido se casar. Pensei quê fosse uma discípula de Sappho, sempre vestida como homem. Aliás, foi por esse motivo que Allen Belmonde quis matá-la.

Jamais passara pela mente de Jessie que duas mulheres pudessem querer se beijar, como ela e James. Encarou-o completamente atônita.

— Não entendo. O que o senhor disse não faz sentido.

— Antes que eu o matasse, Allen me revelou que queria tirá-la de seu caminho porque acreditava que Alice estava pensando em deixá-lo para viver com você como sua amante. Um divórcio o arruinaria. O pai de Alice sabia que ele era viciado em jogo e tomou providências para proteger a filha. Allen estava desesperado, com medo de perder sua grande fonte de renda. Lembra-se da carroça desgovernada? Eu a salvei da morte certa naquele dia. Tornei a salvá-la, mais tarde, quando descobri que Allen estava por trás do incidente. Você deveria me agradecer.

— Obrigada, sr. Fielding, embora ainda não esteja certa de ter entendido a situação.

— Eu precisava de você viva. Se Allen estava tentando matá-la, eu precisava eliminá-lo. Estranhamente, ele estava certo sobre a esposa. Apenas Alice não o deixaria por você, mas por sua irmã.

— Minha irmã? — Jessie sentiu as faces afoguem.

— Eu tenho certeza de que Alice e Nelda ficarão juntas assim que o velho Bramen bater as botas.

— Nelda é discípula daquela poetisa grega?

— Oh, sim! No momento oportuno, as duas darão um jeito de se mudarem de Baltimore para evitar um escândalo. Tenha certeza disso. As duas ficarão bem, como você ficou. Eu a salvei. Agora quero minha recompensa.

— Como é possível? Você sabia sobre Barba Negra o tempo todo. Eu tinha me esquecido completamente sobre o Velho Tom e seus diários até alguns meses atrás.

Compton Fielding entrou em um pequeno bosque de carvalhos. O sol não penetrava pela folhagem densa. O lugar era úmido e sombrio. O mundo subitamente

parecia ter desabado sobre Jessie.

— O que acha do meu refúgio? Eu mesmo construí esta cabana com galhos de árvores e ramagens. Não posso garantir à segurança em caso de chuva, mas ela nos protegerá do vento. As noites têm sido agradáveis, nem quentes nem frias demais. Sente-se. Temos tempo de sobra para conversar. Não entrarei em contato com James até o entardecer. Quero que esteja aflito por falta de notícias suas antes de procurá-lo.

O homem tocou o rosto de Jessie e ela se encolheu.

— Não tenha medo. Não lhe farei nenhum mal. Estou perplexo com sua transformação. Não entendo como pude ser tão cego. Você e James, casados... Quem poderia imaginar? E você está esperando um filho dele. Mas isso não importa no momento. Lembra-se de Red Eye Crimson?

Jessie engoliu em seco.

— Como poderia me esquecer? Ainda bem que o prenderam e que ele ficará atrás das grades para sempre.

— Engano seu. Red Eye Crimson esteve em minha loja em dezembro. Ele estava interessado nos diários de Barba Negra e perguntou se eu os tinha disponíveis. De que jeito? Eu nem sabia que o pirata era alfabetizado, quanto mais autor de diários! Mas o fato de ele querer comprá-los me deixou intrigado. Em resumo, eu o embebedei para que soltasse a língua. Descobri que ele e Tom Teach foram sócios. Incapazes de encontrar o tesouro com o material que detinham, marcaram um encontro aqui em Ocracoke para juntarem as informações. Fizeram um acordo de dividir o tesouro em partes iguais, mas a idéia dele era matar Tom assim que pusessem as mãos no tesouro. Ele estava vigiando Tom quando você o matou. Não entendo como ele não a viu enterrar os diários. Porque você os enterrou, não é?

— Sim. Foi esse o propósito da minha viagem.

— Eu sei. Eu a tenho seguido desde que cheguei. Mas nós estávamos falando sobre Red Eye, que também a seguiu e naquela noite tentou raptá-la. Você não deve se lembrar do ocorrido porque a febre o apagou de sua memória. A mente de uma criança é prodigiosa em seus mecanismos para protegê-la. O pobre Red Eye não teve sua sorte. Ele foi preso, mas conseguiu escapar e voltar a Baltimore atrás de você. Resolvi me associar a ele. Comprei uma passagem para minha mãe e a mandei visitar a irmã na Filadélfia, de modo a esconder Red Eye em minha casa. Tornamo-nos sócios. Tudo estava indo bem até Allen Belmonde decidir matá-la. Eu me obriguei a ter paciência. Percebi que você *não* guardava nenhuma lembrança do Velho Tom, nem de seus diários. Disse a Red Eye que teríamos simplesmente de esperar que você se lembrasse. Para estimular sua memória, entreguei-lhe os diários para que os lesse e estudasse.

As peças do quebra-cabeça de repente se encaixaram. Estava claro como água. Essa era a razão por que o sr. Fielding só lhe recomendara a leitura de diários naqueles últimos meses.

— Eu nunca suspeitei — Jessie murmurou. — Tinha pesadelos eventualmente sobre aquela noite terrível, mas pela manhã não me lembrava de nada. Foi apenas depois que viajei para Inglaterra e bati a cabeça que a memória retornou.

— Eu sei. Maggie Sampson me contou. Que mulher maravilhosa! Eu mal pude me conter quando descobri que minha paciência finalmente seria recompensada. Sem saber, ela me ajudou ao revelar o assédio que você sofreu por ocasião de uma das corridas. E eu mais uma vez eu a ajudei, Jessie, porque Red Eye insistia em raptá-la e torturá-la até que lhe contasse sobre sua descoberta. Eu o matei. De qualquer forma, não precisava

mais dele. Já conhecia o desfecho do diário em seu poder. Barba Negra escreveu que as respostas sobre a localização do tesouro estavam no diário de sua bisavó. Mas por mais que eu lesse e refletisse sobre aqueles dizeres, não consegui decifrar a mensagem escondida nas entrelinhas. Mas você está aqui em Ocracoke, e isso significa que encontrou a solução para o mistério.

Jessie concordou com um gesto de cabeça. Nas presentes circunstâncias, de nada adiantaria negar.

— O nome da bisavó de Barba Negra era Valentine. O segredo está realmente no diário que ela escreveu. — Jessie fez uma pausa. — Agora que eu lhe contei a verdade, o senhor vai me matar, sr. Fielding?

— Não quero matá-la. Não me obrigue a isso.

— Não, senhor. Procure James e conte-lhe o que me contou. James lhe dará sua parte, tenho certeza. Ele ficará grato quando souber que o senhor me salvou duas vezes.

— Como pode ter certeza? — o livreiro questionou. — James não se casou com você por amor, mas por dever. O fato de você ter passado a se vestir como mulher não significa que ele a ame.

Jessie engoliu em seco. James nunca lhe declarara amor. Era possível que o sr. Fielding estivesse certo.

— James é um homem de honra.

— Prefiro refletir antes de confrontá-lo. Até lá, você tem alguma pergunta a me fazer?

— O que o faz pensar que Alice Belmonde esteja apaixonada por minha irmã Nelda?

— Eu as vi juntas. Estava com pena de Alice e fui lhe oferecer minhas condolências pela morte de Allen, embora ela certamente fosse ficar melhor sem aquele miserável. Havia muitas carruagens na frente da casa. Resolvi esperar que as outras visitas fossem embora antes de me anunciar. Restou apenas uma. Eu fiquei curioso com a demora. Desconfiei que Alice tivesse algum amante e resolvi espiar pela janela. Alice e sua irmã estavam abraçadas. Não era um gesto de conforto. Era um abraço de paixão.

A quem o homem estava tentando enganar? Jessie sentiu um aperto no coração ao pressentir que ele não poderia permitir que ela continuasse a viver depois de ter lhe revelado que assassinara friamente duas pessoas. Um súbito instinto de proteção a fez tocar o ventre. Precisava pensar em seu filho, em James, e nos amigos que a esperavam e que também poderiam estar condenados à morte.

Jessie nunca sentira tanto medo em sua vida. Um medo que a devorava, mas que estranhamente aumentava sua lucidez. Compton Fielding era dono de uma livraria. Era um homem culto. Sua única chance de salvação seria distraí-lo, despertando seu interesse para outros temas.

— Eu sei o que aconteceu com os colonizadores perdidos da ilha de Roanoke.

Os olhos cinzentos faiscaram, e ele umedeceu os lábios com a ponta da língua. De repente, deu uma gargalhada de zombaria.

— Essa história tem permanecido um mistério há mais de dois séculos. Por mais que se tenha especulado a resposta, ninguém a encontrou.

— Eu a encontrei. O fato é que a bisavó de Barba Negra não foi uma mulher qualquer. Ela foi uma das colonizadoras da ilha de Roanoke. Eu li seu diário. Valentine

registrou várias passagens de sua vida naquelas páginas.

— Uma colonizadora de Roanoke gerou os ancestrais do pirata mais famoso da história? — O homem tornou a rir, dessa vez de euforia.

— Eu sei o que aconteceu com ela e com os colonizadores — Jessie insistiu. — Estou vendo em seus olhos que o senhor está interessado em ouvir o que tenho para lhe contar.

— É claro que estou. Você é esperta. Também sou um homem esperto. E logo serei rico. Rico demais para perder meu tempo com essas tolices.

Jessie pestanejou e começou a falar antes que o livreiro mudasse de idéia.

— O povo da ilha de Roanoke estava faminto. Não havia alimentos para sustentá-los e as doenças começaram a dizimá-los.

Jessie notou o interesse nos olhos do livreiro e parou de falar. Ele fitou-a com ar inquisitivo. Após alguns segundos, apontou para uma sacola perto de Jessie e mandou que ela a pegasse.

— Estou com fome. Você também deve estar. James e seus amigos já devem ter dado por sua falta. Você não é tão esperta quanto imagina. Eu sei o que aconteceu com aquele povo. Eles foram parar em Virgínia. É de conhecimento geral que os índios de lá são claros e têm olhos azuis.

Jessie mordeu o lábio. Sua idéia obviamente não surtira efeito. Precisava pensar em outra saída antes que fosse tarde demais.

Seus dedos tocaram no cabo de uma faca. Sua expressão devia tê-la traído, porque o homem a desafiou a tentar esfaqueá-lo.

— Um movimento em falso, e eu lhe darei um pontapé na barriga. Então veremos o que acontece.

Ao vê-lo se levantar, Jessie curvou o corpo para se proteger. Mas ele apenas gargalhou.

— Eu disse que não a machucaria. Só queria que soubesse que estou falando a sério sobre esta situação,

— O que pretende fazer agora? — Jessie perguntou num fio de voz.

Antes que o sr. Fielding pudesse responder, um ruído de passos os colocou em alerta.

— Srta. Jessie? Srta. Jessie?

— Um pio, e eu o matarei, quem quer que ele seja. Era Gypsom, e ele não demorou a descobri-los, embora ela tivesse ficado calada.

— Eu a vi caminhando com esse homem, srta. Jessie, e deixar cair seu chapéu. Peguei-o no intuito de devolvê-lo.

O livreiro franziu o cenho.

— Você o deixou cair de propósito?

— Não. Está tudo bem, Gypsom.

— Na verdade não está tudo bem como ela disse, Gypsom — retrucou Fielding. — Você é um dos rapazes que trabalham no haras de James, não é?

— Sim, senhor.

— Trata-se do seguinte, Gypsom. Eu terei de matá-lo, a menos que a srta. Jessie concorde que eu o mande de volta com um recado para James.

— Não o machuque, sr. Fielding! — Jessie implorou.

— O problema é que este rapaz agora conhece nosso esconderijo.

— Não há mais necessidade de se esconder — afirmou Jessie. — Por que não economiza seu tempo e pede para James encontrá-lo no local onde está o tesouro? Eu o levarei até lá.

— Parece simples, mas sua vida dependerá da eficácia desse sujeito em transmitir meu recado a James.

Cinco minutos depois, Gypsom deixou o esconderijo e desapareceu de vista.

— Compton Fielding? O dono da livraria? Aquele homem educado que sabe tocar violino e falar francês?

— Sim, sr. James.

— Ele quer que eu o encontre no pântano e leve as varas? Que retire o tesouro da água e lhe entregue seu quinhão para depois libertar Jessie?

— Sim, sr. James. Ele disse que merece ficar com uma parte porque salvou a srta. Jessie duas vezes.

— Ela estava bem, Gypsom? — James indagou, aflito.

— Sim, senhor — o rapaz respondeu. Não podia dizer a verdade. Seu patrão precisava ter serenidade para enfrentar aquela situação terrível.

— Seguiremos imediatamente para lá. Não conte nada a ninguém

Antes de sair, James escondeu uma arma dentro da bota. Para seu alívio, estava sozinho na casa e não precisaria inventar desculpas para sair. Seus amigos estranhariam sua ausência e de Jessie, mas não era uma questão de poder escolher. Jamais sentira tanto medo na vida. A sobrevivência de Jessie e de seu filho estava em jogo. Se fosse preciso entregar o tesouro inteiro a Compton Fielding, ele o faria. De que adiantaria ter ouro e jóias sem Jessie? Não conseguia imaginar seu futuro sem ela.

— Muito bem, James. Veio sozinho com Gypsom, conforme minhas instruções. Caso contrário, encontraria sua esposa morta.

James olhou para Jessie. Queria tomá-la nos braços e dizer que nada temesse. Em vez disso apenas perguntou:

— Você está bem?

— Sim, James. Eu estou bem.

De punhos cerrados, James se virou para o livreiro.

— Estou aqui e estou pronto para lhe entregar o tesouro que deseja. Não posso garantir, porém, sua existência. Como você, Jessie se baseou nos manuscritos que leu para sugerir que o tesouro esteja neste lugar. Duzentos anos é um tempo considerável. O cofre pode ter se soltado e afundado nas profundezas. Também é possível que alguém o tenha encontrado antes de nós. Ou que ele nunca tenha estado no tal pântano.

— Logo saberemos — Compton Fielding respondeu simplesmente. — Tratem de trabalhar, você e esse rapaz. E lembre-se de que eu não tenho nada a perder.

Na beira do pântano, James começou a vasculhar o fundo lamacento com a ponta

retorcida da vara. Não levou muito tempo para sentir que ela estava batendo contra uma pedra e que havia outras em sequência, como se formassem uma fila. Esperançoso, James incitou Gypsom a se apressar. A cadeia de pedras, contudo, parecia não ter fim. Compton Fielding estava ficando impaciente. James lutava contra o nervosismo. Estava chegando ao ponto de perder o controle quando sentiu que encontrara algo diferente.

— Esperem! Acho que talvez eu tenha encontrado o cofre. Sinto como se estivesse batendo em uma corrente grossa e ela está atada a uma pedra grande e redonda. Ajude-me, Gypsom. Precisamos trabalhar em dupla. Se eu estiver certo, nós acabamos de encontrar o tesouro, e ele deve ser pesado.

Passou-se mais algum tempo até que as varas tocaram em algo metálico, enterrado na lama. Retirá-lo foi uma tarefa árdua e lenta. Talvez facilitasse o trabalho se eles soltassem a corrente que estava presa ao redor da rocha, mas o risco era grande demais. Se as varas não fossem fortes o bastante para sustentar o peso do cofre, ele poderia tornar a afundar, e se perder para sempre.

O cofre pesava mais do que um cavalo. James estava com medo de não conseguir puxá-lo para fora. Mas a vida de Jessie, e de todos eles, dependia do sucesso de sua missão. Ele não podia falhar.

De repente, Gypsom escorregou. James tentou impedir que o cofre se soltasse, mas não conseguiu. O livreiro os ameaçou.

— Tenha calma, Compton. Nós o pescamos uma vez e tornaremos a pescá-lo.

— Eu vi, James. Não foi você. A culpa foi do rapaz. — Sem prévio aviso, o livreiro apontou a arma para o pé de Gypsom e atirou. Embora não tivesse se ferido, Gypsom caiu no pântano.

— Você é um tolo, Compton! — James berrou. — Eu preciso do rapaz. Sem ele, será impossível puxar o cofre para fora.

Gypsom tremia da cabeça aos pés ao sair da água, coberto de lama.

— Meu Deus! Estas águas estão infestadas de cobras. Uma delas tentou se enrolar no meu braço.

— Que isso lhe sirva de lição para ser mais atento — Compton resmungou. — Outro erro, e perderei minha paciência. Prefiro poupar minhas forças, mas se for preciso, eu o substituirei.

James estava desesperado. Compton Fielding parecia ter enlouquecido. Ele estava aterrorizando Jessie. Dava para ouvir suas palavras.

— Reze para que seu marido encontre meu tesouro ou ele levará para casa uma esposa sem cabeça!

A lama estava secando sobre o corpo e o rosto de Gypsom. James gostava do rapaz a quem dera uma carta de alforria e trabalho remunerado. Por fim, sentiu que conseguira desatar três elos da corrente. Próximo ao seu limite, Compton estava levando Jessie para perto da margem.

— É provável que a extensão agora seja suficiente para trazermos o cofre até a superfície — James apressou-se a dizer. — Por favor, não faça nada contra Jessie.

— Não farei nada contra ela. Não agora, pelo menos. Você não me deu motivos. Aliás, estou surpreso com seu comportamento. Não me fez perguntas. Se tudo der certo, eu lhe responderei a todas as perguntas que quiser.

Com um esforço sobre-humano, James e Gypsom conseguiram içar o cofre que

começava a apontar na superfície.

— Graças a Deus! — James murmurou. Não quisera admitir até aquele instante, mas sempre duvidara de que o tesouro realmente existisse.

— O tesouro! Enfim serei rico, como mereço depois de todo esse trabalho.

— O senhor não merece nada — disse Jessie com desprezo.

James empalideceu.

— Não leve em consideração o que ela disse. O tesouro é seu, Compton. Agora só falta abri-lo.

De joelhos, Compton chacoalhou as correntes e tentou abrir o cadeado. Parecia um lunático.

— O cofre está cheio de furos! O que pode ser isso? Maldição! — Furioso, o livreiro sacou a arma e atirou no cadeado, lançando fragmentos pelos ares. Abriu a tampa, finalmente, e começou a gargalhar. — Está cheio de moedas e de jóias! E de lama. Mas ouro e pedras preciosas não se deterioram em contato com a água e com a terra, e são suficientemente grandes para não terem se perdido através dos furos! Eu estou rico! Rico!

Em meio às risadas de júbilo, houve um grito de dor e de surpresa. Compton se pusera de joelhos enquanto afundava as mãos em seu tesouro. Ao retirá-las, duas cobras estavam enroladas em seus braços. Uma delas trazia um colar de pérolas ao seu redor. A outra, um colar de esmeraldas.

— Compton! Afaste-se! Depressa! — James chamou-o, mas ele só fazia gritar. Uma terceira cobra deslizou por um dos furos e picou-o na perna. — Gypsom! Tire Jessie daqui!

James se lembrou do revólver e sacou-o de dentro da bota. Compton Fielding estava sendo devorado por aquelas cobras e por uma infinidade de outras que rastejavam para fora do pântano para atacá-lo.

— Eu a levarei.

James olhou para trás, aturdido. Badger estava erguendo Jessie em seus braços. Marcus também estava lá.

— Nós estávamos voltando para casa — disse Marcus. — Vimos quando você saiu com Gypsom, levando as duas varas, e resolvemos segui-los. Desconfiamos de que algo estava errado.

Duquesa, trêmula e pálida, pedia que tivessem cuidado.

— O homem está quieto demais. Provavelmente está morto — declarou Badger.

— Por sorte, Maggie ficou em casa. Ela teria entrado em pânico diante desta cena — disse Sampson.

— Afaste-se, James — Marcus ordenou com a arma em punho. Atirou duas vezes e fez um sinal para que Spears o imitasse.

James aguardou um minuto antes de verificar se não havia mais cobras sob a pilha de joias e moedas. Então enlaçou Compton Fielding por trás, pela cintura e puxou-o. Ele não ofereceu resistência. Sua palidez era cadavérica, mas ele ainda respirava.

— James? — a voz do livreiro soou praticamente inaudível. — Eu não consigo vê-lo, mas ouço sua voz. Onde está Jessie?

— Eu estou aqui — Jessie respondeu a alguns passos de distância.

— Conte-me o que aconteceu com os colonizadores de Roanoke.

— Eles seguiram com os índios croatoanos para não serem dizimados pela fome. Ambiciosos e ingratos, tentaram subjugar os índios que se revoltaram e, em retaliação, os venderam. Valentine foi levada para a Espanha. Mais tarde regressou para a Inglaterra e se casou com um mercador de Bristol. Imagino que a maioria dos colonizadores tenha se radicado na Espanha.

— Obrigado, Jessie. James, eu nunca entendi como minha mãe podia gostar de um estroina como Allen Belmonde. Peço que não conte a ela que eu o matei.

— Eu não contarei.

A cabeça de Compton Fielding tombou para o lado.

— Ele está morto. — James deu um longo suspiro. — Por causa de uma maldita ganância.

— O que faremos com o tesouro? — Jessie indagou, enojada, ao ver outra cobra se erguendo de dentro do cofre, com uma moeda sobre a cabeça.

Sampson mirou e matou-a.

— É tenebroso, James — murmurou ela. — Essa fortuna foi roubada de seus donos. Muitos provavelmente perderam também a vida durante o assalto. Eu não suporto nem sequer olhar para esse cofre.

— Eu concordo com você — James apoiou-a e olhou para Spears, que fez o mesmo, assim como Badger, Sampson, e finalmente Marcus e Duquesa.

— Que ele seja devolvido ao pântano e às serpentes — sugeriu Duquesa.

James e Sympson o empurraram com os pés. Ninguém disse uma palavra enquanto ele afundava lentamente até ser tragado por completo pelas águas negras.

Foi Gypsom quem quebrou o silêncio.

— Eu queria ser rico, mas não dessa maneira.

De repente, Duquesa se abaixou e apanhou algo do meio da vegetação enlameada.

— Olhem para isto! — Instintivamente, ela limpou o objeto com a saia. Era uma elaborada corrente de ouro com um pingente de rubi, tão vermelho quanto o pôr do sol de inverno em Outer Banks. Ela o ergueu contra a luz e examinou-o antes de dá-lo a James. — É um cisne.

— Há uma inscrição na corrente: "Valentine Swann 1718 Edward Teach".

— Swan significa "cisne" em inglês — lembrou Jessie.

* * *

— Força, Jigg! Você consegue! — Jessie encorajou seu querido cavalo, um quarto de milha de seis anos a ultrapassar o concorrente para se colocar na dianteira.

— Não é bonito o que você está fazendo! — gritou a mãe de James para ser ouvida sobre o burburinho da torcida. — Você é uma Wyndham agora! Esse cavalo é do seu pai!

— Mais rápido, Console! Você consegue! — Jessie bradou, sem ouvir a sogra.

O pai de Jessie sacudiu-a pelo braço.

— O que há com você? Estava torcendo por Jigg e agora torce por *um* cavalo dos Wyndham? Onde está seu senso de lealdade?

James estava correndo com Console e perdendo. Levava desvantagem por causa de seu peso com relação aos outros jóqueis.

— Bata contra os flancos dele com as botas, James! Ele sempre responde!

James bateu duas vezes, e o cavalo disparou como uma bala de canhão, surpreendendo as duzentas pessoas que compunham a platéia, cuja maioria apostara contra ele por suas poucas chances de vencer.

Mas dessa vez ele ganhou! Por causa de Jessie!

Eufórico, James saltou do cavalo e entregou as rédeas a Oslow, correndo para abraçar sua esposa. Encontrou-a pálida, olhando para ele de um jeito estranho.

— É a emoção, Jessie? — ele brincou. — Está confusa porque hoje seu pai terá de vir a Marathón para brindar minha vitória com champanhe? Nossa vitória?

Jessie pestanejou.

— James, acho que o bebê está nascendo.

Por um instante, o aturdimento não permitiu que ele falasse.

— Não, querida. Você deve estar enganada. Ainda falta uma semana para o bebê nascer. Eu estava com receio de trazê-la à corrida e você me garantiu que lhe faria bem assistir às competições e tomar ar fresco. Lembra-se?

Em resposta, Jessie cruzou os braços sobre o ventre e gemeu de dor.

— Oh, meu Deus! — gritou Oliver Warfield. — Faça alguma coisa, James. Jessie não pode ter meu primeiro neto no Jockey Clube!

James sabia como deveria se comportar a cabeça de sua esposa quando chegasse o momento de seu filho nascer, mas o dr. Hoolahan não permitiu sua presença no quarto. Seus protestos foram inúteis.

— Fique, James. — Jessie resolveu a questão,

O médico olhou firmemente para James e deu um suspiro. James imediatamente se sentou ao lado da esposa e segurou sua mão.

— Não vai demorar, Jessie. Aperte minha mão quando a dor vier.

— Você não é médico, James. — Hoolahan franziu o cenho. — Não faça promessas que não poderá cumprir. O trabalho de parto certamente levará mais do que vinte minutos. Algumas horas, provavelmente, por esta ser a primeira gravidez de Jessie.

O grito de Jessie ecoou pelas paredes. James fez um sinal de ameaça para que o médico se calasse. E por incrível que pudesse parecer, o dr. Dancy Hoolahan ajudou o primeiro filho de Jessie e de James vir à luz após exatos vinte minutos.

— Não consigo acreditar nisto — o médico murmurou enquanto colocava o bebê de cabeça para baixo. — Você deve ter batido o recorde mundial, Jessie. Estou cogitando reportar o caso aos anais da Medicina.

O bebê era sadio. Seus berros indicavam isso. Jessie sorriu, emocionada, ao tomá-lo em seus braços, agora limpo e envolto em uma toalha.

— Acho que ele herdou a força dos seus pulmões, James — Jessie brincou.

— Eu estava pensando o mesmo de você — James respondeu.

O médico olhou para um e para outro.

— Eu diria que os berros do menino me fazem lembrar a avó materna.

Os jovens pais se entreolharam, resmungaram algo e riram. Uma hora mais tarde, Jessie estava deitada em sua cama, vestida com uma camisola branca de renda. Seus cabelos tinham sido escovados e presos em uma trança. O bebê dormia em seu bercinho, ao lado da cama. James olhava para ele com orgulho e profunda emoção. Jessie sorriu ao vê-lo se inclinar e beijá-lo na testa antes de se voltar para ela e sentar-se na beirada da cama.

Jessie estava pálida. Ele segurou sua mão e levou-a aos lábios. Em seguida beijou-a no rosto, na testa, e na boca.

— Eu te amo, Jessie. Eu soube que te amava desde o instante em que Gypsom me avisou sobre seu seqüestro. Descobri que não suportaria se a perdesse.

— Não sei se devo acreditar nessa declaração. Você resolveu fazê-la agora porque eu acabei de lhe dar um filho. Todo homem deseja ter um varão, por mais que afirme o contrário.

— Não, Jessie. Eu te amo de verdade. De onde você tirou essa filosofia?

— De sua mãe — ela respondeu, séria.

James abraçou-a, fazendo com que repousasse a cabeça em seu peito.

— Acredite em mim, não em minha mãe. Eu te amo. Amo nosso filho. Meu amor seria tão grande e intenso se tivesse nascido uma menina.

— O menino é o retrato do meu filho — afirmou Wilhelmina.

Ela e os familiares de Jessie estavam no quarto do casal, ao redor do neto que James segurava em seus braços.

— Eu acho que ele se parece com minha Jessie — disse Portia Warfield. — Tem os olhos verdes como ela.

— Os olhos de James também são verdes — observou Wilhelmina. — De uma tonalidade mais intensa do que os de Jessie. Definitivamente, o bebê se parece com o pai.

— Eu acho que ele se parece com Bellini — James brincou.

As avós o encararam, estarecidas. Oliver Warfield franziu o cenho.

— Você está falando de meu neto, James. Ele é lindo, e perfeito. Não gostei da sua comparação.

— Espere só até ele acordar e descobrir que está com fome — Jessie avisou. — Ele esperneia e berra mais do que qualquer potro. Vocês sairão daqui com as mãos nos ouvidos.

A profecia se cumpriu em exatamente um minuto. Taylor James Warfield Wyndham deu um berro que fez os cristais e as janelas trepidar.

York, Inglaterra. Dezembro de 1825.

Jóquei Club de York.

O dia em que Jessie Wyndham venceu todos os adversários.

Levou um minuto para Jessie se dar conta de que todos os jóqueis ao seu redor

estavam tentando protegê-la dos jôqueis vindos de fora. A indignação se manifestou em protestos que ela teve o cuidado de guardar para si. De que adiantaria fazer uma cena? O vexame seria ainda pior.

Com um sorriso de malícia, pressionou os flancos de Dorsett com os calcanhares. Eles não perderiam por esperar!

O vento soprava sobre seus cabelos e seu rosto. Deus, quanta falta sentira de participar de uma corrida de cavalos! E de dobrar o corpo, quase se deitando sobre sua montaria para ajudá-la a aumentar a velocidade! O prazer e a excitação de ultrapassar os concorrentes era algo indescritível. Seu peito explodiu em riso ao cruzar a linha de chegada.

Vitória!

Os outros jôqueis formaram um círculo ao redor dela à medida que iam chegando. Todos a saudavam com vivas, atirando seus chapéus para o alto. Com exceção de James.

— O que deu em você? — Ele se aproximou e tirou-a de cima do cavalo. — Está parecendo uma mendiga com essa roupa e com esse chapéu!

— Em vez de brigar comigo, por que não me felicita?

James segurou-a pelos ombros, fitou-a por um instante e não resistiu.

— Que Deus me ajude a ter paciência com você! — Em um gesto de euforia, ele também atirou o chapéu para o alto. — E que nosso filho seja um jôquei tão excelente quanto a mãe!

— Muito bem, James! — concordou Duquesa.

— Jessie verá o que a espera quando formos para casa! — James resmungou. — Ela correu diante dos jôqueis que tinham ordens de protegê-la. Jessie os fez comer poeira! — Ele pegou o filho dos braços de Spears. — O que você sugere, meu filho? Devo castigar sua mãe por ser tão magnífica?

O menino, agora com três anos, respondeu em alto e bom som:

— Minha mãe me contou que foi a melhor jôquei de Baltimore e que você também era bom, mas grande demais para competir.

James encolheu os ombros. O que podia responder exceto que Jessie estava certa?

Os aplausos e ovações continuavam. De repente, Taylor deu um grito que se destacou entre todos os outros, fazendo as pessoas ao seu redor tapar os ouvidos.

— O dr. Hoolahan estava certo, James — ela declarou solenemente. — Taylor herdou os pulmões de sua mãe.

Epílogo

Marcus Wyndham, o conde de Chase, tornou-se não apenas o orgulhoso pai de quatro filhos, mas também um ativo membro da Casa dos Lordes, no governo de Melbourne. Em 1837, foi escolhido como conselheiro da nova rainha da Inglaterra, Victoria.

Duquesa, a condessa de Chase, tornou-se a mais popular compositora de poemas musicais da época, embora a rainha Victoria proclamasse que algumas das canções beiravam o "vulgar". Ao que um jornalista rebateu com insolência: "Se o caso é esse, Majestade, omita-se a cantá-las. Deixe que nós, seus súditos, as prestigiemos!". A famosa *Canção dos Marinheiros* ainda é, nos dias atuais, uma das favoritas entre os marinheiros ingleses quando se reúnem para uma cerveja.

Em 1837, Anthony Godwyn Ruthven Wyndham, visconde de Radcliffe e filho mais velho de Marcus e Duquesa, casou-se com Cecília Derwent Nightingale, dona de um temperamento rebelde que fascinou Anthony. A rainha Victoria aceitou o convite do conde de Chase para ser a madrinha de seu neto, Marcus James Bentford Wyndham, nascido em 1838.

Charles, o segundo filho de Marcus e Duquesa, casou-se com uma duquesa russa, filha de mãe inglesa, e mudou-se para São Petersburgo por um breve período. Um inverno na Rússia foi o bastante para Charles retornar com sua esposa para a Inglaterra. Mais tarde, após o terceiro convite, Charles aceitou representar seu país como embaixador na Rússia. Sua esposa, Marianna Shelley Petrovinka Wyndham, escreveu dois romances góticos na década de 1860 e empregou sua magnífica voz de soprano para cantar as canções compostas pela sogra.

James e Jessie Wyndham, os Wyndham americanos, concordaram em dividir cada ano em duas metades. Moravam em Candlethorpe, em Yorkshire, por seis meses, e os outros seis em Marathon, em Baltimore. Trouxeram três lindas crianças ao mundo. Taylor, o mais velho, revelou-se um menino tão apaixonado por cavalos quanto os pais. Em 1844, casou-se com Marielle Elizabeth Wyndham, sua prima, nascida dezesseis meses depois dele. Marielle, para sua surpresa, se adaptou tão bem aos costumes da América que mais parecia americana do que inglesa.

James e Jessie raramente conversavam a respeito do tesouro, mas passaram a visitar Ocracoke com frequência. Adoravam cavalgar pelas praias, sem as selas. Jessie escreveu um tratado sobre a colônia perdida da ilha de Roanoke.

Wilhelmina Wyndham continuou implicando com tudo e com todos até o último dia de sua vida.

Alice Belmonde e Nelda, viúva de Bramen Carlyle, provaram que Compton Fielding estava certo em sua suposição. Após a morte do marido, em 1824, Nelda mudou-se com Alice para Nova York.

Jessie presenteou sua filha mais velha com o colar de cisne que pertencera a Valentine. A joia permanece com a família, apesar das inúmeras tentativas de colecionadores em adquiri-la.

Spears e Badger ainda servem ao conde e à condessa, mais como amigos do que como criados. Marcus e Duquesa os consideram membros de sua família desde que eles

se tornaram padrinhos de várias crianças Wyndham, tanto da Inglaterra quanto da América. Todos os anos, Spears e Badger passam ao menos um mês com James, Jessie e seus afilhados.

Sampson e Maggie também permaneceram com os Wyndham, na Inglaterra. Maggie deu à luz um menino, Damon Arthur Lancelot Sampson. Damon tornou-se um dos atores teatrais mais famosos de Londres, excedendo-se nos papéis de Otelo, Hamlet e Shylock. Lindo, talentoso, cheio de charme, ele não pensa em se casar. Em suas entrevistas, Damon sempre elogia a mãe pelo talento que herdou e lhe agradece por ter sacrificado sua carreira pela maternidade.